

SINGULAR &

Nº 1

Dezembro de 1978

Cr\$ 35,00

PLURAL

NA LUTA PELA DEMOCRACIA

Bresser Pereira e Severo Gomes

BARBA A BARBA

com **Erasmio Dias**

ticos, mortes...

Rio: **Aguinaldo Silva**
S P: **Percival de Souza**

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

O AL CAPONE
CHAGAS FREITAS
segundo
HÉLIO FERNANDES

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★



MULHER PRA CAMA!
Entrevista de *Marcuse*

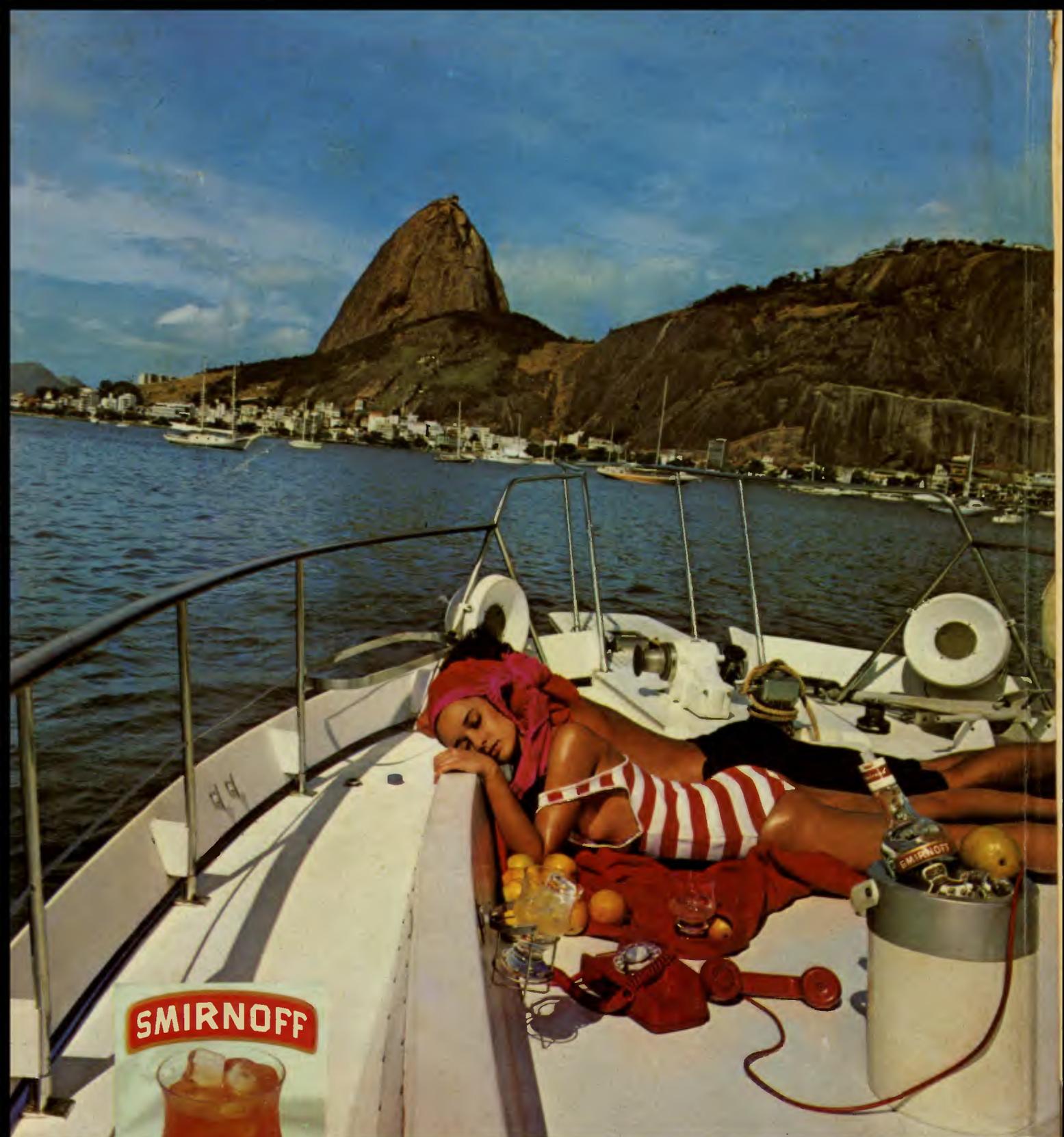
A VOLTA DO TEATRO
A abertura política é pequena. Mas nosso teatro, com um pouco de liberdade, renasceu.
(uma cena de *Macunaima*)

NESTA EDIÇÃO TEM:

- Audálio Dantas*
- Ruth Escobar*
- Fernando Moraes*
- Márcio de Souza*
- Lourenço Diaféria*
- Marcos Faerman*
- Móacyr Sciliar*
- L. F. Verissimo*
- L. F. Emediato*
- Jorge Mautner*
- Roberto Piva*
- Wagner Carelli*
- Osmar Freitas Jr.*
- Rodolfo Konder*
- Marco Antônio Rocha*
- Claudio Willer*
- Mário Augusto Jacobs Kind*
- Reinaldo Cabral*

A TV AMEAÇA AS CRIANÇAS?

Uma denúncia de **Marcus Pereira**



Smirnoff, gelo, suco de laranja, sol à vontade

- Cadê a bebida?
- Está aqui.
- Me dá.
- Espera. Estou morta de preguiça.
- Que sede...
- Espera. Deixa passar essa nuvem.
- O que será que eles estão fazendo agora?
- Acho que na praia, como todo mundo.
- Que calor, uh!, que sede...

Você é o que você vive.



DANDO O RECADO

AUDÁLIO DANTAS

• O Brasil mudou depois da morte de Wladimir Herzog. Isto ficou muito claro, naqueles dias, de 1975, principalmente depois do Culto Ecumênico na Catedral. E a sentença proferida pelo juiz Márcio José de Moraes comprovou isto. Nos dias negros anteriores à morte de Vlado, uma sentença como esta seria impossível.

• A morte de Wladimir Herzog foi o ponto culminante de uma escalada que começou em 64 e culminou com o AI-5. Neste período, toda sorte de ilegalidade foi cometida neste país. Estava caracterizado, também, que além das leis ilegais, haviam grupos que queriam ir além disso. Esse regime havia cometido arbitrariedades. Mesmo assim alguns achavam que era preciso ir mais longe. Foi o que aconteceu em outubro de 75.

• É claro que a existência de processos paralelos de repressão não diminui a responsabilidade do poder. Estas pessoas estão marcadas pela história. Não adianta dizer que o rei não sabia: o rei estava cansado de saber. Talvez não estivesse sabendo de certos detalhes. Mas ele sabia da essência. E com a essência, o rei concordava.

• Quando começou a escalada de outubro, a maioria das pessoas já estava acostumada com aqueles acontecimentos: sumia um sujeito, e se dizia: "deve estar num quartel qualquer, numa delegacia qualquer". Todos tinham medo, e ficavam quietos. Mas ninguém deve deixar de entender que o medo era mais do que natural, naquela circunstância. A morte de Wladimir coincidiu com um momento em que não era mais possível suportar. A revolta foi maior do que o medo.

• É verdade que o silêncio tinha a ver com o "milagre econômico". Muita gente estava contente com as facilidades. Jogava-se na bola. Comprava-se um carro com mais facilidade. Não era só alienação. Era conivência com o crime: as pessoas se esqueceram do que estava acontecendo com o País. O milagre acabou. E o Wladimir colocou novas questões a todos. No momento do culto na Catedral, não era mais possível fingir. Sim, naquele dia foi rompido o que eu chamo de circuito fechado do medo.

• A sentença abre caminho para que novas questões sejam esclarecidas. Há esta nódoa na História do Brasil. Essa mancha ficará marcada para sempre na vida do País. Mas, pelo menos, vamos saber mais sobre ela, vamos conhecê-la a chegar àquilo que é necessário, através da Justiça autônoma e soberana se pronunciando no julgamento desses crimes. É óbvio que vai acontecer isto. E pensar que, naquele outubro de 75, se falava numa Operação Jacarta, evocando um massacre político ocorrido na Indonésia... O quanto se falava, nos bastidores, nesta Operação. E você se via obrigado a nada dizer, porque qualquer argumento de ordem legal ou humana não poderia, naquele instante, prevalecer. Porque, simplesmente, vivíamos num processo de loucura.

Depoimento a Marli Gonçalves

George Tooker

Do líder do MDB gaúcho, Pedro Simon para um repórter de S & P: "fazer a campanha foi mais fácil do que comer até três churrascos por dia nas viagens pelo interior". Os amigos de Simon acham que ele vai entrar, agora, numa dieta rigorosíssima. Na base do vegetariano.

FOR DENTRO

E aquelas duas lindas moças chegaram ao Comitê do Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo, e foram falando: "queremos cartazes do Fernando" Um moço do Comitê:

"podem pegar aqueles grandes." As garotas (lindas): "ah, aqueles nós não queremos. Queremos aquele em que o Fernando está ma-ra-vi-lho-so, o da TVI"



Mas, falando em líderes, vem a história de Alair Ferreira, da Arena fluminense. Os entre-ouvidos: o homem gastou 60 bi antigos pelo direito de voltar ao cenáculo parlamentar brasileiro.



Jóia Publicitária

Sai-se à rua para dar de cara com mais uma jóia do pensamento publicitário: o "outdoor" do Benson & Hedges mentolado, cujo principal atributo seria a embalagem verde, "da cor do dólar". Incrível como ninguém teve essa idéia antes, deixando escapar luminosos temas como a cor do ouro do Hilton, da prata do Galaxie, o rubro do sangue do Hollywood. E o cigarro da cor do marco alemão, do franco suíço, do "rand" sul-africano, do xelin austríaco e outras moedas mais cotadas, quando virão? A propaganda brasileira, este ano, anda em seus mais baixos níveis de inspiração produzindo peças cuja mediocridade mostra, acima de tudo, um absoluto desprezo pela sensibilidade e QI do consumidor. Isto é compreensível: em uma economia dependente, na qual o lucro das empresas é gerado, principalmente, por especulações financeiras, a qualidade da propaganda torna-se secundária. Afinal, "marketing", propaganda, e coisas no gênero, pressupõem algo que se assemelhe a uma economia de mercado.

Claudio Willer

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ESPORTISTAS, UNI-VOS!

Consulte-se uma lista dos países com maior dívida externa ou que vivam grandes problemas. Invariavelmente, você encontrará ali a presença de vários que descobriram a mina para ocultar suas dificuldades: o esporte. Este ano foi pródigo em exemplos: a Argentina promoveu a Copa do Mundo, com o custo superior a dois bilhões de dólares; depois promoveu, recentemente, a Olimpíada de Xadrez (competição mais modesta, a um custo aproximado de dez milhões de dólares); a Coreia do Sul promoveu o Campeonato

Mundial de Tiro; as Filipinas, o encontro entre Anatoly Karpov e Viktor Korchnoi, pelo título de xadrez (a um custo não inferior a 20 milhões de dólares) e o Campeonato Mundial de Basquete, no qual o Brasil ficou em terceiro lugar (custos também elevados, com promoção, hospedagem, alimentação e transporte das numerosas delegações, sem contar a organização). Adivinhe quais são as similaridades entre esses países que o esporte está unindo.

(Vitor Vieira)

a bienal do tédio

Para Baudelaire, o tédio era o pior dos pecados. Mas, como nestes tempos a violência e paixão ninguém espera chegar incólume às portas do céu, o negócio é pecar. Claro, as pessoas tentam se redimir. Inventam discos voadores pelos céus do Interior ou a surpresa de um Stradivarius no baú de um avô qualquer. E acabam repetindo o pecado da chaticice. Esses são inocentes, contudo, para quem o fardo das pedras

no purgatório será até divertido. Agora, inventar um Bienal Latino-Americana já é demais. Não basta a reumática mostra internacional, clamando por um tiro de misericórdia? Parece que ninguém parou pra pensar: estamos assistindo à insólita instauração de uma bienal por ano, uma internacional, outra latina, numa mesma sucessão de bocejos. O tédio desafia as razões do tempo e da semântica. Não li o artigo do Willer sobre esta incrível bienal anual, mas desde já admiro seu estoicismo na batalha por dar algum sentido à falta de. É exorcista. Por mim, não fosse o sono invencível, valeria o esforço de destinar os demônios inflamados e aborrecidos de tão ignóbil criação aos gelos do olvido. (Wagner Carelli)



ANTI-GLAUBER

A censura liberou o filme *Cabeças Cortadas*, do sr. Glauber Rocha. Dizem as más línguas que o filme foi proibido por engano, numa época em que o trêfego cineasta baiano não escrevia khynema dessa forma ai cinafada.

O sr. Glauber Rocha está frequentemente na página dois da *Folha Ilustrada*, onde publica artigos absolutamente ilegíveis sobre cinema, política e até religião. Talvez para manifestar-se simbolicamente a favor da anistia, ele anistiou as letras banidas do nosso alfabeto. Assim, o leitor que se dispuser a transpor o cipal do seu estilo verá que suas palavras terão sempre, entre uma vogal e outra, um k, um y, um w e até mesmo um th ou ph.

Estará mesmo louco o sr. Glauber Rocha ou loucos estaremos nós, que não o compreendemos? Eu prefiro acreditar que o sr. Glauber Rocha não enlouqueceu. O outrora incômodo *enfant terrible* envelheceu e não se dá conta desse irrefutável — e insuportável — acontecimento. A velhice não perdoa.

O sr. Glauber Rocha caiu no ridículo. Não passa, hoje, de um pândego inofensivo. (Luis Fernando Emediato)

JOGO da GUERRA

Dos círculos diplomáticos: a guerra entre Argentina e Chile é considerada um *blefe* dos respectivos generais. Mas aposta-se (dinheiro grosso) num confronto direto e violento entre Cambodge e Vietnã.



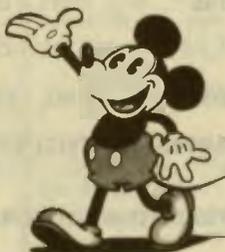
PARIS, TOUJOURS PARIS



Estiveram escondidas muito tempo debaixo de botas e vestidos longos. Mas este inverno, as francesas resolveram mostrar as pernas novamente. Comentário da Paris Match: "as mulheres renunciaram ao estilo andrógino".

Lágrimas e mais lágrimas: Maria Schneider, 25 anos depois, reencontra o pai: Daniel Gelin, aquele belo ator dos anos 50.

"L'Humanité" — nova-fase. O jornal do PCF, buscando novos critérios jornalísticos, brigando contra os tradicionais jargões da esquerda, tenta conquistar novos leitores. Ou, pelo menos, interessar os militantes do Partido.



a cara de
MACKEY MOUSE!

O avô de Patrícia Hearst espantou a América inventando a imprensa sensacionalista do começo do século. Até uma guerra ele inventou entre Estados Unidos e Espanha, para ter notícias frescas de morticínios e aventuras, para deliciar os seus leitores. Foi personagem de John dos Passos. Inspirou o *Cidadão Kane* de Orson Welles. A netinha Patrícia continua, por sua vez, peripécias dignas de *Madame O*. Provando uma habilidade sado-masquista mais europeia do que norte-americana, depois de suas transas com o Exército Simbiótico de Libertação, com os rapazes da *guerrilha*, ela se apaixona por um troncado policial que usa camisetas com a cara de Mickey Mouse, chamado, imaginem só!, Bernard Shaw. Casamento marcado para breve. (M.F.)

OS TÍMIDOS

O Cambodge está dividindo intelectuais da França e dos Estados Unidos. Um dos mais bem informados repórteres europeus, em questões da Indochina, Jean Lacouture, acaba de lançar em Paris uma obra denunciando massacres no Cambodge. "Um genocídio é um genocídio, em Frankfurt, na Pretória, na Armênia, na Transilvânia, no Cambodge, ou na Guiné Equatorial", diz Lacouture — que lutou 20 anos pela independência da Indochina, escrevendo para revistas de todo o mundo. Lacouture diz que se envergonha de dever escrever um livro que é "um grito de horror" diante de tudo o que aconteceu no Cambodge — e estaria acontecendo. Segundo Lacouture, "Hitler e Stalin eram dois tímidos", comparados ao governo do Khmer Rouge. Já o linguista Nahom Comski escreveu um artigo em *The Nation* dizendo que é impossível, por falta de uma análise direta dos fatos, falar do Cambodge (que fechou suas fronteiras com o mundo). (M.F.)



com afeto, sem açúcar

O açúcar refinado está na ordem do dia. Até uma emissora de tevê, grande beneficiária dos anúncios de empresas açucareiras, resolveu entrar na questão, o que causou espanto e fez muita gente indagar quem está por trás da história.

Sabe-se que o açúcar refinado é mesmo um veneno. Quem ainda tiver dúvidas a respeito deve ler imediatamente "SUGAR BLUES", de autoria do jornalista norte-americano Willian Dufty, recém-lançado no Brasil pela Editora Ground. Dufty cataloga uma infinidade de prejuízos provocados pelo consumo de alimentos açucarados, transcreve conclusões médicas e exhibe evidências que desmistificam os alardeados valores energéticos do açúcar.

Carinho sim, açúcar não.

(Mário Augusto Jacobskind)



* COLEÇÃO BASES *

Tem por objetivo divulgar textos relevantes, acessíveis ao grande público, nos mais diversos domínios, necessários a sua formação cultural básica.

- 1 — John Reed
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO Cr\$ 90,00
- 2 — Maiakovsky
POÉTICA — COMO FAZER VERSOS Cr\$ 40,00
- 3 — Karl Marx
A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA Cr\$ 50,00
- 4 — Marta Harnecker
O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS Cr\$ 80,00
- 5 — Marx/Turgot
TEORIAS DA MAIS-VALIA: OS FISIOCRATAS Cr\$ 70,00
- 6 — Alexandra Kollontai
A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL Cr\$ 60,00
- 7 — Leon Trotsky
COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO Cr\$ 50,00
- 8 — Wilhelm Reich
PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL Cr\$ 140,00
- 9 — Lenin
AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO
MARXISMO Cr\$ 50,00
- 10 — Stalin
MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO
Cr\$ 40,00

Nas livrarias ou pelo reembolso postal Pedidos à:

global editora e distribuidora ltda.

Caixa Postal 45329 - 01000 - V. Mariana - São Paulo - S. P.
R. José Antonio Coelho, 814 - Cep 04011 - Fone: 549-3137



EXPEDIENTE

S & P está aí
Muito singular e muito plural.
Com material para você pensar,
discutir, concordar e discordar.
Uma revista crítica, que não
acelera nenhuma forma de autoritarismo.
Uma revista que não quer impor
o seu discurso.
Mas que não se confunde com a
imprensa que cultiva neutralidades
mas planta submissões.
Para nós, a democracia é meio efim.
E, por isto, somamos nosso
texto ao contexto da luta democrática
(veja só nossa capa).
Pensaremos o cotidiano, a sexualidade,
a política; em cultura seremos
— como o resto, *Singular & Plural* —
abertos, mas afirmativos.
E dispostos a brigar e a brincar.

(Marcos Faerman)



Diretor-Responsável: Audálio Dantas.

Editor-Chefe: Marcos Faerman.

Diretor de Arte: Carlos Clémen.

Secretário de Redação: Vitor Vieira.

Editores: Fernando Moraes, Carlos A. Dória, (BRASIL)
Rodolfo Konder, Jorge Escosteguy, (INTERNACIONAL)
Osmar Freitas Jr., Moacir Amâncio, (NOSSA ÉPOCA)
Cláudio Willer e Mirna Grzych, (CULTURA)

Textos Especiais: Marcus Pereira, Ruth Escobar, Fred Afialo, Marco A. Rocha, Wagner Carelli, Isabel Vieira, Cecília Flósi, Mouzar e Lourenço Diaféria, Bresser Pereira, Sérgio Lima.

Correspondentes:

Rio de Janeiro: Mário A. Jacobskind.

Rio Grande do Sul: Hamilton Chaves.

Amazonas: Márcio de Souza.

Nova York: Abdias Nascimento.

Espanha: Eduardo Galeano.

Produção: Marli C. Gonçalves.

Fotografia: Adriana de Queirós Mattoso.

Ilustradores: Carvani, Cláudio Edinger, Lauro Lucchesi, Marcolin, Michelle, Evandro Salles, Benê, Clémen, Laerte, Duque Estrada.

Revisão: Sérgio Graselis e Carlos Alberto Vicalvi.

Redação: Rua José Antônio Coelho, 814. Vila Mariana.
CEP: 04011. São Paulo — SP. Tel. 549-3137. C. Postal: 45329.

Administração e Publicidade: Rua José Antônio Coelho, 814. Vila Mariana. CEP: 04011. São Paulo — SP. Tel. 549-3137.

Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A. Rua Theodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro — RJ. Tel. 268-9192.

Preço de cada exemplar avulso: Cr\$ 35,00.

Composição: Helvética Produções Editoriais Ltda. Rua General Flores, 529. Bom Retiro. São Paulo — SP. Tel. 221-5833.

Fotolito: Panorama Foto Reproduções Ltda. Rua Dr. Zuquim, 1031. Santana. São Paulo — SP. Tel. 290-8846 (recado)

Impressão: Editora Obelisco Ltda. Rua Anhanguera, 66. Barra Funda. São Paulo — SP. Tel. 66-3095.

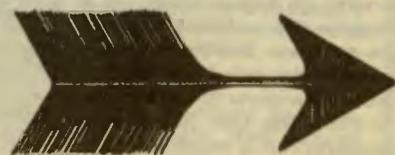
Singular & Plural é uma publicação mensal da Global Editora e Distribuidora Ltda.

Diretores:

Luis Alves Jr.

José Carlos Venâncio

Requerida a inscrição no D.C.D.P. do D.P.F. (Protocolo n.º 24657).



A NOVELA DA TV

Um dos grandes problemas do país, a TV, é analisado por Marcus Pereira. (Pgs. 8 a 12)

RIO VIOLENTO

Relato de Aguinaldo Silva sobre o doce Rio que ele conheceu, há alguns anos, e o Rio de hoje... (Pgs. 14 e 15)

E SÃO PAULO, HEIN?

Laranja Mecânica, para nosso repórter Percival de Souza, é bricadeira à la Walt Disney, comparado com a violência paulista. (Pgs. 16 a 18)

JOGO DE BOLA

A retranca importada da Europa entra em colapso. Entra em campo o futebol de Careca, Sócrates - pra frente, pro gol - conta Marco A. Rodrigues. (Pgs. 20 e 21)

MULHER PRA CAMA!

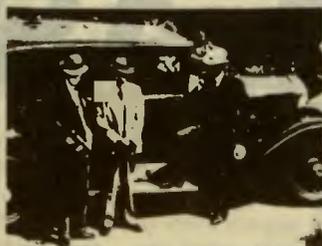
O setentão Herbert Marcuse diz que a revolução começa na cama. O que as brasileiras respondem? Vá à 27 até a 29 e veja.

DENTRO DO QUARTEL

Descobrimos um fotógrafo que bancou o lambe-lambe nos quartéis e descobriu o cotidiano dos récos... (Pgs. 22 a 24)

AL CAPONE? CHAGAS?

Hélio Fernandes fala de Chagas Freitas evocando um dos notáveis do começo do século: Al Capone. (Pgs. 32 a 35)



AH, O BRASIL...

Democracia autêntica ou biônica? Ditadura? Para onde vamos? Severo Gomes, Luis F. Veríssimo e Bresser Pereira pensam que... (Pgs. 36 a 40)

TRABALHADORES

O MDB serve aos trabalhadores? Fernando Moraes ouviu líderes sindicais - e nós também. (Pgs. 41 a 43)

E A ANISTIA?

Ruth Escobar pergunta. Lélío Basso, do Tribunal Bertrand Russell, responde. (Pgs. 44 a 46)

CARTA DE MANAUS

E quem nos escreve, nesta edição e sempre, é o maior escritor da Amazônia, Márcio de Souza, às voltas com Figueiredo e a Zona Franca. (Pgs. 48 a 49)

SAL & PIMENTA

A saúde pública, a economia, as ameaças ao Rio, nos textos de Reinaldo Cabral, Mário Augusto Jacobskind e Maria Inês Machado. (Pgs. 50 e 51)

APOIO A MALUF

Nosso cronista Mouzar lança manifesto de apoio à nova capital malufiana. Surpresa? Leia, então, a pg. 52.



CARA-A-CARA

Um dos melhores textos da imprensa brasileira é o de Wagner Carelli, que nesta edição começa a pensar Almas & Fotos. Ou as almas pelas fotos. O primeiro cara-a-cara é com o coronel-deputado Erasmo Dias. (Pg. 53)

O TERROR NUCLEAR

As centrais nucleares ameaçam a democracia. Quem diz é um jornalista europeu - Robert Junck - e ele passa a falar, então, no dia em que a Casa Branca seria destruída por uma Bomba Atômica. (Pgs. 54 e 55)

RODOLFO KONDER

Nosso editor internacional às voltas com Jimmy Carter. (Pg. 60)

AFRICANAS

Um filósofo (Anta Diop), um político (Agostinho Neto), e a abominável África do Sul, em seis páginas africanas - da 61 à 67. Por Fred Aflalo.

ANOS DE CRISE

Soprando as velinhas do quinto aniversário da crise do petróleo. Uma reflexão de nosso homem na área da Economia, Marco A. Rocha. (Pgs. 69 e 69)

O TEATRO VOLTOU;

Conclusão de nossa repórter Isabel Vieira. Já Cecília Flosi tem algumas críticas a fazer... (Pgs. 72 a 77)



BIENALIZANDO

Cláudio Willer pensa as contradições da última Bienal, e lembra a história da animada instituição que a burguesia paulista criou, com tanta alegria. (Pgs. 78 a 82)

ABDIAS NASCIMENTO

O maior teórico da questão negra é nosso homem em Nova York. E fala de Zumbi. (pags. 83 e 84)

ANTIPICANALISE

É a última moda. É o que diz Marilisa Tafarell Faerman, nas pgs. 85 e 86)

SALADA LÍTERO-MUSICAL

Poemas, crônicas, delírios, crítica, música, cinema, ficção-científica, livros, Arte & Cidade - das pgs. 87 a 95)

JOGOS? JOGUE!

Lá estão as nossas engajadas palavras-cruzadas, labirintos, reflexões para aquela hora gostosa, na cama, antes de coisas mais importantes. (96 e 97)

...E'O DIAFÉRIA

...Acabou! Leia o Lourenço Diaféria falando do Papa João Paulo III - e feche a revista. Mês que vem tem mais.



**NOSSA
ÉPOCA**

Eu nasci no dia 4 de abril de 1930, no começo da madrugada, que é a ocasião que as crianças escolhem para chegar e os aviões para partir para o exterior. Da minha infância que, afinal, não vai tão longe assim, lembro-me com uma nitidez particular de meu pai montando um aparelho de rádio. E eu o ajudava procurando determinados parafusos numa velha caixa de charutos. Meu pai era muito severo e seu silêncio era quebrado e sua ternura se manifestava através da linguagem incomum dos pequenos transformadores, dos pingos de solda e das resistências que sua mágica, que me espantava, fazia, de repente, falar. Um dia ele me confidenciou que não haviam homenzinhos falando e cantando dentro do rádio, como eu afirmava. Fingi acreditar, para não contrariá-lo. Num Natal, ganhei um rádio-galena, que ele fez. Era simplíssimo: um fragmento de minério de chumbo incrustado num berço metálico, no qual se fixava uma alavanca móvel com uma agulha. O contato da agulha com a pequena pedra

produzia o som que se ouvia num fone de ouvido. As pedras, então, mais talentosas do que as rosas do Cartola, falavam.

Essa pré-história da rádiodifusão é do meu tempo, onde ainda estou e onde pretendo permanecer. A superposição de conquistas, no campo tecnológico, mistura a pré-história à história e a progressão geométrica do conhecimento e das descobertas tornou contemporâneo o princípio e o fim. Sim, porque ir além da Lua não é mais uma questão de progresso, é apenas uma questão de roteiro.

Nós somos beneficiários ou vítimas do progresso tecnológico? Esta pergunta o mundo inteiro se faz. Vou tentar dar a minha resposta, e depressa, porque a qualquer momento poderemos ser vítimas e nos transformarmos em material para os arqueólogos do futuro.

A conquista mais difundida e socialmente mais significativa do progresso tecnológico é a televisão. A natureza nos dotou de visão e Deus, ou o Diabo — e esta dúvida é universal — criaram a tele-visão.

Antes, nós víamos o que era nossa escolha, hoje nós vemos o que é escolha de um ente abstrato que se convencionou chamar de "sistema", "poder", "classes dominantes". Na verdade, esse ente não é abstrato pois tem matriz conhecida no exterior e filial com endereço, telefone e caixa postal. Nós também não temos a opção de não ver. O fascínio magnético da TV e a pressão social a que é submetida pelo menos uma parte de cada grupo familiar transformou-a numa invasora permanente de domicílios e, neste caso, não há como chamar a polícia.

Nós somos contemporâneos da TV, ela não fez ainda 30 anos, tem a idade média dos brasileiros. É difícil, pois, avaliar os resultados de um processo que está em curso. Mas sabemos que ele é avassalador, autoritário, que seus critérios não são de consenso, mas de imposição. Sabemos também que a televisão se justapõe ou se sobrepõe à família e à escola no processo de formação. Em muitos casos, ela convive mais com a criança do que a família e a escola. Na história da vida humana sobre a

A TV AMEAÇA AS CRIANÇAS?

“É absolutamente fundamental que as crianças sejam poupadas da ação deformadora e alienadora da TV, como ela é. E ela é assim porque ela não serve à sociedade, mas a interesses, e é um paradoxo que ela seja propriedade da sociedade, que concedeu sua exploração. Nós não podemos assistir impassíveis à violentação, à deformação, à traumatização de nossos filhos. Isto vem ocorrendo e não se discute mais; é conclusão já incorporada ao acervo da psicologia e da sociologia, em todos os centros do mundo.”



face deste conturbado planeta, a televisão é um dado novíssimo. E seríssimo.

Para o desenvolvimento mental sadio, além da alimentação própria e regular — o que, no Brasil, é privilégio, tornando, pois, a vida privilégio — é fator também fundamental a qualidade e quantidade de estímulos externos decorrentes do convívio social e familiar. A televisão é um dado novo entre esses estímulos. E de que qualidade são? Responde “O Estado de São Paulo”, numa matéria de página inteira publicada em sua edição de 13 de março de 1977: “Numa só noite, a TV ensina a matar, roubar e chantagear”.

A fantasia e a reflexão, por outro lado, são exercícios fundamentais para manutenção de um nível satisfatório de equilíbrio emocional e mental. É no território gigantesco de nosso espírito que colhemos o alimento melhor, que nos alimenta e impulsiona. É lá que vem sendo escrita a história do homem, é lá que estão as jazidas cujo garimpo vêm produzindo livros e sinfonias, filmes e esculturas, quadros, poemas e concepções que aliviam o fardo de viver e que transformarão, um dia, a vida num espetáculo permanente de alegria, cumprindo a intenção do Criador. No entanto, que espaço nos deixa a TV para o exercício da aventura estúpida de refletir e pensar? É ainda “O Estado de São Paulo” que dá a resposta numa extensa matéria publicada em sua edição de 15 de maio de 77: “Na televisão, todas as noites, há uma receita para não pensar”. Essa análise da TV registra um dado que transcrevo, pensando em como serão nossos filhos — e a nossa sociedade — daqui a 20 anos: “A grande maioria (82%) das crianças entre 3 e 10 anos, em São Paulo, passa mais de 30 horas por semana diante da televisão, ou seja, mais tempo diante do vídeo do que na escola”. Infelizmente, em breve será realidade o livro de terror e ficção sociológica de George Orwell. Porque não há saída para o

Homem senão dentro de si mesmo, essa fuga para dentro é a sua salvação. Pelo menos a psicologia e a psiquiatria não conhecem outra. E a dimensão dessa possibilidade e a extensão do espírito humano foram medidos pela agrimensura da neurologia e sua escritura registra 7 milhões de neurônios com uma possibilidade de combinações igual ao número de átomos que existem no mundo. Esta é a medida do homem.

No último filme de Ingmar Bergman — a história de uma mãe e uma filha — diz a filha à mãe: “Não há limites para o cérebro humano, senão o medo e a lógica”.

Essa máquina impar, melhor que a potência enésima de todo o conhecimento tecnológico acumulado, é uma máquina de pensar. Outrora, o “Duce” pensava por todos. Agora, a TV pensa e, diante dela, o “Duce” é uma fada boa. Este desabafo está numa recente entrevista de um dos ilustres e íntegros artistas do Brasil, Mário Lago, legendário como a “Amélia” de cuja letra é autor (Revista “Status”, de outubro). A morte do espírito do homem é a morte do homem. Talvez a humanidade escape da catástrofe nuclear, porque quem tem sobrancelhas tem medo. Mas da TV, como ela é, não escapará.

A TV é um bem público como o ar. Ele deve servir a todos, como as estradas e as alamedas. Por isso, sua exploração — e deveria ser sua operação — é concedida a título precário. E isso porque é de tal responsabilidade social a sua manipulação que o Poder Público, teoricamente representante da sociedade toda, deve ter a possibilidade instantânea de interromper sua utilização anti-social. Porque a TV é um serviço público como são os Correios, como é o telefone. A TV, no Brasil, e principalmente a privilegiada detentora de um quase monopólio, a Rede Globo, vem tendo um comportamento anti-social, como provarei em seguida. A seu exemplo todas as redes seguiram.

A TV invade a casa da gente e nenhuma fechadura ou segurança tem condições de nos proteger. Seu papel deveria ser de informar, instruir e divertir. Em que nível os cumpre, nós sabemos. Entretanto, seu objetivo principal é vender para nós produtos ou serviços e pelos anúncios que transmite os concessionários da TV cobram altíssimos preços dos interessados na venda desses produtos e serviços. Esses preços oneram o preço final. Mas os concessionários da TV descobriram uma mina de ouro: utilizar o poder vendedor da TV em favor de empresas associadas ou pertencentes ao concessionários sem custò para esses privilegiados anunciantes, ou com um custo simbólico, porque o volume de publicidade é tão grande que, em muitos casos, se iguala ou supera o resultado bruto das vendas. Em outras palavras, a publicidade feita, se efetivamente paga, teria um custo igual ou superior ao valor total das vendas e esse valor deve remunerar os custos industriais, comerciais, artísticos e ainda produzir lucro. Evidentemente, a publicidade feita não é paga, é gratuita ou tem um custo muito inferior aos preços de tabela, que é o preço que pagam todos os anunciantes da TV.

O caso mais clamoroso de uso indevido e anti-social de uma concessão de serviço público, que é a TV, é o da “Som Livre”, gravadora ligada à Rede Globo e que conseguiu assumir a liderança do mercado de discos em poucos anos utilizando-se do poder de divulgação e vendas da maior rede brasileira de TV. Hoje, a “Som Livre” é o maior anunciante do Brasil, acima de anunciantes tradicionais, como Gessy Lever, Coca-Cola e Souza Cruz. A isso se chama concorrência desleal, mas eu acho a expressão muito amena porque este comportamento comercial coloca em risco não apenas a sobrevivência de tradicionais gravadoras brasileiras como da própria música do País, pois a maioria das gravações da “Som Livre” são de música es-

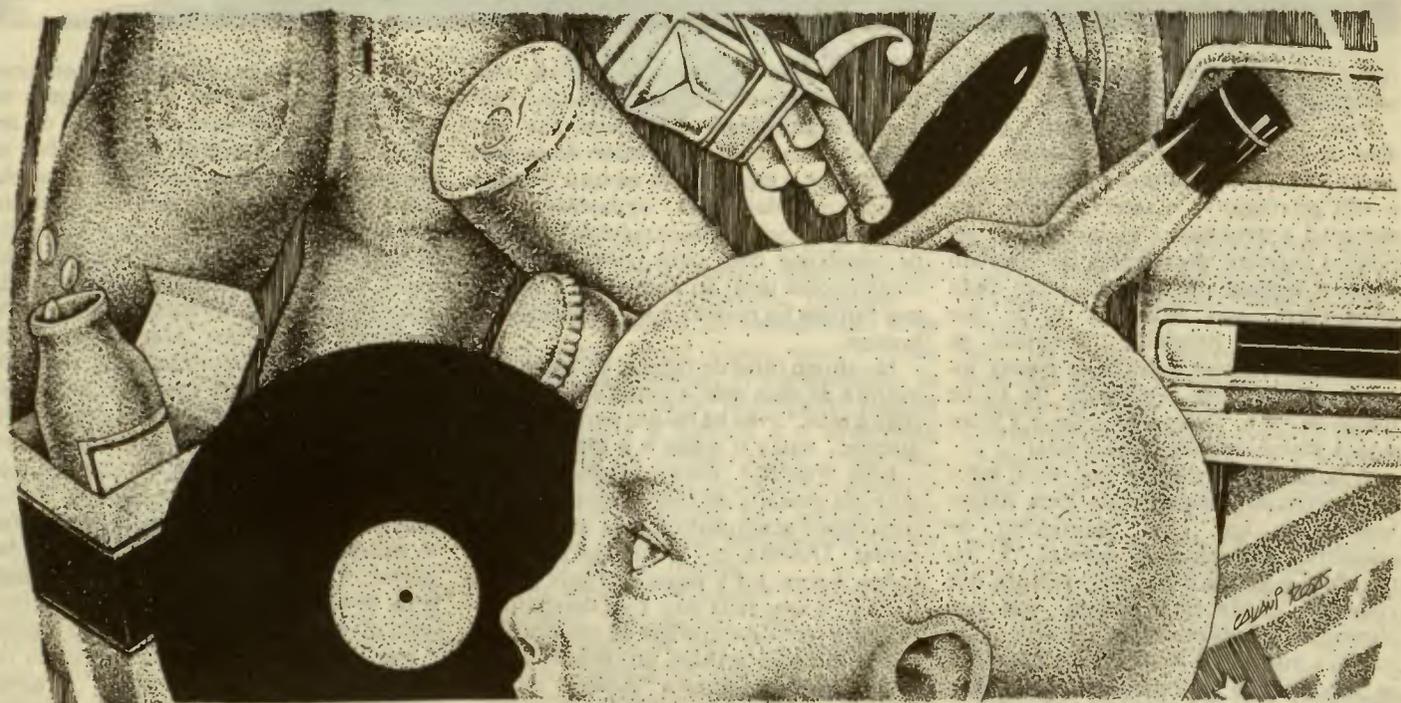
trangeira ou de música brasileira de má qualidade.

Eu dirijo uma pequena gravadora que já lançou 83 LPs. Entre eles, 16 compõem o "Mapa Musical do Brasil", 4 para cada região. O Brasil é o primeiro País do mundo a ter sua música regional e folclórica documentada desta forma. Gravei 20 discos de choro, o primeiro em 68 distribuído como brinde e lançado comercialmente em 73 ("Brasil, flauta, cavaquinho e violão") marca o ressurgimento deste brasileiro gênero musical. Gravei também o "Quinteto Armorial" — um "milagre brasileiro" que não foi contestado — e relancei no Brasil um instrumento exótico europeu, o piano, que a magia dos dedos de Arthur Moreira Lima e as notas que Ernesto Nazareth deixou escritas em inúmeras folhas de papel transformaram num sucesso inédito: venderam-se 60.000

distribuidoras foi sendo gradativamente tomado. E delas vão sendo expulsos os discos desamparados da maciça publicidade da TV. Assim, um bem público — a TV — é usado contra o povo do Brasil, que vê sua melhor música marginalizada em favor da pior música nacional e internacional. Quem duvidar que ouça.

Tenho ouvido de todos os comerciantes a quem solicito uma interpretação para o estranho fato de as vendas caírem enquanto os catálogos aumentam, e todos apresentam a mesma explicação, que é a concorrência dos discos anunciados pela TV. É claro que o crescimento da gravadora "Som Livre" resultou num expressivo fortalecimento financeiro do grupo à qual pertence. Isso levou os demais concessionários a seguir o exemplo pois, como se sabe, os bons exemplos são para ser seguidos. Hoje, todas as redes de televisão e

"A Excelsior é uma rádio de SP e o som que ela fabrica é igual ao das panelas rolando escada abaixo..."



discos. Lancei também os dois primeiros discos de Cartola que, aos 67 anos, era inédito e recusado pelas gravadoras. Uma delas justificou-se dizendo que não era asilo de velhos e como arrependimento não mata, ela continua viva, partilhando conosco a sua sabedoria. Para dirigir a gravadora que criei, abandonei uma carreira de 18 anos de publicitário e me dispus, conscientemente, a me endividar para fazer o que fiz. Consegui o apoio de um banco de serviço público — a FINEP — e prossegui carregando um fardo financeiro gigantesco, cuja dimensão não é da conta de ninguém. Os discos que produzo vinham tendo uma venda crescente e eu cheguei até a pagar parte da dívida. Mas a pressão da TV é de tal ordem e é de tal forma irresistível seu poder de sedução através, principalmente, das trilhas sonoras das novelas, que o espaço financeiro e comercial das lojas

até estações de rádio — como a Record e Eldorado, em São Paulo — possuem empresas gravadoras. Eu desconfio que entrei num negócio muito difícil.

A "Som Livre" gastou, em 77, cerca de 500 milhões de cruzeiros em propaganda de seus discos, ou metade de um trilhão velhos que se escrevia assim: 1.000.000.000,00 e hoje é um bilhão que se escreve assim: 1.000.000.000,00. Ainda bem que houve a reforma monetária. Uma mera projeção inflacionária permite uma previsão para 78: 700 milhões de cruzeiros. Eu acho que a música brasileira não aguenta. Observadores idôneos — como Maurício Kubrusly, conhecido crítico musical de São Paulo — também acha e prevê que, se as coisas continuarem como estão, daqui a 10 anos a música brasileira terá desaparecido do mercado. Esta previsão aterradora — e se ela ocorrer não será um fato isolado mas

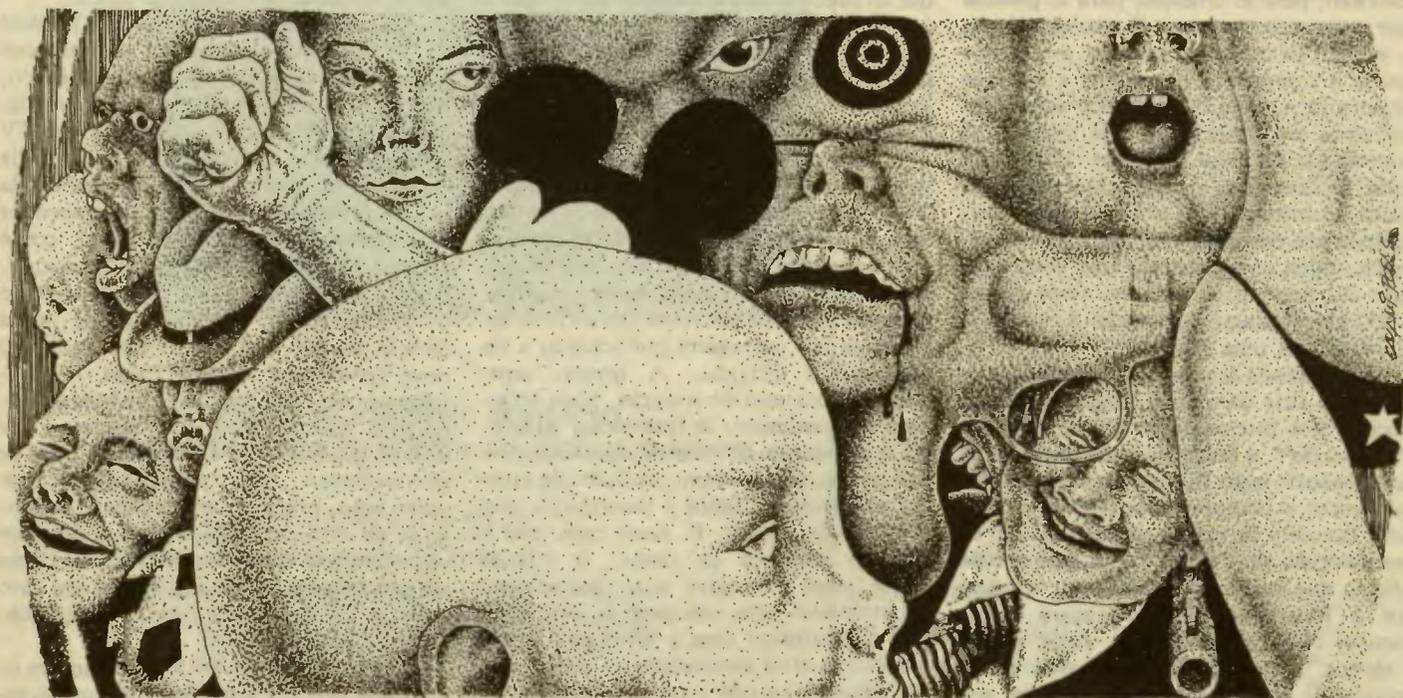
estará num quadro de destruição completa da nossa personalidade nacional, e então seremos autômatos sem face e sem alma, cadáveres ambulantes adiados — encontra fundamento na lista dos discos mais vendidos na semana de 14 a 20 de setembro e preparada pela Associação Brasileira dos Produtores de Discos. Entre os 10 mais vendidos, 8 são de música estrangeira e seis da "Som Livre". Na semana anterior, o único disco de música brasileira era o de Roberto Carlos e 9 de música estrangeira liderados por "Excelsior, a máquina do som, Vol. 7". Excelsior é uma estação de rádio de São Paulo e o som que essa máquina fabrica, para quem não conhece, é idêntico ao produzido por todas as panelas de casa, se as jogássemos escada abaixo. Uma antecipação do inferno, como disse recentemente o crítico Maurício Kubrusly. Aliás, não creio que o inferno seja assim,

não há pecado tão grande que mereça “a máquina do som”.

Este é o quadro atual da música brasileira, com predomínio absoluto do som “discotheque” modismo internacional imposto pelo rádio e pela TV e transformado numa máquina de fazer dinheiro. Consta que a “discotheque” é um ritmo para dançar e a Rede Globo lidera uma cadeia nacional de salões de dança com a novela “Dancin’ Days”, prestando inestimáveis serviços às danças brasileiras — e o Brasil é um dos países mais ricos do mundo em ritmos e danças — concedendo-lhes o descanso eterno. No entanto, essa música infernal toca dia e noite no rádio, como se os ouvintes — donas-de-casa, condutores de veículos e todos os ouvintes de rádio — dançassem enquanto cuidam de suas vidas. Essa gente que dirige a rádio difusão é realmente muito espirituosa.

minuto, com grande frequência, oferecendo o biorritmo de cada um por CR\$ 182,00. Os dados solicitados eram idade e dia de nascimento, a partir do que o interessado passaria a conhecer o seu futuro. Com o clima de irracionalismo e alienação criado pela novela “O Astro”, mais o desajuste e insatisfação gerais, por razões conhecidas, estavam criadas as condições para um grande negócio. É sabido que o biorritmo é um charlatanismo científico e nem tem a seu favor a intuição psicológica das cartomantes. Nada, entretanto, importa para os misteriosos exploradores da caixa postal 80, para onde deveriam ser remetidos os pedidos de biorritmo a Cr\$ 182,00 por cabeça — ou por alma — sendo que o “custo” dessa profecia eletrônica, fornecida por computadores, é, no máximo Cr\$ 10,00. A firma detentora da tal caixa postal 80 deve ter excelentes relações pois,

“O biorritmo é um charlatanismo científico e nem tem a seu favor a intuição psicológica das cartomantes...”



Mas uma distorção ainda mais grave no uso de uma concessão de serviço público vem ocorrendo no quadro da telecomunicação do Brasil. Se o “dumping” é um crime comercial e moral e a concorrência desleal é uma deslealdade com o concorrente, com a sociedade e com o País, o uso da TV para ganhar dinheiro a qualquer custo e com o sacrifício de todos os valores é um crime muito maior.

O último capítulo da novela “O Astro” foi transmitido numa segunda-feira e obteve um índice “record” de audiência, mais de 80%, o que mostra a que ponto chegou a anestesia mental que a seringa da TV aplicou em nosso povo. No domingo anterior, o programa “Fantástico” apresentou um longo quadro sobre o “biorritmo”, panacéia psicológica imposta a sociedades indefesas. Em seguida, começou a ser apresentado na Rede Globo um filme de 1

segundo o prof. J. A. Tavares Mendes — autoridade em venda direta e professor da Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil — nenhuma empresa de “marketing” direto tem condições de pagar os altíssimos custos de publicidade pela TV. Para se ter uma idéia, um filme de 30 segundos para transmissão no “Jornal Nacional” em cadeia nacional, custava, em março de 78, Cr\$ 207.000. O filme do biorritmo custou — ou custaria — Cr\$ 414.000 por vez e foi transmitido durante a cruzada biorrítmica de salvação nacional inúmeras vezes por noite. Meu çai dizia que bons amigos é o maior patrimônio que se pode ter na vida.

Mas, vamos dizer que “tudo bem”, como se diz hoje até para a morte da mãe, o que revela o desencanto e a impotência que todos sentem. Como disse Bertrand Russel no prefácio de suas “Memórias”, a gente nasceu para lutar, sofrer e ver a vida se

transformar num arremedo do que deveria ser. Mas nós temos uma responsabilidade muito séria com os filhos que tivemos, afinal ninguém pediu para nascer. Se o desencanto às vezes nos assalta, as crianças nos repõem a esperança, elas conservam intacta ainda a alegria que vem junto com a vida, elas são ainda a vida como ela foi feita.

Recentemente, eu estava numa fazenda passando o fim de semana, pensando na vida e em como fazer desaparecer, sem deixar pistas nem vestígios, o cidadão que inventou a “discotheque”. A fazenda fica a 10 kms de Araras, a sede tem 160 anos, mas é conservada como as velhas matriarcas que colonizaram o interior do nosso País. Meu filho de 8 anos, João Paulo, que está absolutamente convencido que o novo Papa insistiu no nome por causa dele, em certo momento quase chega às vias de

NOSSA ÉPOCA

fato comigo porque queria que eu o levasse a Araras para comprar "Mastiguinhas", vitamina fantasiada de "drops" que a TV anuncia mas que custa 20 vezes mais. Eu argumentei que, em casa, quem receita vitamina é o médico e não a TV, e que remédio não é "balinha" como ele estava chamando a impostura que o desleixo social permite que chegue à nossa casa. (1) Dias depois, vi, numa farmácia, uma enorme pilha de grandes caixas das "Mastiguinhas" com o seguinte "slogan" impresso, obra-prima de cinismo e ousadia: "Coloque em lugar visível e ganhe os lucros". Eu tive vontade de chamar a polícia. Por uma questão de fragilidade estomacal, eu não vejo televisão. Mas quem, em sua consciência, pode se colocar a salvo da TV? A pressão social é de tal ordem que não é possível deixar de ter em casa uma televisão, para as crianças, para as pessoas que moram com a gente. O resultado é que a gente fica sozinho, porque a TV nos rouba a companhia dos filhos e dos que vivem com a gente. O Prof. Tavares, o especialista em "marketing" já citado, me contou que ele viaja 1.000 km ida e volta cada 15 dias para visitar a mãe dele que mora no interior. O Tavares é dos velhos tempos em que mãe era tudo. E, no sábado, única noite que ele tem para estar com ela, que por ele tem um amor que os 1.000 km atestam, a televisão a rouba. O Tavares está uma fera.

Mas voltando às crianças, eu venho, junto com o café da manhã, ingerindo indignação. Nos intervalos do "Sítio do Pica Pau Marelo", a famigerada caixa postal 80 tenta seduzir meus filhos e induzi-los a me convencer a comprar, por 150 cruzeiros, uma camiseta de malha estampada com os personagens do "Sítio", que minha mãe afirma que custa no máximo 30. E quem for à Rua José Paulino pagará muito menos. No Vale do Itajai, onde está a "Hering", que as fabrica, custa ainda menos. É lá, evidentemente, que os exploradores da caixa postal 80 vão comprá-las, porque eles já provaram que não são bobos e nós já sabemos que eles têm excelentes amizades.

Mas a minha indignação não foi pelos meus filhos, porque eu os estou vacinando contra as armadilhas da vida e também porque nós pertencemos à minoria privilegiada que tem mais do que precisa. A voz melíflua e a insidia dos argumentos do porta-voz da caixa-postal 80 não os atingiu. Mas eu fiquei pensando que, pelos ardís maquiavélicos da indústria e dos interesses econômicos, se conseguiu colocar uma TV onde não tem comida, nem roupa, nem remédio, nem escola. Onde há arremedos de abrigo, esses milhões de barracos e mocambos deste País tão grande e tão rico e que, com um sadismo que espanta o mundo, vê seus filhos morrerem de penúria

total em cima do maior reservatório de riquezas intactas do planeta, seu solo, seus rios, suas jazidas e, principalmente, seu povo, que poderia transformar isso tudo em pão para todos. Nesses lugares, onde a mão invisível do desamor colocou um aparelho de TV, "onde não se espera a morte, pois se está sempre a morrer", como disse o genial poeta pernambucano Carlos Pena Filho, a televisão está oferecendo, com a linguagem leviana dos irresponsáveis e dos deformados, uma camiseta do "Sítio" por um preço igual, em muitos casos, a 10 por cento do salário familiar. Sade não teria concebido esta trama e seus discípulos o superaram, oferecendo e propondo, quase 24 horas por dia, o supérfluo a quem não tem o essencial. Todo o dia eu saio da minha casa para o trabalho com um travo de amargura na alma, com uma indignação que eu preciso conter, e que me envenena e que teima em se transformar em lágrimas quando, no sinal fechado, um menino menor do que o meu filho de 8 anos, me implora que eu lhe compre o "Jornal da Tarde".

A criança vem sendo o recurso mais utilizado nos filmes de publicidade que a TV exhibe. Sua utilização é, a um só tempo, uma violentação da autoridade dos pais e uma covardia. A criança, financeiramente dependente e psicologicamente imatura, pode ser causa de conflitos domésticos, estimulada por mensagens publicitárias a ela diretamente dirigidas. A inveja, especialmente no caso de crianças, pode arrastar a um sentimento de frustração, refletindo-se seriamente no relacionamento com os pais se eles não tiverem condições de atender aos desejos criados e estimulados pela propaganda da TV. E, neste caso, está a maioria absoluta de casos. A criança pobre, com a lucidez e o racionalismo determinados pela sua própria inocência, não se conforma com a privação — pelo menos em nível emocional — porque ela não absorveu ainda e nem incorporou ao seu espírito a dura surpresa que lhe prepararam aqueles que se apossaram dos bens sobre a Terra.

A apresentação, com todos os recursos de som e imagem que a arte prostituída colocou à disposição dos interesses econômicos, de alimentos, brinquedos, residências de moradia e lazer, mais a ideologia consumista, pródiga na exibição cruel de todos os tipos de desperdício que é a tônica das novelas — como em "Locomotivas" na qual um personagem considerava indigna de seu "status" uma jóia caríssima — é uma violência permanente e fria e uma crueldade inaudita para a maioria absoluta dos assistentes da TV. Talvez os responsáveis por isso pretendam promover uma revolução social; são insondáveis os designios e os métodos do ativismo político. Se os cavalos do "czar" eram adereçados com pedras preciosas, eu estou seguramente informado que isto não era transmitido pela televisão.

É absolutamente fundamental que as crianças sejam poupadas da ação deformadora e alienadora da TV, como ela é. Ela é assim porque ela não serve à sociedade, mas a interesses, e é um paradoxo que ela seja propriedade da sociedade, que concedeu sua exploração. Nós não podemos assistir impassíveis à violentação, à deformação, à traumatização de nossos filhos. Isto vem ocorrendo, e não se discute mais, é conclusão já incorporada ao acervo da psicologia e da sociologia, em todos os centros do mundo.

Nos EUA, pesquisas registraram que uma criança vê 7.000 comerciais por ano e que apenas quatro não são nocivos. Peggy Charren, presidente do poderoso grupo "Action for Children Television", afirma que proibir esse tipo de publicidade é uma obrigação constitucional do Estado, que tem o dever de proteger a criança.

O debate sobre qual é o modelo político da TV mais condizente com os interesses gerais perde sentido e torna-se acadêmico, quando a intervenção do Estado é profunda, principalmente na utilização da TV "privada". Por outro lado, o Estado seja ele qual for ou como for, na incoerência da sua irrepresentatividade, tem desempenhos de reconhecida importância social, como no caso da política cultural da "Funarte". E a tese estatista ganhou vários pontos com o surpreendente desempenho da atual direção da TV Cultura, de São Paulo. O novo governador de São Paulo — notabilizado por sua ousadia e habilidade — poderia marcar mais um ponto, e de melhor qualidade, se a mantivesse livre de interferências. Os "privatistas", por outro lado, precisam se acautelar: levados ao pé da letra, seus argumentos podem nos convencer que até o Exército Nacional deve ser privatizado. A propósito, e é um fato novo: a TV é, antes de tudo, uma questão de Segurança Nacional.

A TV é um serviço público, como são os Correios, como é o telefone. E com características particulares, porque ela nos persegue e nos alcança e nós não temos como fugir, ao contrário do Correio e do telefone, que nós acionamos e dos quais podemos nos proteger. Alguém já pensou na utilização em favor de interesses particulares, dos Correios e do telefone? Temo ter uma idéia para os desconhecidos manipuladores dos bens que pertencem ao povo.

Um dia virá em que a TV nos ajudará a educar nossos filhos e que nos ensinará a viver melhor. Que nos valorizará, valorizando nossos sentimentos e nossas emoções. E que despertará a potencialidade infinita que temos dentro de nós, as nossas vocações e aptidões e que fará serem sadios e verdadeiros os nossos sorrisos e as nossas lágrimas, porque tudo isto nós temos e está dentro de nós no universo maior do que o universo, que são a nossa mente e a nossa alma. Porque é fantástico o "show" da vida. Só a televisão que não sabe.

(1) Fizemos as pazes, depois, mas o armistício foi obtido com a minha concessão a "Cebion"!

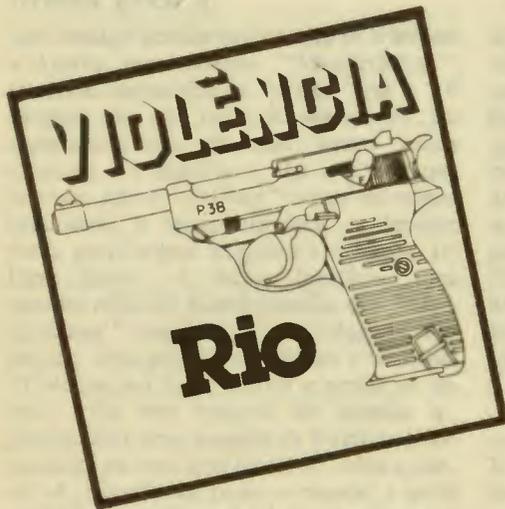


**Ludovico di Raimo, italiano,
conta uma história de amor e terra.**

Meu nome é Ludovico di Raimo.
Só de Brasil, já tenho 64 anos.
Quando chegamos aqui, no início, tudo o
que tínhamos era um pedacinho de terra,
e muito trabalho para ser feito.
Terra boa. Terra forte.
Com meu pai plantamos cada palmo de chão
com arroz, feijão e milho.
Era bom sentir o cheiro da terra molhada,
ver crescer a plantação e depois colher a safra.
Também fui à escola.
Mais aprendia, mais gostava de ser parte
deste mundo novo.
Depois vieram os meus filhos, e os filhos
dos meus filhos, tudo nascido aqui.
Hoje sou tão brasileiro como eles.
Porque sou um pedaço desta terra que, com
todo orgulho, trabalhei e vi crescer.

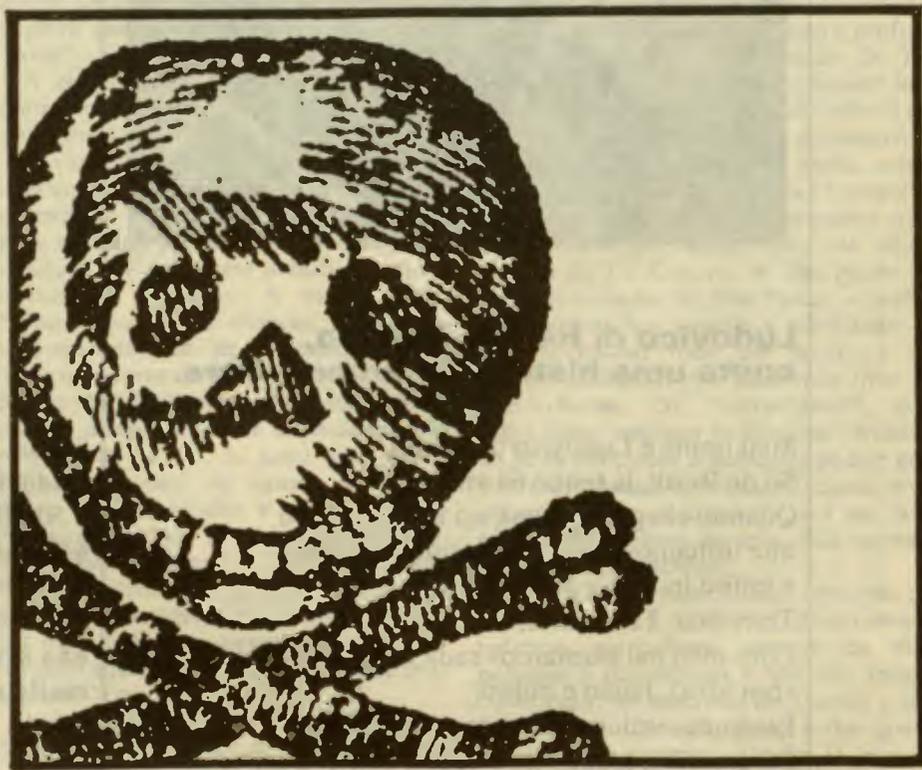
**Como
Ludovico di Raimo,
a Shell tem
64 anos de Brasil.
E se fosse contar
sua história,
não seria
muito diferente.**

Shell  *Nós estamos presentes.*



As revistas semanais já não podem explorar o velho filão das fotos coloridas. O cartão postal foi substituído pela natureza morta. Aqui, Aguinaldo fala desta destruição.

TERRA DE ENCANTOS MIL



Aguinaldo Silva

Os moradores mais antigos do Rio de Janeiro ainda se lembram, certamente saudosos, da época do “é sol, é sal, é sul”, há 15 anos atrás, quando o verão carioca, essa mágica estação com que sonhavam todos os brasileiros, era anualmente anunciado pela reportagens coloridas que Manchete publicava já no mês de novembro, nos quais apareciam as garotas de Ipanema em seus generosos biquínis. Então, louvava-se o jeito carioca de viver, a descontração e a alegria da cidade, a malandragem dos seus moradores; e tudo can-

tado com tamanha ênfase que foi preciso criar, para isso, um ritmo ideal: a bossa nova. Eu não posso me queixar, porque, ao chegar ao Rio em 1964, alcancei o fim dessa época; daquele tempo ainda guardo lembranças, algumas insólitas, mas todas amenas e inesquecíveis, como um passeio de bonde da Tijuca à Praça da Bandeira, num mês de julho muito frio, com uma breve parada à porta de uma casa de chá, para que o motorneiro e os passageiros — aos quais o primeiro convidara — pudessem tomar “um chocolate quente”.

A revista Manchete ainda publica, no mês de novembro, a mesma reportagem sobre as garotas de Ipanema. E Perla Sigaud, a exótica colunista de O Globo, ainda repete com tocante persistência, a cada começo de dezembro, que “no verão carioca tudo é diferente, o tempo se reflete no interior das pessoas”. Mas já não é isso o que anuncia o início da grande temporada no Rio. Pelo contrário, nos últimos três anos, quando a temperatura começa a subir, e as encostas dos morros passam a sofrer incêndios que os bombeiros invariavelmente declaram ser causados por



“combustão espontânea”, o mesmo tipo de acontecimento vem marcando o início da, antigamente, mágica estação carioca: é sempre uma violenta, inusitada ocorrência policial. Foi assim em 1975, quando os crimes da Barra — supostamente praticados por Maria de Lourdes Leite de Oliveira, a *Lou*, e seu noivo, Vanderlei Quintão — deixaram a cidade traumatizada; foi também assim em 1976, quando todo o movimento do verão girou em torno da morte violenta de Ângela Diniz, a pantera de Búzios; e a mesma coisa aconteceu em 1977, quando a morte de Cláudia Lessin e suas consequências imediatas preencheram todas as conversas da estação.

Em 1978, no entanto, alguma coisa se modificou. E todas as teses destinadas a provar a sutil mudança ocorrida na Cidade Maravilhosa — ela seria, hoje, uma das mais violentas do mundo, com uma qualidade de vida à beira do insuportável — subitamente ganharam força, pois a violência foi desencadeada antes mesmo que chegasse o verão. Na verdade, os frios e insistentes ventos de agosto ainda sopravam, e já o noticiário policial mostrava uma exacerbação que chegava a índices até então nunca alcançados: no conservador bairro da Tijuca, único reduto arenista da cidade, o médico legista Antônio Olavo matou seu vizinho, o decorador Márcio da Silva; o motivo do crime: uma vaga na garagem do prédio em que os dois moravam. Do outro lado da cidade, em Copacabana, o juiz Jacy Nunes de Miranda, 65 anos, descarregou o revólver no seu vizinho, o advogado Luís Mendes de Moraes Neto, 67 anos, matando-o e ferindo sua filha, Cecília; o motivo do crime: um arranhão no carro de sua mulher, que, segundo ele, teria sido feito propositalmente pelo filho do advogado. Mais ao sul da cidade, na bem-nascida Ipanema, o comerciário Geraldo Cesário Costa matou a golpes de faca e chave de fenda seus dois filhos, de sete e quatro anos, e depois, com uma faca cravada no peito, gravou uma prolongada confissão; o motivo do crime: a mulher ameaçava lhe pedir o desquite. Na vizinha cidade de Petrópolis, uma tragédia em que todos os envolvidos eram cariocas: o médico David Geremberg invadiu a casa de sua ex-amante, Sonia Maria Siqueira, matando-a e à sua filha, Ana Cláudia, de 10 anos, e ferindo o pai da mulher, Otacílio Siqueira. Uma outra filha de Sônia e sua empregada conseguiram escapar porque se trancaram num quarto. O motivo do crime: uma vaga suspeita de que a mulher o traía.

O que aconteceu com a antiga capital do Brasil? O que houve com aquela gente simpática, descontraída, que deu o mote para tantos sambas? Hoje, num sinal da Avenida Rio Branco, às cinco horas da tarde e desde que haja sol, é possível encontrar o carioca típico: diante do sinal vermelho ele — literalmente — rosna de impaciência; geralmente não resiste, e se lança por entre os carros numa louca

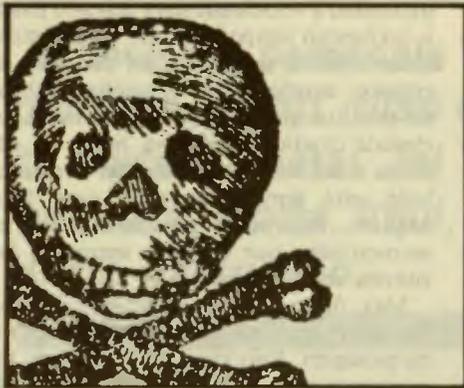
correria, xingando os motoristas que não diminuam a velocidade para deixá-lo passar e, ao mesmo tempo, ouvindo xingamentos; sempre muito apressado, ele não tem, no entanto, aquela pressa de ganhar dinheiro do paulista que — pelo menos numa sociedade capitalista como a nossa — não chega a ser uma coisa doentia; o carioca, hoje, está sempre correndo para lugar nenhum, através de elevados, túneis ou auto-estradas que o levam sempre a inevitáveis engarrafamentos.

Mas, dirão os que não visitam a cidade há alguns anos, ele sempre tem o conforto da paisagem. Pois sim: estes visitantes que experimentem ir pelas pistas de alta velocidade do Aterro rumo a Copacabana; onde estão aqueles morros que circundavam Botafogo, em cujas faldas tantos casarões se aninhavam? Já não se pode vê-los: edifícios de vinte e mais andares construídos à revelia do gabarito oficial, em plena praia, primeiro, e depois nas ruas adjacentes, acabaram por escondê-los. Perto da entrada do Túnel Novo, uma profusão de edifícios espetados na encosta, um verdadeiro bairro ironicamente chamado de Morada do Céu, conseguem esconder até mesmo — dependendo do local de onde se olha — o inevitável Pão de Açúcar. E não é preciso falar sobre a definitivamente perdida Copacabana, nem sobre a ameaçada Ipanema, nem mesmo sobre os estertores do Leblon. Que se atravesse todos esses bairros e se chegue à Barra da Tijuca, onde fileiras de edifícios vão sendo metodicamente construídas, uma após a outra, formando uma autêntica barreira entre o mar e o morro lá atrás. Ali, o que se vende aos incautos moradores é isso: a montanha e o mar; por causa disso, os apartamentos ultrapassam a casa dos três bilhões de cruzeiros com uma facilidade incompreensível para quem leva a sério essas coisas de renda *per capita* e PNB; mas na verdade o que se vê, das tão faladas varandas, são as varandas de uma infinidade de vizinhos.

Parece que a descontração do carioca, que a sua malandragem era, na verdade, um tipo muito especial de ingenuidade, de deficiência mental. Se não, como explicar que ele se deixe enganar tão facilmente pelos Sérgio Dourados da vida, que lhe impingem, a preço de assalto, esse tipo de “varandas para o mar”? Como acreditar que aquele ser especialíssimo cantado por tantos sambas se deixasse levar de modo tão sistemático, a ponto de permitir que sua cidade fosse vorazmente devorada pelas piranhas do *boom* imobiliário? (Beiremos o absurdo: como acreditar que o mais opositorista de todos os povos brasileiros acabasse por dar, a cada eleição, a esmagadora maioria dos seus votos ao mais situacionista de todos os partidos — o de Chagas Freitas?).

Hiram de Allem, quiromancista, advinho e certamente não-carioca, disse numa de suas profecias divulgadas pelos jornais,





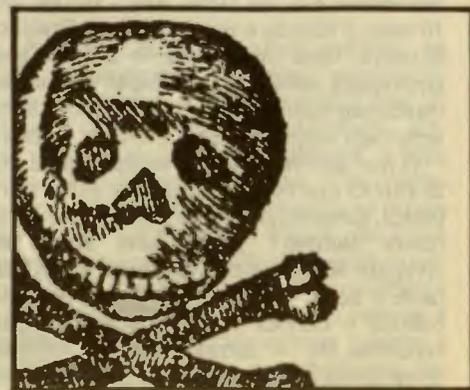
que uma espécie de maldição pesava sobre o Rio. A Cassandra que a lançou e a sustenta pode ser vista por todos, basta ir até o Leblon: ela está diante de um edifício à beira-mar, no qual existe o apartamento mais caro do mundo (Cr\$ 35 milhões; que, por coincidência, pertence ao prefeito da cidade, Marcos Tamoyo). Trata-se de uma estátua de mulher, sentada sobre um pedestal, que faz, para os passantes, um clássico gesto: braço direito dobrado à altura do cotovelo (no qual repousa firmemente a mão esquerda), punho fechado e ligeiramente impulsinado para a frente, ela endereça aos que passam na rua o que vulgarmente se chama uma *banana*.

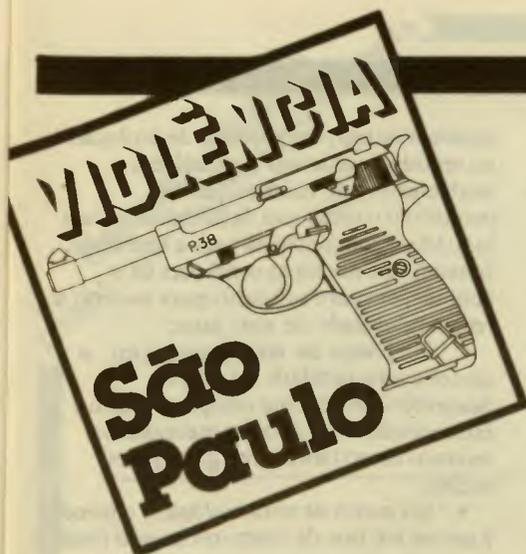
Sim, é uma maldição o que faz 42% dos automóveis da cidade estacionarem nas ruas ou sobre as calçadas; é também uma maldição o que leva autoridades como o Ministro Bierrembach, do Superior Tribunal Militar, a denunciar uma "minoría depravada" existente dentro da polícia carioca: os torturadores que cegam e aleijam pessoas, algumas apenas sob suspeita (a mesma maldição leva o Secretário de Segurança, general Brum Negreiros, a repetir monocordicamente — e contra todas as evidências — que os índices de criminalidade baixam a cada mês); essa maldição leva também uma horda de *ratos de praia* a descer diariamente dos morros — e o verão é, para estes *ratos*, a temporada de caça — em busca dos dólares de descontraídos turistas que — ainda — repousam ao sol, e que, uma vez roubados, descobrem com surda revolta a capacidade que os cariocas possuem, nessas ocasiões, de se transformarem em verdadeiras estátuas de pedra: as testemunhas de um assalto "nunca vêm nada".

É claro que o verão carioca ainda possui, sobre o espírito das pessoas bem-nascidas, inegáveis virtudes terapêuticas. Para estes, a amena estação, mesmo que sob ameaças, ainda se renova a cada ano, e tem características especiais, que incluem mergulhos na piscina do Hotel Méridien, por exemplo, entremeados de delicadas, sutis cafungadas de pó, brilho, cocaína. Mas para isso é

preciso que eles não cheguem perto da amurada que separa a pérgula do hotel do resto da cidade; é preciso que eles não olhem para a monumental fila de banhistas que brigam pelo direito de entrar num ônibus, à altura do Leme; e é necessário que eles continuem a construir meticulosamente, sua cidade encastelada em sonhos, e que dispensa a existência de pelo menos 99% da população — 98,5%, se lembrarmos que essas pessoas não podem dispensar a presença dos criados. Para estes bem-nascidos, os viadutos, as moradas do céu, as kafkianas e desoladas ruas de prédios iguais da Barra são sinais de progresso ou, pelo menos, do dinheiro que fatalmente cairá em seus bolsos.

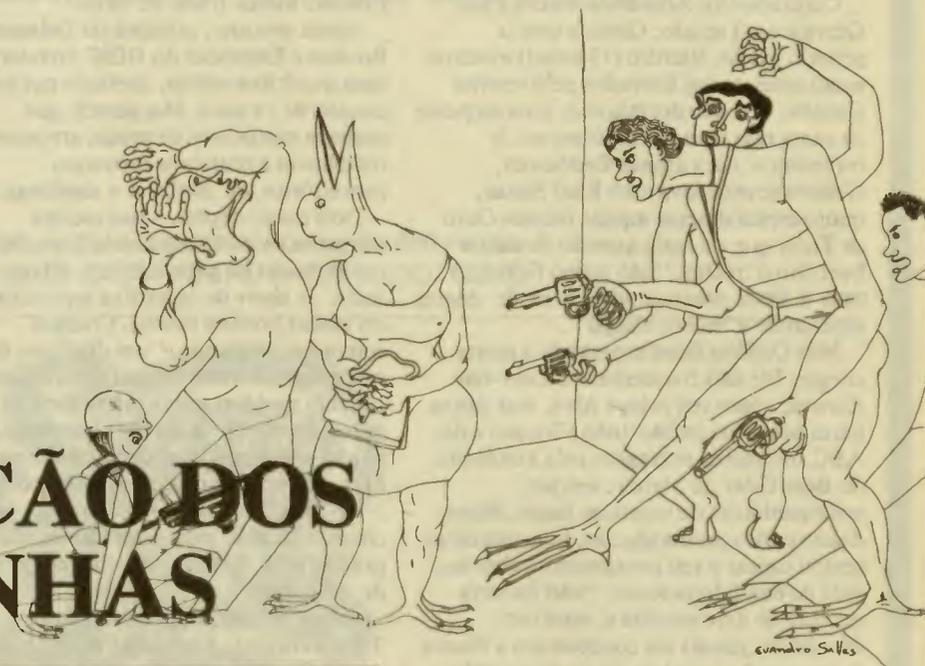
Quanto ao povo carioca e seu tão decantado comportamento, terminemos com uma história, vista num dia qualquer de setembro, em plena avenida Nossa Senhora de Copacabana: sobre a lama de um canteiro de obras, dois homens se atacam e, armados de paus e pedras, tentam matar um ao outro. Carros param, passageiros descem dos ônibus, pedestres interrompem a caminhada e, em poucos minutos, debruçada sobre a cerca que rodeia o canteiro, a multidão está formada. A briga se arrasta, os dois contendores já estão cansados. Ninguém sabe o que a motivou, isso não interessa. A multidão não está exatamente entusiasmada — ela apenas presencia, apática, o acontecimento. De repente, alguém grita: "joga água que eles se separam". É a deixa para o funcionário de um botequim próximo, que, encarapitado sobre o balcão de cafezinho, acompanhava tudo. Ele enche um panelão de água, sai do botequim, aproxima-se dos contendores e despeja tudo de uma vez sobre eles; os dois se separam soltando urros de dor; aos gritos, corre cada um para o seu lado: a água estava fervendo. A multidão, ao descobrir isso, aplaude entusiástica o rapaz do botequim; modesto, ele agradece, e retorna ao seu posto; os brigões sumiram na esquina mais próxima. A multidão se dispersa. Rio, 1978: esta sim, é uma típica cena carioca.





por Percival de Souza

A CIVILIZAÇÃO DOS TROMBADINHAS



O capitalismo nascente destruiu as bases da Inglaterra rural e criou os Oliver Twist que inspiraram Dickens. Há 12 anos, uma massa de garotos marginalizados espanta São Paulo. E agora?

A invasão das crianças começou em dezembro de 1966, durante as festas de fim-de-ano. De fato, há doze anos atrás o centro de São Paulo estava cheio de meninos, a maioria descalços, correndo pelas lojas e galerias, pedindo e roubando — quando dava para roubar.

Alguns grupos desses meninos eram organizados por adultos, que os comandavam à distância, fazendo sinais ou assobiando. Assim como Oliver Twist, nome de um menino nascido em um asilo, sem pai e sem mãe, batizado às pressas, criado pela imaginação de Charles Dickens, grande escritor inglês.

Oliver Twist, de coração bom, rodeado de arrogância, de cinismo, de avarizia, de maldade, também conheceu um chefe assim, em Londres, onde a imaginação de Charles Dickens o colocou — em condições semelhantes à realidade de São Paulo.

O mestre de Oliver Twist era Mister Fagin, que Dickens descreveu assim: “um

velho (...) engelhado, cuja cara horrível e repulsiva estava em parte oculta por uma desgrehada cabeleira ruiva. Vestia um roupão sebento de flanela, com o peito descoberto”.

Os meninos a quem Mister Fagin orientava — e explorava — foram descritos assim: nenhum deles com mais de 13 anos, fumando cachimbos compridos de barro e tomando bebidas alcoólicas, com ares de homens de meia idade. Mister Fagin fiscalizava seus pequenos instrumentos humanos:

— Espero que tenham trabalhado bem, meus filhos.

— Trabalhamos muito, respondeu Raposa.

Assim vivia Oliver Twist, criado pela imaginação de Charles Dickens. Assim eram os meninos que corriam, andavam, fugiam e roubavam pelas ruas do centro de São Paulo. Oliver Twist, o livro, foi escrito no século passado.

De 1966 a 1978, entretanto, muita coisa aconteceu. Os meninos deixaram de se contentar em pedir dinheiro às mulheres que faziam compras no centro. Tornaram-se mais agressivos, ousados; surgiu até uma definição especial e estranha para eles (“trombadinha”) e, assustados, no fim do ano de 1977 os comerciantes do centro chegaram a fechar suas portas, num sinal de protesto diante daquilo que classificavam de “omissão da polícia”. Como se o problema fosse da polícia...

Surgiram expressões especiais para classificá-los (“carentes”, “abandonados”, “infratores”), e os números sobre eles — alarmantes — adquiriram projeção nacional, curiosamente, apenas quando a revista *Time* dedicou uma reportagem aos menores responsáveis por mais de 50% dos assaltos à mão armada praticados na cidade de São Paulo.

Isso mesmo: mais da metade dos roubos são praticados por menores de 18 anos. Alguns se tornaram célebres. Como Wilson Paulino da Silva, o *Wilsinho Galiléia*, cortado ao meio por uma rajada de metralhadora — e isso poucos dias depois de completar 18 anos e matar 20 pessoas para roubá-las (latrocínio) e mais um impressionante currículo composto de aproximadamente 200 roubos.

Galiléia mereceu um “Globo Repórter”, suprema glória póstuma, mas as honras de estilo, contemporâneas, ficaram com Alex e seus três *drugues* (amigos) descritos por Anthony Burgess (“Clockwork Orange”), a

Laranja Mecânica de Stanley Kubrick.

Contraponto: Alex andava com Pete, Georgie e o Tapado; *Galiléia* com o próprio irmão, Ramiro (13 anos!) e outros assaltantes, todos liderados pelo temível *Galiléia*, que não dormia com uma serpente na cama mas com um revólver sob o travesseiro. Alex amava Beethoven, *Galiléia* se extasiava com Raul Seixas, muito especialmente aquela música *Ouro de Tolo*, que ele fazia questão de cantar bem alto o trecho: “não quero ficar (...) com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar”.

Mas *Galiléia* ficou esperando a morte chegar. Ele não frequentava o *Leite-bar Korova*, como seu colega Alex, mas sim os bares obscuros de São João Climaco e do ABC. Inúmeras passagens pela Fundação do Bem-Estar do Menor, sempre acompanhadas de repetidas fugas. Numa dessas curtas permanências, uma psicóloga tentou captar o seu pensamento sobre sua vida de bandido precoce: “não foi uma questão de livre escolha e, uma vez envolvido, jamais me concederam a chance de retroceder e iniciar uma nova vida.

Referência vaga, talvez, à mãe prostituída, aos três irmãos recolhidos ao pavilhão 9 da Casa de Detenção (todos assaltantes) e ao pai, guarda-civil, morto anos atrás. *Galiléia* não passou pelo método *Ludovico*, mas pelos projéteis 9 milímetros, ao chegar à casa de sua amiga Geni, uma motorista de táxi que mora em São João Climaco...

Mas não existiu somente *Galiléia* para retratar a participação dos menores na violência da cidade. No mês de outubro, dois meninos de 17 anos, M.F.P. e M.S.O. dormiram no interior de um Volkswagen, no bairro do Jabaquara. Na madrugada, os dois foram executados, com tiros certos na cabeça, disparados à curta distância.

João Batista Fernandes, o gentil dono do Volks, mudou-se de casa no dia seguinte, não sem antes contar à Polícia que, na noite dos tiros e mortes, ouviu a palavra “Peixe” no intervalo entre os tiros.

Horas antes das mortes dos meninos, a professora Terezinha Pires e o engenheiro João Fidel haviam sido assaltados. Houve uma discussão durante o assalto e o casal acabou sendo baleado no rosto. Um dos assaltantes disse: “vamos logo com isso que nós ainda temos que *apagar* o Miltola e o Marquinho” — ou seja, justamente os nomes dos dois mortos do Volks.

Um dos assaltantes do casal também seria o *Peixe* — apelido provocado por um defeito no olho esquerdo, branco, 1,65 m de altura, cabelos encaracolados, forte, quadrilha de 7 amigos, início de carreira com 80 assaltos. *Peixe* morreu logo após

um assalto a táxi e o encontro com a Polícia, numa troca de tiros.

Ainda este ano, policiais da Delegacia de Roubos e Extorsões do DEIC prenderam uma quadrilha-mirim, chefiada por uma menina de 14 anos, Margareth, que roubava motoristas de praça, arrombava residências e praticava furtos em consultórios de médicos e dentistas.

Dois meses depois, nessa mesma delegacia, estava uma garota loira, 18 anos completados há pouco. Loira, olhos azuis... e chefe de quadrilha especializada em atacar hotéis e motéis. Colegial completo, pensando, “um dia”, em fazer vestibular para medicina, Débora liderava com um revólver numa mão e faca na outra. Por quê? “Meu pai abandonou minha mãe quando eu tinha oito meses”. Mas, visível ponta de orgulho, conta: — Fui procurá-lo (o pai) em Itu, no começo do ano, para dizer que nunca precisei dele. E apresentei-lhe minha filha de dois anos...

As sociólogas Nely Maria Cavali e Tereza Augusta Marques Porto Alves de Almeida, estudando as causas das internações da FEBEM de São Paulo, classificaram pela ordem: desorganização familiar, situação econômica, abandono, incapacidade física e/ou mental dos pais ou responsáveis, conduta divergente, colocação em emprego, infração e incapacidade física e/ou mental do menor.

Elas observaram que as maiores incidências recaem sobre “desorganização familiar” e “situação econômica” e que “índices de frequência tão próximos indicam a magnitude da inter-relação”:

— Isto porque todo o complexo contexto delineado pela conjugação das variáveis — industrialização, urbanização, crescimento demográfico acelerado, êxodo rural, atendimento médico-sanitário deficiente, analfabetismo, desqualificação da mão-de-obra e pobreza — reflete-se direta ou indiretamente sobre as famílias e, conseqüentemente, sobre o menor.

— Como instituição social, a família é o reflexo de processos e conflitos que se operam no interior da sociedade. Sabe-se que a situação econômica precária — ou estado de pobreza absoluta — a que se encontra submetida considerável parcela da população brasileira repercute incisivamente sobre a organização familiar, a qual, afetada, aparece então, como a causa preponderante e mais próxima da marginalização do menor.

O juiz de Menores da Comarca da Capital de São Paulo, Nilton Silveira, ao inaugurar a Unidade Educacional “Tide Setúbal” estabeleceu um conceito de *menor*:

• “do ponto de vista filosófico, é uma

pessoa humana, em processo de evolução no sentido de alcançar as condições intelectuais, e de vontade que lhe permitirão o pleno uso da liberdade. É um indivíduo, com potência para a liberdade, faltando-lhe porém as condições de vontade, em grau suficiente para assumir a responsabilidade de seus atos;

• “do ponto de vista psicológico, o menor é uma entidade em fase de desenvolvimento, cujo comportamento é influenciado, não só pelos mecanismos internos como também pelas pressões sociais;

• “do ponto de vista biológico, o menor é um ser em fase de desenvolvimento físico, caracterizado por transformações anatômicas fundamentais e por sensíveis mudanças morfológicas;

• “do ponto de vista sociológico, o menor é um ser social necessitando, para o seu desenvolvimento harmônico, se integrar em grupos e ser aceito pelos mesmos. Ressalte-se aqui a grande importância do grupo familiar para o desenvolvimento do menor, assim como a influência também considerável de outras instituições sociais, tais como a escola, a igreja, o trabalho etc.

• “do ponto de vista jurídico, o menor é o sujeito que não reúne as condições exigidas para que possa tornar-se titular de direitos e obrigações, perante a lei.”

O juiz de Menores paulistano frisa que a infração, o abandono, a vadiagem etc., são circunstanciais, isto é, “ninguém deixa de ser humano porque cometeu um delito”:

— A dignidade e o valor intrínseco são características essenciais do ser humano, quaisquer que sejam as circunstâncias de raça, religião, status, ideologia ou conduta. Em virtude dessa condição humana, e não em face de sua situação ou de seu comportamento, é que o menor tem direitos inalienáveis que não podem ser esquecidos e devem ser respeitados por todos e, especialmente, pelos que estão envolvidos no seu atendimento.

Falando na Escola Superior de Guerra, em 1976, o secretário da Promoção Social de São Paulo, Mario Altenfelder, frisou que “não existe, na verdade, o problema do menor, e sim o problema do maior”:

— Deve-se adotar uma posição esclarecida, conscientizar uma nova formulação de prioridades, para que se venha a entender esta frase hoje tão comum: o mundo caminha sob os pés da criança. O homem de amanhã é a criança de hoje. Mas, será que estamos prestando muita atenção à criança de hoje? E se realmente o homem de amanhã for essa criança de hoje, na maioria esquecida e abandonada, que tipo de sociedade vamos possuir?

EDITORA GROUND
LIVROS PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA

O uso indiscriminado do açúcar refinado é uma ameaça à saúde pública.
É preciso combatê-lo!

Simone Veil, Ministro da Saúde da França, revista Le Point, 24 a 30/7/78.

Agora você vai conhecer toda a verdade sobre
O MAIS DISSIMULADO ÓPIO DO POVO

Sugar Blues

o gosto amargo do açúcar

Uma droga destrutiva, formadora de hábito é impunemente adicionada a todo e qualquer produto utilizado na alimentação moderna, dissolvendo os ossos e os dentes de toda uma civilização.

Este é o livro que denuncia, com base em evidências histórico-científicas, os inúmeros distúrbios físicos e mentais causados pelo consumo indiscriminado do açúcar refinado e oferece alternativas saudáveis para reabilitar o organismo dos malefícios do alimento que mais prejuízos causa à saúde das pessoas.

Uma rara oportunidade para diabéticos, obesos, hipoglicêmicos... e toda uma legião de dependentes do vício institucionalizado da sacarose refinada — comumente chamada açúcar.

A EDITORA GROUND INFORMAÇÃO

R. Siqueira Campos 143 Sobreloja 56
22031 Copacabana Rio de Janeiro RJ

Desejo receber pelo Reembolso Postal exemplares do livro SUGAR BLUES, pelo qual pagarei Cr\$ 95,00, somente depois de receber a notificação do correio.

Nome

End.

Cidade..... Bairro

Estado..... CEP.....

IMPORTANTE: NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

William Dufty

sugar. açúcar. s.m. sacarose refinada, $C_{12}H_{22}O_{11}$, produzida pelo múltiplo processamento químico do suco da cana-de-açúcar ou da beterraba e pela remoção de toda a fibra e proteína, que representam 90% da planta.

Sugar Blues

blues. um estado de depressão ou melancolia revestido de medo, ansiedade, desconforto físico

sugar blues. múltiplas penúrias físicas e mentais causadas pelo consumo de sacarose refinada — chamada açúcar.

GROUND

ESTE LIVRO PODERÁ MUDAR A SUA VIDA... OU A SUA MORTE!





Desenho: Lauro

JOGO DE BOLA

por Marco Antônio Rodrigues

O futebol brasileiro é um forte. Resiste aos maus dirigentes, à falta de calendário, dinheiro, saúde, honestidade, público, bons jogadores, bons espetáculos, técnicos e pode resistir até às reformas que a assessoria do futuro presidente da República sonha impor.

Não há, pois, neste país, nada mais forte que o futebol. O último grande exemplo de vitalidade foi o de não ter sucumbido após a Copa do Mundo da Argentina, onde nem todos os abusos de Heleno Nunes e seus comandados serviram para colocar o nosso futebol a nocaute.

Este futebol é tão forte que resiste ao Campeonato Nacional.

Ele não morre, apesar de estar cambaleante em quase todo o país, próximo de um perigoso estado de insolvência, de completa falência. Sozinho, como sempre, acaba encontrando meios de sobrevivência.

São Paulo, é claro, é uma exceção. O mercado consumidor é bem maior e pode, ao contrário de quase todos os outros Estados, desfrutar de um fértil Interior — em revelação de craques e em arrecadações.

Tanto que um longo campeonato de oito meses de duração, um verdadeiro “caçaniquel” acabou dando certo e espera-se recorde de renda e de público da história do campeonato.

E para demonstrar o abismo que o separa de outros Estados, com exceção apenas ao campeonato carioca, a segunda divisão do campeonato paulista (divisão de acesso, chamada Divisão Intermediária) com a participação de vinte clubes do Interior vai render mais que todos os outros principais campeonatos de outros Estados — inclusive gaúcho, mineiro, baiano, pernambucano...

Mas a liderança econômica em relação ao Rio de Janeiro também atinge agora índices não registrados no passado. Qualquer um destes grandes times do campeonato paulista, como Corinthians, Santos, Palmeiras, certamente arrecadará, sozinho, mais que todo o atual campeonato carioca.

Tudo isso só demonstra que o profissionalismo brasileiro exige uma reforma básica urgente, que deve começar pela Confederação Brasileira de Desportos, esta confusa entidade que só tenta conciliar interesses esportivos e políticos.

Mas, independente desta velha discussão (retomada agora pela disposição do futuro presidente da República João Batista Figueiredo que está convidando jornalistas esportivos para sugerir mudanças no futebol brasileiro) o nosso futebol acaba de dar mais uma lição da sua força.

Contra a opinião geral (inclusive do ex-

técnico da Seleção Brasileira, capitão Cláudio Coutinho), fruto apenas da espontaneidade do futebol brasileiro (qualidade tão desprezada ultimamente), eis que surge várias novas grandes revelações logo após a Copa do Mundo, revitalizando esta combatida geração de jogadores (castrada nas suas habilidades individuais em favor de uma eficiência e agressividade (física) importadas da Europa) com o aparecimento de alguns prometedores talentos.

E, no campo tático, a vitória da filosofia dos conceitos nacionais, contra o medroso e robotizado jogo da Seleção no mundial da Argentina — vítima da importação mal feita dos conceitos europeus.

A vitória do Guarani, atual campeão do Brasil, representa a volta às origens — o futebol jogado apenas por quem sabe, dentro da maior liberdade tática, tendo como armas principais o toque de bola, a classe, a tabelinha para furar as retrancas adversárias.

Era este jogo, simples na sua conceitualização tática, mas rico na qualidade do futebol, na chance que propicia para o aparecimento e desenvolvimento da técnica de se jogar que estava faltando. Isso porque ele simboliza o futebol ofensivo, aberto, alegre — e não os covardes esquemas que a Seleção Brasileira apresentou

Os jovens craques estão driblando a retranca, este futebol colonizado. Mas os cartolas... os cartolas só atrapalham.



nos dois últimos mundiais.

O exemplo do Guarani comprova o óbvio: as soluções táticas e técnicas para a evolução do futebol brasileiro devem ser encontradas internamente. Não modificando o nosso estilo e sim aprimorando-o.

Há quanto tempo não se via uma cena como esta?

A bola, de repente, ficou entre Careca (17 anos, centroavante do Guarani) e dois zagueiros. Com malícia, passou entre os zagueiros e, na saída do goleiro, o drible de puxar a bola passando o pé por cima da sua circunferência, saindo livre pelo lado direito.

Mas a bola correu um pouco mais e nova improvisação: na velocidade, Careca girou o corpo e tentou o gol de calcanhar. A bola não entrou; o esforçado zagueiro Rosemiro conseguiu chegar na cobertura e a desviou para escanteio. Mas, com Careca, o autor do gol perdido, ficou o mérito de uma cena que estava desaparecendo do nosso futebol; a jogada do drible intuitivo, livre, de como se joga futebol na rua.

É esta espontaneidade que pode devolver ao futebol brasileiro o nível técnico que ele perdeu com o fim da geração de setenta e a crescente importação de métodos de treinamento e esquemas táticos — que violentaram as mais ricas características do jogador brasileiro.

Sócrates, médico, atacante do Corinthians, é hoje um raro exemplo de refinada técnica. Um craque, que pelo seu ineficiente poder de combatividade no meio campo, no desarmê, não foi convocado para jogar na Copa. Um perfeito exemplo do anti jogador moderno, sem brilho técnico mas esforçado, cumpridor, medíocre, que está fazendo do futebol um jogo sem graça e homogêneo, nivelado pela correria em campo.

Sócrates desfila a sua técnica, classe, como um artista dos tempos românticos do futebol; ou mais tarde, a partir da década de cinquenta com a explosão técnica do futebol brasileiro, onde o drible, a postura,

o perfeito domínio de bola eram as características essenciais dos grandes jogadores.

Com 1,92 de altura, 76 quilos (quase dez quilos a menos do que seria normal para o seu biotipo) Sócrates não tem grande força física, mobilidade, para cumprir as exigências do futebol atual, principalmente aos jogadores que atuam no meio campo. Não tem o poder de combatividade, de destruição que hoje se exige. Só tem o poder da criação.

Esta é uma espécie em extinção no futebol brasileiro: o preciosista, o jogador que busca a perfeição nos seus movimentos, a beleza do lance bem elaborado, preciso. A filosofia do futebol competitivo, apenas competitivo, com os objetivos conquistados a qualquer custo, praticamente eliminou este tipo de jogador que dá arte ao futebol.

Mas a esperança de que ele ressurgirá está exatamente nesta nova tendência de o futebol brasileiro voltar às suas origens, ou então ser apenas mais ofensivo, mais livre, com maior criatividade.

Mas há outros inimigos para a carreira destes novos e brilhantes jogadores como Careca, Sócrates, Mendonça (Botafogo do Rio), Adílio (Flamengo), Renato e Zenon (Guarani) e tantos outros jogadores de fortes recursos técnicos que se destacaram nos últimos meses.

E o maior deles está na violência. Não a entrada dura e desleal de um zagueiro qualquer sem recursos, pois isso é muito velho no futebol. Mas a violência como arma tática.

Esse sim é um mal terrível que nivela o hábil ao medíocre. A obstrução (a mais comum e violenta das faltas atuais, pois leva o cotovelo do zagueiro ao rosto do atacante que vem em velocidade) é tratada quase que impunemente pelos árbitros brasileiros. Este, e tantos outros recursos da tática do "não-deixar-jogar" é que levam um infinito número de jogos a se tornarem espetáculos de baixo nível.

Não há lugar para o craque, para o

preciosista, dentro deste combate corporal. O que aconteceu com o centroavante Careca tão logo o Guarani conquistou o título de campeão brasileiro serve como exemplo.

Centroavante de 17 anos, inexperiente, mas bom físico, passou a enfrentar os desafios dos adversários que, para detê-lo nas suas avançadas, o atingiram sempre com muita violência. Assim, Careca, uma preciosa revelação para o nosso futebol, tão carente de fortes e bons jogadores para a posição, teve logo que ser afastado de uma dezena de jogos da sua equipe com os joelhos inchados.

É essa ameaça que os jogadores mais habilidosos têm que enfrentar. O mesmo perigo que praticamente encerrou com a carreira de Reinaldo, do Atlético Mineiro, uma genialidade que agora vive a incerteza de uma difícil recuperação. E isso aos 21 anos de idade.

Esse jogo viril, violento, muitas vezes desleal, é mais uma consequência da filosofia do futebol competitivo. Um jogador de meio campo, por exemplo, não é mais valorizado pela sua técnica, pelos seus belos lançamentos, pela elegante conduta ao comandar o jogo no setor. Ele é visto apenas pela capacidade de destruição, de combate.

Em nome desta agressividade, a violência tornou-se uma característica do nosso futebol. E ao jogador, não há escolha: ou se adapta a estas exigências ou não sobrevive na profissão.

É esse o panorama atual do futebol brasileiro. Um esporte ainda com recursos humanos para ser o maior do mundo, o dono da mais fina técnica. A nova safra de jogadores que desponta nos principais centros do país é uma prova disso. Resta, apenas, organizar um calendário menos ofensivo à capacidade física dos jogadores, menos político; e dentro do campo permitir a liberdade (tática e física) dos verdadeiros talentos.

UM LAMBE-LAMBE NOS QUARTIÉIS



Ayrton de Magalhães é um fotógrafo lambe-lambe, faz fotos de famílias em festa de aniversário, vai a prostíbulos registrar seus moradores, revela a angústia dos travestis quando estes fazem poses íntimas para mandar aos namorados. Vive disso, o Ayrton, documenta o cotidiano dos que fazem nossa época. Por isso foi a um quartel, retratar o soldado desconhecido, aqueles que compõem a base do poder brasileiro.

Até agora, a maioria das fotos onde aparecem soldados são de grupos desfilando ou de um sisudo rapazote parado numa guarita com um bruta trabuco na mão. Mas nem só de desfile e noites de vigília se resume a atividade das Forças Armadas. Por trás dos muros de um quartel se vêem cenas normais da vida dos habitantes de uma comunidade. Dentro dos limites de sua casa um gajo tem a permissão para certas descontrações, relaxa-se a postura usada em público. "Ô

Fotos de Ayrton de Magalhães

delícia”: tirar o sapato e deixar os amendoins ao ar livre, com o chulé tomando conta do ambiente. Enfiar o dedo no nariz até chegar ao cotovelo, limpar a cera do ouvido. “Tô na minha casa, ninguém pode reparar!”. Assim acontece com todas as pessoas, sejam elas moradoras do palácio de Buckingham, Vaticano, de Casa Verde ou de um quartel, todo mundo, se espalha. E Ayrton sabe que tais liberdades podem documentar melhor a vida das pessoas, o lugar onde dormem, como andam dentro da casa, a maneira usual de comer.

Para os que não fizeram o serviço militar, é um tanto difícil saber como a tropa se comporta em seu habitat. E Ayrton foi dado como inapto para a vida militar, ao invés de quartel, percorreu a América Latina fotografando seus índios, vivendo os mesmos problemas. Quando voltou, tinha um belo arquivo sobre os habitantes desse continente, mas pouco dinheiro para sobreviver. Um amigo lhe sugeriu que fosse fazer seu trabalho num quartel da Lapa, onde a corporação pretendia imortalizar os tempos de farda. Depois de conseguir a autorização do capitão, ele começou a fazer centenas de 12 x 18, pelas quais cobrava 30 cruzeiros. Dava para o sustento, 5.000 cruzeiros por mês e quantia dobrada em dias de festa, como o dia do soldado.

Seu primeiro trabalho foi uma pose do barbeiro do quartel, com quem trocou um corte ralo na juba que ostentava. A intenção da atitude tão tresloucada era chegar à



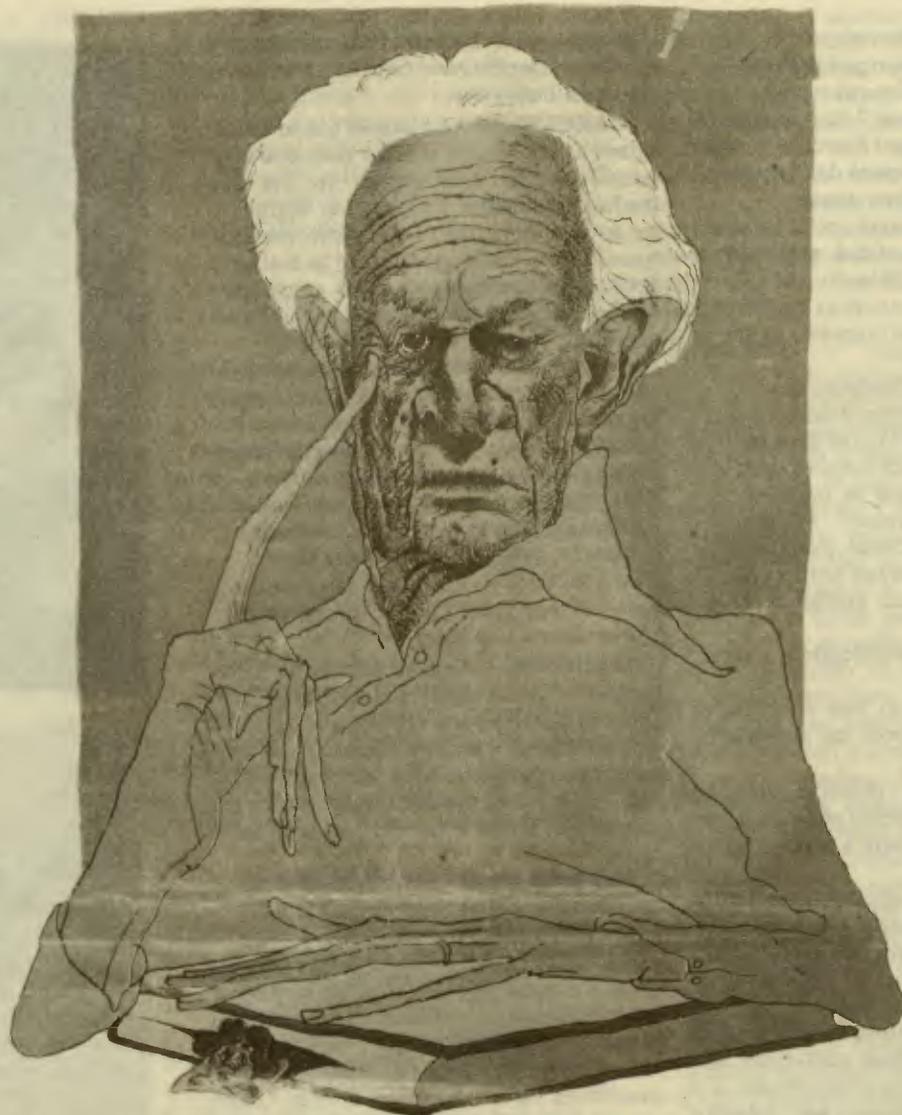
intimidade da tropa, era preciso ficar parecido com eles. Comia da mesma comida, contava e ouvia histórias, sabia dos "causos" de cada um. Tudo isso para fazer melhor o seu trabalho, como ele mesmo diz: "fazer uma foto não é apenas apertar o disparador, é preciso conviver com os personagens, entender sua linguagem sua vida".

O resultado de seu trabalho justifica essa filosofia, quantos fotógrafos terão tido a mesma idéia? Quantos terão podido apresentá-la? No entanto, a vida cotidiana do soldado pode ser um dos melhores parâmetros para pintar o quadro desse País. As poses de um cabo adquirem uma importância histórica: a farda justifica a grandeza de cada gesto.

Temos aí o material do Ayrton, lambe-lambe ambulante, um dos seus muitos trabalhos que merecem publicação. O Tema travestis tem 10 mil fotos, nove das quais publicadas num livro sobre o Primeiro Colóquio de Fotógrafos Latinoamericanos, no México. A Galeria e Editora "El Taller" fará em breve uma exposição de 70 fotos do tema e publicará um livro na Cidade do México. Também Hector Babenco contratou seus serviços para fazer um documentário e um filme de amor entre travestis. Outros lugares onde ele publicou foram: Revista Fotóptica, Íris, o jornal "Aqui São Paulo".

Osmar Freitas Jr.





Entrevista de Herbert Marcuse

A REVOLUÇÃO COMEÇA NA CÂMERA?



“O Woman’s Lib Movement é atualmente o movimento político mais importante e potencialmente o mais radical”. Assim dizia em 7 de março de 74 o agora setentão Herbert Marcuse, durante uma conferência no Centro de Pesquisa sobre Mulheres da Universidade de Stanford. Suas teses foram acolhidas com frieza pelo feminismo oficial, pois talvez as conclusões do velho filósofo não coincidiam plenamente com as hipóteses do confronto radical entre homens e mulheres então em voga.

Dizia Marcuse: “A liberação das mulheres será um processo doloroso, mas será um passo necessário e decisivo na trilha por uma sociedade melhor, seja para os homens ou seja para as mulheres”.

Pergunta — Professor Marcuse, o senhor sustenta que certas qualidades femininas estão passando por uma revisão de valores. Quais são estas qualidades?

MARCUSE — A passividade e a receptividade.

Pergunta — Mas isso não eram coisas desvalorizadas, sinônimos de submissão?

MARCUSE — Pelo contrário. Elas têm uma forte carga de protesto contra a agressividade do sistema, contra a produtividade destrutiva.

Pergunta — Não voltamos com isso a uma conotação tradicional, de ambivalência? Na literatura, nos sonhos, o feminino é sempre considerado uma promessa de felicidade, objeto de desejo, mas na realidade as mulheres foram discriminadas justamente por causa dessa qualidades sensuais, sejam elas reais ou pressupostas. E o dote feminino não continua a ser limitado a uma função de mediação para a mulher?

MARCUSE — Existe um meio para reunir qualquer coisa de melhor, alguma coisa que dê satisfação. Que há de mal nessa condição? É sempre a mesma história: vocês têm sempre que rir contra as raras tentativas de atribuir a essas qualidades um papel não mais secundário, coadjuvante, mas o papel primeiro libertador.

Pergunta — Mas esse papel positivo do feminino mantém uma separação entre razão e sensualidade.

MARCUSE — A contraposição entre razão e sensualidade é uma idéia histórico-social, e dentro disso está a exigência de uma profunda manifestação da sensualidade contra o predomínio da razão burguesa. A separação entre razão e sensualidade é historicamente condicionada: a solução não pode ser “sensualidade no lugar da razão” mas “reconciliação entre razão e sensualidade”. Isso não significa, porém, que todos os homens devam ficar irracionais e que as mulheres devam ficar mais racionais.

Pergunta — A imagem das mulheres que estamos falando tem sido até hoje uma projeção masculina.

MARCUSE — Admitamos que as coisas sejam assim; mas é preciso demonstrá-las concretamente. E é preciso ver em que medida tal imagem é repressiva, degradante, antifeminina. Não basta dizer que tudo quanto foi dito até agora sobre as mulheres foi através dos homens, e que consequentemente está errado. Isso é uma coisa genérica demais.

Pergunta — A imagem das mulheres foi definida, estabelecida, projetada pelos homens. É uma coisa tão antiga quanto a história. O feminino é parte de uma paisagem cultural criada e recriada pelos homens. A história do feminino, história sem história, história em negativo, deve ser estudada sob o aspecto desse seu caráter negativo.

MARCUSE — Eu quero falar claro de uma vez por todas: não é tão negativo...

Pergunta — O que?

MARCUSE — A projeção masculina das mulheres. Basta uma olhada à grande literatura e à arte para ver que a imagem da mulher não está sempre colocada sob uma estratégia de exclusão e de degradação. Não é de fato uma projeção masculina repressiva, e não é também uma imagem falsa.

Pergunta — Mas na História da Cultura, os filósofos e literatos não são a lei?

MARCUSE — Eu nunca disse isso. A nossa cultura não foi criada pelas mulheres porque o acesso a essa esfera de atividades era bloqueado às mulheres. Mas eu estou tentando entender porque você vai tão radicalmente contra a hipótese das qualidades específicas das mulheres. Quem as projetou, quem as definiu, não interessa. Conta pouco, no fundo. O que importa é a função histórico-social dessas qualidades. Eu reitero que essas imagens foram suficientemente saturadas de realidade para se tornarem, na sociedade patriarcal, o ponto de cristalização de um oposto potencialmente libertário de um projeto de liberdade. A imagem projetada pelos homens está voltada contra os seus artificios. Na grande-literatura, a mulher é essencialmente portadora de promessas de felicidade.

Pergunta — Felicidade para os homens!

MARCUSE — Felicidade também para as mulheres. Naturalmente falo da literatura, não da realidade. Vocês querem eliminar também essas promessas de felicidade. Mas deveriam demonstrar como as representações artísticas da mulher constituíram degradação ou falsificação dela. Deveriam demonstrar que Flaubert, literariamente, me parece, violentou Madame Bovary, ao excluir a violência. Não posso admitir que toda a arte e literatura “do macho” tenham traçado uma imagem falsificada e mistificadora da mulher. É verdade que na literatura a imagem da mulher foi criada pelos homens; mas essa



imagem se confronta com a realidade. Acusando-a revela a necessidade da liberação. Esses projetos do futuro masculino e feminino nascem agora, como sempre, no campo da imaginação masculina.

Pergunta — E as mulheres ficam de fora?

MARCUSE — Exatamente o contrário. Sem a politização da mulher, uma mudança qualitativa é inconcebível. Isso descende diretamente do meu conceito de qualidades femininas.

Pergunta — Bem, nós ficaremos ancorados eternamente numa diferença sem possibilidade de uma reconciliação.

MARCUSE — Agora você chegou a ponto de afirmar que existe uma diferença insuperável entre o homem e a mulher.

Pergunta — Não. Nenhuma diferença insuperável, mas uma diferença histórica muito profunda. O que é feminino, na verdade não existe, não tem a sua linguagem própria, nenhuma articulação histórica. Portanto, a projeção masculina concilia a sua utopia do feminino com as condições sociais que estão nas mesmas mãos masculinas. Essas conciliações, inspiradas no mito andrógino, são assimétricas e as mulheres estão ainda muito longe de perceber isso.

MARCUSE — Andrógino não significa que um homem venha a ser uma mulher ou a mulher um homem. O homem e a mulher realizam agora, na esfera da sociedade, aquelas qualidades que foram reprimidas no curso da história. Que foram construídas no silêncio e confinadas à esfera privada. Mas não podemos sensatamente perseguir esses conceitos e essas idéias, se pegarmos o homem e a mulher tais quais eles são hoje, e os combinar. A idéia de uma sociedade andrógina parte do pressuposto de homens e mulheres completamente diversos.

Pergunta — E isso não é UTOPIA?

MARCUSE — Eu preferiria falar de *idéia reguladora*. O termo utopia implica num abismo entre teoria e prática, um abismo que não pode ser ultrapassado. Essa *idéia reguladora* pretende uma sociedade diferente, e isso passa a ser um problema político.

Pergunta — A respeito disso, você disse que a sociedade patriarcal produz mecanismos que a farão explodir. E, naturalmente, essa idéia leva à imagem do feminino que contesta. Por exemplo, o quadro de Delacroix, onde uma mulher desfralda uma bandeira de revolução. Será isso uma alusão entre o feminino e a idéia reguladora de esperança política?

MARCUSE — As qualidades femininas acenam a um princípio de realidade que está em contraste com o princípio da realidade capitalista. Como pode nascer da

receptividade ou da sensibilidade qualquer coisa que rompa de modo radical com a estrutura social existente e a faça explodir? Repito pela enésima vez: o fator decisivo é o *Eros* nos acontecimentos cotidianos das pessoas. *Eros*, estando em contradição com o predomínio absoluto do princípio de lucro, constituiu-se numa força revolucionária, subversiva.

Pergunta — Tudo isso lembra a construção filosófica arquitetada por Hegel, na "fenomenologia do Espírito". Nela, se diz: a coletividade cria seu próprio inimigo interno, partindo do princípio que ela o oprime, e ao mesmo tempo lhe é essencial.

MARCUSE — No momento, não recordo essa passagem, mas acho que é essencialmente progressiva. Não quero parecer presunçoso, mas é exatamente o que eu queria dizer.

Pergunta — O senhor formou uma teoria articulada em 3 fases.

MARCUSE — Eu disse, e sou orgulhoso dessa formulação: uma teoria que nasce da emancipação da mulher vai à emancipação do homem até chegar a emancipação da sociedade no seu complexo. Isto é, em poucas palavras, o modo como vejo idealmente a situação, sua possibilidade histórica. O desenvolvimento da sociedade patriarcal chegou a um ponto que impõe destruição, deformação e desfrutamento repetidos e sempre renovados. Não se trata mais, apenas, de melhorar as condições internas do sistema de produção existente, ou substituí-lo por um novo, socialista (apesar disso perpetuar uma premissa de liberação). Mas ao contrário, de transformar radicalmente a subjetividade das relações humanas, seja para os homens, seja para as mulheres.

Pergunta — Como se apresentaria tudo isso?

MARCUSE — Isso é mais uma intuição. Nela a emancipação do homem aparece como uma consequência ou subproduto da emancipação da mulher talvez também com a premissa da emancipação da mulher. Nesse caso, a ela não deve ser concebida apenas no sentido de igualdade de direitos, mas antes de tudo como afirmação de novos valores, exigências, satisfações, que o homem, atualmente não pode satisfazer. Essas exigências, essas qualidades femininas, se opõem sempre ao sistema de produção existente. Na nossa sociedade, a erotização do sistema de trabalho, do sistema social em gêneros, é inimaginável. O movimento feminista se propôs ao ambicioso objetivo de ativar o conflito. A salvação do meio-ambiente, a liberdade nas relações, no modo de vida, e, acima de tudo, a supressão da produtividade destrutiva, são projetos emancipadores. E estão ligados às qualidades femininas formadas no curso da História da Civilização e que se tornaram uma segunda natureza.

Pergunta — Apesar das tradicionais promessas talhadas sob medida para mulheres, (liberação das obrigações de produção e de sucesso, melhoria de vida, etc.), elas têm agora um renascimento: não florescem mais nos limites dos idílios domésticos, mas estão destinadas a se tornarem qualidades públicas. O recurso a esse conjunto tradicional de conceitos deveria combater o mal-entendido que confunde sempre a igualdade com emancipação.

MARCUSE — Nessa argumentação existe uma coisa extremante perigosa: a consequência seria de fato que a igualdade de direitos, a equiparação para mulheres, não representaria o ideal. Chamei a atenção para o fato de que a mulher, se quer entrar em concorrência com os homens em todos os tipos de trabalhos e profissões, sem outras condições de vida, reproduzirá toda a agressividade e o contexto competitivo que a nossa sociedade prescreve exige e produz. A mulher era excluída do modo de produção não só da produção direta, mas em boa parte da produção cultural. Por isso tornou-se contra a sua vontade e segundo a construção social dos homens, a portadora das qualidades de resistência. Essas qualidades podem vir, sob o título de protesto espontâneo contra a agressividade, a crueldade e destruição do princípio de rendimento capitalista, (espontâneo significa aqui que a mulher é diferente do homem e reage diferentemente). A sua resistência é, portanto, uma resistência natural, que se tornou uma segunda natureza. Esta poderia ser uma definição, mas aqui nasce uma questão que me interessa muitíssimo: o que aconteceu de novo que mudasse o termo dessa definição? A mulher foi cada vez mais inserida no mundo da produção, simplesmente. Outra questão é o potencial de protesto que insurge, da discriminação das mulheres. Ele vai além do potencial de protesto geral? Se o objetivo da mulher consiste na completa pacificação com o homem, isto mudou qualitativamente alguma coisa na sociedade. E a situação piorou. As mulheres tiveram que sacrificar parte das suas qualidades ditas femininas, para impor a igualdade de direito, para atuar e poder garantir essa igualdade.

Pergunta — A equiparação com o homem pode ser o objetivo parcial do movimento feminista?

MARCUSE — Da problemática da igualdade de direitos não deriva naturalmente que o movimento feminista deva passar para segundo plano a igualdade de direitos, ou abandoná-la. Existe, evidentemente, qualquer coisa relacionada com isso. Se esta perspectiva mais profunda não é pensada até o início da luta pela igualdade de direitos, e não conserva a sua característica, brevemente alguma coisa não funcionará.

Pergunta — A experiência das mulheres na revolta de maio 68 mostrou que mesmo dentro do movimento que continha em suas bandeiras a emancipação feminina, elas eram designadas para cozinhar batatas e costurar bandeiras.

MARCUSE — Não é esse o ponto. Se as coisas estiverem assim como você descreveu, trata-se simplesmente de afirmar essas igualdades nessas associações e movimentos. Se os homens querem que as mulheres continuem a cozinhar batatas e a costurar bandeiras, elas têm que jogar na cara deles bandeiras e batatas.

Pergunta — Muitas mulheres abandonaram o movimento porque muitos homens, inclusive os de esquerda, não têm nenhuma vontade de fazer certas coisas, e querem que as mulheres continuem a fazê-las. Também o campo do sensitivo, do emotivo, do qual hoje aqui falamos como qualidades femininas, é apenas aparentemente o centro dos problemas. Até agora a mulher criou climas emotivos satisfatórios para o homem. Era o seu dever.

MARCUSE — Trata-se de um fenômeno assim tão unilateral? A mulher esteve sempre mais infeliz e humilhada que o homem? Acho inadmissível declarar que seja a mulher a única vítima da história mundial. Há um tempo eu disse voluntariamente, para provocar, que eu não via, nas ilustrações da revista Playboy, nada que pudesse ser definido, com motivo sólido de exploração. Falar de exploração, nestes casos, significa mascarar, diminuir, a situação real.

Pergunta — É, mas a Playboy inequivocamente apresenta o corpo da mulher só para satisfazer a exigência do homem, jogando-o no pasto da comercialização.

MARCUSE — É, eu só sei que de um ponto de vista histórico: nos encontramos diante de uma reviravolta decisiva. No tempo do capitalismo em ascensão, em pleno puritanismo, uma revista como Playboy seria impossível. Aquilo que agora se pode ver e comprar, aquilo que faz parte do mercado, é a caricatura de uma sensualidade cuja exigência poderia se tornar, um dia, uma coisa muito perigosa para o capitalismo.

Pergunta — Esses "voyers" representam uma falsa promessa de felicidade, sob a forma da "receita de felicidade comercialmente controlada", na qual evidentemente a sensualidade masculina se fia voluntariamente.

MARCUSE — Eu queria colocar a seguinte questão (para a qual eu não tenho nenhuma resposta): de que modo se pode imaginar o ingresso da energia erótica no processo do trabalho, de hoje em dia? A erotização do processo de produção tem, naturalmente, como premissa, uma sociedade livre. Tudo aquilo que podemos apresentar hoje, a esse propósito, são tentativas de criar as premissas dessa possibilidade. As exigências reais são exigências humanas e não masculinas ou femininas.



BATALHA DA ALEMANHA

O que você acha dos nus femininos nas capas das revistas?

Na Alemanha Ocidental, eles deflagaram uma guerra entre as feministas e a grande imprensa. O principal alvo foi — no começo deste ano — a revista Stern (dois milhões de tiragem), acusada de “ofensas a uma minoria nacional”, na Justiça, Esta capa havia sido cutucada pelo próprio diretor da revista, sendo substituída por ele a ter considerado de mau gosto. Numa passeata em Hamburgo, mulheres carregaram grandes desenhos do diretor, com a bunda de fora. Nannes, o diretor, contra-atacou. Como? Publicando a foto de uma atriz líder feminista, Margarethe von Trtotta, em que ela aparece copulando, no teto de um carro (num filme). Outra represália: a capa em que uma menina diz: “Preciso botar as fraldas logo, senão as tias (como são chamadas na Alemanha as feministas) protestam.”

Mas o que você pensa destas idéias do setentão Marcuse?

Mulheres brasileiras leram a entrevista de Marcuse, a pedido de Singular & Plural. Em síntese, eis o que elas pensam:



NORMA BENGUEL (atriz, cantora) "Não estou de acordo que a mulher deva ficar passiva, porque está passiva desde que nasceu, pela própria educação da família. E isso não é Revolução... O homem brasileiro é miserável; ele é a infra-estrutura do sistema, e a mulher a infra-estrutura da miséria."

THEREZINHA ZERBINI (presidente do Movimento Feminino pela Anistia) "Há em Marcuse um resíduo de tomar o masculino como medida das coisas e este é o princípio do machismo. Cabe à mulher, duas vezes oprimida, quer pelos efeitos da conjuntura, quer pelos efeitos do masculino, reivindicar a mudança. Marcuse diz que as mulheres tiveram que sacrificar suas ditas qualidades femininas para impor a igualdade de direitos. Não supunhamos Marcuse repetindo a literatura "Azul de Delly."

RUTH CARDOSO (antropóloga) "A inovação que Marcuse apresenta está na valorização do que estava desvalorizado, e na visão política que propõe onde o que é subalterno guarda a possibilidade de transformação."

No caso das mulheres controladas por um sistema que lhes impõe um segundo lugar, um papel complementar, o que

Marcuse ressalta é o caráter universal e revolucionário dos valores e das qualidades que só elas podem preservar e, justamente porque são marginais do sistema produtivo.

Esta visão rica e radical do papel que cabe às mulheres no mundo moderno exige uma reciclagem dos temas e enfoques correntes nos movimentos feministas (talvez até conviesse chamá-lo de feminino)."

CARMEN BARROSO (psicóloga, pesquisadora na área de Educação na Fundação Carlos Chagas) "O convite para fazer a revolução na cama é, para usar o termo ridículo apropriado, tentador. Tanto porque, se trata de meios revolucionários infinitamente mais agradáveis que as atividades políticas tradicionais porque apresentam uma ligação mais direta com os fins que se pretende atingir e neste ponto não há o que questionar mestre Marcuse: o predomínio do Eros está na vida cotidiana de todas as pessoas, a transformação radical da subjetividade e dos relacionamentos humanos devem ser os objetivos finais de uma revolução que se preze."

O problema naturalmente é como chegar lá. A história não registra nenhuma transformação qualitativa obtida com passividade, receptividade, e infelizmen-

te teremos no momento de enfrentar condições que nos são impostas e dar duro numa luta cujas regras não foram inventadas por nós."

OLGARIA CHAIM FÉRES MATOS (filósofa, professora, autora do livro "ROUSSEAU — Uma arqueologia de desigualdade) "A igualdade entre homens e mulheres pode ser conquistada no plano econômico e político, dentro do quadro do sistema capitalista. Mas a igualdade não é a liberdade: o enfraquecimento da base social da dominação masculina através da participação crescente das mulheres no sistema produtivo, não pôs um paradeiro à dominação praticada pela classe dominante e a situação da mulher piorou."

Marcuse diz que a esperança da felicidade que repousa na "feminilidade" não é mais uma maneira de preencher uma exigência masculina, pois não é verdade que a mulher tenha sido mais humilhada e ofendida que o homem. Tudo que transcende os valores da produtividade e os põem em questão, como os mitos da beleza feminina, da felicidade improdutiva que ela promete, podem se tornar explosivos se a caricatura do erotismo e sensualismo que o capitalismo oferece na forma de mercadoria erótica (revistas, publicidade) se

tornarem uma exigência real.

Portanto, Eros tem para Marcuse uma dimensão estética, e representa a reconciliação entre sensualidade e intelecto, tornados antagônicos pela civilização."

ENI MOREIRA (Presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia / Rio de Janeiro) "É importante que se ouça a opinião de um homem principalmente do nível do Marcuse sobre o problema da mulher. Mas acho muito difícil aplicar a teoria dele à mulher do Terceiro Mundo cuja problemática no meu entender transcende ao socialismo. O problema da mulher como está arraigado a um acultramento maior, vai transcender a um sistema ou a uma transposição de um sistema. Ele é o problema da sociedade patriarcal."

ITALA NANDI (atriz) "A impressão que tenho é que a emancipação da mulher deve vir com a necessidade de uma classe. É uma linguagem que ela deve aprofundar."

MARIA MORAES (socióloga, militante feminista, membro do conselho editorial do Jornal "Nós Mulheres") "Enquanto feministas considero a colocação de Marcuse confusa e atrasada. Isto porque assume acriticamente a ideologia dominante, quanto às vantagens da abnegação, renúncia, passividade e outras características ditas femininas. Por não tocar na questão de fundo, ou seja, a opressão da mulher ao longo da história da humanidade. E também por fazer a apologia da situação do dominado como melhor que a do dominador (como se para as feministas o problema fosse inverter o papel simplesmente...)

Estamos de acordo com a importância da tarefa de acabar com o sistema de produção baseado "na agressividade e no princípio do rendimento", pois ela é condição *sine qua non* para a humanidade sair da pré-história em que vive atualmente. O problema é saber se chegaremos lá defendendo a exclusão da mulher do sistema de produção e cultivando simplesmente a passividade e receptividade."

ALDINNE MULLER (atriz) "Sou uma pessoa neutra a respeito do feminismo."



NOSSA ÉPOCA

"Chamei de meu gosto o que vi de mau gosto, o mau gosto, é que Narciso acha feio o que não é espelho."

Caetano Veloso

por Edimilton Lampião

Agora já em seu rápido caminhar rumo ao nada, a sociedade xarope contemporânea ri das suas próprias chagas. Lembra um cachorro a lamber as próprias feridas, como se de sua saliva exalasse algum milagroso antídoto contra o cancro irreversível. Mesmo assim, a luxúria deste chiqueiro de porcos é atraente. Tudo se metropoliza. O sonho da universalidade faz o campesino acreditar nos arranha-céus e o homem urbano cair na ilusão de que o Paraíso será o próximo week-end.

Toda metrópole é um sonho, fruto de delírios do porvir, seja ela São Paulo ou a tímida Brasília. Moro a poucos passos da velha árvore das Lágrimas, aqui em São Paulo, lá pelos lados do Sacomã, no histórico bairro do Ipiranga. Passo todos os dias por ela e cumprimento o que restou de seus galhos e tronco, hoje sustentado por um pilar de cimento, espécie de muleta que a cidade lhe emprestou para que ela, árvore das Lágrimas, contemple de pé o fracasso — diríamos sucesso? — dos projetos de José de Anchieta. Dali, daquela árvore, partiam as bandeiras, outro delírio, outro massacre, outro grande equívoco contemporâneo que só o sangue e a dor da alma hão de resgatar.

O manipular prematuro de certos mistérios da matéria fez o Homem transformar a tecnologia num brinquedo divertido, inesgotável e, o que é bem pior, insaciável. Mergulhados numa civilização que se desinteressou pela alma humana, vamos assistir nesta virada de século o quanto é simples e rápido o retorno às cavernas, aos ruídos guturais e, para alegria dos monges, a volta ao silêncio milenar.

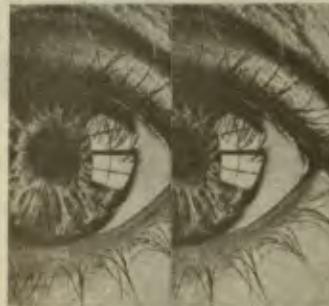
O ensino — do primário ao superior — perdeu o sentido a partir do momento em que todo o utilitarismo chantagista entrou em cena para fazer das inteligências verdadeiras batedeiras elétricas. As drogas e os delírios. Milhões de bêbados por esta Chicago Tropical cigarros que se acendem ao sabor e impulso da propaganda. Por que o álcool e o tabaco careta interessam aos "donos" do "poder"? A corrupção e a mentira, a marcha das utopias, a miséria social, a castração ideológica, o fechamento em círculos, o lento observar da Fraternidade Branca.

Um novo sistema nervoso há de irrigar as colunas vertebrais destruindo o "sonho feliz de cidade" em troca de um sonho feliz de cidadão. Pensamentos loucos atravessam a crosta terrestre, ideais de civilização em choque, há um dique prestes a explodir. O sonho encrespou. Deus está torto, (p) irado, quiçá conosco. É fácil saber de onde vem a luz da Light, mas não é nada simples compreender de onde vem a luz dos olhos. Quem se aliena das estrelas não vê miséria no asfalto.

Vale recordar: Idi Amim é a antítese de Vinde Ati.

Seção PARANÓIA

por Osmar Freitas Jr.



De uns tempos para cá, o que tem dado de esquisitos nesses rincões auri-verdes, não está no almanaque. Tem esquisito de todos os tipos, uns andam pela aí, geralmente no centro da cidade, falando sozinho, dando tiro em poste, mascando a dentadura feito chiclete, mordendo rabo de cachorro e fugindo da sombra. Os esquisitos medrosos, então são incontáveis, medo de ladrão, medo de polícia, medo de andar de carro, de andar a pé, enfim, medo de tudo. Também pudera, a biaba andou (e continua) comendo solta nos costados da turma dos prejudicados, e o pessoal ficou pinel, acuado: paranóico.

Já que em muitas revistas existe o famoso consultório sentimental resolvemos fazer na nossa, o consultório dos esquisitos. Mande para nós a sua neura, cagaço, paranóia, tem um monte de gente querendo morrer de rir com ela. Sigam estes corajosos:

Luiz Inácio, frequentador do Bar e Restaurante Riviera, em São Paulo, tem terrível pavor de que o famoso Zé, garçon daquele estabelecimento, surja certa manhã, em sua casa e lhe acorde com um beijo na boca:

Cláudio Willer, um dos colaboradores dessa revista, tem ojeriza de uma música disquete, que repete insistentemente em sua letra a frase:

"Eu adoro a música disquete, não posso viver sem ela". O pobre Willer acha que, com essa lavagem cerebral, um dia vai se surpreender rebolando as cadeiras numa disquete qualquer.

Já o caturista Jota, tem medo que lhe cortem a mão. Oras, meu caro, Jotinha, mire-se no exemplo do Aleijadinho.

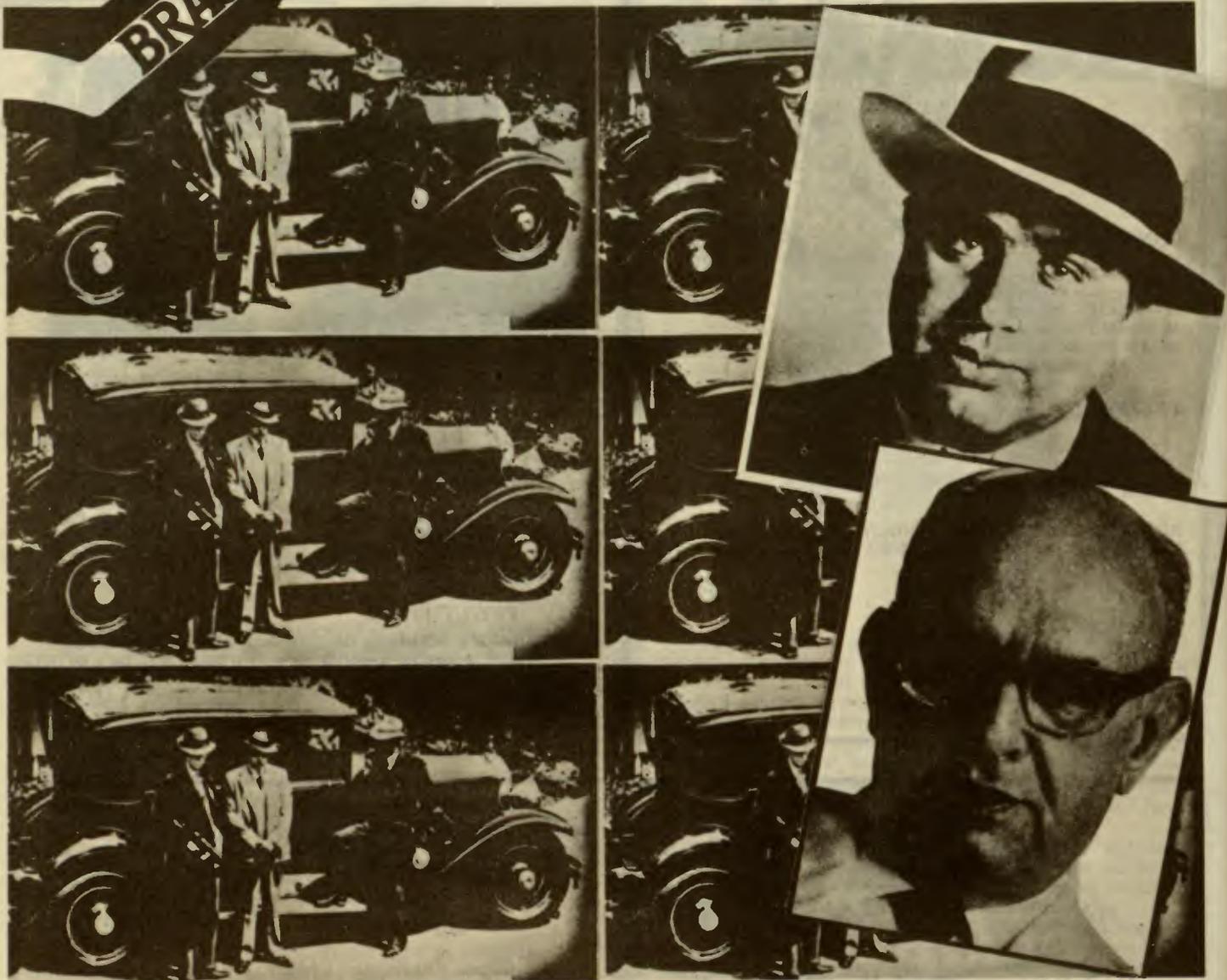
Um sargento da PM, que não quis ver seu nome revelado, diz que está para se aposentar. Imaginem se ele comete alguma gafe e o pessoalzinho da pesada resolve expulsá-lo da corporação. Está aí a sua (dele) maior angústia.

Moacir Amâncio, outro cara aqui da revista, tem medo de que as eleições no Brasil se tornem comuns e por isso a gente tenha de aguentar sempre a propaganda eleitoral com a Lei Falcão. O coitado está desesperado.

As paranóias de telefone e cartas censuradas, ser preso, tomar um tiro sem merecê-lo, levar borrachada nas costas (ou cabeça), ser atropelado por um brucutu, e coisas afins, não serão computadas, pois são bem pouco originais.

Hélio Fernandes

BRASIL



CHAGAS FREITAS: CHICAGO 1932



Em 1932 Chagas Freitas já era nascido, na verdade tinha 20 anos. Mas para sorte de Al Capone e dos outros que dominaram aquela época terrível da vida americana, ele não nasceu nos Estados Unidos, nunca morou em Chicago e na verdade raras vezes saiu do Rio ou do Brasil. Pois se tivesse nascido lá, Al Capone estaria perdido, pois perto de Chagas Freitas, Al Capone, seria um homem de escrúpulos, de princípios e de convicções e seria facilmente anulado e vencido pelo "nosso" terrível e inacreditável Chagas Freitas.

Chagas Freitas sempre traçou o próprio destino. Tudo nele é planejado, medido, traçado, nada fica ao acaso. O exemplo mais importante disso, é que ele começou a sua carreira pela Justiça, se fez Promotor. Assim, na pior das hipóteses, ele já estaria do lado de lá da Justiça, quando houvesse uma devassa geral ele não seria devassado e sim um dos devassadores. Tudo cuidado, certinho, perfeito. Se fez Promotor mas quase não exerceu o cargo, pois tinha outros planos e outras ambições. Promotor era uma espécie de biombo para uma eventualidade, um título, um cargo e um cartão de visitas, para quando precisasse disso. A carreira, outra coisa inteiramente diferente. Fez-se Promotor e começou a carreira, duas coisas distintas e completamente diferentes.



Chagas Freitas jamais se destacou em coisa alguma. Nem pela inteligência, nem pelo talento, nem por qualquer coisa especial que o fizesse notado ou que o destacasse dos demais. Estudante numa época tumultuada, quando alunos e professores se destacavam igualmente, participavam, disputavam intensamente para ver quem era mais atento e mais participante, Chagas Freitas jamais participou de coisa alguma. E olhe que ele foi de uma turma que deu Carlos Lacerda, Evandro Lins e Silva e Miguel Lins, e tinha professores que se chamavam Leônidas de Resende, Castro Rabello e Hermes Lima. Mesmo assim, Chagas Freitas não participava.



No seu depoimento tão pessimamente publicado e depois melhorado um pouco na edição em livro, Carlos Lacerda dizia sobre Chagas Freitas: "Naquele tempo nos reuníamos com os professores, quase todo dia ficávamos até de madrugada discutindo tudo. Havia um aluno que não abria a boca, não dizia nada, bebia um copo de cerveja e ficava logo de porre. Se chamava Chagas Freitas". Esse era o Chagas Freitas estudante.



Mas Chagas Freitas é tão único, tem uma tal couraça de irresponsabilidade, que nada o atinge. Pouco tempo depois, sendo entrevistado por um jornal, comentou alegremente: "O Carlos Lacerda me citou no seu depoimento, me lembro muito bem dele". Ora, Carlos Lacerda não citou Chagas Freitas, apenas relembrou os porres diários de Chagas Freitas, somente com um copo de cerveja. Numa época em que se participava de tudo (eu deveria ter 10 anos), a participação de Chagas Freitas se limitava a um copo de cerveja, a um porre, e mais nada.



Nunca participou de nenhum Diretório, jamais foi chamado para coisa alguma, formou-se em Direito por simples gravitação, e ei-lo Promotor. A única coisa que deixou marcada para sempre foi o terno branco. Sempre usou terno branco, desde que era mocinho usava terno branco, até hoje usa terno branco. Tudo comprado com muita dificuldade, pois foi pobre até muito pouco tempo atrás, ou melhor, sua sorte começa a mudar em 1956, quando Ademar de Barros foi condenado pelo desvio da urna marajoara, fugiu para o Paraguai, e Chagas Freitas então começou a se apossar do patrimônio jornalístico do ex-governador de São Paulo, mas como sempre, fazendo as coisas regularmente determinadamente, rigorosamente de acordo com a Lei. Para isso ele estudara Leis e se fizera Promotor.



Chagas Freitas é um tipo humano curioso. Sem escrúpulos, sem princípios, sem convicções, sem ideologia, sem cultura, sem inteligência (não se confunda, como é comum, inteligência com esper-teza), foi difícil abrir seu caminho. E além do mais ele era muito tímido, coisa que ainda continua sendo. A humanidade tem desses componentes misteriosos numa mesma personalidade: tímido e cínico. Muita gente duvida que alguém possa ser ao mesmo

tempo tímido e cínico. Pois Chagas Freitas é o melhor exemplo disso. É espantosamente cínico, inacreditavelmente tímido. Com todas essas desvantagens, Chagas Freitas deveria começar como começou: repórter de turfe num jornal desses que surgem e desaparecem, desaparecem e surgem outra vez, já com outro nome, sem jamais marcar a sua trajetória. E lá se vai Chagas Freitas começando no jornalismo sem saber escrever, como começara na Promotoria sem saber Direito, como depois se faria político e parlamentar sem ser orador e sem sequer saber falar em público e "Governador", (com aspas), sem saber nem de longe o que era administrar. É uma carreira que começa pela negativa, se firma pela negativa e se afirma e se consolida pela negativa. Pois na verdade, no início Chagas Freitas não tinha nem forma de ser ambicioso, sua ambição estava soterrada pela sua colossal incapacidade para qualquer coisa. Mas começando pelo jornalismo, pelo menos já estava no trampolim, e daí pular para a piscina não foi muito difícil. No início a piscina não tinha muita água e Chagas Freitas se deu mal. Mas ele sempre arranjava jeito de contornar as coisas, era tímido, mas tinha uma fantástica capacidade de embutir essa timidez num sorriso que se não era de Mona Lisa, também não era de King Kong.



Jornalista de turfe, Chagas Freitas não podia dizer que escrevesse. Prudente de Moraes Neto, que criou seu pseudônimo de Pedro Dantas precisamente para escrever sobre turfe (o que irritava terrivelmente o poeta Augusto Frederico Schimit que dizia sempre, "continua escrevendo sobre turfe quando já deveria ser Ministro do Supremo"), escrevia realmente e escrevia diariamente sobre corrida de cavalos. Que ele adorava. Mas Chagas Freitas não. Ele ia buscar os resultados, os vencedores, os tempos, o jornal já tinha o espaço pré-fixado, todo sábado e domingo era a mesma coisa, não precisava nenhum esforço.



Até que um dia precisaram de alguém para entrevistar Ademar de Barros, que iria passar pelo aeroporto do Rio, e lá se foi Chagas Freitas, tremendo de medo. Se aproximou de Ademar de Barros apavorado, mas como a matéria atrai a matéria, e Ademar de Barros era realmente um bom sujeito, principalmente quando se tratava de jornalistas, a verdade é que o medo de Chagas Freitas se dissipou instantaneamente, ficaram fraternos num instante e em menos de 15 dias Chagas Freitas já estava trabalhando num jornal que Ademar de Barros tinha comprado, e era um dos mais antigos do Rio: *A Notícia*. O medo se desvaneceu completamente, Chagas Freitas era o tipo calado e subserviente que

NACIONAL

Ademar de Barros adorava, um não fazia perguntas, o outro não gostava (nem podia responder nada, era inevitável: ficaram amigos. Começa aí, exatamente, o aprendizado político de Chagas Freitas. Seu grande mestre foi Ademar de Barros, a quem svidente, ele passaria para trás na primeira oportunidade. Mas a oportunidade ainda não era chegada, e Chagas Freitas foi alimentando a vaidade de Ademar e o seu próprio círculo de relações, não de amizades, e a experiência, que depois ampliaria consideravelmente. Não se é Chagas Freitas por acaso. Não se convive com Ademar de Barros impunemente. Não se faz carreira que Chagas Freitas fez, ao lado de Ademar de Barros e depois contra ele, sem ter a vocação adequada, a formação apropriada, a falta de convicção determinada.



Ademar de Barros sempre foi um ingênuo. Assim como parece disparatado dizer que Chagas Freitas é um tímido, parece despropositado afirmar que Ademar de Barros era um ingênuo. Mas era. As duas afirmações estavam e estão certas. A ingenuidade de Ademar de Barros era mais forte que a timidez de Chagas Freitas, em determinado momento este deu o seu aprendizado por concluído, ficou esperando apenas a oportunidade. Esta surgiu em 1956, quando Ademar de Barros fugiu para o Paraguai. O jornal ficou então com Chagas Freitas, que já possuía muitas ações do jornal. Algumas foram dadas pelo próprio Ademar de Barros, outras foram compradas sorrateiramente (em relação a Chagas Freitas, sorrateiramente é pleonasm, pois ele não faz nada que não seja sorrateiramente, mesmo quando ele cumprimenta alguém, cumprimenta olhando para os lados, em Chagas Freitas, até o ato de existir é sorrateiro), sem que nem Ademar de Barros se desse conta disso.



Fugido Ademar de Barros, o ansioso Chagas Freitas começou logo o seu plano de se tornar dono do jornal. Ele vinha se contorcendo em ânsias por causa disso, morrendo de frustração a cada dia, superando suas decepções com as injeções de esperança que aplicava em si mesmo diariamente. Até que a oportunidade surgiu do dia para a noite, não digo "milagrosamente", pois seria uma heresia. Com a Lei numa das mãos, a traição no coração e a falta de escrúpulos e de princípios dominando todo o resto, Chagas Freitas foi fazendo sistemáticos aumentos de capitais em *A Notícia*. Como o sócio principal e majoritário estava fugido, como a família vivia em São Paulo, quase nem se soube dessa ação de Chagas Freitas. E a cada aumento de capital, como o principal acionista, não podia subscrever a sua parte

no capital, ia crescendo a parte de Chagas Freitas e sendo "aguada" a parte de Ademar de Barros. Quase 2 anos depois, Ademar de Barros é absolvido, volta ao Brasil, e nem pode entrar no seu jornal, que evidentemente não era mais seu. Sua parte era minimíssima o marojitário se transformara num acionista quase inexistente, e a única coisa que pode fazer foi entrar com uma ação na Justiça. Mas justiça (em minúscula) era o forte de Chagas Freitas, e Ademar nem sabia que estava começando uma batalha terrivelmente desigual. E morreu sem saber disso e sem reaver o jornal que era seu.



A batalha judicial durou anos, e enquanto Ademar de Barros travava apenas mais uma batalha, Chagas Freitas jogava ali toda a sua vida. E com uma vantagem: ele conhecia a Justiça por dentro, tinha tudo planejado, e fazia a própria defesa. Assim não foi difícil para Chagas Freitas dilatar prazos, achatar o tempo, aumentar citações, fazer o que lhe conviesse. Até algum tempo atrás, a ação ainda durava, mas já estava perdida desde o início. No início de 1976, mandei perguntar a Ademar de Barros Filho se perderia o último prazo, e ele ficou em pânico. Mas o que fazer se Chagas Freitas já era um dos protegidos do sistema, e ele, além de lutar em todas as frentes, ainda tinha que lutar contra a herança do nome?



E o processo acabou mesmo, foi arquivado como indigno embora tivesse pai milionário. Mas aí concordo com Ademar de Barros Filho: a luta era desigual, Chagas Freitas havia se preparado longamente para essa batalha, o que fazer senão jogar a toalha, ser vencido de uma forma mais simples em vez de ser arrasado impiedosamente? E lá se foi Chagas Freitas, dono de jornal, aventureiro político, à cata de uma nova caminhada. A caminhada política. Essa também não foi fácil, nada é fácil para um homem sem amigos, sem admiradores, cheio de ódio, dominado pelos rancores, tendo que se cercar sempre de bajuladores e subservientes, pois fora isso que aprendera com o mestre que depois traira. Candidatou-se a primeira vez, foi derrotado, mas compreendeu como ninguém o mecanismo do voto. E hoje, no mundo todo, não existe ninguém que conheça melhor o mecanismo do voto do que Chagas Freitas. Ele conhece o voto desde que sai da mão do eleitor, até que seja apurado nas urnas que são misteriosas para todo mundo menos para ele. Chagas Freitas não se descuida do mecanismo do voto em nenhuma das suas fases. Foi derrotado a primeira vez. Mas jurou que não seria derrotado nunca mais. E não foi mesmo.



Foi fazendo várias carreiras paralelas. E enriquecendo com todas. Não marcava a sua trajetória em nenhuma delas, não se destacou no Direito, não chegou sequer a ser jornalista embora seja dono de jornal, foi parlamentar apagado, foi candidato que fazia questão de não aparecer na televisão mas mesmo assim surgia com 150 mil votos, governador ele foi por obra e graça do voto indireto, pois pela eleição direta ele sabia que jamais alcançaria essa posição tão destacada. E conseguiu uma coisa inédita: tendo enriquecido da forma que enriqueceu, tendo feito as maiores barbaridades que alguém pode ter cometido, numa revolução dita moralizadora, ele foi escolhido para "governador" e passados 4 anos deve voltar ao mesmo cargo no dia 15 de março. Isso é inacreditável mas rigorosamente verdadeiro.



Como "governador" fez coisas de que até Deus duvida. Aumentou gabaritos para si e para os amigos, foi comprando propriedade e mais propriedades, a ponto de sua declaração de bens, hoje, espantar os mais empedernidos crentes no poder de honestidade da humanidade. Só num dia, em setembro, do ano passado, ele comprou 32 imóveis. Num dia só. E nos outros? Mas com tudo isso, ou até por causa disso, Chagas Freitas é um homem infeliz, inquieto, perturbado. Comprou um palacete no Sacopã, comprou uma casa ao lado para instalar a sua guarda de segurança, nunca sai sozinho, tem medo de tudo. Não atende telefone em casa, não dá telefonemas para fora, anda com os bolsos sempre cheio de fichas para telefones públicos. Sai de casa às 2 da manhã para falar numa bomba de gasolina, nunca soube o que é felicidade, o que é alegria, jamais pronunciou a palavra amor, não sabe o que é amizade, só tem interesses, só vê interesses, não existe nada que não faça ou deixe de fazer por interesses.



Hoje, é uma das grandes fortunas do Rio e do Brasil. O número dos seus imóveis cresce espantosamente, ele não sabe nem o que tem. Mas ele sabe de uma coisa, que lhe dói fundo no coração: nunca ninguém o chamou de amigo, nunca ninguém o reconheceu carinhosamente na rua dizendo "olha o Chagas Freitas", seu jornal é terminantemente proibido de entrar na sua própria casa. São jornais de sangue, são usinas geradoras de riqueza e poder político, mas não podem sequer ser mencionados em conversas na sua casa. É um homem terrivelmente infeliz, mas uma coisa ele não nega nem contesta: seu caminho e seu roteiro na vida foram escolhidos por ele mesmo. Isso é inegável.

HÉLIO FERNANDES, RÉU SEM CRIME



O que é ser jornalista de oposição no Brasil?

Ser jornalista de oposição no Brasil é ter que sofrer todas as perseguições, pressões, conhecer prisões, exílios, discriminações e ameaças. E isto não é novo, não é de agora que o jornalista brasileiro que escolhe a oposição como seu campo de luta, sofre estas discriminações.

A imprensa no Brasil, a imprensa de oposição no Brasil, nasceu sob o signo maldito. Hipólito José da Costa tinha que escrever seu Correio Brasiliense na Inglaterra, já que a Coroa Portuguesa não deixava que a imprensa brasileira existisse, mesmo depois da independência, a perseguição e discriminação continuou. Cipriano José Barata, este grande e corajoso jornalista que a história esqueceu, com as suas "sentinelas" combateu sempre as arbitrariedades do Império e depois de ter conhecido quase todas as suas prisões, de ter sido preso mesmo quanto tinha mandato parlamentar (Barata foi deputado na Constituinte de 1823), Cipriano José Barata foi condenado já com mais de setenta anos à prisão perpétua.

Este sempre foi o clima da imprensa no Brasil, com altos e baixos, logicamente, mas perseguição ao jornalista foi sempre o dominante. E é neste clima que Hélio Fernandes é indiciado na Lei de Segurança Nacional, evidentemente mais uma brutalidade do sistema, mais uma demonstração que a abertura é um engodo, que a liberdade que querem nos dar é tutelada. A

Lei de Segurança Nacional foi criada para julgar crimes contra a segurança da Nação, não para julgar jornalistas que denunciavam a corrupção, a tortura e a miséria do povo.

Para se julgar um jornalista, existe uma lei específica, a Lei de Imprensa, mas no Brasil as leis são letras mortas, o que vale é a vontade dos poderosos e a prepotência do presidente, e poucos foram tão prepotentes como este que está aí. O presidente Geisel se julga inatacável, e isto está evidente em cada gesto seu, em cada palavra, em cada ação.

A sua ordem de mandar enquadrar Hélio Fernandes na Lei de Segurança, apesar de saber da existência da Lei de Imprensa, é bem característica desta prepotência desmedida, que transpira por todos os seus poros.

1) O presidente Geisel não gosta da Lei de Imprensa, acha que ela é muito lenta, que suas penas são muito brandas;

2) Geisel está decidido a transformar o processo de Hélio Fernandes em uma lição. Com isso quer mostrar que quem ultrapassar o limite da crítica "construtiva" será punido com rigor;

3) O Presidente tomou as críticas que Hélio fez ao Governo, como ofensas pessoais e tomou as dores de seus Ministros.

Posto isso, é mister perguntar: Quais são as chances que Hélio Fernandes tem neste processo?

Isto pode ser respondido da seguinte maneira: Hélio tem interesse, agora que não há como se livrar do processo, de capitalizar em cima dele o máximo possível, as testemunhas da defesa que serão convocadas são testemunhas bombas, que desarmarão qualquer esquema de ataque montado pelo Governo. Outra vantagem a seu favor é, por incrível que pareça, a própria Lei de Segurança Nacional. Sim, porque o Superior Tribunal Militar, que por sinal está tomando ótimas posições, já fixou jurisprudência com a absolvição de Lourenço Diaféria e Renato Tapajós, jornalistas também indiciados na Lei de Segurança.

Com isso resta saber como julgará a auditoria, que é sempre incógnita, já que o Conselho que muda de seis em seis meses não tem tempo de fixar jurisprudência.

De qualquer maneira, uma coisa é certa: esta é mais uma violência que se comete contra a liberdade de imprensa e enquanto violências como esta continuarem a acontecer não podemos dizer que temos imprensa livre, pois sempre a espada de Demócles estará pairando sobre nossas cabeças.

Hélio Fernandes Filho

**FINALMENTE DISCO
É CULTURA! DISCOS
MARCUS PEREIRA**

**Anuncia o lançamento
do 3.º disco do**

**QUINTETO
ARMORIAL**



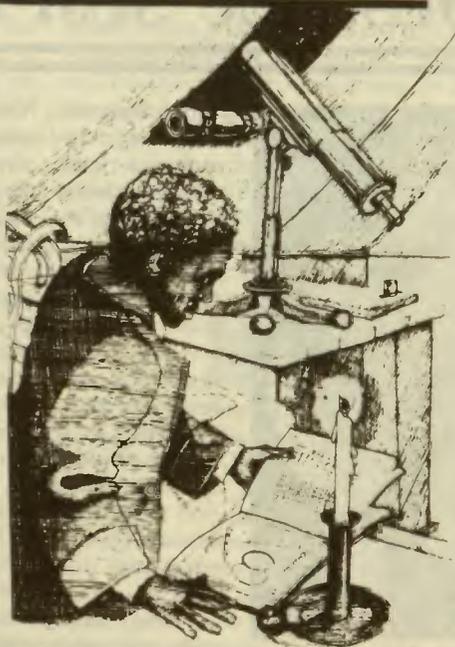
Café Paris

*o seu encontro com
gente, café e livros*

*Rua Waldemar Ferreira
nº 149 - butantã - S.P*



Luis Fernando Veríssimo



FUTUROLOGIA

Não se deve confundir futurologia com profecia. Não há nenhum mistério na futurologia. Já a profecia é mística e imprecisa. Ficou desmoralizada com a escolha do último papa, que — segundo os profetas — seria de uma terra de muito sol. Na Polônia, como se sabe o sol aparece três vezes por ano. E sempre numa segunda-feira, quando a turma já voltou do passeio. A futurologia, ao contrário, é uma ciência. Mas, como um computador, precisa ser alimentada de dados corretos para funcionar. Um famoso futurólogo americano esteve no Rio durante o carnaval, viu as escolas de samba desfilando e voltou para a sua terra convencido de que o regime não resistiria a mais uma manifestação a favor da monarquia como aquela e que a república e tinha os seus dias contados no Brasil. Interpretação certa, dados incompletos.

Na ciência da futurologia, basta examinar as tendências de um determinado setor, calcular as variáveis que agirão sobre elas e projetar o seu desenvolvimento lógico. A possibilidade de erro é mínima. Apenas por uma precaução, nenhum futurólogo faz previsões para antes de cinquenta anos. Prevendo, cientificamente, que se tudo der errado ele não estará mais aqui para dar explicações. Com os dados que temos à mão, podemos ter uma idéia bastante clara de como será o Brasil no ano 2028 nos diversos setores da sociedade.

CULTURA — Será um monopólio da Rede Globo, que em 1978 terá crescido tanto que ocupará toda a cidade do Rio de Janeiro, substituindo o prefeito por um supervisor Administrativo, a polícia por sua segurança interna e o departamento de obras da prefeitura pelo seu departamento

de cenários e adereços. Toda a população receberá cachê para aparecer nas novelas. **ESPORTE** — A grande crise do futebol brasileiro virá na década de 90. Com 1.700 clubes na competição, o campeonato de 1992 ainda estará pela metade em 1996, apesar dos jogos todos os dias menos aos domingos. Para prevenir contra a violência, os jogadores entrarão em campo protegidos dos pés a cabeça e não conseguirão se mexer, limitando-se a trocar insultos no grande círculo. Todos os jogos terminarão em zero a zero, o que só servirá para encompridar o campeonato.

ECONOMIA — A concentração da renda continuará a tal ponto que, em 2004 toda a renda do país estará concentrada numa única pessoa. Uma viúva excêntrica em São Paulo que se recusará a dizer onde guardou o dinheiro, depois de muita discussão concordará em dar uma mesada para o governo, contanto que ele não gaste em bobagem.

POLÍTICA — Cada presidente, sucessivamente, a partir do general Figueiredo, aumentará em um ano o mandato do seu substituto. O general-presidente em 2028 estará no poder há oito anos com mais três pela frente. Dará uma entrevista coletiva e defenderá o regime, dizendo que não é verdade que só generais podem ser presidentes.

— Há muitos coroneis em condição de ocuparem o cargo. Desde que sejam promovidos, claro.

— Presidente, desde 1978 o governo vem prometendo uma abertura política, e até agora... Fazem 50 anos!

— Perai. O governo disse claramente que a abertura ia ser lenta e gradual...

A frase é de Severo Gomes, industrial, ex-ministro, que diz a S & P: “Os radicais de direita levaram o movimento de 64 à contra-revolução.

Mas eu sempre quis um Brasil totalmente democrático”. (Depoimento a Florestan Fernandes Júnior.)

“O FUNDAMENTAL É A DEMOCRACIA”



Hoje eu faço parte da oposição, mas isso não quer dizer que no passado estava na situação. Em 1964 minha idéia, como a do presidente Castelo Branco, era a de manter as instituições e levar o país rapidamente a uma volta à democracia. Acontece que dentro do grupo que tomou o poder, haviam radicais de direita, que acabaram levando o movimento a uma contra-revolução.

A afirmação do ex-ministro da Agricultura e ex-ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, mostra os problemas e a trajetória que ele percorreu em sua vida pública. E ilustra como um setor do empresariado brasileiro está reagindo em relação a grupos de direita que tentam radicalizar o processo político.

Severo Gomes lidera um pequeno grupo de empresários que toma consciência da importância de um sistema político mais aberto e democrático. Ele respondeu à *Singular & Plural* a algumas questões relativas às perspectivas políticas e econômicas do país.

S&P Para onde vai o Brasil na conjuntura atual?

R — O fundamental para a mudança que permita verdadeiramente a democratização do país já está ocorrendo: É a rearticulação das forças nas áreas, políticas, social e militar, pela consciência cada dia mais nítida de que o regime autoritário concentrou a renda, dividiu o País,

permitiu a desnacionalização da economia e o agravamento da dependência.

SP O regime militar está em crise? Por quê?

R — A crise do regime está também dentro das próprias Forças Armadas, onde as lideranças mais esclarecidas não se conformam mais em serem gerentes de um regime que conduz à injustiça social e ao enfraquecimento do poder nacional.

SP Quais as saídas para a crise econômica?

R — Pode haver muitos caminhos, mas uma única direção, pois só a mobilização nacional poderá assegurar-nos a autonomia nas decisões. A mobilização pressupõe, no entanto, profundas mudanças na estrutura social, as quais são sempre combatidas pelos pequenos grupos, comissários do interesse estrangeiro no Brasil.

SP Pode-se falar também em crise da oposição?

R — Deve-se falar em crise na oposição para que a opinião pública possa ser esclarecida sobre a autenticidade das lideranças.

SP Quais as novas forças políticas que estão surgindo atualmente no país?

R — O sindicalismo independente e as igrejas, principalmente.

SP Qual o papel do empresariado nas mudanças (políticas e econômicas) atuais?

R — Os empresários vão crescentemente tomando consciência de que a economia de mercado só poderá durar com o reconhecimento e a legalização dos conflitos de classe e, que só a democracia permite a convivência dinâmica de interesses permanentemente em atrito ao lado dos objetivos comuns que emergem na construção de um projeto nacional.

SP As reformas políticas do presidente Geisel são o início da democracia como anuncia o general Figueiredo?

R — As reformas estão maculadas pela permanência do arbítrio, pela lei Falcão, pelo Pacote de Abril, pela lei que proíbe a greve, pelo projeto de lei de Segurança Nacional, e etc.

O gradualismo guarda sempre forças para tentar o retrocesso.

SP As recentes greves em São Paulo foram simplesmente episódios passageiros ou criaram novas relações entre o empresariado e a classe operária?

R — Não são episódios, mas ao contrário, revelam as mudanças que estão em curso.

SP Que papel deve ser reservado às multinacionais no desenvolvimento econômico brasileiro?

R — Aquele que for determinado por um Congresso verdadeiramente representativo.

SP Como é possível fortalecer o mercado interno e ao mesmo tempo enfrentar o problema da dívida externa?

R — São problemas que só encontrarão solução no horizonte mais alto das decisões políticas.

SP O que não deu certo na candidatura Euler Bentes Monteiro?

R — A candidatura do general Euler teve o sentido da mobilização nacional, para a democracia, para a justiça social, para a independência e está dando certo.

ESTRATÉGIA, PACTOS POLÍTICOS E O FUTURO

Luiz C. Bresser Pereira

economista, professor da Fundação Getúlio Vargas

Um novo pacto político, com bases mais amplas em todas as classes, está em formação no Brasil. Mas tudo dependerá da capacidade estratégica de nossos políticos.



Os momentos de redefinição dos pactos políticos são em princípio momentos de crise. São momentos em que as classes e grupos sociais reestruturam sua participação no poder. Enquanto alguns grupos vêem seu poder aumentar, outros são excluídos ou marginalizados. E é claro que essas transformações não ocorrem tranquilamente. Refletem o desenvolvimento da base econômica e social das diversas classes, mas refletem também suas estratégias, sua agressividade ou passividade, sua capacidade de cooptar as classes ou frações de classe colaterais, as classes dominadas e os indiferentes.

No Brasil, a partir de 1974, tudo indica que entramos em um desses períodos de transição e de crise. O pacto político firmado entre a tecnoburocracia civil e militar e a burguesia local, com o beneplácio ou sob a égide das empresas multinacionais, entra em convulsão. E a partir do "pacote de abril" de 1977 a crise se agudiza. Transforma-se em colapso, à

medida em que o autoritarismo militar ou que a tutela tecnoburocrática vão se tornando crescentemente insuportáveis para a burguesia.

Isto não significa, entretanto que o pacto político tecnoburocrático-capitalista-multinacional tenha definitivamente se rompido. Para que isto ocorresse seria necessário, primeiro, que substanciais modificações houvessem ocorrido na base econômica e social. Em outras palavras, seria preciso que a estrutura de classes do país houvesse passado por alterações significativas. Segundo, seria preciso que os representantes políticos das classes, frações de classe ascendentes, houvessem sido capazes de desenvolver estratégias suficientemente envolventes e agressivas, a ponto de fazer com que as alterações de base econômica e social se refletissem no sistema de poder político e portanto no controle do Estado. Observe-se que esta segunda condição deixa claro que, na análise de médio ou curto prazo histórico que estamos realizando, não há uma necessária correspondência entre a base econômica e social e a superestrutura política. A longo prazo os dois níveis de sociedade tendem a coincidir. Mas não apenas a curto mas também a médio prazo a influência das estratégias políticas grupais ou mesmo individuais pode ser decisiva. Terceiro, para que um pacto político entre em colapso definitivo é preciso obviamente que um novo pacto o substitua.

No Brasil, sem dúvida ocorreram alterações significativas na base econômica e social. Houve um enorme crescimento econômico no Brasil nos últimos vinte anos. Em 1958 o pacto populista, firmado entre a burguesia industrial, os trabalhadores, a tecnoburocracia ascendente e alguns setores da oligarquia agrária mercantil decadente começava a entrar na crise que teve seu desenlace em 1964. Depois disso o poder econômico da burguesia e da tecnoburocracia só aumentaram. Enquanto a burguesia acumulava capital de forma crescente, em pequenas, médias e grandes empresas, a tecnoburocracia aumentava seu controle sobre os instrumentos de produção e de comando, à medida em que se expandiam as organizações burocráticas, à medida em que empresas se burocratizavam e que o Estado intervinha de forma cada vez mais decidida nas atividades de produção e regulação econômica e social.

Estas alterações poderiam, em princípio, fortalecer o pacto tecnoburocrático-capitalista firmado em 1964. Entretanto, na medida em que a burguesia via seu poder econômico aumentar, ela percebia que sua participação no pacto político não era proporcional a esse poder econômico. Enquanto que economicamente a burguesia é claramente a classe dominante, politicamente ela vem desempenhando o papel de classe tutelada, cabendo o papel de classe dirigente à tecnoburocracia.

Por outro lado, uma outra alteração básica no quadro econômico e social do país, nestes últimos vinte anos, foi o enorme crescimento da classe trabalhadora. O número de trabalhadores urbanos triplicou nesse período. E ainda que sua organização e consciência de classe sejam embrionárias, dada a permanente repressão, não há dúvida que houve progressos significativos. O apoio dado ao MDB em 1974 e as greves e manifestações de líderes operários em 1978, são claras indicações deste fato. Em consequência, a formulação de qualquer pacto político sem a participação dos trabalhadores agora é precária. Sua ilegitimidade torna-se imediatamente manifesta. Em 1964 foi possível excluir os trabalhadores radicalmente de qualquer participação no poder, dada a conjuntura de crise, que permitiu à direita e a tecnoburocracia convencer a burguesia da iminente subversão comunista. Hoje já não há mais clima para esse tipo de mistificação.

Foi a verificação destes fatos por parte da burguesia, ao mesmo tempo em que o fim do "milagre econômico" provocava a redução nas taxas de lucro, que levou ao colapso o pacto político tecnoburocrático-capitalista. Este colapso, entretanto, poderá ter maior ou menor dimensão, na medida em que houver uma efetiva mudança de poder político. E esta mudança depende fundamentalmente das estratégias desenvolvidas pelos líderes políticos das classes e frações de classe.

Os líderes políticos assim como os intelectuais orgânicos obviamente não constituem uma classe social. São simplesmente os representantes, os porta-vozes ideológicos e os instrumentos políticos das classes e grupos sociais. O líder político, em uma formação social capitalista clássica, é, em princípio, um representante da burguesia. Tem geralmente origem na média burguesia, embora por motivos óbvios tende a falar em nome e defender os interesses da alta burguesia. Os políticos da Arena, mais do que os do MDB, têm claramente esse caráter. O Brasil, entretanto, já não é mais uma formação social capitalista pura. Os elementos tecnoburocráticos ou estatais crescentes são de tal forma marcantes no Brasil que já permitiram a emergência de um agrupamento social com suficiente massa crítica para se constituir em uma nova classe social: a tecnoburocracia. Os líderes políticos também podem representar

a tecnoburocracia, embora esta, em sua fração estatal, não esteja muito habituada à representação política parlamentar, nem acredite muito nesse tipo de representação, seja devido ao fato de seus membros já estarem inseridos no aparelho estatal, seja devido às suas tendências autoritárias. Os militares, que são tecnoburocratas por excelência, tendem a se fazer representar diretamente no poder, através do controle dos cargos executivos inclusive fora das Forças Armadas. Finalmente temos líderes políticos representativos dos trabalhadores. São em princípio minoria. No Brasil, onde os trabalhadores têm sido sistematicamente excluídos de qualquer participação política, os representantes políticos dos trabalhadores são definitivamente minoria. O MDB é um partido constituído majoritariamente por representantes da burguesia, especialmente da média burguesia, mas conta também com representantes da média tecnoburocracia estatal e privada e com representantes dos trabalhadores.

Na presente crise política, o pacto tecnoburocrático-capitalista dependente poderá ou poderia chegar a um colapso total na medida em que o MDB venha assumir o poder. Ora, isto depende principalmente da capacidade estratégica dos líderes do MDB, em seu confronto com a Arena. E o problema fundamental está em saber qual dos partidos será capaz de assumir de forma mais convincente a representação da burguesia como um todo. A Arena tem o monopólio da alta burguesia, mas a média burguesia, menos poderosa economicamente, mas numerosa e politicamente cada vez mais significativa, assim como a média tecnoburocracia podem ser disputadas pelo MDB com vantagem. O segundo ponto está em obter o apoio dos trabalhadores. Quanto a isto, pouca dúvida existe em relação à vantagem do MDB, desde que os trabalhadores tenham um mínimo de consciência de classe.

Nestes termos, na medida em que o MDB é um partido com um largo espectro ideológico e social, ele poderia encarnar um novo pacto político em formação. Tudo indica, entretanto, que este objetivo não será alcançado a curto prazo, concomitantemente com o fim do governo Geisel. A escolha do general Euler não conseguiu sensibilizar a burguesia, dada sua origem militar e o apoio que obteve da esquerda. Foi provavelmente um erro de estratégia do MDB o lançamento dessa candidatura, apesar das qualidades pessoais e o firme compromisso democrático do Gal. Euler. A burguesia pretende hoje a restauração da democracia, mas é óbvio que não está disposta a assumir muitos riscos. O comportamento da grande imprensa, especialmente do *O Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil*, dando apoio ao candidato oficial, deixou clara essa tendência. Estes dois jornais são representantes perfeitos da burguesia, patrocinaram a causa da redemocratização, mas no momento da



Bresser Pereira

decisão pareceram contentar-se com as reformas governamentais, que, através das salvaguardas e particularmente do conceito de "estado de emergência", institucionalizam uma ditadura moderada no Brasil.

O lançamento da candidatura Euler, ao invés de um candidato civil, foi patrocinado pelos "autênticos" do MDB e por um grupo de militares. Justificava-se estrategicamente apenas na medida em que derrotar no colégio eleitoral o candidato oficial representaria um golpe de estado ainda que legal. Ora, não se dá golpes de estado sem participação militar. Explica-se, assim, o lançamento da candidatura Euler. Mas, dadas as contradições que estavam nela embutidas, torna-se compreensível sua falta de êxito.

Tudo indica, portanto, que uma oportunidade foi perdida pelo MDB, talvez devido a um erro de estratégia. Mas é enganoso pensar que a vitória da Arena ou do governo seja completa. Pouca dúvida resta que a designação do gal. Figueiredo para a Presidência da República não resolverá a crise política brasileira. O pacto tecnoburocrático-capitalista entrou em colapso, perdeu sentido histórico, e poucas são as possibilidades de tentar ressuscitá-lo. Se o MDB não foi ainda capaz de assumir a liderança de um novo pacto político, é certo que a Arena tem possibilidades muito menores de fazê-lo. Um partido tão subserviente ao poder como esse não tem condição de aglutinar e veicular os interesses das diversas classes e frações de classe. Não tenho dúvida de que um novo pacto político está em formação no Brasil — um pacto político que amplie as bases de participação das diversas classes, e em particular das camadas médias burguesas e tecnoburocráticas, e dos trabalhadores urbanos. Dependeria da capacidade estratégica dos líderes políticos mais progressistas o êxito desse novo pacto — ou seja a sua transformação em um pacto político hegemônico. E não tenho dúvida que nesse novo pacto o papel dos militares deverá ser ainda importante. A candidatura Euler, coube o papel de restabelecer os laços entre os militares e as camadas médias e baixas da população, ou seja, a média burguesia, a média tecnoburocracia e os trabalhadores. Por isso, o fracasso momentâneo dessa candidatura talvez seja pouco importante. Mais significativas são as sementes por ela lançadas para o futuro.

DIREITOS
HUMANOS

(Advogado criminal e presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo)

José Carlos Dias

A ÚLTIMA CONSPIRAÇÃO

É possível que dentro em breve seja incorporada à nossa história a notícia de que o povo, por seus representantes no Congresso Nacional, adotou, ratificou e disse amém à doutrina da segurança nacional que sustenta o regime brasileiro a partir de 1º de abril de 1964. Nestes quatorze anos, três decretos-leis, à revelia do Parlamento, estabeleceram, sempre de forma vaga e propositadamente imprecisa, condutas e atitudes erigidas em crimes para combater o inimigo comum do Estado tutelador da Nação marginalizada. Só agora, com a desculpa de atenuar as penas máximas e com o cínico argumento de que sanções menores desinibem os juízes para condenar mais à vontade, exposto expressamente pelo ministro Falcão, o Governo procura "legitimar" o fundamento "ideológico" do sistema através de um projeto enviado ao Congresso, com prazo marcado, com toda a pressão possível do debilitado Poder de força que nos mantém na ameaça e no medo há quase três quinquênios.

Se algum compromisso moral e ético no plano político e no plano de vida nos pde compatibilizados com a democracia, o momento está a exigir a denúncia do mal que nos ameaça.

É fundamental desmascarmos as lisonjeiras referências à benignidade da lei que temos venha a vigorar. A abolição da pena de morte e da prisão perpétua se deu nas reformas recentemente aprovadas. Alguns dos condenados pela lei em vigor em penas altíssimas poderão vir a ser, efetivamente, beneficiados. No entanto, ao lado da reiteração de erros gravíssimos verificados na atual lei, o projeto acrescenta outros como a exacerbação de penas mínimas e a fixação da responsabilidade penal aos 16 anos se o agente apresentar capacidade de entender o caráter delituoso do ato que pratica.

É excusado dizer que o exame psicológico dá campo a subjetivismos e pressões de toda ordem e o entendimento de

uma opção política definida, exige um grau de maturidade na consolidação, na cristalização de idéias e opções, impossível de ser aferido quando se forma no espírito a imagem em expectativa de um rumo ideológico. A prosperar o projeto, poderíamos nos deparar com um delinquente juvenil submetido à proteção da Justiça de Menores em contraste com um esporádico seguidor de passeata exposto à brutal perseguição policial e condenado a um ano de reclusão...

Não nos anima apontar todos os defeitos, excessos e contradições do projeto, mas ressaltar o vício básico que o inviabiliza com os anseios do povo e seus reais objetivos bem apartados e contrários mesmo, aos chamados "objetivos nacionais permanentes", permitindo-nos dizer: não há emendas que o torne aceitável ou tolerável, por ser o projeto, tanto quanto o decreto-lei em vigor, o estatuto jurídico da doutrina da segurança nacional.

É chegada a hora de vencer a barreira do medo, não se mesclando coragem com radicalismo inconsequente, mas compreendendo o fenômeno como insegurança do regime e sua fragilidade que o utiliza como forma de sustentar-se. A sentença proferida no "caso Herzog" foi o rompimento daquela barreira, a iniciativa do processo teve igual sentido. Fatos assim criam como que a conscientização de que a única doutrina compatível com a segurança do povo pressupõe o tranquilo sentimento de que direitos humanos não constituem bandeira contestatória, mas reivindicação do exercício do Poder de legitimidade que lhes garanta o respeito a conduzir à paz. Combater a doutrina da segurança nacional importada da "consciência biônica" da guerra fria e que existe como força para, em última análise, servir ao desenvolvimento do capital estrangeiro e à exploração do trabalho nacional, é exercício de um direito que transcende e supera por ser legítima, o medo da lei es-

púria na origem e no seu fim teleológico. Dir-se-à que, em tal luta, estaríamos praticando um ato de guerra psicológica adversa, servindo ao inimigo comum da segurança do Estado, desencadeador da guerra revolucionária.

Não sei, mesmo porque até hoje ninguém se atreveu a sabê-lo, qual o sentido verdadeiro dos abstratos conceitos de tais guerras inseridos na lei de segurança nacional por serem verdadeiros dogmas de fé da doutrina "nacionalizada" pelos exegetas da Escola Superior de Guerra. A abstração e imprecisão de tais comportamentos, atitudes e intenções possibilitam, é bem verdade, que em suas valas caibam quaisquer posturas, gestos e ações de homens, mulheres e, talvez em futuro próximo, até mesmo de crianças.

Mas nós temos que assumir "contratos de risco" com nossas consciências e nos atrevermos a vencer o círculo vicioso de não combater uma lei porque, em determinado momento, a crítica é submeter-se às suas cominações.

Se "o povo é chamado a lutar contra si mesmo" como adverte o Padre Joseph Comblin em "Ideologia da Segurança Nacional", sob pena de nos autodenominarmos de autofágicos, denunciarmos a conspiração que nos é feita e nos defendemos do arдил que nos é preparado.

"Felizmente", finaliza Comblin sua magnífica monografia, "existe em todos os homens um último refúgio que se defende contra qualquer intrusão ou escravidão. A Segurança Nacional jamais consegue destruir a parte humana do homem: assim que a ocasião se apresenta, assim que surge um breve instante durante o qual há uma possibilidade de expressão, renasce o desejo de liberdade". E arremata: "Porém a liberdade não está morta. Ela espera a sua hora".

A hora madurou, nasceu. É hora de vivê-la, afirmando que por precisarmos da liberdade e da justiça, queremos a segurança e não optarmos pela insegurança da segurança nacional.

Histórias

Marcos Faerman



1 E eu estava lembrando uma música melo bobinha de uns anos atrás, que falava de um rapaz que amava os Beatles e os Rollings Stones, e que foi mandado morrer no Vietnã, pelo governo americano, ah, os governos! Vocês lembram desta música? Pois pensei nela quando lembrei do Flávio. O Flávio Koutzil, meu amigo, que está há muitos anos na Argentina. Não posso ver o Flávio. Até poderia, talvez, se ele fosse um destes fantásticos habitantes da estação espacial que anda girando aí pelo Cosmos. Dizem que os russos vão deixar uma tripulação nesta estação um ano inteirinho! Quem sabe um dia, como pensaria meu pai, que acho que veio da Lua (ele me dizia, quando eu era muito pequeno que era Tarzã, e eu acreditei sempre, inclusive hoje), a gente vai até a estação, dos russos, dos americanos, ou, simplesmente, dos Terráqueos?

2 Mas ir até a Argentina, à prisão do Flávio, não posso. Só a família, de tantos em tantos dias, em tantas e tantas horas, porque nas ditaduras e nas prisões as doses de amor são dis-

postas, assim, em conta-gotas. E há tantas prisões e tantas ditaduras e semi-ditaduras por aí... Eu lembro que o Flávio jogava basquete e gostava de balas Kid. Vivia brigando para ser um bom jogador de basquete e para comer menos balas Kid. Um dia destes eu provei, finalmente, balas Kid, e entendi porque o Flávio gostava tanto delas. Gostava também de Ki-Suco, e aí eu divirjo dele até a morte.

3 A gente ia jogar bola juntos no Veludo. Grandes craques pisaram no Veludo. Era um campinho, em Porto Alegre, perto do Rio Guaíba. Tão perto que a bola sempre terminava dentro do Rio. Quando o Flávio chutava, então! Já eu costumava dar uns tiros insidiosos de pé direito, que insistiam em vencer os melhores goleiros daquele bando de intelectuais e jornalistas (sempre separo estas duas categorias), que há dez, quinze anos, todos os sábados, à tarde, se reuniam e se reúnem ali, à frente da Faculdade de Filosofia. Lá lamos, Flávio e eu, ouvindo o rádio Zilomag, de um fusquinha renitente, o sol na cara e no coração.

4 Será que o Flávio, no cárcere argentino, lembra de tudo isto? Será que ele consegue fugir da cela para aquele tempo? Será que ele atira bolas na cesta? Será que ele é um zagueiro, às vezes, lá no cárcere? Passou por aqui e ali, e foi preso na Argentina, por "conspiração internacional". É judeu, e lá não gostam de judeus. Judeu metido em conspiração internacional soa bem, em ouvidos e bocas totalitárias. Stalin não matou aqueles famosos médicos de uma famosa conspiração (internacional?) E o Hitler não matou alguns milhões mais? Todas as pessoas detidas com Flávio foram soltas. Flávio está preso, sem julgamento, sem o campinho de Veludo, sem as balas Kid, sem os livros, lá em Trelew. Trelew que evoca um massacre de rapazes e moças argentinas. Flávio, pense no Veludo, pense no sol de Porto Alegre, pense nas ruas cheias de vento, no Zé do Cachorro Quente, sobreviva, viva, Flávio, viva. É a tua, é a nossa vingança.

ASSINE

SINGULAR & PLURAL

★ ★ ★

★ Enviar cheque ou vale postal nominal à Global Editora e Distribuidora Ltda Rua José Antonio Coelho, 814 CEP-04011- São Paulo - SP

★ Estou anexando um cheque, vale postal no valor de Cr\$ 350,00 para uma assinatura anual de Singular & Plural. Desejo receber como oferta o livro

★ Nome

★ Endereço

★ CEP

★ Cidade Estado

Assinaturas anual
(12 números) Cr\$ 350,00
(Você economiza
Cr\$ 70,00 e ainda ganha
um bom livro!)

- | | |
|---|---|
| 1 Poética - Como fazer versos - <i>Maiakóvsky</i> | Operária - <i>Roniwalter Jatobá</i> |
| 2 Como fizemos a Revolução - <i>Trotsky</i> | 5 A Nova Mulher e a Moral Sexual - <i>Alexandra Kollontai</i> |
| 3 Homens de Papel - <i>Plínio Marcos</i> | 6 A Espada Quebrada - <i>Poul Anderson</i> |
| 4 Crônicas da vida | |

★ OS PRIMEIROS ASSINANTES VÃO GANHAR UM PRÊMIO ESPECIAL!



O Debate reproduzido a seguir foi realizado no Comitê Eleitoral de Fernando Moraes, em São Paulo, pouco antes das eleições. Dele participaram vários líderes sindicais: Elieú Sobral e Antônio Augusto, da oposição do Sindicato dos Bancários de São Paulo; Zé Pedro, que foi presidente da oposição nas últimas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e David de Moraes, atual Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo. Alberto Goldman, deputado estadual,

também compareceu, na condição de parlamentar que de perto tem acompanhado a luta das novas lideranças sindicais.

O objetivo do debate foi sentir como os sindicalistas, e os trabalhadores em geral, estavam sentindo o momento eleitoral e que tipo de compromisso esperam dos candidatos oposicionistas. Ao publicá-lo, SINGULAR & PLURAL pretende contribuir para que estas questões não caiam no vazio, para que sejam uma preocupação constante na vida política do País mesmo

após às eleições.

Elieú — Ligar sindicalismo com eleições é hoje uma tarefa um pouco difícil. No nosso entendimento, o sindicato brasileiro é um sindicato atrelado e se a gente é hoje oposição, não é oposição a uma determinada diretoria apenas. É muito mais uma oposição a esse sindicalismo do Estado Novo, a esse sindicalismo fascista que existe no atual momento brasileiro e que vem persistindo há muito tempo. Um sindicalismo em que tudo está sob a tutela

O MDB E OS TRABALHADORES



do Estado, em que o Executivo pode a qualquer momento baixar uma portaria, um decreto, qualquer coisa, bloqueando, travando o movimento sindical. A própria CLT, num dos seus primeiros pontos, define o sindicato como órgão apolítico e apartidário o que, convenhamos, só existe mesmo em democracias relativas, na democracia relativa que nós estamos sofrendo de 1946 para cá. Exatamente por esta "indemocratização" não podemos comparar nosso sindicalismo com o do resto do mundo. Em todos os países, especialmente na Europa, os sindicatos têm uma função política e uma função partidária, estão ligados a partidos políticos, elegem os seus representantes e portanto têm uma característica que, no Brasil, é negada por lei. Não podemos sequer usar a sede do sindicato, que é um meio físico, para realizarmos um debate como este, simplesmente porque o debate é vinculado a uma campanha política. Portanto, a primeira coisa que esperamos dos nossos candidatos é que, ao serem eleitos, lutem por um sindicalismo de fato democrático; um sindicalismo que não dependa do bom ou mau humor do Ministro do Trabalho para que se possa ir participar de uma reunião, para que se possa pressionar os nossos congressistas no sentido de não se aprovar uma lei.

Um sindicato em que a categoria não pode se reunir, existe pró-forma. Agora, esse sindicato é assim não porque os dirigentes sejam ruins ou péssimos, é assim porque existe toda uma estrutura que dá a eles força para que possam agir contra a classe. Como todo mundo sabe, o negócio hoje está na base do *far-west* — primeiro se atira e depois se conversa. Eles têm condições de, a qualquer momento, telefonar e chamar uma viatura do DEOPS para levar todo mundo. Este é o quadro que se vê no movimento sindical. Mas enquanto nós, povo brasileiro, não nos compenetrarmos de que ao elegermos um deputado, um

senador, um dirigente sindical, não estamos passando uma procuração ou dando uma delegação para que resolvam tudo por nós — mas sim que esse voto nos compromete com aqueles em quem votamos, no sentido de apoiar tudo aquilo que precisa ser apoiado, e apoiar ativamente, participando — então vamos continuar dependendo desta estrutura que aí está, e vamos continuar vivendo uma democracia relativa.

Zé Pedro — É o momento para se dizer algumas coisas, já que o povo propriamente dito não tem muito acesso às informações. É muito importante que existam candidaturas populares, como a do Fernando Moraes, porque são companheiros que estão comprometidos de uma certa forma com a luta de todo o povo e nós, como trabalhador, como operário, também desempenhamos uma luta, que é a luta pela sobrevivência, uma luta para organizar a nossa classe, que se acha desorganizada, inconsciente e despolitizada. Depois de 64, os trabalhadores tiveram suas lideranças, suas vanguardas, presas, cassadas, banidas e mortas, mas a classe operária, mesmo assim, não arreu. O que houve foi uma mudança de tática. Os 14 anos de sufoco sobre a classe operária não acabaram com os movimentos da classe. Apenas a gente mudou de tática e agora começa a surgir novamente uma esperança no meio da classe operária, dos trabalhadores.

Hoje, o sindicato não tem cumprido sua finalidade: ser um instrumento dos trabalhadores para organizar a própria classe. Mas não é só dos sindicatos que os trabalhadores necessitam. O trabalhador precisa também de um parlamento, e um parlamento que também não seja um parlamento castrado, um parlamento que exista num clima de plena democracia. Toda a classe trabalhadora precisa tomar consciência disso. Então é por isso que eu vejo como importantes essas candidaturas

populares. São pessoas engajadas num determinado seguimento da sociedade, sejam bancários, metalúrgicos ou jornalistas. De certa forma esses companheiros fazem parte de uma luta que já vem sendo travada há muito tempo. Então, me parece que o importante é que esses candidatos populares, junto com a gente, procurem formas de fazer com que essas candidaturas, a partir do momento da própria propaganda, ajudem aos trabalhadores a se interligarem, a se organizarem. Porque um parlamento sem base de apoio, de pressão, não terá condições de fazer muita coisa; assim como os sindicatos onde não existe um trabalho de base, não existe uma organização dos trabalhadores dando o apoio aos sindicatos. Se o parlamento não tiver apoio da sociedade, da sociedade que está aí sofrendo, da sociedade trabalhadora, não terá condição de fazer nada. Haja visto alguns bons parlamentares que tiveram os seus direitos cassados, como aconteceu com o Lysâneas Maciel, Marcelo Gatto, o Fabiano e tantos outros. Não tivemos a força necessária para ajudar estes companheiros que foram eleitos nossos representantes para lutarem de acordo com nossas aspirações, nossas vontades, fazerem as nossas leis. Então, é importante que as atuais candidaturas venham a organizar os trabalhadores, tentem organizar o povo de uma forma a romper com este regime que está aí, que é um regime de ditadura militar. É isto que temos discutido com vários companheiros, dentro das fábricas. É claro que as candidaturas populares não veem no MDB o partido dos trabalhadores, mas é importante que, eleitos ou não, os candidatos deixem um trabalho que ajude a romper o regime e caminhar para que a gente possa ter o nosso verdadeiro partido, que irá organizar toda a sociedade, todo o povo. Vejo as candidaturas populares dentro deste prisma e se não fosse assim não haveria sentido em trabalhar por elas.



Foto: Paulo Gollinger

Antônio Augusto — Eu acredito que quando a gente fala em eleições é preciso ter um certo cuidado ao se referir a candidaturas populares. Acho que isso remete a gente a um partido. Não podemos erigir num mito as candidaturas populares de forma a ficarmos na mão de líderes; o que necessitamos é de um programa que, inclusive, contemple as reivindicações não sindicais, as reivindicações políticas em que os trabalhadores podem se expressar enquanto classe, e não como corporação. Eu acredito que eleição sem programa, sem que os candidatos se definam sobre um programa que venha resultar em benefício do trabalhador enquanto classe, pode nos levar a uma ilusão do tipo de um “novo PTB” que está para surgir. Por isso quando se coloca *sindicalismo e eleições* creio que estamos colocando a questão de maneira errada. A coisa deveria ser colocada muito mais no sentido de *partido e eleições*. É necessário que essa abertura política, que esse espaço político maior que está sendo criado em grande medida em consequência das greves, seja ocupado. Se ele for deixado a uma liderança que simplesmente se auto-intitule liderança, acho que a coisa aí vai para o brejo. Neste sentido, temos que entender as eleições como uma forma de espaçamento maior onde não só os trabalhadores mas também as mães, as mulheres, os negros, enfim, todos os oprimidos, possam se expressar e possuir um programa sustentado pelos candidatos. É necessário que as bandeiras sejam erguidas por toda a sociedade e que esta tenha, na classe trabalhadora, os seus anseios. Vista desta forma, a questão do “candidato popular” muda um pouco de figura porque o “candidato popular” é o cara que é pobre, que faz uma campanha voltada para a defesa dos interesses dos pobres. Mas o que é ser pobre? Ser pobre é morar no campo, ser pobre é ser pequeno agricultor, é ser assalariado; por isso acho que a gente deve mudar um pouco esse tipo

de linguagem. Acho que se a gente está falando de trabalhador a gente está colocando alguma coisa muito concreta — a gente está se referindo a uma classe — e quando a gente fala em todo o povo não se pode esquecer que os burgueses são povo também, quer queiramos ou não. Então é necessário que, quando se está discutindo uma eleição, se tenha bem claro que a construção do problema exige que se explicita a afinidade do candidato com a classe trabalhadora. E não se trata de ser trabalhador, hoje o universitário é um técnico que está se formando, quer dizer, não é mais aquele profissional liberal que iria ficar indefinido entre duas classes, hoje ele é muito mais um futuro trabalhador. A universidade é um estágio de alguém que vai se tornar trabalhador.

David de Moraes — Acho que os companheiros que me precederam já fizeram muito bem as colocações, por isso prefiro entrar nos aspectos — vamos dizer — mais pragmáticos do assunto em debate. A partir de um fato recente na vida sindical do País, que foi a visita de uma dúzia de dirigentes sindicais a Brasília em sucessivas viagens, o que a gente constata? Tudo o que se faz só é possível na medida em que haja uma movimentação de base, e se fizermos uma análise para verificar em que sindicatos, hoje, as diretorias estão mais atuantes, veremos que são aqueles onde há movimentação de base; tanto naqueles que estão em mãos da situação como naqueles onde há uma oposição atuante. Outra constatação que se faz, é que se contesta medidas arbitrárias, legislação, seja o que for, com fatos. Não adianta a gente ficar falando: olha, queremos que a legislação seja mudada, etc. A legislação só vai ser mudada se todos nós brigarmos, não adianta ficar agindo legalisticamente, ficar dizendo “a CLT não permite isso, não permite aquilo” — não interessa, a gente tem que fazer. Todos nós sabemos que até em alguns sindicatos em posições mag-

níficas houve, até bem pouco tempo, a colocação do ponto de vista de que a luta a se fazer era só no campo reivindicatório. Essa fase já está passando. Hoje, inclusive, essa viagem a Brasília também mostrou que nós já estamos no fazer político, mudando a qualidade da briga; quer dizer, ela não é só reivindicatória, ela é também política e é lógico que neste sentido, no futuro, vai desembocar num partido, vai desembocar na necessidade de um organismo centralizador das organizações sindicais, quer as autoridades queiram ou não. É evidente que hoje essas duas coisas não estão colocadas como prioridade — nem uma central sindical nem um partido político estão colocados claramente como um objetivo imediato a ser atingido, mas é lógico que na medida em que nós todos, em que as bases de cada sindicato assalarem suas direções e agirem elas mesmas, até mesmo à revelia de suas direções, todos chegaremos a esses grandes objetivos sem que seja necessário dizer que nós estamos aqui para isso ou aquilo. Nós alcançaremos todos os objetivos a que nos propomos agindo, fazendo, contestando na prática tudo que está aí. Esta a primeira colocação que eu gostaria de fazer.

Fernando de Moraes — *gostaria de fazer uma pergunta, como cidadão e como candidato: de que forma vocês acreditam que um candidato, ou um parlamentar comprometido com os interesses da classe trabalhadora, pode, no parlamento, dar alguma contribuição efetiva para a organização das classes trabalhadoras e do povo?*

Elieú — Acho que esta pergunta deve ser respondida por todos. Acho que na minha intervenção mais ou menos disse a forma: esse compromisso não pode ser apenas eleitoral, para que seja um compromisso de fato é preciso que nos convençamos de que é necessário cobrar. Mas para que possamos cobrar é necessário que haja acesso. Um parlamentar pode e vai



ajudar a organização do povo na medida em que ele não se isole na torre de marfim que é Brasília; na medida em que esses parlamentares, ainda que não sejam cobrados, procurem se acercar, procurem descer às bases e ouvir, ainda que para isso tenham que usar saca-rolhas, procurem ouvir. Acho que existem dois vícios a se vencer: o povo não está acostumado a falar e os parlamentares não estão habituados a usar o saca-rolha.

Zé Pedro — Eu diria que já no momento da campanha os candidatos devem dizer o que vão fazer aqui na Grande São Paulo, nas periferias e nas cidades do interior. Nessas os candidatos vão encontrar pessoas que também estão engajadas nessa luta em que nós estamos — sindicatos, comunidades de base, etc. — pessoas que já têm um certo nível de consciência e que estão propensas a crescer. Então esses candidatos devem, já a partir de agora, deixar amarrados alguns núcleos, estabelecer um compromisso com esses grupos para que possam cobrar do candidato, ajudar, melhorar o programa; fazer com que estes grupos se unam entre si na luta, não só na campanha mas também posteriormente. Além disso as coisas acontecerem, como as greves aconteceram. E o candidato tem por obrigação, no momento mesmo em que está acontecendo alguma coisa importante, de estar solidário com os trabalhadores; ou então qualquer coisa que aconteça contra o povo obriga o candidato a denunciar do parlamento se colocando ao lado do povo, ao lado do pessoal que está vivendo algum problema. Isso aconteceu com as lutas dos estudantes e nas greves, e pode-se contar nos dedos os parlamentares que, ao tempo das greves, ficaram ao lado do povo.

Antônio Augusto — Eu acho que o MDB é um partido na clandestinidade, ele não existe para o grande público a não ser nos momentos eleitorais. Não me parece que seria muito difícil comprometer o pessoal com os diretórios do MDB, se os candidatos aparecerem uma vez por semana ou a cada 15 dias para dar uma satisfação à base dele de como está sendo a sua atuação no parlamento em relação aos problemas que dizem respeito aos trabalhadores. Para que o MDB saia desta clandestinidade é necessário este tipo de compromisso: por exemplo, às sextas-feiras ele dá plantão nas

sedes distritais, nos diretórios e aos sábados corre as comunidades de bairro com as quais ele se comprometeu. Penso que esta forma de cobrança é muito importante, assim como dar subsídio aos parlamentares. Acho que o compromisso é uma troca e é preciso que existam locais públicos onde esta troca deve se dar. Mas também é importante entender esta cobrança como cobrança ao partido. Os candidatos pertencem a um partido, dependem de um partido. Então a atuação deve ser cobrada neste nível, e não ficarmos empurrando meia dúzia de pessoas naquela neurose de cobrar. A coisa é muito clara: ou se vota, se assume o MDB e se tenta fazê-lo avançar ou a gente acaba caindo nessa neurose mesmo. É necessário tentar formar novas lideranças que possam fazer com que esse partido avance, inclusive no sentido da própria negação desse partido num estágio bem mais à frente.

David de Moraes — Como sempre, eu falando por último pego o que todo mundo já falou e acho que os companheiros já responderam a questão que o Fernando colocou. Mas na medida em que o candidato faz a campanha e que, depois de eleito, tenha uma atuação coerente com a campanha que está fazendo ele já está dando uma contribuição à comunidade, e ao mesmo tempo recebendo informações. O que acontece atualmente? Você encontra no Congresso, por exemplo, alguns dirigentes sindicais que perderam o contato com suas bases. Eles se esqueceram de uma coisa fundamental, que é o contato com as bases. Ele não pode se esquecer que tem que estar ligado à categoria. Daí, inclusive, uma nova linha que está se voltando a adotar no sindicalismo. De você, de alguma forma, encontrar o caminho de nunca desvincular os dirigentes das bases; de alguma forma o dirigente sindical voltar à produção. Na medida em que o parlamentar assumir um compromisso deste tipo ele se manterá fiel às bases, será digno, porque não é só refletir o anseio daquela base, ele é parte dela, não é só eco de manifestação. Mas você vai dizer que um deputado é eleito por segmentos diferentes da sociedade. E daí? Ele vai ser eco de vários segmentos...

Elieu — Preciso clarear uma coisa. Eu falei muito em cobrança. Vou deixar bem claro que quando eu falo em cobrança é necessário que, antes, se tenha dado algo em troca. Esse algo em troca é o compromisso, é a informação, são esses dados todos sem os quais o parlamentar não faz nada. Ele precisa que cada um de nós chegue para ele e diga: está acontecendo isso ou aquilo para que ele faça algo, então aí sim, cabe a cobrança; a cobrança de atitudes, de comportamento global, de comportamento geral e não de pontos específicos, de miudezas.

Alberto Goldman — Me permitam falar um pouco, dizer de minha experiência de parlamentar, coisa que vocês aqui não têm. Parlamentar normalmente não é

representante de categoria, são raros os que são representantes de categorias. Seria muito ruim se ele, obtendo uma votação mais sensível numa determinada categoria, fosse efetivamente o representante dessa categoria. Por exemplo, o Fernando, jornalista, vice-presidente do sindicato dos jornalistas, eleito deputado estadual, ele é muito mais um representante de uma posição política do que realmente dos jornalistas. E não acho que a preocupação dele deva ser manter vinculados os jornalistas, deve ser, sim, manter as pessoas vinculadas ao programa dele e, portanto, a todo um contexto mais amplo. O problema da representação ou do incentivo à participação popular é uma coisa e o fortalecimento das organizações é outra, que deve ser colocada com certo cuidado. Eu não sei, não me parece muito fácil o trabalho de um parlamentar dedicado diretamente ao fortalecimento, por exemplo, dos sindicatos. O papel do parlamentar é dentro de uma postura, de uma linha política, de um programa, de fortalecimento de todas as organizações políticas onde ele tem uma atuação direta como os diretórios do MDB, o partido em si; levar o partido a posições mais consequentes dentro do programa, etc., e por aí ele, de uma forma indireta, vai estar atuando também sobre as organizações, como os sindicatos, sociedades amigos de bairro, associações profissionais; além, é claro, da ação direta de solidariedade, de apoio, de levantamento de questões, de discussão.

Um estudante — Acho que o fechamento de questão do MDB no caso da lei de greve foi um fato histórico, uma guinada, mostrando a perspectiva de o MDB poder vir a se transformar num movimento trabalhista brasileiro. Gostaria de saber se os debatedores vêem esta possibilidade de o MDB vir a se comprometer com a causa dos trabalhadores?

Elieu — Olha, companheiro, o MDB até 6 meses atrás era um saco de gatos, e não mudou nada, continua sendo um saco de gatos. Apenas é preciso ter presente que nós estamos às vésperas de uma eleição e as coisas que não eram feitas há seis meses atrás agora são. Não há nenhuma tendência, ao menos nas direções emedebistas atuais, em transformar o MDB em MTB. Nós teremos condições de transformar o MDB em MTB na medida em que nós elegeamos candidatos comprometidos com os trabalhadores, com os assalariados, e não será assim uma virada de mesa. Não se virou mesa nenhuma, a mesa continua firme, no mesmo lugar. E é preciso não esquecer também que os dirigentes sindicais prometeram que quem votasse a favor dos biônicos, a favor do decreto 1632, teria seu nome exposto à execração pública, por isso se fechou questão. Isto é fazer pressão, criar condições para que se feche questão. A partir de 15 de novembro talvez tenhamos outras condições para virar a mesa. E esse "talvez" vai depender de nossa capacidade de trabalho.

COM A LIBERDADE NO CORAÇÃO



Foto: Adriana Mattoso



De um lado, Ruth Escobar, por *Singular & Plural*.

Do outro, Lelio Basso, Senador independente, um dos grandes nomes do mundo político europeu, que se elege sem o apoio de qualquer partido, há muitos anos, e que uniu seu destino à luta pela democracia no mundo inteiro, tendo organizado o Segundo Tribunal Bertrand Russell.

Uma conversa, especial para nossos leitores, sobre os problemas da luta pelos direitos humanos.

RE. — *Uma coisa que eu queria perguntar em relação a Conferência Internacional pela a Anistia no Brasil. O sr. acha que a palavra Anistia terá o poder de mobilizar a opinião pública na Europa ou seria melhor uma campanha em termos de redemocratização.*

LB. — Eu penso que a palavra Anistia é muito mais mobilizadora.

RE. — *Aqui no Brasil... na Europa também?*

LB. — Sim, na Europa também. Eu trouxe aqui o texto da Conferência Européia sobre a Anistia na Venezuela em 1965.

RE. — *Mas o sr. acha que hoje em dia também se pode mobilizar a opinião pública européia em função da anistia*

LB. — Sim sob a palavra de ordem Anistia se pode mobilizar a Igreja, o partido comunista...

RE. — *Mas aí que eu penso que está a ambigüidade. O governo concede a Anistia mas se não há um verdadeiro restabelecimento do estado democrático e a opinião pública internacional se contenta somente com a Anistia...*

LB. — Isto depende da finalidade de se queira dar a Anistia. Se a Anistia interessa como Anistia, pura e simplesmente, se pode fazer uma mobilização internacional mas se vocês chamam de Anistia outra

coisa isto já é outro assunto.

RE. — *Eu falo da Anistia no sentido de mobilização para a organização.*

LB. — Bem Anistia no sentido etimológico quer dizer esquecimento. Quer dizer esquecer um período de guerra civil, de lutas etc. por exemplo e seguir em frente.

RE. — *Existe algum histórico de tudo que o Tribunal Bertrand Russel II fez?*

LB. — Sim, mas eu não, sei se a censura deixa passar isso.

RE. — *Eles dizem que não há mais censura prévia.*

LB. — Não, eu falo da censura do correio.

RE. — *Nós podemos ver isso.*

LB. — Se vocês estão interessados eu posso enviar tudo que nós fizemos no 2.º Tribunal Bertrand Russel para a América Latina. Acho que seria útil que vocês pudessem tomar conhecimento dos informes, dos relatórios, das denúncias de todas as personalidades do mundo inteiro. Nós fizemos uma publicação com todos os depoimentos de políticos chilenos, brasileiros, argentinos, e uruguaios.

RE. — *O T. Bertrand Russell não existe?*

LB. — O T. Bertrand Russel é uma iniciativa privada desde a sua formação pelo próprio Bertrand Russell.

RE. — *O primeiro Tribunal foi o*

próprio Bertrand Russell quem realizou?

LB. — Sim, ele convidou inúmeras personalidades do mundo inteiro e pediu para que fossemos a Londres em outubro de 1966 e nos solicitou que participássemos de uma investigação sobre os crimes de guerra no Vietnam levados à cabo pelos norte-americanos. Nós tivemos uma discussão porque eu sugeri que seria preferível, no lugar de uma Comissão de Investigação, que se realizasse um Tribunal isto porque uma Comissão de Investigação somente relata os fatos e um Tribunal julga pelo Direito, isto é, eu acho que é mais importante não somente relatar os fatos decorrentes da agressão norte-americana, mas sobretudo julgar esses fatos que são uma violação do Direito. Foram os norte-americanos que cometeram os crimes de guerra, os crimes contra a humanidade e contra a paz, e Vietnam foi a vítima de todos esses crimes. Eu não acho suficiente relatar somente aos acontecimentos, creio que é preciso julgar os criminosos segundo Direito norte-americano. Nessa discussão eu consegui convencer a todos e essa iniciativa passou a ter o caráter de um Tribunal. O primeiro foi então sobre o Vietnam. O segundo, eu mesmo o realizei, em 1974, para a América Latina (mais concretamente Chile, Brasil, Bolívia, Argentina, Uruguai, acho que também Para-

guai). Pedi a autorização à viúva de Bertrand Russell para que ainda se chamasse Tribunal Bertrand Russell, mas agora eu penso realizar um outro Tribunal, talvez no mês de Março, isto é, não um Tribunal que se atenha somente a um problema específico como por exemplo América Latina, mas criar um Tribunal do Povo que julgará a violação do Direito em qualquer país do mundo.

RE. — *O sr. acha que há possibilidades de se realizar a Conferência Internacional de Apoio e Solidariedade para a Anistia no Brasil antes do mês de março?*

LB. — Eu fiz na plenária essa proposta no Congresso Brasileiro pela Anistia, mas eu acho que ela caiu no vazio. Eu acho que isso é um erro. Eu fui convidado para participar desta reunião, me telegrafaram eu vim como muita boa vontade, mas não pensei que ela se fosse restringir a debates realizados aqui no Brasil. Eu pensei que haveria depois a possibilidade de realizar uma campanha Internacional de Apoio e Solidariedade para Anistia no Brasil. Eu gostaria de fazer isso. Em 1965, eu fiz justamente uma campanha para a anistia na Venezuela. Houve uma anistia que não foi ampla e total mas quase todos os presos políticos foram liberados.

RE. — *Quando houve a Campanha para a Anistia na Venezuela qual foi exatamente a função do Tribunal Russell?*

LB. — Não, isso não foi na ocasião do Tribunal Russell para a América Latina, a Campanha para a Anistia na Venezuela foi anterior a realização do T.R. Houve uma grande conferência na qual eu fui o relator, ou seja eu relatei a situação existente na Venezuela, a violação da Constituição pelo presidente Betancourt. O primeiro que leu esse relatório foi o próprio presidente. A tônica da Campanha foi de que, se por um lado os presos políticos eram acusados de terem violado a Constituição agora ela deveria ser respeitada pelo governo que a violava em relação a esses presos políticos. E se o governo queria restabelecer o mínimo de democracia ou mudar a forma de governo a primeira coisa a ser feita é a Anistia. Cada momento da luta política se desenvolve de acordo com a situação vigente: se por exemplo existe uma ditadura, até a guerrilha é uma resposta justa porque muitas vezes ela é a consequência dos próprios atos de um governo ditatorial. É o mesmo caso do Brasil. Acho que a mesma situação se apresenta hoje em dia no Brasil).

RE. — *Uma coisa que eu queria frisar é que o que acontece no Brasil são fenômenos que existem em outros países da América Latina e aqui no Brasil até pouco tempo não havia a consciência da necessidade da unidade continental. Nos outros países parece que há essa consciência. Isso se deu aqui por várias razões: porque aqui se fala o português, porque o Brasil não se sente como parte integrante da América Latina etc., mas eu acho que a luta existe e*

é semelhante, como o sr. disse, sempre onde há problemas econômicos, problemas das multinacionais que geraram esse sistema ditatorial. Quando se faz um trabalho (uma campanha) na Europa como se pode encaminhar essa denúncia de todo o sistema econômico que mantém esta situação. Isto é, o que acontece é que essas empresas multinacionais tem suas sedes na Europa e nos Estados Unidos e é por isso que é importante mobilizar a opinião pública desses países. Eu sei, por exemplo, que o embaixador da Itália em Londres deu uma entrevista no jornal Corriere Della Sera onde ele afirma que a Itália não deveria aceitar acordos comerciais com países onde existem uma ditadura. Quando há declarações deste teor é preciso fazer alguma coisa.

LB. — Sim, mas há um Ministro de Relações Exteriores na Itália que é da Democracia Cristã e que se interessa somente por sua carreira na Democracia Cristã mas eu penso falar com o Secretário Geral do Ministério que é um homem de esquerda. Mas em todo caso no que se refere ao nosso trabalho toda campanha depende dos problemas financeiros e todas essas atividades fui quem financiei e como vocês sabem eu não sou um miliardário e para subvencionar essas atividades eu comecei a trabalhar como advogado há muito tempo. É preciso ter uma visão ampla deste aspecto já que eu sou por grandes batalhas unitárias. Não me agrada muito iniciativas pequenas, um dois ou três comitês, cada fiação política para um lado, os trokistas, os maoistas a todos querendo ter o seu próprio comitê.

RE. — *Onde o sr. pensa que seria o lugar mais indicado para se realizar esta Conferência Internacional. Roma, Paris...? Não sei, porque tudo depende da solução dos problemas financeiros. Na realização do 2.º Tribunal Russell eu gastei tudo o que tinha, minha esposa me ajudou etc, ai que tudo depende da parte financeira.*

RE. — *Eu estou certa de que nós podemos conversar e nos organizar para falar com várias pessoas que estão comprometidas com a luta dos povos da América Latina, artistas que poderiam ajudar para se conseguir fundos para esta campanha.*

LB. — Sim por enquanto eu conto com tres possibilidades. Primeiro conseguir algum organismo? (entidade) que financie, o que não é fácil na Itália e muito menos na França. Depois coleta com os amigos e por último o que você mencionou, ou seja apoio de artistas, pintores etc.

RE. — *O sr. acha viável conseguir o apoio de políticos italianos?*

LB. — Claro, quando eu criei o Comitê de Apoio para a Anistia no Brasil eu tive a adesão de sindicatos, partidos políticos, partido socialista, social-democrata, mesmo da democracia cristã, grandes sindicatos, todos aderiram.

RE. — *O sr. pensa que seria possível realizar esta Conferência com a participação de representantes de cada país?*

LB. — Sim, espero que sim. Se eu faço uma conferência de imprensa e denuncio uma situação, há pouca pressão, mas ao contrário se realizamos uma grande conferência a imprensa mundial é obrigada a noticiar.

RE. — *Quando o sr. começou a luta pelos direitos humanos?*

LB. — Foi quando abandonei o Partido (Socialista) que decidi dedicar-me a solidariedade internacional. Eu comecei com a guerra da Argélia, depois com a Palestina e em 1965 eu comecei a me interessar pela América Latina através da Campanha pela Anistia na Venezuela da qual falei anteriormente.

RE. — *Quantos anos o sr. tinha?*

LB. — Em 1965 eu já tinha 62 anos.

RE. — *Mas o sr. continua atuando na política italiana?*

LB. — Continuo, você sabe que eu sou parlamentar, mas independente, não pertencendo a nenhum partido político. Participo no Parlamento Italiano.

RE. — *Como é, o sr. tem um mandato de senador? Há eleições?*

LB. — Há eleições teoricamente cada cinco anos

RE. — *Há quanto tempo o sr. é senador?*

LB. — Eu fui eleito deputado por Milão a primeira vez depois da guerra, em 1946, para a Assembléia Constituinte. Eu sou um dos autores, o pai, da Constituição Italiana. Fui reeleito em 1948, 53, 58, 63 e 68 sempre como deputado por Milão. Depois em 1972 como eu não pertencia mais a nenhum Partido é era difícil entrar como deputado e na Itália há a possibilidade de candidatar-se nominalmente para o cargo de Senador, fui então candidato nominal ao Senado e em 1972 e 1977 eu fui eleito senador por Milão. Eu sou Parlamentar há 33 anos, primeiro deputado depois senador, mas tudo é a mesma coisa, não há nenhuma diferença.

RE. — *O sr. é internacionalista?*

LB. — Sim, eu sou marxista.

RE. — *O sr. crê que haverá uma saída socialista para a América Latina para os próximos 10 anos.*

LB. — Não vejo uma saída socialista mas creio que haverá um abrandamento da situação e que algumas possibilidades vão surgir, se conseguimos, por exemplo, meus amigos montoneros dizem que se for possível realizar eleições livre e na Argentina já seria um grande avanço.

RE. — *O que aconteceu na Argentina foi terrível. Dizem que a história não se repete e ela acaba de se repetir. Aqui nós temos medo que venha a se repetir também.*

LB. — Mas é preciso lutar, e vocês estão lutando. A Anistia, no Brasil, conta com o apoio de grandes forças, como a Igreja Católica e na reunião nacional de vocês eu vi tantas mulheres... o que é um bom sinal — pode ser o sinal da vitória. Eu também continuo lutando, estou com novos projetos, eu gosto de criar coisas suas, e novas, e depois, como estou velho e doente...

Os novos enlatados da Bandeirantes.



Enlatados, mas criados, produzidos e realizados aqui. Feito doce caseiro, daqueles que só mesmo o brasileiro conhece a receita.

Alô, alô, atenção. O Chacrinha vai dar 50 mil cruzeiros para o peru mais bonito do Brasil.

Tai a prova. Onde mais você veria uma oferta dessas? Só mesmo na Buzina do Chacrinha. Ela vai ao ar (aliás nunca esteve tão aérea) aos sábados, às nove da noite. Uma loucura total. Chacretes, música, concursos, buzinas, gargalhadas e gente famosa, num frenético ritmo de alegria bem brasileira.

Você e o Juca. Na cama.

O humor na Bandeirantes não vai ficar só nisso. Vai de segunda a sexta com Nós na Cama. Um programa de 3 minutos (curto, porém grosso) com Juca Chaves. As 11 da noite.

Débora Duarte e Antonio Marcos comandam Rosa e Azul.

As terças-feiras, 9 da noite. Uma disputa inteligente entre duas TVs: a Rosa e a Azul. A rivalidade, a guerra fria e a competição entre o homem e a mulher, num programa para macho... e fêmea.

Agora tire um pouco o sorriso do caminho.

Política? Esporte? Religião? Humor? Ensino? Esses e outros assuntos serão tratados no Encontro com a Imprensa. Um programa onde os melhores profissionais do jornalismo estarão entrevistando gente que sempre tem muito a dizer. Toda segunda-feira, às 23:00 horas.

A informação ampla e irrestrita.

É o Jornal Bandeirantes. As notícias do país e do mundo, comentadas e analisadas por jornalistas como Joelmir Beting e Sebastião Nery.

Diariamente, às 20:30 horas.

Na quinta tem Mais Mais.

Uma parada de sucessos com as músicas que o Brasil e o mundo estão cantando agora. E também com os sucessos que o Brasil e o mundo vão cantar sempre. As 9 da noite.

Resumindo: entra programação ao vivo e sai programação ao morto.

São nada mais nada menos do que 80 horas de programação ao vivo.

Portanto, 80 horas a menos de enlatados estrangeiros. Com excesso, é claro, daqueles premiadíssimos filmes que você não pôde ver no cinema. Ligue na Bandeirantes e conheça o enlatado brasileiro com embalagem brasileira.

Bandeirantes.

Uma nova estação o ano inteiro.

Carta de Manaus

Márcio Souza



Desenho: Lauro

UMA ZONA É UMA ZONA E UMA ZONA

Depois da Zona
de Manaus,
uma outra Zona
na Amazônia?



A Zona Franca de Manaus é uma das poucas coisas da Amazônia que não se transformaram em mito. Quando muito é fenômeno pouco conhecido e compreendido, um negócio muito distante e nebuloso, misto de supermercado de produtos eletrônicos e práticas comerciais pouco recomendáveis. Recentemente, num de suas imprudências verbais, o general Figueiredo disse em Belém que em seu governo poderia ser instalada uma Zona Franca também na capital paraense. O que parecia ser uma demonstração de espírito de equidade (de igualdade, não de égua, bem entendido) acabou provocando um corre-corre entre os políticos arenistas do Amazonas, talvez os únicos, se não contarmos com a seleta minoria de "industriais" e "comerciantes" que estão se beneficiando diretamente, que ainda acreditam nos milagres da Zona Franca. É que mais uma Zona na região viria bagunçar o coreto já bagunçado da Zona Franca de Manaus, e caso a Zona dos paraenses seja instalada, pela localização geográfica de Belém, a capital amazonense não terá nenhuma vantagem em continuar com o privilégio de ser a única Zona garantida pelos incentivos fiscais. Ainda que a promessa do general Figueiredo não vá além da delicadeza para com seus anfitriões paraenses, o fato é que o desespero que toma conta das chamadas classes conservadoras amazonenses, mesmo quando estão frente a uma simples manifestação da evidente ignorância do Presidente eleito perante as nuances da política regional, demonstra a fraqueza da conjuntura que criou a Zona Franca. De fato, nunca se viu castelo de cartas de equilíbrio mais imprevisível quanto à Zona Franca de Manaus.

A Zona Franca de Manaus é uma conjuntura favorável ao grande capital e faz parte da estratégia de expansão do capitalismo na Amazônia. No entanto, pelas suas características especiais e pela delimitação de seu raio de ação geográfico, a Zona vem seguindo paralela aos outros projetos de entrega da região, ainda mais que a divisão internacional do trabalho continua a exigir de áreas como esta, a velha produção de matérias-primas. É certo que existe agora a variante agropecuária, a produção de carne para a exportação, bem como a crescente exploração dos recursos minerais que pelas possibilidades da área, colocaram a Amazônia, segundo a revista norte-americana "Engineering and Mining Journal", ao nível da "nova província mineira dos anos 70". Mas a Zona Franca colou as suas margens sobre as fronteiras do município de Manaus e em pouco mais de dez anos, sem que os próprios amazonenses percebessem, criou um canal de drenagem de recursos tão poderosos que hoje, pelos próprios relatórios oficiais, remete mais dinheiro para fora do que todos os incentivos que entram. Em poucas palavras, a Zona é um negócio da China:

Os mais ardorosos ideólogos da Zona colocam a culpa na concentração da renda e na drenagem de recursos, isentando-a, no sistema geral vigente no País. Como se fosse possível imaginar a Zona Franca fora da política econômica do regime autoritário. Afirmar que a Zona representa a industrialização da área de Manaus e que só assim estarão estabelecidos os mecanismos de acumulação do capital para o salto capitalista, se não é ingenuidade, é pura manipulação ideológica para enganar os trouxas. A Zona Franca necessita dos grupos multinacionais como o cadáver no deserto precisa do abutre. Como conjuntura a Zona beneficia, enquanto pode, a permanência temporária dessas indústrias de esteira de montagem, que não deixam nem fumaça, muito menos tecnologia, indústrias de "caixas-pretas", aproveitando a mão-de-obra barata e dócil que vem se juntar aos incentivos para a maior glória dos grandes grupos. Quanto aos grupos menores, ficam as rebarbas, e para os grupos locais, o olhar pidão. Dizem até que a única indústria amazonense trazida pelos benefícios da Zona é a fábrica de picolé "Din-din" (suco congelado num saquinho plástico de maneira artesanal e vendido ao povo).

E quanto ao trabalhador? Já deu para ver que a Zona leva mais do que entra e no cômputo geral não deixa quase nada. A maioria dos industriais não residem sequer em Manaus, quer dizer, nem o pagamento de luz, água e telefone eles deixam na cidade. Enquanto o setor de indústria de re-exportação (termo usado para caracterizar as fábricas de produtos eletrônicos e outras instaladas durante a Zona Franca) vem apresentando um índice de crescimento de 500%, os gastos com a mão-de-obra não ultrapassam a 13% do custo industrial.

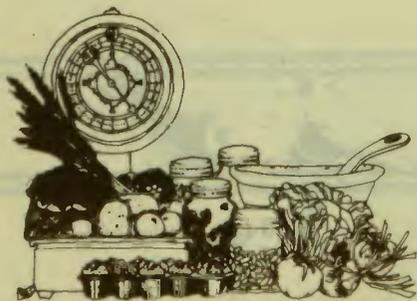
A mão-de-obra é barata, 97% recebe salário mínimo, num total de cerca de 15.000 empregos num mercado de 120.000 ofertas. Note-se que somente o aparelho estadual emprega aproximadamente 70.000 pessoas, o resto se acomodando em atividades terciárias, serviços e semi-emprego. A população ativa de Manaus, conforme fontes oficiais de dezembro de 1976, era de 250.000 pessoas. Para a mesma fonte, o alto índice de pessoas desempregadas estava explicado pelas donas-de-casa e estudantes. O que dá para se pensar que em Manaus deve ter muito marmanjo de avental na cozinha ou frequentando os bancos escolares. É que a Zona Franca, segundo os arautos do milagre, tinha erradicado o desemprego de Manaus, uma explicação muito frágil para o alto índice de assaltos, latrocínios e outras contravenções que são claramente provocadas pelo desemprego.

Mas os 97% de trabalhadores que fazem mágica com o salário mínimo parece não sensibilizar certos ideólogos do milagre. Muitas vezes esses ideólogos se mostram até progressistas e chegam a garantir que a degradação do trabalho com



a Zona Franca é uma etapa acima da exploração desenfreada do trabalhador no extrativismo (forma de produção tradicional na região). Evidentemente que a exploração da força de trabalho na Zona Franca é mais sofisticada que no extrativismo, mas daí a dizer que é quase um paraíso vai uma elasticidade muito grande. Para esses ideólogos o salário mínimo não pode ser considerado uma remuneração absoluta, pois as fábricas estão oferecendo transporte gratuito, alimentação barata e assistência médica. E mais, que as condições de trabalho são bem melhores que as de um seringal. Realmente, numa fábrica do distrito industrial o trabalhador não corre o risco de topar com uma onça faminta, mas o fantasma da instabilidade e a dura realidade da fome são diferenças apenas superficiais para o trabalhador. Em algumas fábricas que trabalham com gás tóxico, os cuidados são negligenciados e o trabalhador permanece exposto durante toda a jornada de trabalho. Certos postos médicos nas fábricas funcionam como fiscais para impedir licenças no INPS, como se o trabalhador fosse um vagabundo espartalhão. E os restaurantes têm funcionado muito mais como apoio para a produtividade, já que um operário faminto trabalha menos, que como um real incremento ao ordenado.

Há muito mais coisas por trás das prateleiras das lojas da Zona Franca do que suspeita a nossa vã filosofia. A cidade de Manaus ganhou, ao lado dos turistas apressados, enormes problemas sociais que estão ficando crônicos. A qualidade de vida decaiu e a mortalidade infantil subiu assustadoramente. Vive-se hoje na cintilante Zona bem pior do que há dez anos, mesmo com todos aqueles magníficos amplificadores Marantz. E como o trabalhador não está interessado em equipamentos Marantz, não foi sem propósito que, enquanto os políticos e aproveitadores da situação tremeram na base ao ouvir o general Figueiredo, os trabalhadores resmungaram entre si alguma coisa parecida com: coitado dos trabalhadores paraenses!



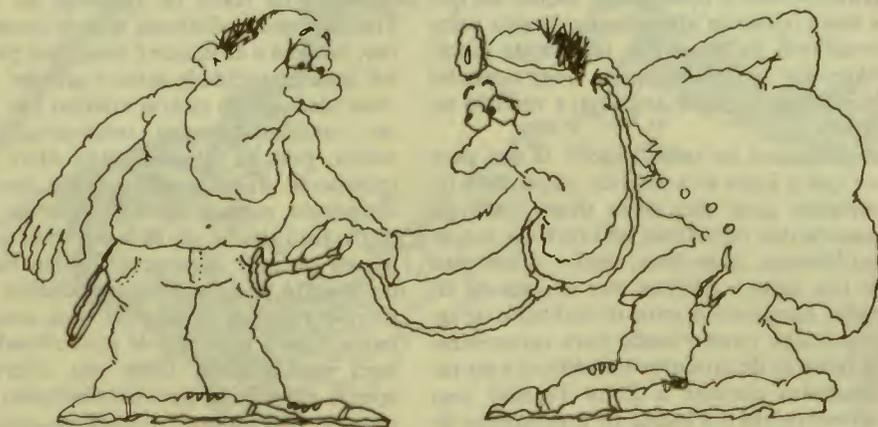
Sal & Pimenta

•Nos corredores do Banco Nacional da Habitação corre uma notícia incrível: o prefeito Marcos Tito Tamoio da Silva poderá presidir o BNH no Governo Figueiredo. Só a simples cogitação do nome do prefeito demonstra que DE GAULE continua com a razão. Não é sério o país.

M.A. JACOBSKIND

Instituições Democráticas

A SAÚDE POSTA EM QUESTÃO



“Saúde em Debate” é, hoje, uma das mais importantes publicações brasileiras. Ela começou a nascer em 1976, entre alunos da Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de São Paulo. Mas antes mesmo da revista ser lançada, ficou claro para sua equipe que o projeto original deveria ser enviado. É assim que surge ainda em 76, o Centro de Estudos da Saúde-CEBES.

O que pretendia?

“O direito de melhores condições de vida e melhor tratamento nas doenças só pode ser uma conquista popular”, diz Emerson Marth, em seu artigo “Saúde e Democracia”, no número quatro da revista. Com estas idéias, o CEBES chega a 78 com 5 mil associados, espalhados em 10 Estados e Distrito Federal. A linha de trabalho, que vem sendo seguida pelos núcleos de estudos, municipais e regionais, aprovada na primeira Assembléia geral é: a união das lutas desenvolvidas no setor, por melhores condições de saúde para o povo, àquelas que se travam, pela democratização do país.

A revista “Saúde em Debate” torna-se assim, um veículo de debates, de confronto de opiniões, de apresentação sistemática de idéias, para esclarecer vários aspectos da questão saúde-doença. E o aumento da produção dos

grupos de estudos (pesquisa, organização de dados, artigos, etc.) também leva a revista a ser um ponto de referência para os vários segmentos da sociedade.

O CEBES está, também, editando uma série de livros na Coleção Saúde em Debate, que inclui, entre outras, parte da obra de Samuel Pessoa. Por outro lado, o programa de trabalho do CEBES para 78/79 dá prioridade à transformação da entidade num veículo de união de profissionais da saúde entre si e com as entidades que representam os setores populares.

Na prática— diz Emerson à Singular & Plural — este objetivo tem sido atingido, ainda que, principalmente, através de cursos e debates sobre a saúde e suas relações sociais. “Com o fim do constrangimento econômico em que se encontra o Centro, e com a abertura necessária para a execução total do Projeto-Cebes, é tarefa básica ser encaminhada a questão política da entidade. Esta deve ter ampla participação, ser democrática e independente para definir o setor saúde. A base do programa deste Centro é organizar, em todo o país, núcleos de estudos ativos, capazes de aprofundar o debate sobre nossos problemas sanitários”.

Maria Inês Machado

Teses

Economia: rumo à social-democracia?

Absorvido o primeiro impacto produzido pelo movimento operário grevista, inicialmente desencadeado na grande indústria de São Paulo (mecânica e metalúrgica), num horizonte largo uma questão já tende a se impor no novo turno das negociações entre trabalhadores e patrões. Até que ponto se expandirá a dosagem política dos movimentos grevistas?

As formas atuais e futuras de negociação salarial — com vocação a contar cada vez menos com a interferência estatal — não são outra coisa senão um termômetro útil para delinear o rumo da economia brasileira, a ser definido certamente bem antes do final deste século.

O recurso à greve pacífica — todo mundo sentado dentro da fábrica, por exemplo — emprestou à convicção de que, em que pese seu esmagamento nos últimos 15 anos, a mobilização operária renasce amadurecida e não se permite fazer jogos vanguardistas desvinculados do movimento social relacionado ao próprio estágio de desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

Dessa perspectiva, é um erro exigir-se das oposições sindicais consequentes, recém-saídas do subterrâneo do anonimato, avanços e condutas revolucionárias. Não será o nascimento, lançamento, e avanço de uma vanguarda operária — desligada das lutas políticas mais gerais, digamos — que determinará a linha das futuras negociações nem tampouco o rumo que a economia seguirá em seu conjunto.

Diretrizes de lutas elaboradas fora do conjunto das categorias profissionais específicas ou das categorias em geral não só poderão atrasar a caminhada do operariado brasileiro rumo a um quadro político determinante para um salto a um conteúdo revolucionário na luta de classes como poderão criar situações determinantes para a instalação e conservação, ad eternum, de um modo econômico de

• Só a *Tribuna da Imprensa* noticiou recente decisão do 4.º Tribunal do Juri do Estado do Rio referente a Senhora Maria Laura Ribeiro Falcão, irmã do Ministro da Justiça Armando Falcão, acusada de ter assassinado o seu companheiro José Viana Koblitz, crime ocorrido há 11 anos. No final de outubro, o juiz sumariante José Carlos Barbosa Neto aceitou a denúncia apresentada pelo Promotor Francisco Gil Castelo Branco, enquadrando a irmã do Ministro da Justiça em homicídio qualificado. O Juiz só aceitou a denúncia depois de oito dias, embora tivesse um prazo de cinco dias para decidir. A demora levou a funcionária do Tribunal a acreditar que as pressões foram grandes.

Algo a declarar?

M.A. Jacobskind



Sal & Pimenta

produção (ou de gerência de produção) capaz de perpetuar o capitalismo: a social-democracia.

As experiências conhecidas de países onde se impôs a social-democracia, como a Alemanha Ocidental (os EUA venderam o sistema político-econômico à Alemanha pós-guerra de 45 e já em 70 o SPD assumiu o governo), demonstram ter sido tal sistema apenas um modo de manutenção do *status quo* do capitalismo. Empréstimo-se lá ao trabalhador a impressão de que, na chamada co-gestão, ele realmente administra a empresa. Determina o que produzir para a sociedade. Como, da mesma forma, nublado pelo partido majoritário a que supostamente apóia, o operariado cria um tipo de responsabilidade para com a manutenção do sistema, tudo como se, de fato, ele tivesse se apropriado do domínio da economia, do modo de produção. Patifaria.

Se tivéssemos de escolher entre o sistema econômico de produção atual no Brasil e um regime de co-gestão onde as classes operárias organizadas em seu conjunto (representada, evidentemente, do ponto de vista político) pudessem participar, com igual poder de voto e voz, dos órgãos colegiados do Estado junto com os empresários e formar com estes os conselhos administrativos das empresas, claro, a opção imediata seria pela co-gestão como passo à conquista mais ampla, à autogestão. Porque isso seria um passo adiante. Mas os passos rumo à co-gestão são delicados. Principalmente se tal pacto político não estiver pautado em bases sólidas, como uma anistia ampla, geral, irrestrita e irreversível. Numa Assembléia Nacional Constituinte democrática. Numa distribuição equitativa de poder entre os três poderes.

Mas paradoxalmente postado num horizonte largo sem tais requisitos pode-se vislumbrar — de acordo com as reações do bloco militar no poder aos pleitos e lutas das oposições, pelas relações dos militares apresentados como progressistas (depois de tamanha repressão) com os grupos do capital estrangeiro com as formas ainda empíricas das atuais forças sindicais apesar de sua crescente expressividade política — o prenúncio de uma co-gestão bem parcial. Daí em diante só a prática política do conjunto do operariado responderá, com suas reações às imposições do poder econômico e às leis censurais estatais, se o Brasil estará condenado à social-democracia.

Reinaldo Cabral

CÁ ENTRE NÓS

Mario Augusto Jacobskind



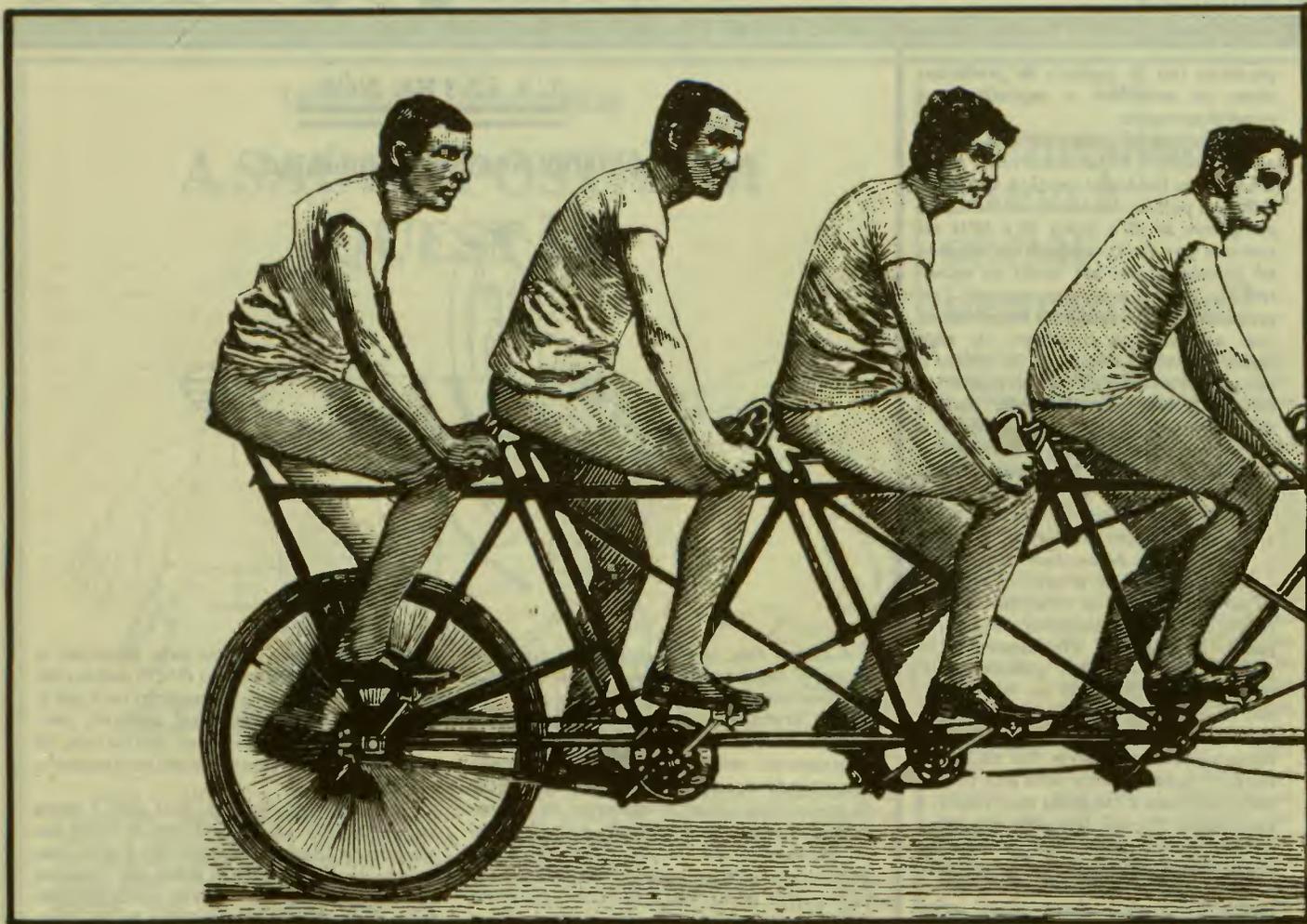
• A Lagoa Feia, em Campos, está correndo perigo? O Departamento Nacional de Obras de Saneamento, dirigida no Estado do Rio pelo senhor Acir Campos, diz que não. Os pescadores da região garantem que as obras de rebaixamento sendo feitas pelo DNOS estão ocasionando o secamento da Lagoa. O DNOS diz que as obras visam a regulagem do volume d'água. A polêmica se estende. Acir Campos, um engenheiro que já fez curso na Escola Superior de Guerra (conforme faz questão de frisar a toda hora), não é lá muito chegado a ecologia, ao contrário. Ele acha que o principal é a produção, no caso de Campos, a produção de cana de açúcar. A coisa anda feia na Lagoa. A Sudepe resolveu de repente acabar com a colônia de pesca da região (milhares de pessoas dependem direta ou indiretamente do pescado). O esguiano Acir Campos não está muito preocupado com os pescadores, segundo ele, um bando de manipulados por políticos em véspera de eleições (em tempos outros seriam subversivos ou manipuladores). Campos, que no fundo tem a mesma filosofia de um seu homônimo de sobrenome, conhece de cor as estatísticas da produção açucareira de Campos. Produção, produção e tome produção.

Como a imprensa andou se ocupando da questão da Lagoa Feia, colocando o DNOS em polvorosa, Acir Campos & Staff resolveu transar um esquema, digamos, especial, para mudar a imagem nos jornais. Mordomicamente (êpa!) convidou um a um, e não todos de uma vez ("para não ficar tumultuado"), os repórteres para visitar a Lagoa Feia. Cedeu até um avião

Bandeirantes, vindo do Rio, para sobrevoar a região. Em outras palavras: o DNOS queria convencer que as obras são necessárias etc. e tal. E tome avião, barco, automóvel, almoços, jantares, hospedagem por conta da casa, ou seja, do DNOS (grana dos contribuintes) para mudar a imagem.

Tanta gentileza deixa a gente com a pulga atrás da orelha. Os proprietários de terras nas margens da Lagoa avançando com a seca, construindo barragens para as águas não voltarem ao normal. Em outras palavras: terras públicas sendo ocupadas por proprietários muito vivos, e tudo por isso mesmo; barragem (segundo o DNOS para regular o volume das águas) construída por uma empreiteira de propriedade de um dos homens fortes de Campos, o líder da Arena no Estado, Alair Ferreira; os peixes escasseando etc. Até agora as dúvidas continuam.

Se é dever, ou pelo menos deveria ser, das empresas públicas e governos darem conta dos seus atos, que dirá nestes tempos de corrupção, especulação e outras barbaridades. Não é tentando "amaciar" que virão respostas. Ao contrário, quanto mais Bandeirantes para sobrevoar, reservas de hotel e refeições por conta da casa etc, etc, etc, é que as dúvidas aumentam. Pescador não é nenhum débil mental, como quer dar a entender o sr. Acir Campos, para protestar à toa. Pescador é gente que conhece o seu habitat como a palma da mão. Se diz que os peixes estão escasseando é porque sabem que alguma coisa de errada está acontecendo.

RUMO À MALUFLÂNDIA!

Maluflândia, Mamataquara, Salimburgo ou qualquer outro nome que seja, sou a favor da mudança da capital paulista para o interior do Estado.

Já existe uma comissão estudando a localização dela e a primeira coisa a se fazer é aumentá-la ao máximo. Seria bom incluir nela, por exemplo, o Delfim Neto, José Papa Jr., Erasmo Dias, Ademar de Barros Filho, Jorge Maluly Neto, Cláudio Lembo, Dulce Salles Cunha Braga, Manoel Ferreira Filho e muitas outras pessoas. Imediatamente, depois, o negócio é mandar essa comissão se fixar no local escolhido e não sair de lá, acompanhando as obras o tempo todo.

Em seguida, mesmo que em prédios provisórios, transferir para lá a sede do governo, o Dops, o Bradesco (que hoje está lá na Cidade de Deus ganhando dinheiro e mandando os empregados rezarem), as Federações do Comércio e das Indústrias, a secretaria da Segurança Pública, a Rede

Globo, os bares da rua Henrique Schaumann, os meninos de Deus, todos adeptos da seita Seicho-no-yê, a TFP com todos os seus seguidores, o curso Objetivo, algumas faculdades vagabundas que tem por aí, todas as construtoras de prédios enormes com apartamentos pequenininhos, e um monte de outras coisas — e pessoas — “indispensáveis” para o funcionamento da capital.

Concordamos que a nova capital não vai ser muito agradável, mas a cidade de São Paulo vai melhorar muito com a saída disso tudo aí. E deixando de ser capital, ainda volta a ter o voto direto para prefeito, o que não representa muito mas dá pelo menos a certeza que não teremos mais prefeitos tão ruins como os que têm sido colocados aqui, por interesses diretos de todo mundo menos dos moradores desta cidade, inclusive o próprio Maluf, que já assolou esta cidade e agora vai assolar o Estado inteiro.

Vai firme, Maluf. Vá para o interior e leve sua turma. Pela primeira vez o povo de São Paulo estará a seu favor.

Wagner Carelli

O HOMEM E A METRALHADORA

Cara a
Cara



Ousassem os ciganos ler as linhas do rosto: a mística obscura das mãos perderia seu pouco sentido. Este rosto é um caderno de caligrafia, tudo nele é traço legível, letra de forma rigidamente delineada no esforço de mão pesada para escrever. O tempo move o lápis e forma frases curtas e infantis: o homem é duro, o homem é frio. Está doente, de uma doença dessas que deixam tristes os homens.

Por cima do nariz, duas rugas descem abruptamente — tudo nele é abrupto — para desaparecer sob os grossos aros dos óculos. Não se trata de uma testa que se deixe franzir com facilidade, e nas rugas transparece uma atenta concentração. O homem poderia ser um professor elaborando problemas aritméticos para as provas de amanhã. E a sisudez caberia num funcionário público em função executiva, enfadado mas diligente no trabalho cotidiano de despachar protocolos.

A expressão também faria supor alguém que namora o abismo, como quem quer morrer. E, contudo, o homem está apenas brincando. Há, por algum insondável esgar nessa boca fina e acostumada a crispar-se, a vontade docilmente reprimida do prazer. Paíra por todo o semblante como uma sombra, esbarrando em seus sinuosos relevos, altos e baixos. E é como se ocultasse de

leve a necessidade que tem esse rosto de ser rigorosamente pétreo. O homem brinca, como se finalmente pudesse brincar. Como se nunca antes tivesse fruído dos lúdicos lances da existência. Quem sabe, em algum dia distante, esse viver notadamente longo fosse privado dos brinquedos para os quais demonstrasse uma tendência natural. Quem sabe gozasse com os jogos mecânicos, com o desencadear lógico dos movimentos de roldanas e alavancas. E fosse obrigado a afastar-se desse gozo por uma vontade maior e impositiva, como explicam as mais rudimentares fórmulas psicanalíticas. Ou, sabe-se lá, quisera ser pintor. Alguém na história recente também não o conseguiu e resignou-se a erguer o III Reich.

De qualquer modo, esse homem reencontra o brinquedo. Em algum lugar imediatamente abaixo do ridículo e inútil bigode há um sorriso não declarado. E é quase fácil adivinhar, sob a implacável austeridade das lentes escuras, uma certa languidez do olhar sobre o palpável — mais que obscuro — objeto do desejo. Palpável, claro. Há destreza e eficiência nas mãos que escapam das mangas-grutas de tergal cinzento. Demonstram uma habilidade insólita, porque são as mãos grosseiras do neanderthal, ainda à espera de forjar a roda capaz de minorar-lhes

pedosamente o calejado esforço. Peludas e manchadas, parecem descobrir sozinhas cada saliência dos terrenos do metal. Mas, seguramente, se demonstrariam leigas em campos mais cálidos. E levarão para a tumba todos os segredos de suas vãs tentativas no tatear da graça, da beleza, da delícia.

Com o aço, todavia, elas mantêm uma atitude delicada, carinhosa, numa deferência aparentemente antiga. Sem deixar de ser as mãos rebarbativas de um orango valentudínario, como poderia observar Euclides se as visse empunhando o fogo nas jornadas de Canudos. Elas sabem o ofício do algoz, é evidente. Têm as formas duras da obediência à impiedade, e sugerem a frieza forçada dos que conhecem o comando. Parecem velhas como a idade dos homens, porque são as mãos de um guerreiro. Certamente, a serviço do poder de circunstância. Um soldado, à maneira de sempre, seguro do Walhala e da impunidade. Mas essas mãos ancestrais ostentam signos contemporâneos: despençam de relógios de quartzo, dessem de painel negro e números surpreendentes, que só se mostram ao apertar de botões. Funclonam sorrateiros. E fazem na obscuridade o tempo de ameaça.

São as mãos cegas que executam, e depressa, como diria o poeta. Não porque o coração possa perdoar. Aliás, debaixo do paletó brilhante — o hábito do monge: quem não sabe o que ele é? — é hipotética a existência de um coração. É mais lógico imaginar uma suposta máquina, criar uma imagem banal: por trás do colarinho desalinhado, da camisa enrugada e da gravata de mau gosto funcionam, digamos, algumas engrenagens. Este Cyborg sem charme — mas que, igualmente, é o arquétipo de um ser preciso para determinada ideologia e função — parece pronto a desatar a sangria de ilimitados rancores, numa cólera premeditada de forma científica. Basta estímulo, e é mais ou menos evidente de que natureza. Nem é necessário o apertar de botões. Ele decerto pertence aos esforços inventivos de uma tecnologia mais rústica, mas tão segura dos resultados como a que criou seu relógio.

Não fosse um biônico, este homem daria a impressão de ser um sério candidato ao enfarte. Em termos de candidatura, porém, preferiu sair pela Arena. E está certo de encarnar um homem de seis milhões de votos. Talvez ele tenha se inspirado em exemplos ilustres, como o do prócer Tenório Cavalcanti, o outrora filho diletto da Câmara fluminense. As semelhanças são, sob determinados aspectos, notáveis. O doutor Tenório usava capa preta, não dispensava paradas, nem tinha medo de careta. E curta o mesmo gosto pelos brinquedos exóticos: lembram-se da Lurdinha? Tossia que era uma belezinha. E tinha fogo para dez dias.



Robert Jungk, o professor-jornalista austríaco, há 20 anos escreveu uma bellissima história dos cientistas atômicos. Agora, ele lançou, na Alemanha e na Itália, uma nova obra "O Estado Atômico", que despertou grande polêmica na Europa. Aqui, ele resume os temas principais de seu livro.

O ESTADO ATÔMICO

por Robert Jungk



Para você entender melhor este texto

- 1) Para Jungk, o estado atômico, fatalmente, se tornará um estado policial; 2) O autor diz que "a energia atômica fornecerá aos autocratas uma excelente justificativa para acelerar o processo totalitário do mundo de hoje; 3) Jungk diz que a Alemanha não pode possuir armas atômicas. O que faz, então? Exatamente como em 22, quando mandava tropas treinar na Rússia, por estar proibida pelo tratado de Rapallo. Hoje, a Alemanha fornece centrais nucleares para países como o Brasil. Ou a África do Sul. Os sul-africanos querem a bomba atômica (como uma salvaguarda contra a maioria negra da nação). Os alemães estariam ajudando os sul-africanos a construí-la. 4) Diversos personagens da Alemanha nuclear teriam um passado conectado com o nazismo. 5) "Nos três anos em que preparei este livro eu vi quanta corrupção e mediocridade existem hoje entre os cientistas", diz Robert Jungk.

Em Bonn, o Parlamento alemão está reunido para o acontecimento mais importante do ano. O governo apresentará e colocará em discussão, hoje, o seu orçamento geral. As bancadas dos deputados, em outras ocasiões semi-desertas, estão todas ocupadas, assim como a tribuna. Todos os ministros estão presentes. Também foram convidados os juizes da Corte constitucional, os chefes das Forças Armadas e o presidente da República Federal.

O presidente do Bundestag pronuncia as palavras de abertura e passa a palavra ao chanceler federal. O chanceler passa a mão entre os cabelos e ajusta os óculos. Mas, na hora em que ele começa a falar, ouve-se uma poderosa detonação, que lhe corta a palavra. Em um segundo, as paredes caem e sepultam todos os presentes.

Esta é a terrível visão, traduzida em termos alemães, que o dr. Theodor B.

Taylor, um dos máximos criadores da bomba atômica dos Estados Unidos, dissemina na opinião pública americana. A sua visão apocalíptica é a seguinte: o presidente dos EUA vai ler a sua mensagem anual. Naquele momento, terroristas explodem nos limites da segurança da Casa Branca, uma bomba atômica, que tem um vigésimo da potência da bomba de Hiroshima. Explodem as paredes, e o fogo e a radiatividade matam todos os que estão no Parlamento. Segundo Taylor, seria difícil achar um objetivo tão importante para os terroristas. De um só golpe, eles conseguiriam eliminar todo o grupo dirigente dos Estados Unidos, empregando uma bombinha nuclear.

Os estrategistas da guerra civil, das potências com capacidade atômica, levaram em consideração centenas de previsões do gênero, nas quais se avançaram

toda a espécie de possíveis ameaças. Diante do imenso perigo que pode ocorrer, por atos de terrorismo nuclear, eles devem estar prontos para qualquer evidência. A possibilidade, por exemplo, de que terroristas, para resgatar alguém, ameacem matar milhares e milhares de pessoas.

O relatório oficial americano, publicado em Washington, em 1976, sob o tema "Desordens e Terrorismo" enfrenta, em particular, a credibilidade de mensagens nas quais terroristas afirmam ser capazes de recorrer ao emprego de armas nucleares, de materiais fisséis ou de meios de destruição bioquímicos. No relatório, é textualmente sublinhado que, não obstante o tom de ficção científica de tais ameaças, não deve ser descuidada a possibilidade de que se tratem de ameaças de natureza séria e praticamente realizáveis... Assim, todas as ameaças, com referência a novas tec-

**As centrais atômicas podem levar à tirania política? No estado nuclear — segundo um escritor austríaco — esquadras especiais vigiarão a tudo e a todos...
Porque grupos terroristas poderão criar uma bomba atômica e jogá-la em cima da própria Casa Branca, e...**

nologias de destruição de massa deverão ser levadas em consideração, como um desafio em relação às medidas policiais que devem ser adotadas.

Cada incidente nuclear comportará — como está previsto nos planos elaborados pelas potências nucleares — uma mobilização de unidades de polícia e das forças armadas do tipo daquelas já previstas somente em casos de situações revolucionárias. A este propósito, é indiferente que se trate de uma ameaça de extrema gravidade, como a de um ultimato que precede ao emprego direto de armas atômicas ou do ataque ao transporte de materiais físséis. O desaparecimento de alguns quilogramas de plutônio já seria suficiente para a proclamação do estado de emergência.

O mais espantoso incidente nuclear seria a explosão de uma bomba atômica sem aviso prévio ou a tentativa de resgate, como imagina Taylor, descrevendo o apocalíptico atentado ao quartelão governamental de Washington. Segundo ele, tal ação não seria privada de sentido, como poderia se pensar à primeira vista, mas permitiria a consecução de um objetivo preciso: decapitar, de um só golpe, todo o sistema social.

A consequência seria uma atmosfera geral de medo e de pânico. Um ataque levado por desconhecidos poderia representar, ainda — segundo as teorias do psicólogo californiano Douglas de Nike e outros especialistas em problemas de terrorismo — uma fórmula particularmente insidiosa de condução da guerra nuclear.

Bruce Jenkins, o mais autorizado conselheiro do governo para os problemas do terrorismo atômico, com o qual falei no escritório da Rand Corporation, em Santa Mônica (Califórnia), me disse que a maior preocupação daqueles que planejam os armamentos americanos, não é mais a "frente externa", mas o "perímetro interno a ser defendido" e o "frente interno". São os mesmos laboratórios que, há décadas, trabalharam para construir e aperfeiçoar as armas atômicas para os "grandes conflitos" contra potências estrangeiras a ocupar-se, agora, com a téc-



nica a ser empregada contra os atentados nucleares no próprio país.

Começo assim, uma segunda corrida aos armamentos, cujo objetivo é a criação de eficientíssimas armas de ataque e de defesa, em vista de uma espantosa guerra civil nuclear do futuro.

O ponto mais particularmente vulnerável do sistema de "defesa interna" contra o terrorismo atômico parece ser os numerosos transportes de material radioativo, que já hoje rodam nas estradas, em todos os países industriais que dispõem de equipamento atômico.

Contrariamente ao que acontece com as

centrais nucleares, que são defendidas, geralmente, por fossas d'água, por barreiras de arame farpado e equipamentos eletrônicos de alarme, os comboios de material radioativo, que percorrem longos percursos, são dificilmente defendíveis contra eventuais ataques de bandos de agressores dispostos a tudo. Até agora só foi possível construir carros especiais, pesadamente blindados, armados e camuflados. Em teoria, são à prova de bomba e, em caso de ataque, podem ser protegidos por cortinas de fumaça e neblina.

Os adeptos da planificação da segurança no campo atômico estabeleceram, pois, que

estes veículos, (viajando sempre em comboio), no futuro deverão, ser equipados com aparelhos eletrônicos de localização e alarme. Isto porque se algum dia um ataque fosse bem sucedido, e os terroristas conseguissem roubar material SNM ("Special nuclear material"), poderia bloquear as estradas e seguir os assaltantes. Para tal fim, foi instalada nos Estados Unidos uma rede de informação, via rádio, através da qual os motoristas e a escolta armada dos comboios devem manter um contato permanente com determinados oficiais. Esta esquadra representa a parte mais controlada e vigiada do pessoal da ERDA ("Energy Research Development Administration"), hoje reunida no Departamento de Energia. Um motorista se lamentava dizendo que não podia sequer satisfazer uma "necessidade pessoal", ao longo da estrada, sem que a central não fosse informada.

Mas de que serviria a mais refinada e segura técnica se as pessoas encarregadas não dessem efetiva garantia de segurança? Em junho de 1975, dois ex-guardas do reator atômico "Three Mile Island" revelaram, por exemplo, que a câmera de TV que tinha o objetivo de vigiar dia e noite a área das usinas atômicas, era desativada mais cedo pelos guardas que queriam descansar. Também os relatórios, que eles

deveriam fazer depois das rondas, eram falsificados. Além do mais, eles também não tinham vigiado os "pontos críticos", que deviam vigiar.

O órgão de controle para a energia nuclear, NCR ("Nuclear Regulatory Commission") exige, a partir de 24 de agosto de 1978, que a indústria atômica submeta um bom número dos seus dependentes a aprofundados exames do controle da segurança e exerça sobre eles uma vigilância permanente no caso nos quais devam participar de operações "particularmente delicadas". Para ocupar tais postos, deverão, de agora em diante, ser empregados sempre dois laboratórios, ao invés de um só.

Quem trabalha nos setores produtivos ou administrativos da indústria atômica é apenas um dos vigiados num Estado atômico. Existem, ainda, todos os que trabalham nas centenas de firmas que produzem para a indústria nuclear.

Esta é outra faixa de pessoas sobre as quais devem ser recolhidas informações destinadas a ser inseridas nos arquivos estatais: todos os que vivem em um raio de 30 quilômetros de uma central atômica, mais todos aqueles que moram nas longas estradas usadas com particular frequência para efetuar transportes de "material nuclear especial". O objetivo é o de "iden-

tificá-los" preventivamente, porque em caso de atentados contra uma usina nuclear poderão fornecer um abrigo aos terroristas.

Não basta. É necessário recorrer ao emprego de agentes especiais da polícia, que deverão infiltrar-se nas associações legalmente reconhecidas, que perseguem objetivos de defesa ecológica. Qualquer ameaça nesta área deverá ser respondida com o uso de todo o material humano. Todos deverão começar a desafiar todos.

Na realidade, estas limitações ou abolições, em nome da liberdade democrática, em nome da defesa contra o terrorismo nuclear, não representam, talvez, o não expresso objetivo a longo prazo dos donos de uma indústria atômica? Com o "rearmamento interno" dos Estados altamente industrializados, poderosamente acelerado pela indústria atômica, teve início uma contra-revolução. Com o pretexto de proteger os cidadãos do terrorismo, em particular do terrorismo atômico, se minam e se abolem, gradualmente, os direitos democráticos.

A introdução da energia atômica não representa, talvez, como muitos consideram, uma decisão técnica, mas um passo político. Com a criação de usinas atômicas e com a introdução de medidas para garantir sua segurança, está aberta a porta para uma nova tirania.

Seqüência das ofertas "Gomes Ribeiro — O seu Livreiro"

**DESCONTOS REAIS
DE 60 A 80!!**

- 9a) **DICIONÁRIO MICHAELIS** — o melhor em INGLÊS-PORTUGUÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS — 4 volumes. Edição muito recente. DE 2.880 por 950.
- 10a) **GRACILIANO RAMOS — OBRAS COMPLETAS** — Edição de luxo. 12 volumes encadernados. de 2.790, por 840,00
- 11a) **A BÍBLIA SAGRADA** — ilustrada por Gustavo Doré — 4 volumes finamente encadernados. DE CR\$ 2.750, por 750,00
- 12a) **O PODER DA MENTE HUMANA** — Toda a potencialidade de nossa mente muito bem explicada em 9 volumes. DE 2.950, por 990,00
- 13a) **HISTORAMA — A CAMINHADA DA HUMANIDADE**. A história universal desde a pré-história até a 2a. GUERRA MUNDIAL — 12 volumes. ★ De 7.100, por 2.150,00

PEDIDOS A "GOMES RIBEIRO-DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA"- Rua Flor de Tília 140-CEP 04051-SP- FONE 577-0185

Enquanto o livro do General Olímpio Mourão Filho está apreendido, você pode ler outros bons lançamentos da L & PM Editores

L & PM
EDITORES

— O Homem do Principio ao Fim (Teatro) — Millor Fernandes — 80

— Cuca Fundida — Woody Allen — 100.

— Dona Anja — Josué Guimarães — 120.

E AINDA ESTE MÊS
— 1964 — Golpe ou Contra-Golpe? — Hélio Silva



Pedidos à: L & PM EDITORES LTDA.
Rua Nova Iorque, 306
90.000 Porto Alegre RS

ISABEL LETELIER DENUNCIA

Isabel Letelier, viúva de Orlando Letelier, ex-ministro da defesa do governo de Salvador Allende, assassinado há dois anos em Washington, esteve recentemente no Canadá. Objetivos dessa visita: alertar os governos democráticos contra o terrorismo internacional, incentivar a formação de comissões, em nível internacional, que pressionem o governo americano a esclarecer rapidamente o "caso Letelier"; e pedir a suspensão de toda a ajuda ao Chile, até que se chegue a uma conclusão sobre o assassinato de Orlando Letelier e Ronei Muffit. Durante sua estada em Montreal, Isabel concedeu essa entrevista a Yara Peres, da CBC, que SINGULAR & PLURAL publica com exclusividade.

A Internacional do terror

(Neste momento, há um amplo debate, no Chile, sobre o pedido de extradição de três militares envolvidos na morte de Orlando Letelier, enviado pelo Ministério da Justiça dos Estados Unidos. Esperava-se que o juiz da Corte Suprema do Chile, Israel Borquez, ao receber o pedido, acompanhado de documentos apresentados como provas ao grande júri norte-americano, colocasse as informações ali contidas a serviço do público, como tem sido costume chileno. Isso, porém, não aconteceu. Como vem sucedendo nos últimos cinco anos, mais uma tradição chilena foi quebrada: o juiz decidiu dar andamento ao caso de forma secreta).

“Os gusanos não podem continuar agindo impunemente, com a anuência de certos governos.”



Duque Estrada

Quais as prováveis consequências que a extradição dos três militares poderia provocar na política interna do seu país?

• Em primeiro lugar, cairá por terra a imagem de “independente” da Corte Suprema, caso a extradição seja recusada. Todo mundo sabe que Israel Borquez sempre foi fiel à Junta Militar e nunca refutou ordens de Pinochet. Assim, se a extradição não for concedida, Borquez evidenciará seu comprometimento com o atual governo. Se for concedida, porém, isso provocará uma enorme comoção no Chile. As próprias Forças Armadas se defrontariam com conflitos internos, caso a extradição levasse à publicação dos documentos em poder do juiz. Os militares têm o direito de saber como foram usados e manipulados, porque

nem todos os oficiais chilenos pertenciam à DINA. Ao contrário, a grande maioria sofreu perseguições, foi vítima de suspeitas e de delações por parte desse governo que os tem mantido permanentemente em estado de terror. O corpo de generais chilenos, que sempre teve orgulho do prestígio de que gozava o Exército, deve estar profundamente abalado por ter que obedecer ordens de um comandante-em-chefe que é um assassino.

Em sua opinião, o governo chileno concederá a extradição?

• Sei que não devo ser pessimista, mas me parece quase impossível que Pinochet extradite essas três pessoas, pois isso significaria cavar sua própria sepultura. No entanto, tenho esperanças e continuo lutan-

do. A prova disso é esta minha viagem ao Canadá.

E a ação civil apresentada à corte de Washington?

• Eu e Michel Muffit (viúvo de Ronie) apresentamos uma demanda civil contra o governo militar e a polícia secreta do Chile. Estamos dando tempo, para ver os resultados. Se aceitarem nossa ação, poderemos ter o direito de conhecer as informações existentes na investigação oficial e assim provaríamos nossa acusações. Nessa demanda incluímos além dos acusados pelo Ministério da Justiça dos Estados Unidos, os nomes de mais quinze pessoas, entre elas Pinochet e Michael Townley, cidadão americano que participou ativamente do assassinato, fabricando e instalando a bomba que matou seu marido e Ronie Muffit. Seu nome não figura entre os acusados porque foi expulso do Chile, a pedido do próprio Ministério da Justiça. Mas ele prestou importantes declarações sobre o caso.

("Cría cuervos y te sacarán los ojos", diz um ditado espanhol. Baseado neste antigo provérbio, o *Instituto for Policy Studies* — onde trabalhava Letelier e trabalha sua viúva — intitulou um dossiê que contém o balanço completo da conspiração que levou ao crime. O nome do documento. *They Educated the Crows* (Eles Educaram os Corvos) refere-se aos fanáticos que a Junta Militar chilena utilizou para tentar calar a oposição no exterior — e que, agora

voltam para arrancar os olhos de seus criadores. *They Educated the Crows* diz que a morte de Letelier também é o resultado da participação de serviços especiais dos Estados Unidos, Paraguai, Brasil e República Dominicana — serviços que, de uma forma ou de outra, facilitaram a execução do plano e se tornaram cúmplices do assassinato do ex-ministro.

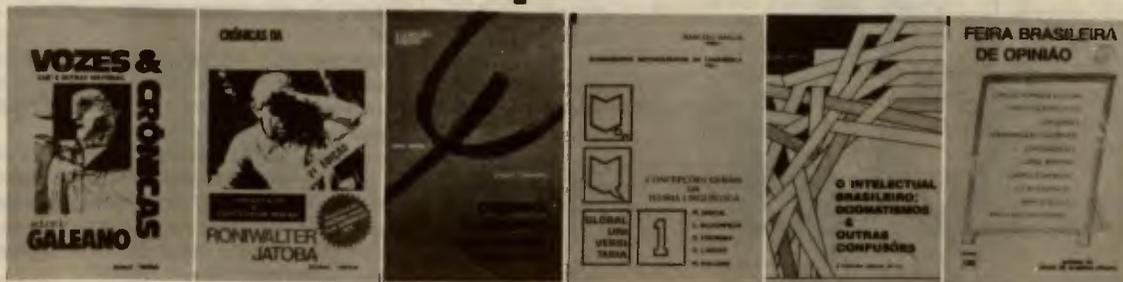
Um dos objetivos de sua viagem é alertar o mundo contra o terrorismo internacional?

• Li certa vez, numa revista americana — *Computer Decisions* — um artigo que se chamava "Você Venderia um Computador a Hitler?" O artigo mostrava como todos os países do cone sul que têm ditaduras compartilham as informações que possuem, através de computadores instalados em aeroportos e universidades. Essas conexões entre as polícias latino-americanas também foram tornadas públicas na investigação da morte de meu marido. Foi com surpresa, por exemplo, que li um artigo no *Washington Post* que falava da relação entre as polícias do Chile, Uruguai, Argentina e Brasil. A única coisa que sabíamos a respeito de Brasil e Chile era uma carta que o então diretor da DINA, o general Manuel Contreras Sepúlveda, enviou ao então chefe do Serviço Nacional de Informações, SNI, do Brasil, general João Batista Figueiredo. Essa carta, de 28 de agosto de 1975, dá a impressão de que eles mantinham uma correspondência sistemática. Nela, o ge-

neral Contreras manifesta sua preocupação, e a comparte com o general Figueiredo, no que se refere ao grande apoio que os democratas americanos estavam dando a Juscelino Kubitschek e a Letelier. E diz que se preocupa muito com "a possível vitória do Partido Democrata nas próximas eleições" — as de 1976, nos EUA. Diz ainda que, se os democratas ganhassem as eleições, isso, no futuro, influenciaria muito a estabilidade do Cone Sul do nosso hemisfério.

Não sei o que aconteceu ao sr. Kubitschek, mas sei que assassinaram meu marido. Além disso, os passaportes que entregaram às pessoas que participaram do assassinato de Orlando vieram de alguma parte. Afinal, elas foram ao Paraguai. Como entraram lá, fica por conta de nossa imaginação. Tudo isso me faz pensar. Pessoas como os "gusanos" (cubanos exilados nos Estados Unidos) que atuam em Miami, e que foram responsáveis por atentados em que mais de 600 bombas foram empregadas (somente em 1976) e que, há algumas semanas, colocaram bombas na missão cubana junto às Nações Unidas, em Nova Iorque, não podem continuar agindo com a anuência de certos governos. É preciso que se denuncie esse terrorismo internacional. Aqui no Canadá, tenho conseguido alguma coisa, neste sentido. O jornal *Le Devoir*, por exemplo, publicou um artigo sobre minha visita. O título era: "Isabel Letelier denuncia a Internacional Terrorista".

GLOBAL INFORMA: * ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



Feira Brasileira de Opinião Cr\$ 120.

Dez dos mais importantes autores do Teatro Nacional reunidos por Ruth Escobar em torno de uma proposta de uma *Feira Brasileira* que retrate o homem brasileiro "Aqui e Agora".

• *Vozes & Crônicas; "Che" e Outras Histórias* Cr\$ 100.

Eduardo Galeano

Ser repórter é contar. Contar a história que *deve* ser contada, mesmo que o risco seja o de ser um Galeano: o uruguaio que se exilou na Argentina, e que da Argentina teve que buscar o exílio na Europa.

O Intelectual Brasileiro: Dogmatismos & Outras Confusões Cr\$ 65.

J. Teixeira Coelho Netto

Neste texto, que tem por referência a presente situação nacional, discute-se o papel do intelectual diante de problemas como o do populismo na cultura, o das relações com as classes sociais e o da vanguarda, procurando determinar-se um espaço de manobra para o intelectual brasileiro.

Fundamentos Metodológicos da Lingüística - (Vol. 1) - Organizado por Marcelo Dascal (Unicamp)

Concepções Gerais da Teoria Lingüística Cr\$ 80.

Marcelo Dascal, L. Bloomfield, N. Chomsky, M. A. K. Halliday
Um volume de máxima utilidade não só para os estudantes da lingüística em nível superior, como também para todos aqueles que se interessam pela metodologia e epistemologia da lingüística, considerada por muitos como paradigma para as demais ciências humanas.

• *Crônicas da Vida Operária*

Roniwalter Jatobá

Vencedor de concursos literários, apontado como uma das maiores revelações da literatura nacional, acaba de ser consagrado em toda a América Latina, com este livro, finalista do Prêmio Casas das Américas — 1978, em Cuba, ao lado de Eduardo Galeano. Prefácio de Fernando Morais, em 2.ª edição Cr\$ 35.

Progressos e Retrocessos em Psiquiatria e Psicanálise

Gregório F. Barembliitt Cr\$ 70.

O autor visa a possibilidade de uma formação psicanalítica independente, integral e comprometida.

NAS LIVRARIAS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos à: *Global Editora e Distribuidora Ltda.* R. José Antonio Coelho, 814. CEP 04011 — São Paulo — SP

Rodolfo Konder

O OUTRO LADO DA MÁGICA

Logo, os magos descobrirão o reverso do seu feitiço



Os feiticeiros se reuniram em volta do caldeirão. David Rockefeller, o mago imperial, esticou as garras aduncas e retirou das águas turvas um boneco mal articulado. "Bota um grande sorriso nele", aconselhou Zbigniew Brzezinski. David botou. "Vamos chamá-lo de Jimmy", disse David. "E ele será o próximo presidente dos Estados Unidos", acrescentou Zbigniew (Zbig, para os íntimos). Os feiticeiros sorriram, satisfeitos — e pegaram suas vassouras e tapetes voadores, porque logo chegaria a luz da manhã. Foram-se todos. No chão, porém, ficou, amarrotada, a folha da receita.

Uma xícara de utopia quatro barras de moralismo, dissolvidas, naturalmente, em caldo pragmático bem quente (iraniano, de preferência); uma lata de complexo industrial-militar condensado; uma colher de sopa de decência; outra de honestidade; um copo de bondade. Misturar tudo no caldeirão de tungstênio do Sistema.

Cinco anos depois, os feiticeiros continuam felizes. O boneco retirado do caldeirão, diante dos bruxos de todos os grandes bancos e dos principais conglomerados de três continentes, fala como um pregador, sorri como um populista, dorme como um justo. Mas os problemas que forçaram sua criação não desapareceram.

Na época que precedeu a elaboração da receita, os feiticeiros andavam realmente preocupados. No Vietnã — diziam — surgiram poderosos exorcistas, mirrados e de olhinhos apertados, que afugentam todos os nossos duendes e gnomos, mesmo os vestidos de verde (considerados como os mais bem-dotados de magia negra). Do Oriente Médio — reclamavam — já não chega quantidade suficiente do plasma de que se nutrem nossas vítimas. E do casarão imaculadamente branco de Washington — contestavam, consternados — escorre um mar de lama, que inunda jardins, praças e avenidas da capital do mundo dos bruxos, impregnando-a com um "cheiro insuportável de latino-americanidade".

Diante desse quadro desalentador, os feiticeiros mais avançados das seitas mais ricas decidiram que era preciso agir. Tinham que projetar uma nova imagem das sinistras confrarias, deviam acabar com as brigas em torno de áreas de influência, controlar com mais eficiência o fluxo de plasma, acalmar os exorcistas — e cair o casarão branco, naturalmente.

Para cumprir essa última missão ("last but not least") os feiticeiros criaram o boneco sorridente. Além disso, ele os ajudaria "a subordinar a política nacional de cada país a objetivos econômicos transnacionais", segundo esclareceu o mago Zbig, às vésperas da sua criação. E o boneco vem fazendo o que pode.

Após cair o casarão e limpar jardins e avenidas, ele passou um pito nos ditadores da América Latina. Deixou que os grandes bancos particulares substituíssem as instituições governamentais, emprestando dinheiro ao Chile; aprovou recentemente um novo empréstimo à Argentina; continua fornecendo armas à Nicarágua. Tudo verdade. Ainda assim, muitos ditadores se sentiram amuados, por causa dos pitos recebidos. Por uma razão bem simples: a mágica ia além do desejo dos mágicos. Como?

Bem, as mudanças estimuladas pela nova filosofia dos bruxos transbordaram dos limites previstos, sob diversos aspectos. Elas não impediram que Somoza massacrasse milhares e milhares de inocentes, atirando contra todo um povo; nem que Pereda fraudasse as eleições na Bolívia; nem que Videla enchesse as prisões da capital argentina com dezenas de dirigentes sindicais do cinturão industrial de Buenos Aires. Tudo verdade. Mas, em contrapartida, levaram Antonio Gúzman à Presidência da República Dominicana. Mais: obrigaram muita gente mal-humorada a prometer carnaval; muito autocrata a prometer eleições; muito carcereiro a prometer liberdade. E contribuíram para ampliar ainda mais o espaço que vinha sendo duramente conquistado pelos democratas de toda a América Latina. Hoje, as ditaduras estão na defensiva, apesar das armas de que ainda dispõem.

É certo que os feiticeiros continuam satisfeitos com a sua criação. Mas também estão preocupados. Não podem voltar atrás, porque isso implicaria em novas brigas internas, nos bastidores da bruxaria. Não podem recuar, porque isso resultaria em novas e perigosas desmoralizações. Não querem ver o casarão de Washington novamente manchado de lama; e temem que o poder dos exorcistas mirrados do sudeste asiático estenda-se ao continente americano, um dia.

Cinco anos depois, os feiticeiros se debruçam sobre o mundo dos bruxos, atentos aos efeitos de sua mágica. Talvez eles ainda não se tenham dado conta, mas por certo logo perceberão que todo feitiço tem vida própria. Logo descobrirão o outro lado da mágica — inelutável, como ensina a dialética da magia.

NA GUE DIEF, ANTA DIOP, SOU-MA-MAK?

(“Como vai, Anta Diop, meu velho irmão?”)

ÁFRICA



Fred Aflalo

Com estas palavras começou o diálogo entre o nosso enviado especial à África e um dos maiores intelectuais do continente negro, numa manhã de sol nos jardins do Instituto de Estudos Fundamentais da Universidade de Dakar.

“Ma gui firek Sou-ma-rak” (Estou bem, irmãozinho), respondeu o professor em valaf, língua falada em Senegal.

SP Professor, em meu país, o Brasil, muitos intelectuais fazem a apologia da mestiçagem como forma de solução para o problema racial. O que o senhor pensa de uma tal política?

• Eu creio que a mestiçagem biológica, a mestiçagem cultural elevadas a nível de uma doutrina política aplicada a uma nação é um erro que pode mesmo conduzir a resultados lamentáveis. Eu creio que todas as nações devem cooperar no plano cultural, mas neste momento as expressões que empregarão são as de intercâmbio cultural, não se deve ir além e criar uma doutrina de mestiçagem cultural ou biológica. Isto pode levar a longo prazo a uma crise de identidade dos indivíduos e crise de identidade nacional, como parece ter ocorrido no Egito na baixa era. Chega um momento que a nação mesma se interroga sobre sua própria identidade e se pode prosseguir mais além neste caminho para chegar aos fins que procura. Eu acredito que se deva deixar as relações prosseguirem naturalmente e não pressionar uma mestiçagem qualquer, o que é um erro político e que nada tem a ver com uma abertura e o desenvolvimento de uma civilização multiracial.

SP O sr. pensa ser possível a existência de uma sociedade nacional de muitas raças sem choques culturais ou sem racismo em-fim?



Anta Diop: pensando a África.

• Sim, eu penso que efetivamente as raças podem coabitar muito bem e com o tempo se pode chegar a eliminação de toda noção de racismo. Na medida que os grupos étnicos perdem a desconfiança, os sentimentos de animosidade são substituídos por sentimentos de estima, de respeito e a seguir a amizade e o amor poderão existir. No início as relações são difíceis, podem existir tensões, mas a medida mesmo que a África no seu conjunto supera a prova no plano internacional, este espírito poderá provocar uma ajuda aos vários grupos africanos expatriados, seja no Brasil ou nas Caraíbas e, pouco a pouco, estes grupos forçarão por suas realizações locais, por sua contribuição ao desenvolvimento nacional brasileiro e ao desenvolvimento da cultura nacional e seu crescimento por sua relação específica terminarão por forçar a estima antes de tudo e a seguir a simpatia e amizade do total da população brasileira. E a fusão dos elementos étnicos brasileiros se fará não a nível antropológico, ou biológico, mas a nível de coração, ao nível mental, de sensibilidade. Isto em função da contribuição real que cada grupo trouxe e, estou certo que desta forma não haverá a destruição de um grupo, mas se dará a cada um as condições ótimas de produtividade para que tragam sua contribuição, em um plano, evidentemente, de igualdade.

SP A independência dos países africanos trará, na sua opinião, uma importante con-

tribuição a uma tomada de consciência política às grandes massas negras e mestiças, na sua maioria pertencente às classes sociais menos favorecidas, no Brasil?

• Eu creio que o último quarto de século será dominado pela descoberta dos liames profundos que existem entre as três Américas e a África, sob o plano cultural e sob o plano político, fato que foi relegado a segundo plano nos anos que antecederam os movimentos de independência. Nós descobrimos cada dia, pela redução mesmo das distâncias, que algumas horas separam hoje o Brasil de Dakar, e isto nos faz lançar um olhar para um fato que passava despercebido, nosso parentesco cultural e biológico. Com o desenvolvimento da independência real, nós poderemos, no interesse maior dos dois continentes e mesmo no interesse maior da humanidade, estabelecer ligações que irão se fixar nas camadas sociais as mais deserdadas, ao nível de base e, portanto, tais ligações poderão corrigir mesmo distorções na evolução de nossos povos.

SP Hoje, no Brasil como na África, se fala muito de abertura no plano político. Abertura que é feita da cúpula para a base. Entre os novos partidos cogitados está sempre um “socialista”. O que o sr. pensa desta abertura e desta participação socialista?

• Justamente o exemplo do Senegal mostra que a criação de um partido socialista pode ser muitas vezes uma “cobertura”, uma simples cobertura política buscando utilizar a “imagem de marca” no exterior e neste caso tenta-se dar a impressão que a democratização atinge até a base, quando na realidade não há nada. No Senegal, todas as aspirações populares são canalizadas por nosso partido, o RND, e este partido, que representa 60 por cento da população como provamos nas últimas eleições, não é admitido na luta eleitoral e se fala em socialismo. Ora, eu penso que este socialismo é uma etiqueta que se usa sobre qualquer tendência para salvar as aparências. Ao mesmo tempo os verdadeiros problemas, as reivindicações sociais dos mais deserdados são deixados à margem. Eu penso que qualquer abertura, que qualquer movimento de emancipação social ou política não poderá partir da cúpula, mas da base.

SP E o esforço da Internacional Socialista

INTERNACIONAL

da qual faz parte o partido do Presidente Senghor, em instalar a social-democracia como alternativa política para o terceiro mundo?

• É certo que hoje a Segunda Internacional, a Internacional Socialista, não defende os interesses dos países em desenvolvimento, mas é uma solução de reposição para a Europa Ocidental conservadora, que não pode mais reivindicar abertamente uma posição de direita e portanto usa o progressismo como alternativa. Esta não é uma solução para nós, africanos, que não fomos formados no quadro desta realidade. É uma nova forma de gestão europeia de seus negócios internacionais. Neste quadro, os africanos que desta política participam são cúmplices deste jogo. Nosso partido, o RND, afirma que uma vitória política deve ser uma vitória do povo, nós somos por exemplo por uma federação africana, mas tal federação só poderá partir de uma emancipação real dos povos. Todas as tentativas de cúpulas falharam devido aos egoísmos das equipes dirigentes. O problema deve ser equacionado a partir da base e, por isso somos a ovelha negra de toda essa gente que quer atrelar a política africana aos interesses neocoloniais. Por isso somos perigosos, não nos prestamos ao jogo, por isso caricaturam minhas idéias. A situação em nossos países é muito semelhante. No Senegal tenta-se a fragmentação da oposição em diversos grupos para que ele se torne ineficaz, para que sua ação se torne inexpressiva. Isto aqui não foi conseguido, todos os partidos que participaram das eleições obtiveram juntos 38 por cento dos votos, segundo as cifras oficiais e a nossa palavra de ordem de abstenção e de deserção das ruas de todas as cidades do Senegal foi vitoriosa, como puderam constatar todos os observadores internacionais que aqui estiveram por ocasião das eleições. Portanto a exclusão de nosso partido que quer se exprimir num quadro de legalidade democrática, prova a não-existência da democracia em nosso país.

Q O que pensa o sr. do problema da divisão colonial da África que vem causando problemas de fronteiras entre os novos países africanos?

• Eu vejo três etapas para a solução deste problema. Na hora atual, se quisermos evitar tensões, é necessário respeitar as fronteiras herdadas do período colonial. Por esta razão nós apoiamos a frente POLISÁRIO no Saara ex-espanhol, razão pela qual nós apoiamos igualmente a ação da Etiópia em Ogadem. É necessário portanto manter as atuais fronteiras evitando a guerra entre os Estados africanos. Nós somos também pelo princípio da autodeterminação dos povos. Eis, pois, os dois princípios que guiam nossa ação no plano das alianças entre os estados. Mas, nós estamos convencidos de que a África não poderá sobreviver sem a realização de

uma federação de nações. Da mesma forma que a América Latina também. Depois da derrota de Bolívar e suas idéias, a América Latina tornou-se subcolônia da América do Norte. Nós entendemos que se a África for derrotada em sua federação como a América Latina foi com Bolívar, será a anarquia e a miséria, como foi por um século entre os latino-americanos. Portanto eu penso que se não realizarmos esta federação a partir da base nós voltaremos às fronteiras políticas, pois, neste momento, as fronteiras políticas se tornam simples fronteiras administrativas e nós poderemos assim reconstituir as grandes etnias no seio da federação sem levantar problemas políticos.

Q Não existe graves problemas raciais ou tribais na África. Não são os choques resultado de instigação de forças neocoloniais em proveito de seus interesses?

• Claro, como poderia haver problemas raciais insuperáveis no seio de um grande povo?

Q — Biafra e...

• Sim é como se hoje na Europa se colocasse italianos contra os franceses ou os espanhóis. Isto também é possível obter, como foi a guerra entre Alemanha e França, várias vezes.

Q E o que o sr. pensa da intervenção cubana na África?

• Mesmo os americanos reconheceram que a presença cubana na África era desejável, mais desejável do que a presença sul-africana em Angola. Portanto, nós não estamos de acordo com o nosso governo, que não reconhece Angola (o governo do Senegal ainda não reconheceu diplomaticamente o governo de Agostinho Neto), e estamos de acordo com a ajuda cubana. Nós pensamos mesmo que a guerra de Angola foi a primeira guerra de civilização na África na idade moderna, pois foi a primeira vez que os brancos lutaram ao lado dos negros contra outros brancos unicamente porque a causa dos negros era justa.

Q Qual é a relação entre o número de efetivos cubanos na África e os franceses, por exemplo?

• Sim, há mais franceses, e nós já denunciávamos isto, pois se trata de tropas colonialistas. A presença francesa hoje, por exemplo, aqui em Dakar, é lamentável. O potencial militar francês que existe em Dakar não serve apenas para defender os interesses da Mauritània (que sofre ataques do POLISÁRIO) e por que estão aqui e não na Mauritània? É porque apóiam um governo impopular que não tem mais base de massa e precisa de defesa militar.

Q No Gabão existem oficiais franceses no próprio exército gabozês. Isto acontece no Senegal?

• Sim, com o título de cooperantes eles

atuam no exército senegalês. Certamente exercem uma discreta mas real autoridade. Penso que a França deve refletir a respeito de sua atuação na África, pois contraria seus interesses a longo termo, contraria os verdadeiros interesses do povo senegalês e de outros povos africanos.

Professor Cheikh Anta Diop, físico nuclear, diretor do Instituto de Datation et Mesure des Faibles Radio actives do IFRAN (Instituto Fundamental de Pesquisas da África Negra) da Universidade de Dakar, etnólogo, historiador e sociólogo, é autor de diversos livros, entre os quais "Nations Negres et Culture" (Edição Presence Africaine — 1955) "Anteriorite de la Culture Negre". Líder do R.N.D. "Rassemblement National Democratique" partido de oposição do Senegal, impedido por decisão judicial discutível de participar das eleições para o parlamento nacional, lançou a palavra de ordem da obtenção às urnas e deserção das praças. No dia do pleito, mais de 60% do corpo eleitoral deixou de votar e as ruas e praças de todas as cidades do Senegal ficaram desertas, fato que colocou em xeque a política de "abertura" do Presidente Senghor.

Em seu laboratório no IFRAN, o Professor Anta Diop, um dos mais respeitados ideólogos da África Negra, concedeu entrevista exclusiva a SINGULAR & PLURAL na qual são abordados temas diversos, como racismo e convivência racial, social-democracia, política nuclear do mundo em desenvolvimento.

Q O que o sr. pensa, como físico nuclear e político, da cooperação entre países em desenvolvimento e industrializados no domínio nuclear, como o recente acordo entre o Brasil e a Alemanha Ocidental?

• Tudo depende das condições desta cooperação, se o Brasil é um campo de experiências para a Alemanha que está interdita de fazer certas experiências em seu território pelos acordos do armistício, neste caso, o Brasil aparece com um vasto laboratório. De outra parte não podemos esquecer que neste momento existe uma verdadeira divisão de tarefas. As experiências nucleares são feitas em vossa casa, mas os foguetes que deverão veicular amanhã, os engenhos, são feitos aqui, no Zaire. Portanto estamos todos envolvidos. Existe também o fato de que em matéria nuclear as consequências são imprevisíveis.

Q Do ponto de vista de factibilidade econômica qual a relação entre a usina nuclear e a usina hidroelétrica tradicional?

• Eu creio que um País como o Brasil, que possui uma considerável rede fluvial com rios como o Amazonas, com imensos recursos hidroelétricos poderia muito bem não conhecer um problema de energia. A crise de energia é uma noção que poderia ser estranha ao povo brasileiro e que poderia começar pela exploração da produção de energia hidroelétrica. Nós mesmos na África, nos colocamos este problema, mas somente temos preocupação pelo fato da África do Sul estar em fase de construção de um arsenal nuclear. Nós colocamos entre parênteses o desenvolvimento de uma tecnologia propriamente nuclear que é

muito poluente, sobretudo quando se trata de centrais geradoras em plutônio, como centrais a regeneradores que fabricam mais plutônio do que elas mesmo absorvem. São as centrais da segunda geração que todo mundo está fabricando agora. Nós sabemos que o período ativo do plutônio, no qual ele permanece radioativo e altamente poluente, é de cinco mil anos, o tempo que nos separa do paleolítico superior, tempo em que os homens viviam ainda em grutas. Portanto, tal técnica é sumamente perigosa e todo o mundo é consciente deste perigo. Não se encontrou ainda solução para a neutralização do lixo atômico. A solução, que consiste em colocar tal material em blocos de cimento no fundo dos oceanos, não é uma solução válida, pois a pressão que existe ao centro dos oceanos é enorme e as correntes de grandes massas marítimas podem causar facilmente acidentes fatais talvez a toda a espécie humana, pois não se pode calcular o grau de poluição atômica decorrente. Esta é uma espécie de poluição contra a qual a técnica dos países desenvolvidos nada podem. Estes países estão em vias de destruir um patrimônio comum a toda a humanidade levando tal poluição aos oceanos, que são bem comum, às florestas, que são patrimônio comum, sem que as outras populações deserdadas da terra possam protestar. Nossos países deverão ter uma política de energia que opte pela energia de fusão nuclear, que é muito menos poluente. Estas usinas de fusão já são teoricamente possíveis e sua construção será viável em uma década e, ao contrário da usina de fissão, são muito menos causadoras de poluição.

Além do perigo da fabricação de bombas...

• Certamente, a ORTRAG, empresa alemã que terá o monopólio privado de satelitização de engenhos nucleares que atualmente agem no Zaire, também prepara um acordo com o Brasil. Esta empresa poderá se colocar a serviço de qualquer força agressora, como por exemplo a África do Sul, e colocar com precisão uma bomba atômica sobre qualquer grande centro urbano na África. É um perigo que todos corremos.

Mas o Brasil hostiliza hoje a África do Sul e condena sua política.

• Eu creio que o governo brasileiro não percebeu bem o perigo e por isso, pensando defender seu interesse, faz o jogo, sem estar atento às consequências em seu próprio solo e a consequências para a África do desenvolvimento desta tecnologia. Chamamos a atenção para este perigo aos interesses de nosso povos e mesmo para o interesse nacional brasileiro. Penso que devemos nos concentrar no desenvolvimento de técnicas termo-nucleares capazes de serem menos poluentes e dispensarmos a utilização das centrais nucleares de fissão. Assim estaremos equipados para um milhar de anos sem os atuais perigos de destruição.

ÚLTIMO SAFARI NA ÁFRICA DO SUL



Denise Stoklos

Um caldeirão ferve lentamente na África do senhor Botha, na mesma latitude do Brasil.

As famílias desandam, os jovens debandam e a portuguesa que nega o novo Portugal entra em colapso: Angola e Moçambique? Gato comeu. Na África do Sul, tudo cheira a poeira de uma sociedade que se sacode de medo. Pontificando, brilha no sol forte o suor da negrada. A negrada que se multiplica do mesmo jeito que vive: como ratos.

O turista não acredita, mesmo vendo: há os ônibus para brancos e os ônibus para pretos. Toiletes públicas, idem. Mas o cinismo não para aí. Agora só é permitido discriminar assim: brancos e não-brancos — onde se inclui os asiáticos e indianos. Chineses como os outros segregados, não são aceitos em hotéis, restaurantes, conduções públicas, etc. Mas japoneses sim. Porque o governo sul-africano mantém preciosas relações comerciais com o Japão. Ah, o governo sul-africano! Calvinista roxo, aos domingos fecha tudo e até na televisão — que só funciona das 18 às 23 horas — a programação passa a ser quase totalmente de músicas religiosas. Eles têm um ministro de relações exteriores que é o representante máximo da cara lavada de todos os países totalitaristas. O sr. P. Botha. Ele costuma falar com a crueza dos sinceros. Lá, só quem está do lado do poder pode falar com a crueza da sinceridade... Os outros têm o mesmo fim de Steve Biko, o mais recente líder negro de lá, que morreu torturado numa cadeia. Coincidência: Pretória, a capital administrativa, situa-se na mesma latitude de São Paulo, onde morreu Wladimir Herzog.

Sob o belo céu sempre azul, com

brancas e delineadas nuvens, Johannesburg (a principal cidade do país) é triste e quieta. A noite vem encontrar os negros sentados nos meios-fios esperando o resultado do jogo do bicho, clandestino como as conversas que então se tramam. Para os brancos, clandestinas são só as excursões "only for men" anunciadas em jornais para Swaziland, pequeníssimo país vizinho que vive das rendas de um cassino (o branco que tiver relações sexuais com preta responde processo e pode ir parar na cadeia, na África do Sul).

A irmã gêmea do sudpeste já declarou ser seu destino comunista e assim avizinado, mais a Angola e Moçambique, a rica e fina moça África do Sul vive apavorada com a imagem dos cubanos rondando, prestativos, prometendo alívio aos destinos dos armadilhados na terra do ouro e do diamante.

A meninada vive sonhos de um modernizado "far-west" onde as armas são automáticas e reais, e os inimigos

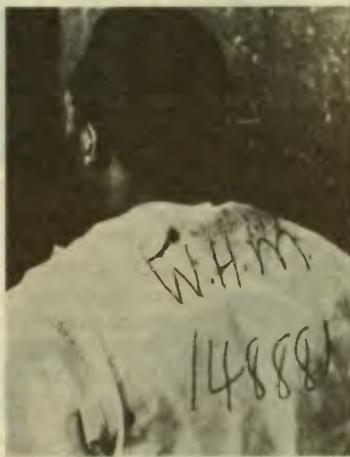
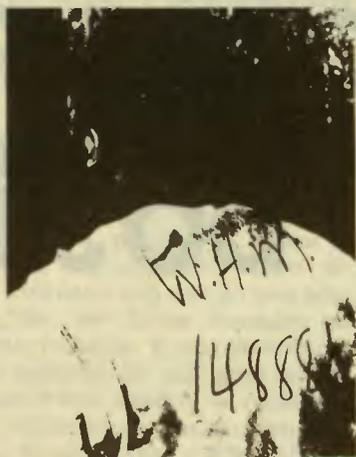


Foto: Abisag Tullman (Correio Unesco)

Um prisioneiro? Não, um trabalhador das minas de carvão da África do Sul. Ou melhor, um escravo das minas de carvão da África do Sul.

terroristas e guerrilheiros. Exaltado, o exército exhibe seu poderio em todos os meios de comunicação, com uma frequência e requintes de telenovela storwariana: na televisão são ostentados os Mirages e incríveis abrigos anti-aéreos, equipamento bélico do pesado ao leve, dispositivos de comunicação automáticos, demonstrações táticas de infantaria, cavalaria, artilharia, tudo no mais perfeito estilo de ficção subtropical.

Aquilo lá está um sufoco que promete estouro mais feio que na Rodésia. Os cinco pretos para um branco vão fazer valer essa proporção em bases de mudança qualitativa. Enquanto isso, a Coca-Cola, eterna vigilante do consumo, aproveita-se sem a menor cerimônia dessa quantidade, escolhendo para seus "lay-outs" uma bela, saudável, e jeito de intelectualmente bem favorecida, modelo negra, tipo Angela Davis (o que eles não capitalizam?). Mas, na realidade, o negro que for encontrado nas cidades sem o passe, espécie de carteira profissional, dizendo que ele está ali servindo aos brancos (como doméstica, operário, etc.) é levado para a cadeia onde passa a noite e paga 10 rands (mais ou menos 250 cruzeiros). E, se não tiver dinheiro, é enviado para as "homelands", territórios que lhe são destinados. Essas "homelands" são pobres, dependentes economicamente do governo de Pretória, que não hesita em estimular conflitos entre suas pseudo-administrações. Nas festinhas e jantares dos sul-africanos, o prato predileto da retórica, seja qual for o sotaque, é de quanto as tribos africanas são inimigas, selvagens e assassinas entre si. E, principalmente, do quanto são inaptas politicamente.

E o governo vai dando abertura, tem-

po para os ricos retirarem mais dinheiro do país antes do momento decisivo. Então, por exemplo, proclamam o "teatro multiracial": entrada permitida a pretos e brancos. Mas que preto tem dinheiro para ir ao teatro? E qual está interessado nas produções das mais inconsequentes comédias inglesas, tipo "No sex, please..." (Outra estranha coincidência: esta peça também estreou recentemente em São Paulo). Janet Suzman, sobrinha da atuante deputada da oposição. Helen Suzman, é uma respeitada atriz sul-africana que se mudou há tempos para a Inglaterra. Ela voltou quando da declaração multiracial e com dois bons atores negros conterrâneos montou "A Morte de Bessie Smith", às pressas, mas com o mínimo de senso de responsabilidade que o momento exigia. Os estreitos críticos culturalmente colonizados, e longe que estão dos seus papéis, só conseguiram enxergar que esta era uma peça imatura, do tempo em que o Albee ainda não era famoso. Ah, e que os atores não tinham o mesmo raro nível de Janet Suzman. Ela fechou a peça dali a um mês e voltou para Londres, dizendo que o teatro que se fazia na sua terra era sobre coisas das quais ela não conseguia conversar por mais de dois minutos sem sentir sono. De fato, o branco sul-africano se diverte com imbecilidades. O programa Andy Williams e seu tédio, por exemplo, é um grande sucesso da televisão, junto a Kojak e "Pequena Casa no Prado", um hino revoltante da mais grossa pregação moralista e religiosa da família, tradição e propriedade, em forma de seriado norte-americano (Os atores ingleses já se organizaram e proibiram a exibição de seus trabalhos nos vídeos sul-africanos).

A arte branca das galerias e discos, quando não absolutamente importada,

é supérflua, solta no tempo e no espaço. Bem, é que a polícia lá também recebe denúncias e retira de exposição obras que atentem ao sistema. Eles têm também o seu CCC, uma ala jovem radical do partido nacionalista, que prima por seus atos de selvageria. Esses jovens destruíram literalmente um movimento de artistas para coleta de assinaturas que exigia a abertura multiracial do único teatro, o municipal de Petrória, que ainda se recusava a aderir. Os meninos foram lá, rasgaram as listas de assinaturas, empurraram artistas, derrubaram mesas e quebraram cadeiras.

No mais, tudo bem. As facilidades de ascensão econômica ao cara-pálida segue um ritmo bastante alvissareiro. São raros os que ainda não possuem piscina particular e um carro para cada membro da família. A grande parte vive num quase paraíso de conforto. A assistência médica gratuita, por exemplo, deveria ser imitada no mundo inteiro, pois atinge as raias da perfeição. Imagine o INPS dos sonhos do operário. É isso. Os melhores médicos e equipamentos (ambos funcionando impecavelmente), atendimento imediato, hospitais modelo, nenhuma fila, enfermeiras solícitas que visitam a recém-mãe para atendimentos e conselhos. Clínicas de bebês em cada bairro onde semanalmente um pediatra e uma enfermeira especializada acompanham o desenvolvimento das crianças com exames de primeira, orientação, dieta alimentar dirigida, controle do peso, vacinação, distribuição de remédios, etc., tudo de graça, do bom e do melhor.

As defasagens comem soltas... O país é bilingüe, mas tanto os ingleses como os afrikaans (descendência de holandeses e francês) garantem que aquele solo é basicamente deles porque lá chegaram, viram e venceram "by themselves". Mas são exclusivistas, só aceitam dividir o que não for benfeitoria: as "homelands". E juram que os negros viviam no norte, antes dos primeiros desajeitados branqueles gananciosos aportarem de bermuda e chapéu safari no Cabo da Boa Esperança.

O chavão político nacional ressalta a especialidade da problemática sul-africana por ser multifacetada, tal como múltiplas são as nações dentro do país. Até aí morreu Neves, diria o leitor. Para eles, não. Significa que não é para ninguém meter a colher que o angu é deles. Mas existem forças de resistência como a do pessoal que alfabetiza negro usando o método Paulo Freire. Mas isso já não cabe numa matéria com este título...

ÁFRICA 3

A ESTRATÉGIA DIPLOMÁTICA DE AGOSTINHO NETO



O neocolonialismo na defensiva. O que aconteceu em Kinshasa? Quais as conseqüências do acordo Angola-Zaire?

Uma das maiores recepções que Kinshasa, capital do Zaire, ofereceu a um chefe de estado estrangeiro foi a que acolheu Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola. Nos últimos dias de Agosto, um mês após o restabelecimento oficial de relações diplomáticas, a capital zairense foi cuidadosamente

preparada para receber o ex-inimigo. As sedes dos movimentos de oposição ao governo de Angola, F. N. L. A. (Frente Nacional de Libertação de Angola), notoriamente ligada à C. I. A. americana, FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda), sustentada pelo próprio governo do Zaire e por companhias pe-

trolíferas, UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), apoiada pelos chineses e por Pretória, foram desativadas por ordem do próprio "Cidadão Guia" Mobuto Seze-Seko. Nas ruas, faixas em português com palavras de ordem do MPLA (Movimento Popular de Libertação da Angola), partido de Neto, como "A



As Causas do Acordo

Objetivos econômicos

Vitória é certa, a Luta continua" ou "O MPLA é o Povo e o Povo é o MPLA", e centenas de angolanos residentes no Zaire, não comprometidos com os movimentos fantoches, que acenavam bandeiras negro-vermelhas da jovem nação angolana. Uma imensa multidão de cidadãos zairenses também enchiam as calçadas para ver o líder que havia enfrentado duas guerras pela independência de seu país e cuja presença ali tinha um significado de esperança e de paz.

O Guia, Chefe de Estado, do Partido e do Governo zairense, "Cidadão" Mobuto, acostumado a ser o astro destas concentrações, teve que ceder a outro protagonista o papel principal do espetáculo. Era sobre Neto que convergiam todas as atenções. As palavras do estadista angolano foram para destacar o valor deste ato de aproximação entre os dois países para a causa da unidade de todo o continente africano. A frustração das manobras provocatórias e diversionistas de países interessados em manter as nações africanas sob dependência real, apesar de uma independência formal, foi destacada como a mais importante vitória obtida pela diplomacia angolana ao promover um concreto acordo com seu vizinho do norte. Apesar das conhecidas ligações do regime de Kinshasa com a África do Sul e seus compromissos com o neocolonialismo europeu (principalmente com a política africana da diplomacia francesa) no comunicado assinado pelos dois chefes de estado constava:

"... adesão aos fins e princípios da carta da O. U. A. (Organização de Unidade Africana) e das Nações Unidas e a preocupação pelo fato que a África Austral esteja ainda sob dominação estrangeira e sujeita ao "Apartheid". E prometia... "a intensificação dos esforços mútuos para o estabelecimento de uma nova ordem econômica no mundo".

Todos os princípios emitidos na reunião de Kinshasa foram no sentido de reativar os princípios do pan-africanismo, independência real das nações africanas, não alinhamento e não interferência, conceitos estes que sempre fizeram parte do ideário defendido pela diplomacia de Luanda.

O território do Zaire desde a independência de Angola e da tomada do poder pelo MPLA-Partido do Trabalho, serviu de campo de manobras para uma vasta rede de provocações visando desestabilizar o governo da jovem república africana. A debilidade política do governo Mobuto e seu isolamento diante de seus vizinhos facilitavam a atuação de diversos agentes dos países inconformados com a perda de um dos mais ricos territórios da África negra. Assim, Kinshasa tornou-se o paraíso dos provocadores e a CIA, os serviços secretos de Pretória, os agentes dos ocupantes de Zimbawe (Rodésia), o neocolonialismo francês, tinham livre trânsito em todo o país. Das fronteiras meridionais do Zaire e do território da Namíbia ocupada pelos sul-africanos, deveria partir a invasão conjunta de Angola, prevista no Plano "Cobra" denunciado pelo governo de Luanda, em 1977. A recente provocação montada por franceses, belgas, egípcios e norte-americanos, querendo atribuir a Agostinho Neto e a seus aliados cubanos a responsabilidade pela invasão de Shaba pelas tropas de Nathaniel M'Bumba, contou com a cumplicidade de Kinshasa e só não conseguiu internacionalizar o conflito pela firme ação de Neto reforçando suas fronteiras e pela entrevista de Fidel Castro aos periódicos americanos na qual se desmontava a farsa com a desvinculação total de Havana dos enigmáticos guerrilheiros da Frente Nacional de Libertação do Congo.

A desmobilização da fronteira norte de Angola e a frustração de todos os planos provocatórios, bem como a desativação das bases do FNLA, UNITA e FLEC no território zairense foram os objetivos alcançados pela dinâmica diplomacia angolana no acordo com o governo do Zaire. A paz ao norte para garantir a execução de tarefas de desenvolvimento e de reconstrução nacional era um imperativo de uma estratégia política global do governo de Luanda e sua obtenção consolidava definitivamente o regime popular de Neto.

A reativação da ferrovia de Benguela foi a imediata consequência dos acordos entre Neto e Mobuto. Com efeito, na delegação de Luanda que visitou o Zaire estavam presentes o Ministro dos Transportes angolano e o Diretor da Estrada de Ferro de Benguela, tal a importância desta via. Ela permitirá o acesso ao mar do mineral de cobre de Zâmbia e do próprio Zaire, alimentará o porto de Lobito e desafogará a economia zambiana, dependente das suas exportações de cobre. A ponte na fronteira entre o Zaire e Angola foi reconstruída colocando em operação a estrada que já funcionava em território angolano, embora sujeita aos ataques dos bandoleiros do FNLA vindos do Zaire meridional.

O próprio Zaire, cuja recuperação econômica foi condicionada por seus tutores do ocidente ao êxito de sua estratégia de provocação, como ficou claro nas conferências de Paris, Bruxelas e Washington, quando Mobuto foi convidado a se corrigir pelos seus parceiros, tinha que buscar outra saída. A solução seria a retomada de relações econômicas mais estreitas com seus vizinhos africanos, como a República Popular do Congo, cujo presidente Joachin Yhombi-Opango foi o mentor da aproximação com Angola; com Zâmbia, onde o líder Kaunda desconfiava das posições ocidentalistas de Mobuto; e, finalmente, com seu inimigo de Luanda.

O fracasso da tentativa de criação de uma força armada gendarme dos interesses neocoloniais em África, com o repúdio da última assembléia geral da OUA a esta proposta pelos países progressistas, fez com que o oportunista líder e "Cidadão Guia" Mobuto tentasse sua última cartada para salvar o seu já débil regime, rompendo o isolamento.

As consequências do acordo

Todos os periódicos que falavam em agressão cubano-angolana ao Zaire silen-

ciaram por falta de argumento. A máquina de provocação e banditismo montada ao longo da fronteira norte de Angola foi desmontada, permitindo a volta à normalidade e à regularidade da produção nas províncias setentrionais do País. Uma massa de 250 mil refugiados zairenses foi afastada do lado angolano das linhas fronteiriças e se prepara a criação de uma comissão de controle das fronteiras sob a supervisão da OUA, para afastar a possibilidade de qualquer provocação que venha a criar novamente o clima de guerra antes existente, propício aos propósitos intervencionistas do neocolonialismo. Mesmo os países ligados ao esquema de exploração neocolonial tiveram que se render ante a irreversibilidade do processo histórico angolano. O ministro belga dos negócios estrangeiros, Henri Simonet, visitou em setembro passado a República Popular de Angola e reconheceu que a imagem que se fazia no Ocidente da realidade daquele país era deturpada e que "a apreciação feita sobre Angola pela opinião européia, havia incontestavelmente mudado". Mesmo as relações com a França começam a se normalizar ante a evidência de consolidação do governo de Luanda. Em Paris, o embaixador angolano em Bruxelas, Luiz de Almeida, encontrou o Ministro das Relações Exteriores francês, François-Poncet. Angola exige que, a exemplo de Mobuto, Paris desative as centrais da UNITA, FNLA e FLEC que re-

crutam mercenários e arrematam contribuintes na capital francesa.

Livre da ameaça de seu vizinho do norte, Agostinho Neto volta-se para um maior estreitamento dos laços que unem seu país aos demais estados africanos independentes, principalmente os situados na parte meridional do continente. Em setembro participa do Congresso da UNIP, partido único do Zâmbia, em Lusaka; no mesmo mês visita Maputo para assinar com Moçambique acordos de cooperação nos setores específicos da pesca, da educação e da defesa comum. Encontra o presidente Opango, da República Popular do Congo, em Cambinda, onde assina novos tratados de cooperação e amizade.

Na política interna, a paz reencontrada ao norte alivia tensões, permitindo a retomada do processo produtivo com maior segurança e, apesar das hostilidades ainda presentes na fronteira com a Namíbia ocupada pelas tropas racistas da África do Sul, faz iniciar uma era de reconciliação nacional. Com efeito, milhares de prisioneiros pertencentes aos movimentos de oposição a serviço de interesses estrangeiros, internados em campos de reeducação, tiveram sua liberação anunciada em Cambinda, durante a visita do general Ynhombi-Opango. Os cúmplices do grupo de Nito Alves, que comandou uma sangrenta e fracassada tentativa de golpe de estado no ano passado também deverão ser liberados.

A visita de Mobuto a Benguela, para inspecionar o primeiro embarque de cobre zairense na recém restaurada ferrovia, realizada em 15 de outubro, demonstrou que o acordo estava consolidado. A própria França, baluarte da exploração neocolonial e incentivadora de atritos entre os dois países, que jogava na desestabilização do regime de Neto, muda de política em relação a Luanda e tenta normalizar suas relações com Angola. Conforme afirma *Afrique-Asis*, em seu número 172, da segunda semana de outubro, aceitaria até expulsar de Paris os representantes dos movimentos fantoches FNLA, UNITA e FLEC, que até então apoiara ostensivamente.

Agostinho Neto e seu regime saem politicamente reforçados e irreversivelmente consolidados na direção da república angolana, após o acordo. A nova dimensão política dada à direção do MPLA com a transformação da organização em Partido do Trabalho, após o último congresso, forneceu a base necessária para a elaboração de uma estratégia internacional independente e identificada com os interesses nacionais que apontavam a via do acordo para encontrar a paz justa e com honra, que possibilitará a retomada da luta pela emancipação econômica até a vitória certa, como afirma o *slogan* orgulhoso daquele sofrido e heróico povo.

FRED AFLALO

Sequência das ofertas "Gomes Ribeiro — O seu Livreiro"

**DESCONTOS REAIS
DE 60 A 80%**

- 14a) **BIBLIOTECA MARAVILHOSA INFANTIL** — as mais lindas histórias p/ a infância em 4 lindos volumes. DE 1.200, por 340,00
- 15) **HISTÓRIA SAGRADA P/MENINOS E MENINAS**. Cinco lindos volumes, fartamente ilustrados a cores, em bonita estante de papelão. DE 21.150 por 640,
- 16a) **RUI BARBOSA** — discursos, Campanhas e Conferências — DE 1.200, por 380,00
- 17a) **CURSO DE ELETRÔNICA COMPLETO** — organizado por departamento da Marinha Norte Americana — DE 2.450, por 630,00 — 4 volumes
- 18a) **ENCICLOPÉDIA DE PSICOLOGIA MODERNA** — 6 volumes. Obra completa. DE 1.650, por 690,00

Pedidos a **Gomes Ribeiro — Distribuidora de Publicações Ltda.** " Rua Flor de Tília, 140 — Bairro Mirandópolis — SP — CEP 04051 — F. 577-01-85

PLINIO MARCOS O REPÓRTER DE UM TEMPO MAU

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS
"HOMENS DE PAPEL" Cr\$ 50,00
NA BARRA DO CATIMBÓ . . Cr\$ 60,00



Obras já publicadas:

- Navalha na carne Cr\$ 45
— Dois perdidos numa noite suja Cr\$ 45
— Querô — Uma reportagem maldita Cr\$ 45

NAS LIVRARIAS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos à: **Global Editora e Distribuidora Ltda.**

Rua José Antonio Coelho, 814 — CEP 04011
São Paulo — SP

Marco Antonio Rocha

Os Anos da Perplexidade



Há cinco anos, no mês de outubro de 1973, seis países árabes produtores de petróleo, reunidos no Kwait, tomaram uma atitude sem precedentes na história da economia moderna: embargar as remessas de petróleo para os EUA, a Europa e o Japão. Aparentemente, na época, tratava-se de uma medida destinada a forçar o apoio do mundo desenvolvido para sua causa, na luta contra Israel.

Três meses depois, todavia, em dezembro de 1973, o preço básico do barril de petróleo, no mercado internacional, era quadruplicado, por decisão unânime dos 11 países então integrantes da OPEP (hoje são 13). Essa decisão, que alcançou indistintamente a todas as nações não-produtoras de petróleo — e, mais agudamente, as nações em desenvolvimento, como o Brasil — tornou claro para o mundo que não se tratava somente de um lance da guerra árabe-israelita, mas sim de uma política de longo prazo, destinada a alterar as estruturas da economia e do comércio internacional em benefício do grupão produtor de petróleo.

Em 1976, durante a reunião do Fundo Monetário Internacional, realizada nas Filipinas, o representante do Irã junto ao FMI, Hassan-Ali Mehram, nos explicava em conversa informal aquela política, utilizando uma elucidação didática. Disse que, se saíssemos do edifício das conferências, verificaríamos que o pátio em torno, bem como as ruas de Manila, estavam recobertas de petróleo (asfalto). Ampliava a argumentação lembrando que as cidades e estradas de todo o planeta vinham sendo pavimentadas com pe-

tróleo: “No entanto — observava — o petróleo é um produto muito mais escasso na natureza, e muito mais caro, do que o minério de ferro ou a bauxita. As pessoas que se julgam sensatas achariam um absurdo fantástico e um desperdício intolerável que as cidades e estradas fossem pavimentadas com chapas de aço ou de alumínio”. Tocando na manga do paletó que usávamos acrescentou, com um sorriso: “Esse seu terno também é feito com petróleo. E é para usos nobres, como esse, que pretendemos preservá-lo. Levará algum tempo, mas o mundo acabará se convencendo de que estamos certos”.

A política de preservação de uma matéria-prima evidentemente nobre, e de enorme valor industrial, já está sendo, cinco anos após, entendida. Mas, o que não se tornou claro, decorridos cinco anos, foram os efeitos imediatos e mediatos dessa política para a economia internacional.

Há, todavia, duas evidências irrefutáveis que a chamada “crise” do petróleo trouxe consigo: 1) da inconveniência e fragilidade de um tipo de desenvolvimento econômico baseado no uso intensivo e perdulário de um combustível não renovável e, pior que isso, de ocorrência concentrada em poucas regiões produtoras do mundo; 2) da incapacidade crescente da própria ciência econômica, tal como é praticada e ensinada, em encontrar remédios eficazes para os macroproblemas dos nossos dias.

A primeira dessas evidências pode ser mais facilmente explicada do que a segunda. Basta um certo recuo histórico.

Os últimos trinta anos da economia in-

ternacional se dividem, *grosso modo*, em dois períodos, principalmente no caso do conjunto dos países industriais mais avançados. Até 1960, aproximadamente, os esforços e as preocupações eram, na maior parte, dirigidos para a recuperação das devastações econômicas causadas pela II Guerra Mundial. Foi a era do Plano Marshall e suas sequelas. Essa atividade atendia a duplo objetivo: de um lado, às necessidades de reconversão, para a paz, do imenso aparelho produtivo bélico montado principalmente pelos EUA. Na medida em que a Europa e o Japão se recuperavam, esse processo de reconversão era facilitado. De outro, reduzia concomitantemente a vulnerabilidade européia e japonesa diante do “perigo vermelho”, cuja expansão, no após-guerra, era talvez acertadamente atribuída pelos dirigentes do sistema capitalista ao caos econômico, e exemplarmente constatada pelos acontecimentos na China.

Esse esforço de recuperação, que foi sem dúvida exercido com maestria, e teve seu fecho de ouro com o surgimento do Mercado Comum Europeu (que começou a funcionar efetivamente à partir de 1959-60), não implicava num aumento espetacular da dilapidação dos recursos naturais do planeta, visto que se tratava, basicamente, de repor os níveis de produção industrial nos seus patamares de normalidade, e, em parte, de reconverter para finalidades pacíficas uma produção já existente.

À partir de 1960, porém, as sociedades industriais avançadas entraram naquilo que se pode genericamente definir como a busca do “bem-estar”, o caminho da massificação da riqueza... e do consumismo. Não é necessário assinalar que o “bem-estar” social foi imediatamente identificado com a posse de inumeráveis bens materiais e o desfrute de serviços cada vez mais sofisticados, ao passo em

que o enriquecimento das massas se media pelas quantidades consumidas de tais bens e serviços. Tornou-se uma "virtude social conveniente" — para usar uma locução de Galbraith — o consumo pelo consumo, para além e muito acima de quaisquer necessidades básicas ou mesmo razoáveis.

É claro que a integração das massas na sociedade de consumo seria enormemente facilitada pela expansão em escala fantástica da produção industrial existente, e, mais ainda, pela redução máxima possível dos custos dessa produção. É evidente, também, que se o objetivo geral visava um nirvana de felizes possuidores, a redução relativa dos custos não deveria ser buscada muito enfaticamente — como no passado — na diminuição também relativa dos rendimentos da mão-de-obra. Muito mais adequado seria buscar esse efeito junto aos processos tecnológicos avançados, em parte, e, em outra parte, junto aos suprimentos de matérias-primas, insumos e combustíveis.

Foi o que estimulou a substancial mudança de estrutura nos processos produtivos industriais, principalmente entre as nações avançadas, que procuraram orientar-se gradualmente para o petróleo. Esse singular produto oferecia a conveniente flexibilidade técnica de ser simultaneamente matéria-prima e combustível, propiciando o desdobramento maciço de inúmeros ramos industriais em direção aos plásticos e à petroquímica, bem como a massificação do símbolo de toda sociedade de consumo: o automóvel. Apresentava ainda a não desprezível vantagem econômica de ser o menos custoso de todos os recursos extrativos. E possibilitava, ademais, a também apreciável vantagem política marginal de permitir às sociedades avançadas se livrarem, paulatinamente, do clamoroso, incômodo e perigoso espetáculo daquelas "massas sindicais" empobrecidas e sempre vociferantes, representadas pelos mineiros de carvão e pelos ferroviários. Essa gente não apenas se constituía numa mancha insalubre para nações que pretendiam estar construindo uma imaculada sociedade de "executivos", como tinha o poder de perturbar todo o processo com suas frequentes paralisações do trabalho em setores essencialmente estratégicos da economia. O futuro risonho e franco com que a "era do lazer" atraía as atenções não podia ficar amarrado por sindicalistas frenéticos que não poderiam jamais compreender tais benesses olhando-as do fundo de suas minas ou engraxando locomotivas nos pátios de manobras.

Assim, o consumo de petróleo nos EUA passou de 9,6 milhões de barris/dia

em 1960, para 14,3 milhões de barris/dia, em 1970, uma elevação de quase 50 por cento, progressão que levaria vinte anos para se verificar antes de 1960. Mas, os EUA, como sociedade economicamente saturada, não é o caso típico. Na Europa, o consumo de petróleo, no mesmo período de dez anos, subiu de 3,8 milhões de barris/dia para 12,4 milhões, crescimento superior a 226 por cento. No Japão, a carreira substitutiva e ampliadora do petróleo seria mais fulminante: seu consumo alterou-se de 664 mil barris/dia para 3,8 milhões de barris/dia, ou seja, quase 480 por cento!

É claro que essa avalanche recebeu seu impulso adicional do desenvolvimento das nações mais atrasadas. A América Latina, por exemplo, aumentou seu consumo petrolífero em cerca de 75 por cento e, embora em 1970, o conjunto dos seus países consumisse 2,7 milhões de barris/dia — 40 por cento a menos do que o Japão sozinho — isso representou alguma coisa.

Mas, o principal fenômeno no período foi o aparecimento da dependência nos EUA. Em 1960, esse país ainda era praticamente auto-suficiente em petróleo; hoje em dia, mais da metade do consumo norte-americano depende de suprimentos externos. E foi precisamente essa dependência que tornou o petróleo um precioso instrumento de chantagem econômica, e, de passagem, uma invulgar arma política.

Paralelamente a esse processo, três fenômenos econômicos progrediram regularmente desde 1960 até os dias de hoje, congestionando a capacidade de entendimento dos economistas. Um, o da crescente inadequação do sistema monetário internacional, criado em 1943 e baseado no dólar como padrão monetário, para responder aos desafios da ampliação do comércio e das transações financeiras a nível mundial. Outro, o da inflação que, tida anteriormente como ocorrência delimitada a nível nacional, passou a se internacionalizar, escapando portanto ao controle das autoridades administrativas de cada governo e agindo sobre cada país como "fator exógeno" — como dizem os economistas, a perturbar as suas ações e previsões. O terceiro, e talvez mais complexo, o da afirmação do poder econômico e financeiro das grandes corporações multinacionais, que retiraram de todos os governos nacionais muito da sua capacidade de comando eficaz sobre o sistema econômico, graças à aptidão que desenvolveram de caminhar por entre as regras nacionalmente determinadas, criando para si próprias um sistema supra-nacional, cujo funcionamento, objetivos e influência per-

Há cinco anos começou uma crise que abalou a economia internacional.

A crise do petróleo colocou em questão a própria ciência econômica.



manecem ainda muito pouco conhecidos.

Esses três fenômenos conjugados fizeram com que o desempenho da economia, como prática, se distanciasse cada vez mais daquilo que a Economia descreve e prescreve como ciência. Mesmo sem a "crise" do petróleo, a crise da ciência econômica — ainda centrada no keynesianismo da década dos 30 — era visível na crescente incapacidade dos economistas, seja para compreender satisfatoriamente o que estava acontecendo, seja para prescrever soluções aos problemas emergentes. Nesse sentido, o principal efeito, talvez, da surpreendente decisão da OPEP, de cinco anos atrás, foi o de explicitar a evidência latente de uma crise do pensamento e da teoria econômica — e de lançar ao menos os economistas menos acomodados à busca de uma revisão de suas doutrinas.

Esta, evidentemente, não se completou, nem se completará tão cedo. Em alguns países ela mal se iniciou — como é o caso do Brasil, onde a defasagem entre a ortodoxia do pensamento econômico dominante na administração pública, e a realidade dos fatos econômicos, torna-se cristalina até para as crianças do primeiro grau.

Todavia, já se admite, a nível internacional, que os sistemas econômicos estão operando sob novas regras e que a descoberta, a interpretação e apreensão do significado dessas novas regras constitui o terreno objetivo de trabalho para o aparecimento de uma síntese teórica, também nova, que substitua a de Keynes.

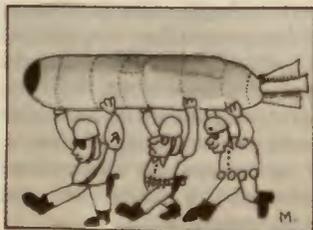
FRASES QUE FAZEM E DESFAZEM A HISTÓRIA

Raquel Salgado

• “É preciso pensar nas armas atômicas como algo que pode e deve ser usado”. (Arthur Schlesinger, ex-chefe do Pentágono americano e atual ministro de energia).



• “Recebemos ordem do presidente Jimmy Carter para começar a destinar verbas do ano fiscal de 1979 para a produção de duas ogivas, dando prosseguimento à modernização dessas duas armas nucleares. O novo orçamento de defesa visa manter a opção de instalar elementos de radiação intensificada, em data posterior, possibilitando a produção da arma de nêutron”. (Nota do Departamento Americano de Energia, responsável pelo projeto e construção de armas nucleares). (21/10/78).



• “A Argentina nunca escondeu sua intenção de estabelecer uma política nuclear suficientemente autônoma para resistir às pressões políticas do exterior”. Afirmção do editorial da revista argentina “Buenos Aires Herald”, ao comentar as afirmações do almirante Raul Castro Madero, presidente da Comissão Nacional de Energia Atômica de que “a Argentina está no umbral da produção do plutônio”. (15/10/78).

• “Segundo a lógica, existem amplas razões para se acreditar que as guerras nucleares podem ser travadas e vencidas, com custos aceitáveis em termos de vidas humanas e bens materiais”. (Gerard K. Burke, na revista “Military Review”, porta-voz do “establishment” militar dos Estados Unidos).

• “Puseram a Igreja num caminho que não se sabe para onde leva. A eleição do Cardeal Karol Wojtyla poderá desencadear forças humanas, políticas e religiosas impossíveis de serem controladas pelo Colégio de Cardeais que o elegeu. Esta escolha tem a imaginativa impetuosidade que se poderia esperar de uma assembléia estudantil”. (Do “Times” de Londres, publicadas logo após a escolha do papa polonês). (20/10/78).



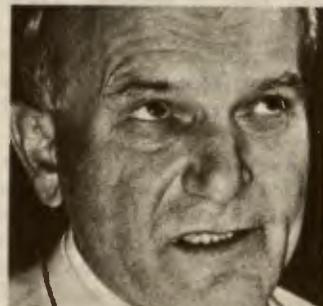
• “A mediação se transformou em intervenção e nós, os nicaraguenses, não devemos tolerar de nenhum modo que, sob uma não-confiável promessa de substituição de Somoza, os Estados Unidos assegurem, de antemão, todos os mecanismos necessários para que a ditadura sobreviva, clamor dos oprimidos de nossa terra continue sendo afogado em sangue”. (Comunicado divulgado por sete membros do “Grupo dos Doze” — considerado o braço político da Frente Sandinista de Libertação Nacional — ao se retirarem das negociações com a comissão mediadora e pedirem asilo à embaixada do México em Nicaraguá). (27/10/78).

• “Não posso negociar o mandato que o povo me confiou nas eleições de 1974. A FAO não tem força suficiente para me fazer renunciar, e eu nunca permitiria isso, pois meu dever é defender a constituição do país e os interesses do povo nicaraguense. Crêem que estou derrotado, mas se enganam. Se me expulsarem do país, então poderei ser eu aquele a trazer revoluções, mas eu tenho total confiança na mediação dos Estados Unidos”. (Anastácio Somoza, presidente da Nicarágua).

• “O toque de recolher será mantido devido ao pedido das esposas, que assim vêem os seus maridos voltarem mais cedo para casa”. (General Augusto Pinochet).



• “O regime militar se enfraqueceu a longo prazo. Eu lamento não ter podido mudar a política do governo nos setores mais necessitados da população, onde vigoram os salários baixos, o silêncio dos sindicatos e a fome”. (General Gustavo Leigh, ex-comandante da Aeronáutica e ex-membro da Junta Militar Chilena, durante uma entrevista em que ele acusa o presidente Augusto Pinochet de ter intenções absolutistas). (19/10/78).



• “Se quiséssemos encontrar alguém anticomunista, a eleição teria acabado rapidamente. Procuramos tanto, que ficamos trancados durante dois dias. Foi um trabalho sério”. (Cardeal africano Haycinthe Thiandoum, ao jornal italiano “Messaggero”, sobre a eleição do novo papa). A entrevista foi publicada na edição do dia 18/10/78.

• “A posição da Igreja é de que o direito de associação dos trabalhadores é um direito fundamental do ser humano”. (Declaração do sacerdote Alfonso Baeza, vigário da pastoral operária de Santiago, Chile, ao defender as sete organizações sindicais colocadas na ilegalidade pelo regime militar do General Pinochet).



• “As negociações com Ian Smith não têm mais sentido. Não falamos com assassinos. A conferência de paz será no campo de batalha e já está começando. Esses bandidos não ficarão sem uma resposta à altura”. (Declarações do Ilder Joshua Nkomo, chefe do movimento União do Povo Africano de Zimbábue (ZAPU), após ataques do governo da Rodésia contra um campo de refugiados no território de Zâmbia). (24/10/78).

michele/achados & perdidos

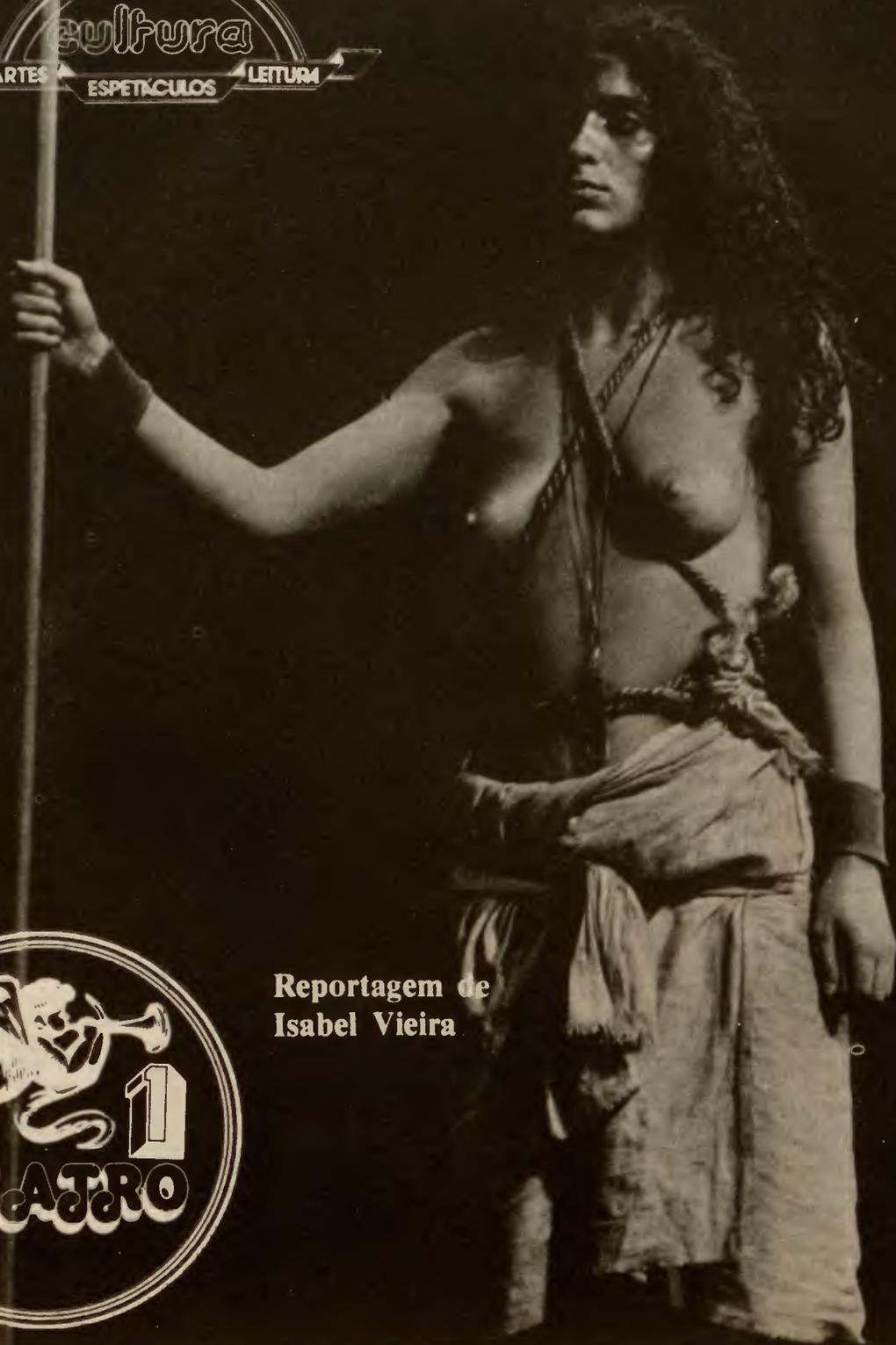


MICHELE



O TEATRO ESTÁ VIVO

"Çi virou estrela no brado da manhã"



Reportagem de
Isabel Vieira



**“Quiseram que eu me calasse, mas eu falo.
Quiseram que eu dissesse amém, mas eu digo não.
Quiseram que eu morresse, mas eu estou vivo.
Vivo a minha vida dura. A vida que me foi dada, tive
que ganhá-la. Ganhei. Estou vivo.
Tenho as mãos ainda sujas do sangue dos companheiros
que acariciei na hora da sua morte.
Meus companheiros já não falam, mas eu falo, eles
falam, comigo falam, se eu falo, eles falam.”**



“Boal, ouve um grito no espaço sideral!”



“Macunaíma não é nome, é sina”

A voz distante dos exilados fala na voz ausente de Boal, que fala na voz presente de Renato Borghi. Boal ainda não pode voltar ao Brasil, só pode mesmo mandar de Lisboa, seu atual exílio, bilhetinhos carinhosos aos produtores e atores que entenderam seu recado: “Fernando, Othon, Marta: foi o telefonema mais bonito dos últimos tempos !!! Sorriso de orelha a orelha! Eu pensei que ia ter que modificar muita coisa, porque pensei que muita coisa só exilado podia entender. Fiquei feliz da vida que vocês entenderam”.

Entenderam não apenas eles, que receberam texto e bilhete pelo correio. Entenderam todos os que foram ver e ouvir Boal no Teatro Taib, em São Paulo — Boal metamorfoseado nas falas e gestos de suas seis personagens, com seus dramas e malas, conflitos e malas, esperanças e malas. Saida do fundo destas tantas malas espalhadas pelo mundo afora, a fala final de Paulinho — o compositor exilado de “Murro em Ponta de Faca”, o compositor que “não devia sair nem do seu bairro, quanto mais do seu país!” — atinge em cheio uma platéia silenciosa e emocionada.

“Teu murro chegou lá!”, escreve o diretor Paulo José em carta a Boal. Chegou mesmo. A voz de Borghi — que é Paulinho, que é Boal, que é tantos outros — comove estes brasileiros que há muito tempo não lotavam os teatros para ouvir falar de suas feridas, suas lutas, seu destino.

Sinal de que o correio já não anda tão arisco? Tudo indica que sim. O número crescente de espetáculos apresentados no segundo semestre de 78 é um fato incontestável, e a explicação para esse verdadeiro “boom” de encenações teatrais não pode ser encontrada apenas numa estratégia de mercado implantada pelos produtores. Razões do tipo “o segundo semestre é sempre mais quente que o primeiro”, ou “nenhum produtor é louco de concorrer com uma Copa do Mundo”, podem ser verdadeiras, mas não justificam tudo.

Se existe — e sempre existiu — um “marketing” teatral em termos de produção, os fatos atuais mostram que algo mais está acontecendo, e algo que extrapola esses dados puramente mercadológicos: *os autores brasileiros estão escrevendo, os produtores estão montando peças bra-*

sileiras, e o público está ávido de escutar coisas de Brasil.

— O teatro é um reduto de oposição, diz Paulo César Pereio, o intérprete do Bode Orelana na “Revista do Henfil”. — As pessoas só vão a uma casa de espetáculos para sentir manifestações de oposição, e isso não estava sendo permitido. Daí a platéia ter se retraído. Eu acho que a censura age mais sobre o público que sobre o autor. Porque é impossível proibir o artista de criar: sua intimidade com a máquina de escrever é inviolável!

A pequena (e “desconfiável”, segundo alguns autores) perspectiva de abertura foi o passo decisivo que permitiu estarem acontecendo hoje, nos palcos brasileiros, coisas que não ocorriam há muitos anos. Pois deixar de escrever eles realmente nunca deixaram. Mas uma peça apenas escrita — mesmo que seja publicada — não atinge seus objetivos: teatro existe no palco, não no papel.

— Na hora em que liberarem tudo que estamos produzindo teremos peças para cinco temporadas, afirma Carlos Queirós Telles, autor de “Muro de Arrimo”, e que teve a recente satisfação de ver liberada, no Rio, sua peça “Arte Final”, que fala dos conflitos estudantis da rua Maria Antônia, em 68.

Ele lembra ainda que, dos 10 textos teatrais da Feira Brasileira de Opinião, produzida por Ruth Escobar — e que já saíram em livro — nove tiveram permitida sua encenação:

— E são todos textos novos, que oferecem uma boa reflexão sobre a realidade brasileira!

Queirós acha que o autor nacional está saindo lentamente de uma fase de grande perplexidade e dúvida que durou seis ou sete anos, uma fase que ele chama de “grande silêncio”:

— Entre 70 e 75, nós nos isolamos, perdemos o contato até físico uns com os outros. Depois veio um período de reflexão (“Pano de Boca”, “Grito parado no ar”) onde os autores chegavam em cena e levavam ao público toda a sua impossi-



bilidade de falar. A partir daí surgiram algumas tentativas de uma volta mais direta para se enfrentar a realidade brasileira (peças como “O Último Carro”, “Gota d’Água”, “Muro de Arrimo”). Mas só mesmo agora o pessoal começou a botar novamente os pés no chão.

— É uma das coisas boas que estamos vivendo hoje, continua Queirós, é a queda da auto-censura. Nenhum autor está mais em condições morais nem mentais de se auto-censurar, de ficar driblando, cozinhando, usando metáforas e alegorias. Queremos e estamos voltando a falar “pão-pão-queijo-queijo”. E o público entende e gosta.

PÚBLICO É PLURAL

“Minha arte é fruto de minha impotência de viver com vocês. Abaixo esta peça!”

A última das cartas que Henfil dirige ao público, na sua Revista, produz um momentâneo silêncio na risonha e apinhada platéia do Teatro Ruth Escobar. O humor inteligente e ferino das suas personagens de histórias em quadrinhos é subitamente quebrado pelo desabafo (amargo) do autor: ele confessa que é mais fácil ser soldado que enfermeiro, que é mais fácil ser grande que pequeno...

Ser Ubaldo o paranóico, Graúna ou Bode Orelana é bem mais dramático e difícil que ser Henfil? Os problemas que afligem o intelectual — a consciência de sua distância da prática cotidiana, de sua posição de observador que satiriza mas não vive os mesmos percalços das suas personagens — não chegam a abalar, no entanto, este público diante do qual o autor se penitencia. A platéia da “Revista do Henfil” ri como desabafo, ouve no palco tudo aquilo que pensa e fala em casa, na mesa do almoço, nos encontros de negócios, nos papos com os amigos. É um público para quem o teatro funciona como catarse: sente-se vingado e aliviado, sai leve e descontraído.

Esse tipo de platéia — em franca ascensão, no momento atual — não é, no entanto, a única que tem lotado os teatros.

Para Maria Adelaide Amaral, autora de “Bodas de Papel”, não existe um público: *existem públicos*.

— Público é plural, afirma ela. Por isso os espetáculos são diferentes; cada um interessa a uma faixa de espectador diferente. Há quem evite assistir a uma peça que incomode, que faça pensar. É gente que vê o teatro apenas como diversão, que procura um momento de lazer. Mas o público mais fiel (muito reduzido, aliás) é aquele que procura o teatro para acordar, para despertar ainda mais. Ele frui estética e ideologicamente o espetáculo, que, por sua vez, o realimenta e enriquece. E esse é o público mais exigente.

De qualquer forma, o aumento de interesse pelo teatro por parte do público obedece a uma espécie de reação em cadeia: um sucesso puxa o outro. Pelo menos é o que pensa Carlos Queirós Telles, que vê a coisa da seguinte maneira:

— Se o indivíduo gosta de uma peça, ele vai assistir outra na semana seguinte. Cada vez que ele sair gratificado do teatro, vai procurar gratificar-se novamente.

Paulo José, diretor de “Murro em Ponta de Faca”, vê o público da peça de Boal como gente melhor informada, que já traz dados sobre o autor e sobre o espetáculo antes de entrar no teatro. Ele concorda com Maria Adelaide em que não existe um único tipo de público, assim como não existe um único tipo de teatro:

— Toda vez que o teatro pretende um maior alcance, mais horizontal ele é. As peças de altíssimo nível artístico, por exemplo, têm um público muito específico. Agora, uma coisa é certa, e vale para todos os gêneros de espetáculo: o público de teatro só se torna realmente *vivo* quando está diante de um texto nacional.

OS CAMINHOS DO TEATRO

Embora a *brasilidade* seja uma constante em todas as peças em cartaz, a forma como

ela se manifesta é diferente, e tem produzido opiniões controvertidas e até mesmo contraditórias.

Décio de Almeida Prado, por exemplo, professor da Faculdade de Filosofia da USP, crítico do jornal "O Estado de São Paulo" durante 20 anos, um dos fundadores do TBC e autor de vários livros, não concorda que se fale em "renascimento do Teatro Brasileiro". Para ele, o que está havendo é uma crise conceitual e uma crise de autoria, em que os conceitos de *o que é teatro* e *o que é autor* estão sendo postos em xeque:

— Macunaíma, que é o espetáculo mais importante do momento, não é uma peça, mas um romance adaptado. E o Antunes acha que o grupo todo precisa elaborar seus textos e suas formas de representação. O mesmo acontece em relação ao "Banquete", também de Mário de Andrade, cuja encenação está sendo preparada simultaneamente por duas companhias, uma no Rio e outra em São Paulo. E o "Banquete" também não é uma peça: é uma série de artigos com reflexões sobre a arte.

— Tudo isso me leva a concluir duas coisas, continua Décio. — A primeira é uma tendência do teatro de se desligar do autor. A segunda é uma volta ao modernismo, aos anos 20: seja porque os modernistas pensaram certos problemas que são atuais até hoje, ou seja porque a censura exerceu uma função castradora em relação ao desenvolvimento do teatro atual.

Mas muita gente não concorda com essa "crise de autoria" de que fala Décio, nem com sua colocação de uma volta à década de 20. Os argumentos são os de que os novos autores existem, autores já conhecidos continuam sendo encenados, e os assuntos que abordam tratam quase sempre de problemas atuais, e dos mais variados. Fala-se desde exílio ("Murro em Ponta de Faca"), na juventude de Ipanema ("Trate-me Leão"), até os executivos e seus sonhos de status social ("Bodas de Papel"), só para citar uns poucos exemplos.

— E se, quanto à forma, existem por aí algumas inovações inegáveis, diz Maria Adelaide — cuja peça, de estrutura "tradicional", vem alcançando bom sucesso de público e de crítica —, isso não impede que o teatro de texto, de autor, continue vivo.

Ela acha que a chamada "criação coletiva" é apenas uma dentre as muitas facetas do teatro:

— A visão de certas pessoas sobre a "morte do autor" é uma visão apocalíptica, afirma a autora de "Bodas de Papel". — Essa afirmação não é nova. Fazia-se na Europa nos anos 60, e o que se viu, na década seguinte, foi uma reafirmação do texto. Acho que, ao lado de uma "criação coletiva", sempre existirá um teatro de autor. Uma forma não anula, mas complementa a outra. O negócio não é substituir, é somar.

MACUNAÍMA: UMA EXPERIÊNCIA NOVA

Carlos Augusto Carvalho, o Cacá, paraense de 25 anos, é o ator brasileiro mais aplaudido pelas platéias paulistanas do momento, embora pouca gente saiba seu nome ou sua origem: ele é Macunaíma, o herói sem caráter, a personagem central do espetáculo que vem empolgando o público mais heterogêneo possível.

Antunes Filho, diretor da peça, propõe uma renovação do código teatral convencional, e acha que isso só se consegue com muita pesquisa. E é aí que entra o trabalho do Grupo Pau Brasil — do qual Cacá faz parte — e que, com uma subvenção da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, teve possibilidades de preparar durante 12 meses (com 11 horas de trabalho diário, incluindo-se aí a leitura de 140 obras) a adaptação do livro de Mário de Andrade para o palco.

Sentado à mesa de um boteco da rua Albuquerque Lins, em frente ao Teatro São Pedro, Carlos Augusto vai explicando como se sente no papel que (não) representa:

— Não é Macunaíma que está lá no palco: SOU EU. O que é novo no nosso espetáculo é justamente a *sensibilidade de atuação*, o estado de relaxamento com que os atores entram em cena. É uma volta ao espontâneo, ao natural, no sentido de recompor esteticamente os gestos mais simples do cotidiano. O meu estado de relaxamento chega a um ponto de não saber mais o que é o personagem e o que é o ator. O ator é um mágico porque te ilude durante 4 horas. E eu te iludo com as minhas verdades mais puras!

Cabelos crespos desalinhados, calça jeans e camiseta, este Macunaíma que também veio do norte para fazer teatro em São Paulo se declara um artista, não um funcionário:

— O esquemão do teatro tradicional não serve p'ra mim. Aquela de ser contratado, chegar meia hora antes do espetáculo e contracenar com 20 pessoas que não conheço é dar uma de otário, pois não há identidade ideológica no trabalho que se está fazendo. Eu tenho que saber tudo sobre as pessoas que atuam comigo, pois o verdadeiro liame no palco nasce da interação das pessoas com o grupo. Toda a energia humana trocada surge do trabalho em conjunto.

Para Cacá, o espetáculo Macunaíma é um grande jogo onde 19 atores jogam entre si e com a platéia. O palco é uma caixa mágica onde as coisas vão acontecendo:

— Quem vê a peça imagina que há uma multidão de contra-regras por detrás de cada cena. Não é verdade. Nós é que fazemos tudo: enquanto um se veste, outro

pinta o corpo, outro toca tambor, assobia, muda a roupa, tudo em frações de segundos.

Se o público se espanta?

— Claro, diz Cacá. — Se você joga um prato novo para o público ele estranha. A culpa não é dele, é de quem oferece as coisas a ele. Se você come macarrão todo dia não pode mesmo gostar de strognoff...

"POUCA SAÚDE, MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO."

"A nossa inteligência anda muito perturbada", repete diversas vezes Cacá/Macunaíma durante o espetáculo.

A frase de Mário de Andrade não envelheceu 50 anos depois. O questionamento do homem brasileiro e sua cultura, a perplexidade diante de um momento de "neblina densa" — como diz Guilherme Marback, um dos integrantes do Grupo Pau Brasil — traz de volta a atualidade das discussões em torno dos problemas que sempre afligiram nossa gente.

Se no palco do Teatro São Pedro se revivem questões ligadas à própria gênese do povo brasileiro, nem por isso os demais palcos das nossas capitais silenciam. Das mais diversas formas, fala-se dos males passados e presentes, de arte e de política, de nordeste e de democracia, de multinacionais e de exilados.

O importante é *que se fala*. O importante é que os autores têm o que dizer e têm quem os escute. O importante é que a fala de Boal — uma das mais belas deste tempo que vivemos — não tenha atravessado o oceano em vão:

"Mesmo que um dia me cale, escutem. Tem sempre alguém que está falando, às vezes de longe, às vezes de perto, às vezes com sangue no rosto, mas sempre com voz muito limpa, sempre um de nós está falando, nalgum lugar, às vezes de perto, às vezes de longe. Mesmo que eu me cale, escutem. Mesmo que se calem todos, escutem o silêncio, o silêncio que fala. Vocês estão vivos, escutem. Estão escutando? Estão me ouvindo? Escutem o silêncio, escutem. Eu estou vivo. Escutem, escutem. Eu não me calo. Eu não me calo. Escutem."

O TEATRO ESTÁ COMENDO SEU PAI?



**Maria
Cecília
Flosi**



Xeque-mate ao “teatro de texto”: jogada estratégica dos espetáculos que estão tentando liberar uma fala de teatro brasileira, deglutindo a matriz da cultura letrada em montagens de saltimbanco.

“Macunaima” e “Triste Fim de Policarpo Quaresma” são amostras deste teatro ágil e analógico, que vira e revira a lógica discursiva dos romances adaptados em uma montagem caleidoscópica de circo e carrossel.

O texto adaptado é devorado pela linguagem cênica do espetáculo: gestos, cores, som, dança, magia compõem um mosaico tropical, regulado pela precisão rítmica da linha de montagem da direção.



Contradição antropofágica do nosso processo cultural: "tupi or not tupi that is the question". A fala tribal espontânea do corpo da gente gingando no atabaque é produzida com o rigor técnico e cartesiano do "know-how" europeu dos novos diretores.

No metabolismo desses espetáculos tudo entra como alimento: a pesquisa universitária (os atores de "Macunaíma" leram 140 livros e o "Grupo Jaz-O-Coração" elaborou painéis e seminários sobre a época retratada no romance de Lima Barreto); a iniciação em ritos indígenas, danças africanas e coreografia de teatro Nô (Macunaíma); pesquisa da caricatura e da linguagem do "cartoon" (o figurino caricaturesco de "Policarpo Quaresma"); a mixagem de pastelão, farsa e circo da Companhia Tragicômica Jaz-O-Coração.

Tudo digerido para produzir um espetáculo feérico e feirante. Mas, no avesso da máscara, ainda, a farsa do teatro burguês.

O PAI É O CAPITAL

Qualquer proposta de liberação e experimentação de linguagem tem que começar comendo um modo de produção do teatro empresarial, onde o cronômetro do lucro não permite o ciclo de gestação natural de um processo criativo.

"Macunaíma" foi gerado em 12 meses com dedicação integral do grupo (dez horas diárias de trabalho), num sistema de internato similar a um teatro escola. Esta experiência foi possível porque subvencionada por verba estatal. Nenhum produtor assumiria o risco inflacionário de tal cronologia de produção. Mas todo investimento oficial implica em cobranças culturais implícitas: o espetáculo tem que ser feito para tirar "nota dez" e obter o louvor da crítica oficial, zelosa das convenções tradicionais do teatro.

A outra alternativa é o grupo se auto-produzir, criando um sistema de cooperativa onde todos são donos do trabalho e produtores do espetáculo.

É o caso de "Jaz-O-Coração" e "Asdrubal Trouxe o Trombone": a batalha da grana é simultânea à luta pela sobrevivência e criação do espetáculo. A experiência da criação coletiva produz uma identidade ideológica que transparece na prática do trabalho.

Cacá, o Macunaíma do Grupo Pau Brasil, fala do relaxamento e espontaneidade do modo de atuação em cena, pela vivência emocional do grupo e a alegria solidária de estarem todos ali, juntos, representando.

O Grupo do Asdrubal foi convocado no grito: alguém pôs a boca no trombone e chamou as feras do bairro para soltar o

leão das grades e fazer saltitar o coração.

A companhia tragicômica "Jaz-O-Coração" chamou os amigos do "Pão e Circo" e gente do trombone, criando um grupo orgânico com muita energia e falação na jogada.

A FALA DO LEÃO: SEM CAPITAL NEM CAPITÃO

Crença na vivência: teatro não se aprende na escola, se faz, fazendo. Falando muito, improvisando, selecionando, sintetizando, satirizando. Este é o teatro do leão. Sem muito trato nem tratado: natural, espontâneo e descontraído. "Brotando do solo como uma planta. Pau Brasil".

O teatro passado em revista é o teatro do passado: "A Revista de Henfil" com cartas, recados de convocação e medo de mostrar a cara. O público aprendendo a soletrar "De-mo-cra-cia". O espetáculo: bonito, limpo, resistente, veraz, voraz. O elenco do circo mambembe exposto como amostra grátis no teatro da caatinga.

"Você vê alguma esperança no horizonte?" Orellana, o intelectual "de bode", encara o público: "A esperança está na nossa frente". E todos saem desentendidos e desentediados pela porta dos fundos.

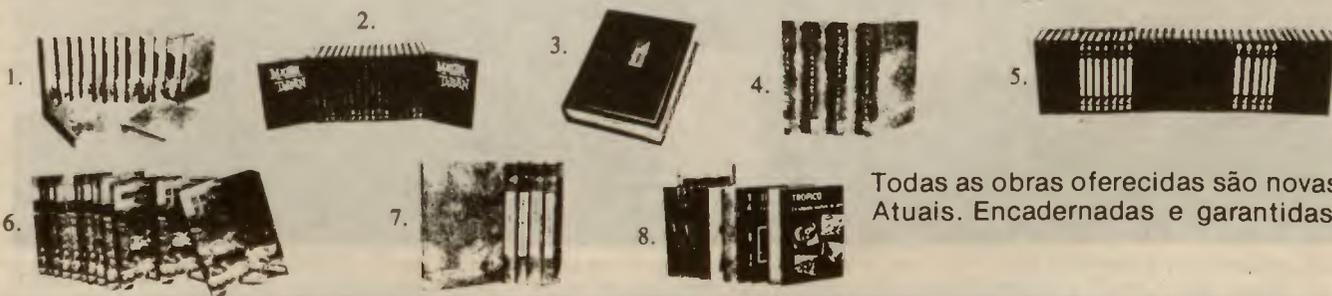
Na nossa frente ou no nosso front?

Afinal, quem foi que descobriu o Brasil, o capitão ou o capital?

LIVRO, PRESENTE DE AMIGO. COLEÇÃO PRESENTE DE AMIGÃO

Sugestões de Gomes Ribeiro — O seu livreiro para este Natal.
Descontos reais de 60% a 80% — nas melhores coleções das maiores editoras!

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O NATAL
PROMOÇÃO COMEMORATIVA DO PRIMEIRO NÚMERO DESTA REVISTA



Todas as obras oferecidas são novas.
Atuais. Encadernadas e garantidas.

1. 14 volumes
Jorge Amado
Obras selecionadas
incluindo "Tieta"
de 2.980,00 por 1.550,00

2. 18 volumes
Malba Tahan
Obras completas
de 6.200,00 por 1.860,00

3. 1 volume
A Bíblia

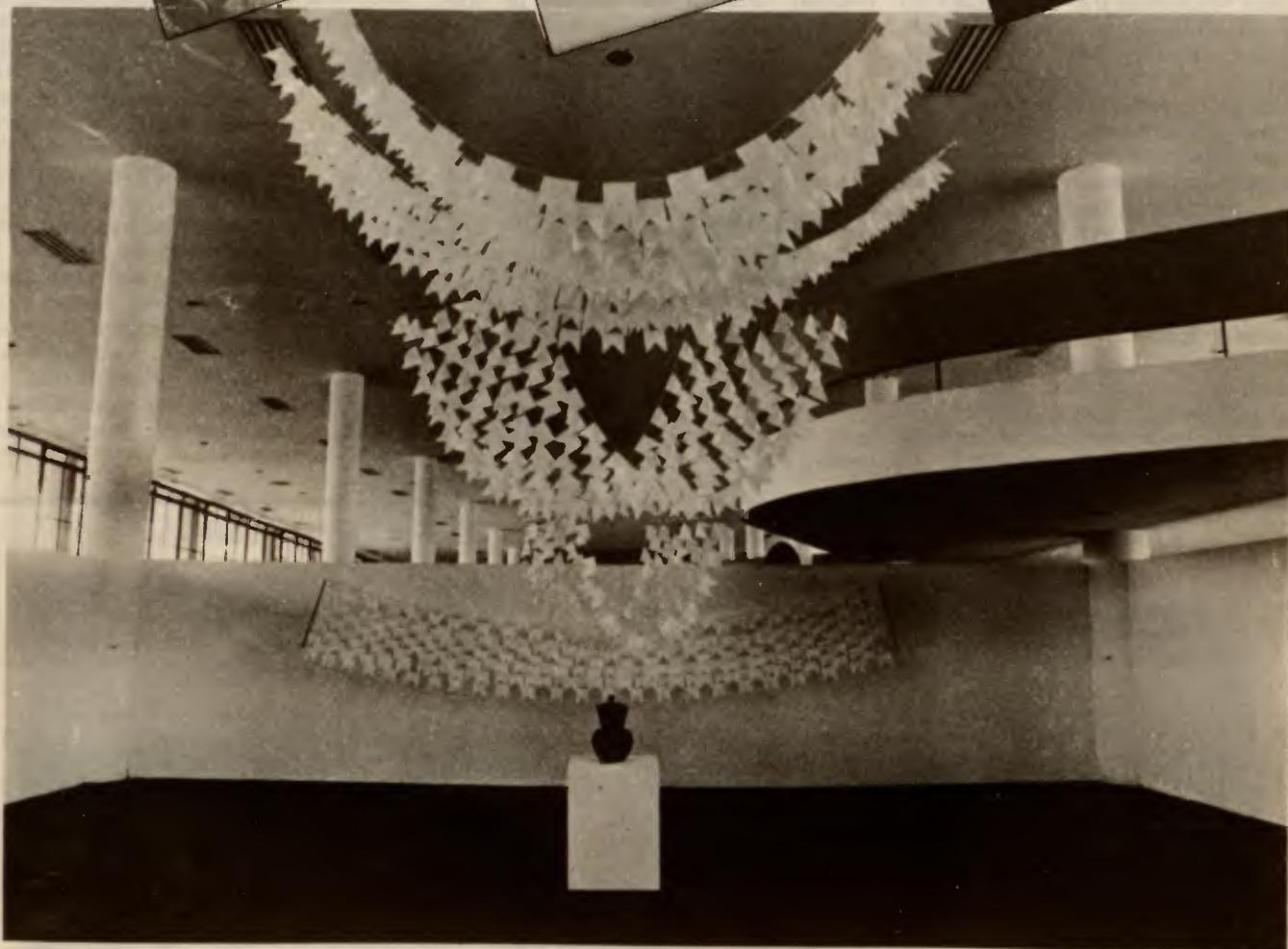
Em sua mais luxuosa versão
Vide Visão Julho
apenas 1.290,00
4. 5 volumes
As Maravilhas da Matemática
de 1.200,00 por 340,00
5. 36 volumes
Julio Verne
Obras completas
de 8.700,00 por 2.450,00

6. 12 volumes
O Sítio do Pica-Pau Amarelo
Monteiro Lobato
de 6.200,00 por 1.850,00
7. 5 volumes
As Obras Primas de Julio Verne
de 1.200,00 por 340,00
8. 11 volumes
Enciclopédia Trópica
Primário-Ginásio
de 4.900,00 por 1.750,00

1	2	3	4
5	6	7	8

Pedidos a Gomes Ribeiro — Distribuidora de Publicações Ltda. Rua Flor de Tília, 140 — Bairro Mirandópolis — CEP 04051 — São Paulo Fone: 577-0185 — Também pelo reembolso postal

Nome
End.
CEP Cidade Estado
Data / /
Assinatura



Dimitri Ribeiro

Cláudio Willer

DO ESCÂNDALO AO DESPREZO



Já foi dito que em épocas de Copa do Mundo todo brasileiro se transforma em técnico de futebol. Já as Bienais produzem um aumento da população local de críticos de arte. Desta vez, como a Bienal é latino-americana e escolheu Mitos e Magias como tema, também a de antropólogos, historiadores, sociólogos e disciplinas afins. Toda Bienal tem um efeito anfetamínico no cérebro das pessoas, tornando-as mais agitadas e polêmicas; esta de agora está se mostrando de longe a mais produtiva em matéria de pauta para debates.



Foto: Adriana Mattoso

Uma das discussões mais promissoras provocada pela Bienal, diz respeito ao critério de classificação dos mitos e magias, por origem étnicas, ou seja, de origem "indígena", "africana", "mestiça" e "euroasiática" que teria um travo racista, explicando mitos a partir das raças. Isto deve ter sido feito como forma de evitar a classificação por países e o consequente endosso do processo de balcanização sofrido pela América Latiña. As populações de origem indígena e africana, sem dúvida, trouxeram contribuições específicas à cultura das nações latino-americanas; já a "origem euroasiática" é abrangente demais, equiparando a influência do colonizador ibérico e das modernas potências capitalistas. A "origem mestiça", por sua vez, é desastrosa, remetendo a toda uma historiografia superada, e a ficções do tipo "democracia racial", "índole pacífica", "preguiça", e outros supostos atributos da condição de mulato.

Nó entanto, o prato mais saboroso para polemizar sobre é a própria noção de mito. Por exemplo, o historiador das religiões Mircea Eliade considera o progresso e o desenvolvimento como mitos da nossa época; C.G. Jung chama os discos voadores de mito contemporâneo. Dentro destas definições amplas, tudo é mito, e qualquer manifestação artística tem algo a ver com mitos e magias. Isto vem engrossar outra discussão adicional, dos critérios de seleção. Há, inclusive, toda uma periferia de manifestações em andamento, de pessoas que discordam da conceituação da Bienal, ou que se julgam excluídas, e que aproveitam o ensejo para mostrar os mitos de cada um, ou simplesmente mostrar-se.

Os organizadores alegam que Mitos e Magia são conceitos abertos, em reformulação constante, e que a própria Bienal servirá para colocá-los em questão. Resta ver se tal questionamento chegará a algum lugar ou apenas aumentará a confusão a respeito. Louve-se, em todo caso, a

iniciativa didática de providenciarem um explicador de mitos, na pessoa de Pietro Bardi, diretor do MASP, cujo "stand" seria uma tentativa de botar um pouco de ordem na cabeça das pessoas submetidas a um gradiente de opções que vai desde os Orixás da Funarte, o folclore indígena da Funai, os cordéis nordestinos, até Carlos Gardel, a locomotiva, o obelisco da Calle Corrientes.

A discussão mais séria, e pertinente, todavia, diz respeito à própria validade e autenticidade deste tipo de mostra. O documentário de Candomblé, os Orixás e roupas de santo, os cordéis, os objetos do Xingu, e tantos outros documentos de cultura regionais e arte popular, estarão eles mostrando os Mitos e Magias, ou serão meras folclorizações, do tema, outras tantas formas de fetichização e apropriação colonialista? E os artistas que trabalham sobre o produto de culturas populares, utilizando-o como material para sua própria obra? Não estará havendo uma certa inautenticidade em tais apropriações, fazendo com que se perca de vista a função do Mito e Magia em seu contexto originário? Em vez de proporcionar uma boa aproximação à nossa realidade e raízes históricas, muita coisa da Bienal, apenas reitera uma postura etnocêntrica e colonialista (o exemplo mais flagrante é o material que nos foi mandado pelo governo chileno).

Estes temas estão longe de esgotar a pauta — há ainda a discussão clássica do "universal" versus "regional" em arte, e uma outra polêmica, também surgida no âmbito da Bienal, do "arrefecimento das vanguardas": o interesse por manifestações latino-americanas decorreria de uma espécie de crise, ou de falta de assunto da vanguarda contemporânea. Esta discussão é a mais circular, já que nada impede que se descubra que as obras mais representativas daquilo que seria uma "vanguarda" em arte estão sendo produzidas por artistas latino-americanos, em

torno de temas como Mitos e Magia. Neste caso, que Deus nos guarde da avalanche provocada pelo subseqüente "boom" de arte latino-americana.

Tudo isto serviu para municiar os simpósios de abertura, nos quais se pronunciaram gente como o romancista Ernesto Sábato, Marta Traba, Jorge Romero Brest, Jorge Glusberg, Juan Acha, e, do Brasil, Darcy Ribeiro, Mario Pedrosa, Jacob Klintowitz, etc. Estes simpósios estão sendo editados em livro, e se há algum mérito inquestionável desta Bienal é o de ter conseguido reunir especialistas dos mais representativos do setor, para discutir os temas por ela propostos. É uma pena que esta reunião tenha sido marcada por um certo grau de desorganização, quando não de caos, com desentendimentos pessoais, e outros incidentes, além de uma absoluta ausência de condições para que o público pudesse acompanhá-los direito, tais como tradução simultânea, espaço, horários menos sobrepostos, etc.

Ah, sim, e também há os trabalhos expostos. Infelizmente, a Bienal, como mostra de artes plásticas, desta vez não está à altura das questões teóricas que sua temática e até mesmo sua existência, levantam. A culpa disto não deve ser atribuída apenas aos critérios de seleção, às ausências e omissões e à conceituação pouco clara do próprio tema, misturando trabalhos sérios sobre Mitos e Magia com folclore e com coisas que simplesmente nada tem a ver. Também contribuem para a queda do nível a atmosfera geral de desorganização, com espaços vazios, obras por serem montadas, caixotes e objetos espalhados nos primeiros dias, bem como um "design" de montagem de stands e do ambiente que, em lugar de destacar as obras, as comprime, colocando-as em segundo plano diante da parafernália de setas indicativas, tabiques, e da própria monumentalidade do pavilhão do Ibirapuera. Esta questão da montagem

CULTURA

de ambientes precisa ser repensada com urgência — Bienal não é feira de Utilidades Domésticas, e já que a proposta é aberta, quando não ambígua, esta abertura deve refletir-se na montagem e organização do ambiente. Há um autoritarismo implícito nestas sequências de quartinhos labirínticos, e compartimentos para cada expositor, já que se está impondo uma determinada sequência de leitura ao visitante; no caso desta Bienal, isto é totalmente descabido, a partir do momento que qualquer pretensão didática foi, aparentemente, mandada às favas.

Acredito que este tema, do Mitos e Magia, tenha sido escolhido como uma espécie de "detour", um caminho indireto para chegar ao que realmente interessa: mostrar e discutir o processo de colonização, de expropriação de riquezas e devastação de recursos naturais, de massacre das civilizações nativas, e da consequente implantação de estruturas economicamente dependentes, politicamente autoritárias, e culturalmente provincianas, ao qual estão submetendo nosso continente, de uns quatro séculos e meio para cá. A Fundação Bienal de São Paulo fica nos devendo, portanto, uma próxima mostra que efetivamente preencha esta finalidade, e propicie ao público algum tipo de matéria para reflexão e análise crítica da nossa realidade continental.

No mais, este ano de 1978 é marcado não só pela realização da Bienal Latino-Americana, mas também pelo transcurso de duas datas importantes: os cinquentenários da publicação do Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade, e do romance Macunaíma, de Mario de Andrade, expoentes ambos do Movimento Modernista de 1922. Oswald de Andrade, per-

sonagem humanamente contraditório, poeta formalmente inovador, romancista irreverente e caudaloso, e teórico dos mais inquietos e provocadores, propõe, sob o nome de Antropofagia, um modo dialético de relacionamento entre culturas colonizadas e colonizadoras, onde o colonizado efetuará a devoração antropofágica da influência e informação do colonizador, reaproveitando-a em outro contexto. Esta proposta transcende (sintetiza dialeticamente) a aparente contradição entre o isolacionismo cultural e a imitação provinciana. Mario de Andrade, estudioso dos mais preocupados com o levantamento de raízes e traços culturais genuinamente brasileiros, fez, com Macunaíma, uma obra épica e paródica ao mesmo tempo, narrando a saga de um personagem tipicamente brasileiro, um anti-herói preguiçoso e sem caráter, ou seja, o negativo do herói e dos valores do colonizador. Aparentemente, a realização desta Bienal no mesmo ano da passagem destas suas efemérides é uma mera coincidência.



Troca de Flores

*“Desorganizada”,
“Irresponsável”,
“Corrupta”, “Xenófoba” —
estes foram alguns dos
adjetivos mais leves utilizados
por alguns críticos de arte e
jornalistas ao se referirem à
Bienal Latino-Americana (São
Paulo, Novembro/Dezembro
de 1978). Claudio Willer tentou
analisar os motivos,
justificados ou não, deste
súbito ódio contra a conhecida
mostra de artes.*

17 anos de Bienal

No começo foi o espanto. Estóica ou masoquista, a burguesia paulista visitava as primeiras bienais para inquietar-se diante das obras de Bruno Giorgi e Yves Tanguy, estarrecer-se com Ben Nicholson, escandalizar-se frente a um Paul Delvaux ou Felix Labisse, ironizar a localização das orelhas e narizes em Picasso, dissertar longamente sobre os motivos para não gostar de Portinari e Di Cavalcanti, fazer piadas a propósito dos abstratos, e acabar concordando que os expressionistas tinham algo de belo. Detestavam Klee e Miró, sempre preferindo artistas como Rouault, Carrá, Morandi, cujo figurativismo estilizado conseguiam “entender”.

Promovidas e organizadas por potentes locais e expoentes da intelectualidade, bienais como a de 1951 e seguintes serviam para aceitar o desnível entre os degraus da escala social, diferenciando a elite que conseguia circular olímpicamente no meio daquela parafernália toda, do comum dos mortais que ensaiava tímidos passos de aproximação da “arte moderna”. Assim nasceu o mercado de arte: como forma de apropriação de pedaços daquele vasto mostruário de símbolos de “status”, que iam sendo levados para casa,

à medida que a burguesia paulista se dava conta que aquelas obras não iriam contagiá-la com sua loucura, espalhar alguma doença, ou morder as crianças.

Aos poucos, a convivência com a Bienal foi se tornando mais amena. Virou programa, por volta de 59 era legal convidar garotas, e fazer a cabeça com exercícios de contemplação e auto-hipnose até sentir algum tipo de emoção diante dos telões abstratos de Manabu Mabe. Além de outros rituais, aumentou a frequência de visitas de colegiais, tangidos por professores que procuravam manter um ar tranquilo como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

A melhor fase foi nos anos 60: a Bienal atingiu seu máximo em credibilidade. Por um momento, viveu-se a ilusão de uma sociedade civil harmônica na qual as relações entre o artista e seu mercado pareciam regidas por alguma espécie de lei natural da evolução. Todos, artistas, marchands, críticos e compradores, compartilhavam da mesma fonte de conhe-



Juan Egenau



Maria Jelena Chartuni

Baixo Astral e Polêmica

cimento, recebiam solidários a revelação das últimas tendências da vanguarda mundial. As pressões e jogos de influência de embaixadas, governos e grupos econômicos, a prática de premiar-se em São Paulo sempre o grande preterido de Venezuela, eram tacitamente aceitas; a ala nacional invariavelmente reproduzia as inovações e modismos da representação internacional da Bienal anterior; e um segundo escalão de artistas nacionais por sua vez copiava aqueles que haviam participado da Bienal.

O ponto culminante desta paródia do circuito de consumo de arte dos grandes centros capitalistas, ocorreu em 1967, sob forma de apoteose do provincianismo e da gestão paternalista da arte. A cerimônia de inauguração foi marcada por um gesto de confraternização, quando um jovem expositor nacional ofereceu uma flor para o presidente Costa e Silva. A imprensa em peso registrou esta manifestação edificante, pura expressão da emergente doutrina hippy da Paz e Amor.

Em seguida, a crise. Em 1968, já havia mais gente consciente de que a troca de flores não era a linguagem mais adequada para tratar com o Poder. O agravamento dos conflitos políticos tirava a motivação — brincar de país civilizado perdia a graça, à medida que cresciam ostensivamente a violência e a repressão, aos poucos pontilhada por cadáveres. Difícil fazer de conta que tudo ia bem, quando até mesmo intelectuais diretamente ligados à organização das primeiras bienais — como Mário Pedrosa e Paulo Duarte — eram perseguidos ou exilavam-se.

Em 1969, a Bienal ainda soltou um canto de cisne, sob forma de uma mostra vigorosa, na qual se destacaram os artistas pop americanos, e uma seleção representativa da vanguarda brasileira. Depois, o baixo astral. Holanda, países escandinavos, Estados Unidos, pararam com as representações oficiais, pois seus artistas recusavam-se a prestigiar uma ditadura militar. O setor brasileiro empobreceu-se, pois muitos artistas deram-se conta de que o exercício da vanguarda conflitava com o oficialismo e as relações de troca impostas pelo mercado de arte; ou então, passaram a interessar-se mais por outros mercados e canais de comunicação. A importância da Bienal relativizou-se com o aumento de atividade das galerias, das mostras em salões, outros museus e instituições. O mercado de arte adquiriu uma vida própria, prescindindo da Bienal, até culminar com um espetaculoso estouro financeiro da principal organização do setor, a Collectio, em 1973. Os júris de seleção nacional primavam pela falta de critérios, como reflexo dos impasses e contradições da própria vanguarda artística. O ponto mais baixo foi, sem dúvida, 1975 — todos concordavam que a Bienal estava vibrando mal, e que agonizava.

Então veio a época das críticas. Como todo fetiche que se preze, a Bienal teria que ser idolatrada ou destruída. Abateu-se o furor questionante, paradoxalmente no momento em que a Bienal tentava reformular-se, para corrigir suas distorções e



Arte Catarinense

Sequência das ofertas

"Gomes Ribeiro O seu Livreiro"

DESCONTOS DE 60 A 80%!!

- 19a) MODERNAS TÉCNICAS EMPRESARIAIS — Em 6 volumes — Edição 1978. DE 2.750 por 790,00
- 20a) CURSO DE ELETROTÉCNICA — 6 volumes. DE CR\$ 2.950, por 1.350,00
- 21a) CURSO DE DESENHO ARTÍSTICO — Jaime Cortez — 4 volumes — DE 1.200 por 360,
- 22a) ESTANTE DO CONTADOR — CARLOS DE CARVALHO — CR\$ 1.860, por 780,00
- 23a) — OXFORD — Só INGLÊS — Edição Especial apenas 990,00 (2 volumes)
- 24a) OXFORD-port-INGLÊS-PORTUGUÊS — 4 volumes — de CR\$ 1.650, por 560,00
- 25a) ARTESANATO — Artesanato em geral — 3 volumes e 33 moldes. DE CR\$ 1.660, por 590,00

PEDIDOS A GOMES RIBEIRO-DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA." Rua Flore de Tília, 140 Bairro Mirandópolis SP- CEP 04051- F. 577-0185

Sequência das ofertas

"Gomes Ribeiro O seu Livreiro"

DESCONTOS DE 60 A 80%

- 26a) ENCICLOPÉDIA TRÓPICOS — Excelente obra para ginásios — Toda ilustrada a cores — Abrange todo o currículo escolar — DE 4.900, por 1.750,00
- 27a) ENCICLOPÉDIA VISUAL COMBI — Excepcional qualidade gráfica, editada na Espanha em português — DE 3.300 por 1.050
- 28a) TECNIRAMA — CIÊNCIAS E TECNOLOGIA — em 10 volumes grandes. DE 6.300, por 1.850,00

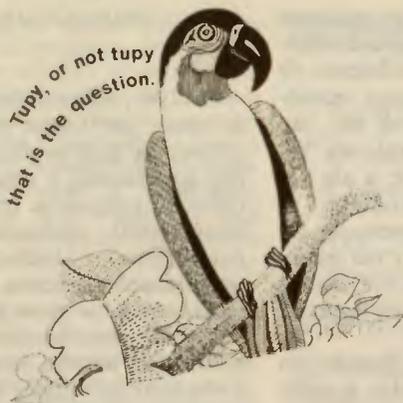
Em São Paulo fazemos a entrega em prazo mínimo — fora de SP enviamos pelo Reembolso Postal ou, sem despesas e com rapidez, contra cheque visado ! pagável em São Paulo)

Pedidos aGomes Ribeiro — Distribuidora de Publicações Ltda. " Rua Flor de Tília, 140 — Bairro Mirandópolis — SP — CEP 04051 — F. 577-01-85



Mazda Perez

GLAUCO RODRIGUES



mudar sua função social. A Bienal Nacional de 76 praticou um gesto ousado: já que qualquer critério de seleção seria questionável, resolveram abrir e expor todos os inscritos. Imediatamente, todos os críticos e colonistas de arte, outros que não os membros do juri, puseram-se a clamar contra a mediocridade. A Bienal Internacional de 1977, por sua vez, resolveu colocar em questão o oficialismo e a classificação geopolítica da arte, abolindo a representação por países e reclassificando as obras (arte catastrófica, recuperação da paisagem, etc.). Além disso, achou-se no direito de escolher quem iria expor, em vez de acolher as indicações de outros países. Foi o suficiente para abrir-se a maior polêmica jamais registrada nos anais da crônica artística, sobre critérios de classificação e seleção de obras de arte. A Bienal também se reestruturou, criando um conselho e uma infra-estrutura administrativa; todos passaram a lembrar-se da sua fragilidade administrativa, além de levantar suspeitas de favorecimentos e mordomias, e tudo o mais que não foi dito em uma década e meia de silêncio conivente. Certos textos de crítica à Bienal superam, pela quantidade e vigor dos adjetivos, os melhores momentos apopléticos dos editoriais do Estadão. Chegou-se a propor a extinção da Bienal, para se aproveitar a verba em coisas mais úteis, tais como escolas e cursos de arte.

Por mais que exercer o sarcasmo e lançar farpas sejam passatempos agradáveis, convém tentar ver as coisas sob uma outra ótica. A divisão da crítica em dois times, o dos organizadores e o dos detratores da Bienal, é tão provinciana quanto a louvação e a cumplicidade precedentes. Des-sacralizar a Bienal não significa necessariamente destruí-la, porém indagar seriamente sobre sua natureza e função. Em primeiro lugar, lembrar também algumas das suas contribuições e aspectos positivos. A releitura dos catálogos mostra que, ao par de muita mediocridade e modismos passageiros, foi mostrado tudo o que se fez de importante ou representativo em arte neste século. Se a Bienal acentuou nossa dependência com relação à produção crítica e artística dos grandes centros europeus e americanos, e contribuiu para que mantivéssemos as costas voltadas para

nosso país e nosso continente, também informou muita gente e ajudou artistas a encontrarem sua linguagem e meios de expressão, inclusive para retratarem criticamente a realidade nacional, ou, pelo menos, para ficarem sabendo com quais tendências não tinham a ver. A última Bienal Internacional, com suas reclassificações, ênfases em arte conceitual e montagem de ambientes, e um certo clima pré-apocalíptico, teve uma boa repercussão lá fora, fazendo com que São Paulo continue integrando um circuito internacional de grandes mostras junto com Kassel, Paris e Veneza; isto no mínimo é bom para abrir canais de divulgação para a arte brasileira no mundo exterior.

Espelho da Burguesia

Há mais coisas ainda a serem colocadas. Está claro que atualmente o mercado de arte prescinde da Bienal e exerce sua função de apropriar-se do trabalho do artista para eventualmente falsificá-lo, supervalorizá-lo ou desvalorizá-lo, além de criar ciclos especulativos, falsos valores e outras formas de corrupção e desinformação, de modo totalmente autônomo, por conta própria. Correlatamente, a Bienal tem cada vez menos a ver com este mercado, tornando-se gradativamente uma grande mostra fora do circuito marchands/galerias, o que aumenta suas chances de funcionar como local de confronto de idéias, indagação (inclusive da sua própria função e natureza), e prática de descolonização. Neste contexto, a ênfase recente em objetos, ambientes, arte conceitual, e tudo o mais que vem figurando como vanguarda, é explicável; toda esta vertente filiada ao trabalho revolucionário de Marcel Duchamp é menos prestigiada pelas galerias, pois volta-se contra a fruição esteticista e o uso decorativo da arte, e procura subverter a relação arte-consumo, negando o papel tradicionalmente atribuído ao objeto de arte. Obviamente, esta maior ênfase na vanguarda, por si só, não redime a Bienal ou qualquer outra mostra — objetos e performances, por mais inovadores e chocantes que sejam, transformam-se em mera brincadeira e curtição se não estiverem claramente amarrados a um conjunto de idéias revolucionárias e a

um elevado grau de coerência por parte do seu criador. Está provado que a burguesia consegue assimilar e fetichizar quase tudo, até mesmo as obras mais insólitas e chocantes à primeira vista. Em todo caso, nada como mostrar bastante coisas, para pelo menos se ficar sabendo quem melhor está copiando ou imitando quem. E esta Bienal Latino Americana está efetivamente expondo toda uma produção que vem sendo feita ao nosso redor, sem que tivéssemos conhecimento dela; dar uma olhada em volta é uma postura aconselhável, caso queiramos deixar de ser o quintal cultural dos outros.

A Bienal é odiada atualmente por ser o Espelho de Caliban da burguesia paulista. A Sociedade Civil não tolera ser posta à frente do retrato da sua própria futilidade, da vacuidade e fragilidade dos ambientes artístico-culturais que ela mesma criou, para satisfazer sua necessidade de ostentar símbolos de prestígio. Tudo o que a Bienal possa ter tido de corrupto, inconsequente e provinciano, nada mais é do que o reflexo da corrupção, da inconsequência e do provincianismo da sociedade que a criou. O amplo pavilhão do Parque Ibirapuera é uma chaga aberta, expondo o quanto é contraditório e grotesco o relacionamento arte-sociedade em um país colonizado e periférico. Tampar ou extirpar esta chaga não irá resolver os males que a originaram, nem solucionar as contradições entre a inquietação e a vontade de mudar o mundo do artista e sua dependência do mecenato, do mercado e do apoio oficial, para poder sobreviver e fazer-se conhecer pelo público; entre tudo que a arte contemporânea tem de vivo, de prática de desrepressão e recuperação do Eros perdido por nossa civilização, e sua morte através da fetichização, da apropriação mercantilista e da aurificação nos museus e exposições. É claro que ficar mexendo na Bienal, dinamizando-a, incrementando-a e reformulando-a, não irá por si só resolver tais contradições, além de sempre abrir a possibilidade de novas formas de oficialismo e tutela paternalista. Atacá-la, brincar de iconoclasta, muito menos. A contradição arte-sociedade só se resolve a partir da transformação da sociedade, atividade esta que requer um pouco mais de coragem e espírito crítico.

de Nova York

Abdias Nascimento

AXÉ

Singular & Plural abre espaço e pede passagem para a discussão de todas as questões que envolvem a descolonização cultural. E chama Abdias do Nascimento, talvez a personalidade negra mais importante do país, para levantar os problemas que se atravessam no caminho tortuoso pela dignidade e igualdade de seu povo. Depois de quatro séculos, o afro-brasileiro se conscientiza que o racismo e a discriminação são frutos da negação de uma cultura negra, de um "ethos" negro, de uma civilização negra.

Leccionando atualmente nos Estados Unidos, Abdias do Nascimento num primeiro artigo atualiza alguns aspectos esquecidos pela historiografia oficial, e nos apresenta Zumbi, e outros revolucionários negros de todos os tempos.

Axé, Abdias,

Mirna Grzich



Foto: Sérgio Berezovski — Ed. Shalom

ZUMBI: PRECURSOR MILITANTE DO PAN-AFRICANISMO

Meu sujeito é Zumbi. Evocar seus feitos, cantar sua morte heróica naquele recuado novembro, quando a tropa mercenária do bandido (perdão, bandeirante) Domingos Jorge Velho destruiu a República dos Palmares (1630-1694). Entretanto, não extinguiu o sonho de libertação da raça africana. Tanto assim que um século mais tarde precisaram enviar outro sicário, da mesma gang glorificada dos bandeirantes da morte e da destruição, Bartolomeu Bueno do Prado, para continuar a matança de "escravos levantados", desta vez nas Minas Gerais, o Quilombo de Campo Grande (1741-1759). Depois de arrasar com tudo, BBP regressou exibindo gloriamente 3.900 pares de orelhas dos negros impiedosamente chacinados.

Proclamamos e celebramos esses heróicos antepassados de nossa luta contra a opressão e o cativo. No processo dessa luta, o povo negro africano tem sido derrotado, submetido, mas nunca realmente vencido. Assim como na África a vitória

final contra a dominação colonialista-racista dos brancos se aproxima rapidamente, também na diáspora, no Brasil, estamos os afro-brasileiros, a maioria do país, combatendo as estruturas obsoletas que nos têm mantido à margem da vida nacional.

Zumbi transcendeu as fronteiras do orgulho nacional afro-brasileiro. Seu exemplo pioneiro e memorável dia-a-dia cresce como idéia-força e símbolo de toda a luta Pan-Africanista, da qual foi um militante precursor. Junto do seu nome se inscrevem os nomes daqueles outros lutadores que nas Américas doaram seu esforço e sua vida para um futuro de liberdade e dignidade humana para o negro-africano. Os cimarrões, ou quilombolas dos países dominados pela Espanha: já em 1522 os africanos escravizados se revoltavam em Santo Domingo, e em 1550 em Cuba, onde mais tarde surgiria a figura gigante do general Antonio Maceo. Na Jamaica, em 1655 inicia-se os levantes dos *maroons*, e

em 1760 ocorre a extraordinária revolta liderada por Tacky; tomaram a cidade de Santa Maria, sustentaram 18 meses de combate, e a coroa britânica quase perdeu aquela colônia. Em 1763 explodiu a chamada Revolução Berbice, nas Guianas, tentando derrocar a opressão holandesa. Quanto aos Estados Unidos, várias revoltas foram articuladas, dentre elas uma por Gabriel Prosser, na Virgínia, que reunia em 1800 cerca de 40.000 africanos; outra comandada por Denmark Vesey, Charleston 1822; e a maior delas, ainda na Virgínia, em 1831, conduzida por Nat Turner. No movimento de libertação na América do Norte sobressaiu-se uma mulher negra invulgar: Sojourner Truth. Com efeito, nos levantes e revoltas africanas nas Américas, somente no Haiti os escravos obtiveram um êxito total, na guerra contra os franceses dirigida por Toussaint Louverture, Desalines e Henri Christophe.

E no continente de África? O invasor europeu teve de enfrentar uma inesperada e

CULTURA

titânica resistência. Como aquela da Rainha Ginga, contemporânea de Zumbi, que no século XVII, da outra banda do Atlântico — Angola — comandava suas tropas contra o invasor português. Lembremos que desde a autorização concedida pela Bula Papal de 1455, os escravagistas portugueses começaram sua penetração pioneira na África para durar 500 anos, desde então inaugurando sua política feita de “sorrisos e de sangue”. Foram os primeiros a manchar com seu pé criminoso o chão livre da África, sendo o último dos invasores a se retirar enxotados pelas armas triunfais de nossos irmãos da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola. Estes conhecem na carne viva o genocídio, a coibiça, a crueldade, o racismo inerente ao colonialismo português. O qual é todo um sistema de opressão e espoliação utilizado não só na África, mas igualmente transplantado para o Brasil. Veio especialmente com o rei fujão comedor de frangos, D. João VI, o qual trouxe consigo, a fim de elevar o nível de sua administração, 15.000 famílias de vadios (perdão, de nobres), os quais se somaram aos milhares de delinquentes outros que Portugal nos exportara anteriormente como uma espécie de vanguarda de sua ação civilizadora-predatória no ultramar. Àquela aristocracia da indolência da glutoneria, estupradora da mulher africana, massacradora de Índios e de negros, devemos isto que o Brasil tanto se orgulha de oferecer ao mundo como modelo de relações de raças “harmoniosas e cordiais”: o milagre sem precedentes da nossa “democracia racial”. E para que esse paraíso racial pudesse ser fundado, o Brasil foi o último País a abolir o regime escravo. Em contrapartida, foi o primeiro a impedir qualquer chance do negro reivindicar sua humanidade. Se um negro descobre que é gente, recusa a humilhação, e grita que estão espoliando seu próprio ser, acusam-no de criador de um problema artificial: o que quer é apenas dividir a sociedade brasileira tão bem integrada... E tudo continua (ou deve continuar) na mais fraterna badalação racialmente democrática...

Mas, voltemos à Rainha Ginga. Não somente ela porém, em toda a costa ocidental do continente africano onde, primeiro os portugueses, depois todas as outras potências e impotências imperialistas européias, se julgaram manifestamente destinadas ao direito de posse a uma fatia do pudim: o tráfico escravo; as riquezas minerais, as terras férteis para agricultura e criação de gado; em toda a costa, os africanos resistiram bravamente à invasão do seu território e à escravização do seu povo. Só foram vencidos pela desproporcional superioridade tecnológica das armas do invasor. No século XVII, por exemplo, o nacionalista nigeriano Ibo Ja Ja castigou os intrusos ingleses com ferocidade e determinação. Repetiu-se o mesmo na Costa do Ouro (a Gana atual), onde os Ashantis fustigaram os ingleses durante

mais de 100 anos, vencendo-os em onze ou doze guerras. Inclusive uma destas teve o comando da Rainha-Mãe Yaa Asantewa, feita prisioneira, como antes dela os ingleses haviam exilado o Rei Prempeh. Ao sul do continente uma barreira quase inexpugnável à invasão se ergueu com os exércitos do zulu Rei Chaka, um dos maiores guerreiros de todos os tempos. Morreu fisicamente em 1828, porém a chama guerreira do seu espírito continua crepitando e ilumina ainda hoje aqueles que na África do Sul derramam seu sangue combatendo a humilhação, a exploração e a desumanização do colonialismo. Os mandingas produziram outro notável guerreiro defensor da África, Samory Touré, avô do atual presidente da Guiné, Sekou Touré. Samory desafiou militarmente a França por dezoito anos, tendo sido depois capturado em 1898 e morto em 1900. Há os que o apelidam de “Napoleão Negro”, mas ele não retrata o agressor-conquistador que a referência sugere: apenas defendeu seu povo da escravização e seu território da invasão. Existem muitos outros nomes, inclusive o do Rei Behanzin, do Dahomey, (hoje Benin), que pelejou contra o invasor e morreu no exílio em 1906. No entanto, quero lembrar que por detrás das figuras que se erguem na história, estão as massas de africanos, os imortais soldados dessa façanha que a História começa a fazer justiça.

Não continuarei citando mais nomes e episódios. Creio ter mencionado o bastante para ter-se uma ligeira idéia das peripécias experimentadas por nossos ancestrais, vencidos pelas armas e submetidos à escravidão. Fato completamente oposto àquele divulgado por certos intelectuais brasileiros, para os quais a escravização dos africanos aconteceu, ou pacificamente, conforme Clarival do Prado Valladares (1) — e aí se confirma a vocação “natural” do africano para o cativeiro; ou resultou de uma empresa dos próprios africanos sozinhos, no entender de Dante de Laytano (2); ou por fim consistiu um negócio de africanos associados aos europeus na linha da definição de co-colonizador empregada por Gilberto Freyre (3) aos africanos. Desta última versão compartilha até mesmo uma mulher negra cujo talento admiro, a historiadora Beatriz Nascimento, que afirmou ter a escravidão surgido “articulada por uma espécie de negociação entre as classes dominantes da Europa e a da África” (4). Ora, convenhamos que o fato de um ou outro chefe africano, corrompido ou ameaçado pelos europeus, ter colaborado na escravização de seus irmãos, em nenhuma hipótese autoriza a generalização que a historiadora cometeu. Aliás, seguindo a lógica do seu raciocínio e numa analogia bastante pertinente, poderíamos chegar à conclusão de que o inteiro segmento consciente da população afro-brasileira está comprometido na atual ofensiva mercantilista do Brasil na África

só porque existe um Pelé associado a essas forças econômicas, emprestando até seu retrato para reforçar o apelo e sensibilizar o potencial comprador africano. Assim vemos, de um lado, para fins lucrativos, Pelé utilizar-se do elemento cor-raça de sua origem, da qual sempre se manteve espartamente distante; e por outro lado exibir orgulhosamente sua cooptação pelo complexo industrial-militar cujo objetivo é, unicamente, prosseguir a antiga exploração e opressão da África, agora travestidas na forma neocolonialista. E para tanto as multinacionais e suas forças “defensivas” tramam o acordo militar-naval do SATO (Organização do Tratado do Atlântico Sul), que entre outras missões teria a da defesa da União Sul Africana e seu *apartheid*; e de quebra, funcionaria como desestabilizador dos governos progressistas de Agostinho Neto em Angola e Samora Machel em Moçambique. Pelé é o exemplo ilustre do negro aculturado/cooptado que já deixou de ser negro. Pergunto se algum historiador mal — informado, iludido ou inexperiente do futuro, ao examinar retrospectivamente nossa época e baseando-se na conduta de Pelé (e de uns poucos negros iguais a ele), teria por ventura o direito de concluir que todos os negros conscientes colaboraram com os inimigos da África? Isto seria o mesmo que apagar da história todos os dirigentes e participantes da nossa luta contemporânea, conforme fizeram os historiadores europeus com a história da Mãe-África.

Ademais de não permitir que nossos exploradores continuem tirando proveito da fome e do martírio de nossa gente, nós, os negros, não devemos dar nenhuma oportunidade a que nossa confusão teórica ou insuficiência ideológica sirva para reforçar seus poderes através de definições e conceituações interessadas.

À uma efetiva resistência cultural e descolonização da mente, ao exorcismo da lavagem cerebral de 400 anos de ideologia supremacista branca, impõe-se uma correlata resistência, política, com todas as suas implicações e consequências. Inclusive, se a necessidade de auto-defesa assim o exigir, aquela resistência armada cujo ensinamento superior nos foi transmitido pelo exemplo imortal de Zumbi.

A.N.

Universidade do Estado de Nova Iorque em Buffalo, 21 de Outubro de 1978

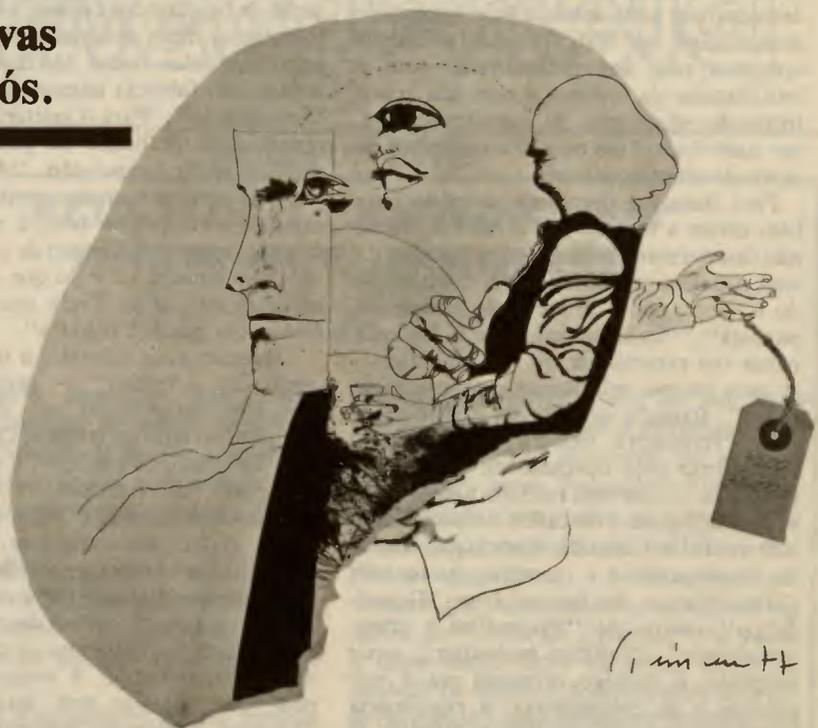
1. — Clarival do Prado Valladares — “A defasagem africana ou Crônica do I Festival de Artes Negras”, *Cadernos Brasileiros*, Rio, n.º 36, 1966, p. 4.

2. — Dante de Laytano — *Origens do folclore brasileiro*, Ministério da Educação e Cultura, Cadernos de Folclore, Rio, n.º p. 58.

3. — Gilberto Freyre — “Aspectos da influência africana no Brasil”, *Cultura, Ministério da Educação e Cultura, Brasília*, n.º 23, 1976, p. 8.

4. — Beatriz Nascimento — “Debate sobre Raça e Classe no Brasil”, *Encontros com a civilização Brasileira*, Rio, n.º 1, 1978, p. 199.

A antipsiquiatria vai sair de moda? Com Basaglia, Guattari e outras vedetes internacionais, novas discussões chegaram até nós.



A antipsicanálise chegou ao Brasil!

Marilsa Taffarel Faerman

A antipsicanálise sucede a gasta antipsiquiatria:” no 1.º Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições” acompanhamos o lançamento da antipsicanálise no Brasil. E muito mais: 1.800 pessoas, duas vezes o esperado, na sua maioria mulheres, estudantes de graduação, deslocando-se em verdadeiras torrentes pelos salões do Copacabana Palace Hotel, no Rio de Janeiro.*

Lá instauraram-se lutas em diversos níveis: lutas por um lugar, por um aparelho de transmissão simultânea, luta para ouvir e ser ouvido. Luta para derrubar a psicanálise e luta para salvar a psicanálise. Para ver os rostos famosos e para ser visto vendo os rostos famosos.

Luta nem sempre como metáfora. “Os psicólogos são violentos”, dizia um jovemzinho que exercia a função de porteiro em uma sala, nervoso e quase chorando: “Por pouco não levo uma surra de um que queria entrar sem o ticket”.

Quase sempre a veemência foi aplaudida. Por isto, as mesmas pessoas aplaudiram discursos com conteúdos opostos. Por isto

* O congresso realizou-se de 18 a 21 de outubro.

os lacanianos não conseguiram sequer um aplauso isolado. E diziam algumas coisas importantes.

“A doença mental não existe. É um conceito produzido para que através dele se exerça o poder sobre as pessoas”. Com a tentativa de demonstrar isto, Tomas S. Szasz, psicanalista húngaro, radicado nos Estados Unidos, e autor de inúmeros livros tais como “O mito da enfermidade mental”, “Fabricação da Loucura”, “A ética da psicanálise”, e outros, começa sua primeira conferência. E segue, na sua cruzada antipsicanalítica, declarando a psicanálise morta a cada cinco minutos. “A psicanálise está como um homem mortalmente ferido no exato momento que precede a queda”. Mais notável que sua análise das descobertas de Freud, notáveis pela simplificação e reducionismo, são suas propostas: desaparecimento da psicoterapia como profissão, sua transformação em uma função a ser exercida por antropólogos, sociólogos, críticos de arte, etc..., em suas horas vagas, em um final de tarde.

Não mais psicoterapeutas e sim conversadores. O exercício do conversar sem suporte de qualquer teoria. E mais: aumento do autocontrole como única maneira de anular um controle externo. Proposta verdadeiramente estranha, pois sabemos

que quanto mais internalizado for o controle, mais difícil será lutar contra ele.

Da Itália, Franco Basaglia, importante nome da antipsiquiatria, apesar de negar este título, por ser um rótulo; diretor do hospital psiquiátrico de Trieste, co-autor da obra coletiva “A instituição negada”, da “Maioria marginalizada”, entre outros estudos. Ele foi, sem dúvida, o mais entendido e o que mais comoveu com suas denúncias e seu declarado esforço contínuo para apresentar uma mensagem alternativa. “Há 20 anos é moda denunciar as instituições, os hospitais, as prisões, mas enquanto o profissional não recusar o poder que lhe é dado, vai sempre manter as instituições.” Basaglia declara-se não um intelectual, nem um teórico — apenas uma pessoa sem o pessimismo da razão, sem retórica, com o otimismo da prática.

Sua prática: gestão comunitária da instituição psiquiátrica, o que possibilita ao que sofre entender não só sua doença, mas sua doença como situação de opressão, entender o sentido político de sua marginalização.

Considera que certas condições históricas são necessárias para realizar uma alternativa, como uma comunidade terapêutica autogerida. É preciso apoio de fora, dos partidos políticos que defendem o

Clément



interesse dos oprimidos. "Sem nos libertarmos da opressão não podemos fazer nem psicanálise, nem psiquiatria, podemos fazer quando muito congressos. No Brasil não há comunidade terapêutica. Para democratizar uma instituição é necessário democratizar o País. Numa sociedade opressiva nós nos defrontamos com a brutalização da loucura e com sua transformação em miséria. Ai, paradoxalmente, um manicômio é um bem. É a segurança do prato de comida diário".

Para Basaglia, num país socialista também existe a loucura — "a falta de razão não desapareceu no socialismo. A loucura é uma situação existencial, uma contradição do homem, não é produto do regime capitalista". "No socialismo — e ai Basaglia pensa sua experiência em Moçambique — se uma pessoa enlouquece está realmente louca". Basaglia acredita na existência de uma "verdadeira loucura" sufocada no capitalismo pela opressão de uma classe por outra. Como uma essência humana que se revelaria pura e cristalina no socialismo.

Para Felix Guattari, francês, fundador da esquizoanálise e co-autor, junto com Gilles Deleuze, do famoso livro "O anti-Édipo", autor de "Psicanálise e transversalidade", "Política molecular", neste simpósio, o inimigo principal era a psicanálise e os psicanalistas, a reacionária teoria freudiana da sexualidade infantil, da sexualidade feminina e do homossexualis-

mo. Guattari denuncia a limitação do conceito de inconsciente e a redução estruturalista operada pela corrente lacaniana.

"O inconsciente é constituído não só pelos pais e as estratégias familiares, mas inclui as funções dos órgãos, as relações de trabalho, o fluxo do dinheiro, aquilo que é veiculado pelas ondas Hertzianas, o elaborado nas fábricas imensas dos meios de comunicação". Para Guattari, é preciso renunciar à totalidade da pessoa e à individualização da enunciação. "A ilusão em todas as ciências humanas consiste em pensar que, uma pessoa fala, é ela que está falando, e que o fenômeno de linguagem se reduz ao enunciante e ao que escuta. Não existe o indivíduo. Toda montagem que leva a um gesto é coletiva".

"Quando uma mãe fala a uma criança, quem fala a quem?" — pergunta Guattari. Um conjunto do lado da mãe, um conjunto do lado da criança. O que falo do lado da mãe, por exemplo, é algo que foi anunciado pela televisão. A individualização da responsabilidade é puro exercício de poder. A lei quer individualizar, assinalar o culpado. Para virar os aparelhos de opressão é preciso liberar a força de recusa das crianças, a força de recusa das mulheres em todos os níveis. Estimular as microlutas; a revolução molecular é necessária e não pode ser carregada pela luta de classes "Guattari mostra-se preocupado com o que acredita ser o "caráter desastroso da

psicanálise na França, que se tornou uma forma de controle, ramificado e contínuo, exercido sobre as crianças, sobre as pessoas, através, por exemplo, dos trabalhadores sociais, cada vez mais prisioneiros desta teoria".

Em certo momento, perplexo diante da resistência às suas idéias, Guattari parece não entender que vivemos um momento em que revitalizar a psicanálise, cristalizada pelas e nas associações psicanalíticas, é a expressão de uma luta necessária.

O oposto disto é que torna possível a ideologização de uma teoria científica e sua utilização, como bem apontou Chaim Samuel Katz na "psicologização" das relações familiares, das relações de trabalho, como tentativa de controle das inquietações surgidas em diferentes âmbitos, principalmente a partir de 1968, no nosso País.

A aparente ambiguidade deste simpósio, talvez o mais importante dos últimos tempos neste campo, se resolve se levarmos isto em conta. De outra forma teríamos que apelar para uma ingenuidade inexistente nos organizadores e, ao mesmo tempo, dirigentes de uma instituição de ensino de psicanálise que promove um simpósio em grande medida atravessado por discursos contra toda e qualquer instituição. Fica a crença na sobrevivência da psicanálise apenas numa instituição enquanto ela arisquer ser destruída pelo que propõe.

Joe Andreolli

DESEJO NO PODER (SÓ O DESEJO)

("Comenta-se a excetibilidade do clitóris e a ejaculação precoce como quem troca receitas de bom bocado")

Copacabana Palace, avenida Atlântica, Rio de Janeiro. Um endereço famoso e simbólico do poder e do prazer desta República. Dinheiro e libido circularam de braços dados — e ainda circulam, fantasmagóricos — nos ociosos e amplíssimos salões da ruína da hotelaria francesa. A crônica social e política carioca (leia-se, nacional) cevou-se durante décadas nas casacas e crachás de embaixadores amigos e inimigos, nos dólmanes de generais vencedores e vencidos, nas indiscrições de notáveis legais e exilados de todas as latitudes, e nos generosos decotes de airadas senhoras do *international jet set*, frotando amenidades apimentadas à beira da badalada piscina do Copa.

O tempo passa, torcida brasileira, e as capitais mudam. Os carros de chapa branca já não deslizam do Catete ou das Laranjeiras para o Hotel Glória ou para o Copa. O circuito do poder fechou-se em torno da Praça dos Três Poderes, passando pela Esplanada dos Ministérios, com incursões etílicas pelo Hotel Nacional. Tudo em Brasília, no planalto, bem longe.

O Copa, hoje, é um cenário de uma comédia de costumes que saiu de cartaz faz tempo. E a solução? Demolir? Entregar para o Gomes de Almeida? Talvez. Para não falar, o Copa teve de embarcar com suas pratas, cristais e honrarias no turismo de massas. Como aconteceu com o Glória, subdividiu os quartos. Cabe mais gente, a preços de gente. O mar, por enquanto, ninguém muda. O ponto continua quente: Copacabana mágica

para os que não são cariocas, superlotada, permissiva, vitrinificada. O que não serve mais à burguesia mutante, ainda pode render uns bons trocados com a fome de *status* da itinerante classe média. É como botar a coroa na cabeça quando o rei não manda mais.

Nesse ventre vazio de poder, instalou-se o 1º Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições. Durante três dias, em outubro, as pesadas cortinas e amplos espelhos assistiram pasmados aos discursos libertadores de grandes astros da antipsiquiatria mundial. Nas escadarias, no intervalo das conferências, e grupos de trabalho, um alegre recreio. E o sinal dos tempos: mulheres, aos magotes. Coxas e seios liberados, boquitas pintadas, tamancos, cabelos *dancing days*, tez de anúncio de bronzeador. Discutiam na improvisada bastilha feminista os últimos avanços do sexo oprimido. Quem diria, no velho bastião do perfume francês e das negociações internacionais, vitupera-se contra as prisões, contra os hospícios e contra a psicanálise de divã. Melanie Klein e Sigmund Freud na berlinda. Em compensação, comenta-se a excitabilidade do clitóris e a ejaculação precoce como quem troca receitas de bom bocado. Passa-se o estabelecimento masculino a limpo. E o balanço não é muito favorável aos portadores de pedúnculo no baixo ventre. Shere Hite, a garota propaganda convertida em socióloga do orgasmo feminino, estava presente. *Malgré elle*, é o centro do espetáculo. Recusou-se a dar entrevistas a jornalistas homens. Disse que nos EUA é assim. Olho por olho, dente por dente — para evitar imagens menos delicadas.

Nas salas de conferências, o papo atingiu temperaturas políticas inimagináveis para técnicos da frieza e neutralidade. Guattari, Bauleo e Basaglia (que detestam ser qualificados de *anti*, pois segundo eles trata-se de manobra de recuperação) mostraram sem muitas dificuldades que a norma científica é muito pouco científica e muito política. A norma que fecha loucos é a mesma que fecha prisioneiros. Certo. Mas como abrir as portas? Nossa abertura está muito longe de abrir espaços para os considerados normais. Somos, pensando no que disseram aqueles teóricos, uns internados. Como abrir? Nas ruas, na luta política. Pouco de novidade, como se vê. Mas eles mesmos advertiram os presentes para a falácia do discurso libertador. Em hom português, a velha história do "falar é fácil, fazer é que é difícil".

O país, se não avança, moderniza-se. A imagem do velho e digno Copacabana Palace, invadido por gente reclamando o futuro nos gestos, aproveitando o espaço mofado — mas que guarda ainda as marcas da opressão refinada da aristocracia — tudo isso veio a calhar.

GRAVURAS LATINAMERICANAS

Afonso Henriques Neto



alguma ciência
para se descobrir um cadáver:
levantar com estrondo a tampa do baú,
seguir a linha de sangue e desespero
até a cabeça decepada,
abrir devagar a porta do armário
rangendo
sombrias e dentes,
arrancar do vento
a estrela do grito da criança enforcada,
esperar a visita do demônio com a mesa
posta,
olhar-se até o fundo
no espelho;
alguma ciência
para se parir cobras e laçaitos:
refletir nos olhos inocentes
o massacre da multidão traída,
vomitar um conto de fadas e mitos redon-
dos
na caveira da menina
roendo uma boneca vermelha,
cravar a roseira entre as asas da andorinha,
dançar no baile dos homens de bigode
todos fêmeas sob a capa de drácula;
alguma ciência
para se tecer escândalos:
sorrir candidamente
quando uma perna brotar lentamente
dos músculos do seu ombro esquerdo,
dar de mamar a um rato
e a um filhote de leopardo,
esporrar de amor no meio da avenida,
semear meteoros cabeludos e megeras ar-
rotando
no leite de vaca da santa trindade,
ser o grande rio das palavras
e navegar o sol popular da fome
e da rebeldia.

Afonso Henriques Neto, mineiro residente no Rio de Janeiro, já publicou os livros de poemas *O Misterioso Ladrão de Tenerife* e *Restos, Estrelas e Fraturas*.

MEDITAÇÕES de Emergência

Roberto Piva

RELATÓRIO PRÁ NINGUÉM FINGIR QUE ESQUECEU

“Contra tudo que não for loucura ou poesia”
Jorge de Lima

*acordar para mastigar este pastel
fúnebre recheado de gritos irados &
pic-nics de seriedade frente à morte de
Garcia Lorca que em vida teve o bom
gosto de dormir com adolescentes &
toureiros
acordar para mastigar este pastel
fúnebre liquidificador antropófago es-
trelas do futuro carnificina espiritual
de impotentes bostas & lágrimas de
crocodilo
o poeta só é celebrado nestas procis-
sões blasfemas enterrado seu coração
de carne grávido de vermes vivo po-
deria cantar vossos filhos & isto a
moral que desintegrou Hiroshima con-
dena.*

10 de Maio de 1922

*O poeta russo Essenine & sua esposa
Isadora Duncan são festejados pelos
meios literários russos de Berlim, mas
ele provoca uma série de escândalos &
toma porres todas as noites.*

Março de 1925

*O poeta Essenine em Moscou sofre
crises de melancolia, invade um recital
de poesias, bêbado, urra injúrias &
sarcasmos, provoca escândalos &
orgias se sucedem.*

Setembro de 1925

*O poeta Essenine está em Moscou
para preparar a edição de suas obras
completas pelas edições do Estado. Ele
obtém pagamento antecipado & não
para mais de beber. O julgamento
severo da crítica fez com que ele sofra
cruelmente.*

Brasil — Bahia século XVII

Nasce o poeta Gregório de Mattos

*que a uma certa altura de sua vida
abandona casa, cargos & encargos & sai
pelo Recôncavo povoado de pessoas
generosas como contador itinerante,
convivendo com todas as camadas da
população, metendo-se no meio das
festas populares, banqueteadando-se
sempre que convidado. A violência da
sátira do “Boca do Inferno” lhe valeu
a deportação para Angola. Gregório
de Mattos assim é descrito pelo cronis-
ta da época: uma cabeleira postiça, um
colete de pelica, uma vontade de ficar
nú, um escritório adornado com
bananas.*

Paris 1947

*O poeta surrealista Antonin Artaud
morre num hospício na mais completa
solidão abraçada a um sapato. Depois
de 10 anos de eletrochoques, Artaud o
Momo tem sua vida confiscada. A
França & sua arte lógica estão salvas.*

França 1935

*O poeta Renê Crevel põe fim aos
seus dias tendo antes tido o cuidado
surrealista de espetar um papel com
alfinete na lapela escrito: Enojado.*

*Nestes dias em que meus únicos
companheiros foram a música de Jorge
Mautner & algum garoto triste con-
quistado de madrugada em alguma es-
quina da solidão eu sei que foram
vocês que exilaram Gregório de Mat-
tos, enforcaram Essenine, apertaram o
revólver musical de Renê Crevel, in-
ternaram Artaud o Momo no mani-
cômio.*

*Hoje os olhos do poeta Garcia Lorca
erram nestas planícies assassinadas &
gritam com Maiakovski: Abandonam
finalmente a veneração por meio dos
jubileus centenários, a homenagem por
meio das edições póstumas! Artigos
sobre os vivos! Pão para os vivos!
Papel para os vivos!*

“SEO” PASCHOAL: VAMOS QUEBRAR TUDO

Paulo Klein

Ganhei o privilégio de, em várias ocasiões, assessorar o sêo Paschoal, personalidade ímpar que transcende as fronteiras nacionais e terráqueas mesmo sem sair do país. Ao Exterior, ele só vai para fazer algum trabalho e retornar depressinha. É sabida sua influência sobre músicos brasileiros fixados nos Estados Unidos, de Eumir Deodato a Airto Moreira, que como ele acompanhou Geraldo Vandré no tempo disparado dos festivais. Quando de sua curta permanência entre os americanos, durante um concerto de piano que fez em Nova Iorque, atraiu ao teatro e foi elogiado por Wayne Shorter, Joe Zawinul, Gil Evans, Miles Davis — com quem viria a ter uma desagradável experiência que já virou lenda: Miles teria se apossado de um tema seu. Sempre com uma novidade pronta para os instantes seguintes, Hermeto Paschoal, além de sua inquestionável condição de jenômeno musical, possui uma das mais ricas biografias, repleta de casos pirados, de superação constante de seus próprios

ápices de criatividade. Talvez tenha sido no Festival Internacional de Jazz, que Hermeto levou ao ápice a metáfora que ele utiliza para definir o êxtase musical que pode alcançar, quando no final da apresentação, usando o já conhecido “vamos quebrar tudo” jogou ao chão, sem muita cerimônia, um pesado e caro órgão eletrônico, que foi reduzido a um montão de peças retorcidas.

Bruxo do som, duende de estranheza, Gepeto da MPB, generoso Hermetímegisto soando o som sem gênero definido — “o som é universal, mas minha música é brasileira —” Hermeto já fez tremer alguns mitos da música contemporânea, causou a convocação de uma patrulha da PM, quando no Teatro Municipal de São Paulo, diante da atitude da direção de terminar o espetáculo desligando o equipamento de som, convocou uma dupla de violeiros nordestinos para esculhambar desde o diretor do austero templo artístico, até o governador do Estado.

Anarquista ou expoente da música do século, artista de transição, ser extraterreno que há cinco anos não corta sua bizarra cabeleira, pois assim considerase mais bonito, Hermeto Paschoal, estranhamente esquecido pelas gravadoras — a WEA, sua última contratante, até agora não se manifestou depois de seu sucesso no Festival Internacional de Jazz — prefere tocar ao vivo com um programa que jamais se repete, aconselha seus ouvintes a gravarem seus shows, e comprova sua ilimitada liberdade criativa:

“Eu diria que na Música tudo é importante. Creio que cada som, desde o ranger de uma porta ao sopro do vento, é Música. O Universo, o Mundo, é uma música contínua, uma sinfonia perpétua. Você precisa descobrir esses sons, prestar atenção neles, e depois juntá-los. A minha música está sempre evoluindo, à medida que o tempo evolui. Há 20 anos você não ouvia o som de um avião a jato.”



Isabel Veríssimo

E, NO ENTANTO, ELA SE MOVE...



Marcus Vinícius

As múltiplas teorias vigentes no debate sobre a atual MPB podem, na realidade, ser reduzidas e enquadradas em duas correntes básicas de opinião: a primeira, muitíssimo apregoada, afirma estarmos vivendo um momento de "crise" na MPB; já a outra, contrariamente, admite ser este um momento de grande efervescência musical e, por isso mesmo, positivo sob todos os aspectos. A questão básica, a nosso ver, não é discutir essas opiniões em si: uma vez que ambas têm um fundo de verdade, o que importa, realmente, é sabermos o grau exato em que se manifestam, na MPB, esse lado crítico e esse lado, digamos, eufórico.

Há que fazer-se, aqui, uma distinção: enquanto a tão falada "crise" ocorreria ao nível qualitativo, seriam os aspectos quantitativos (em suma, os \$\$\$) os indicadores de que estaríamos atravessando uma boa fase na MPB, segundo tais opiniões.

Aparentemente contraditórias, essas teorias são, segundo análise um pouco mais arguta, verdadeiramente complementares. Observando-se a vida musical brasileira, nos anos recentes, constatamos duas evidências: 1) a chamada "música de qualidade", a obra dos nossos melhores artistas, está desaparecendo cada vez mais das programações do rádio e da TV; e 2) ela está sendo substituída por uma música de pouca expressividade, altamente redundante, pasteurizada, mas que consegue atingir elevados índices de vendagem e execução pública.

Realmente, não é a melhor MPB que está sendo transmitida, televisada, divulgada e badalada. Até 1968 era comum ver-se a melhor obra de nossos músicos disputando as paradas de sucesso, as listas de mais vendidos, etc. Ou seja: tal música obtinha ressonância proporcional à sua qualidade. Hoje isso não acontece. O rádio e a TV assumiram plenamente, como em nenhum outro momento de sua história, o papel de veiculadores de uma música anódina, inexpressiva, despersonalizada e, sobretudo, bem comportada sob todos os aspectos — exatamente o tipo de música que as grandes empresas discográficas (principalmente as multinacionais do ramo) estão estimulando como fator para maiores vendas.

A conclusão é uma só: fechando o ciclo divulgação/vendas em torno da música pasteurizada que está aí, o "esquemão" quer deixar bem claro que dentro dele já não há lugar para a qualidade. A "crise" qualitativa da MPB só existiria, pois, como corolário desse processo de imposição da música medíocre: para que esta possa existir, abafa-se aquela.

E no entanto, há criação. Existem autores e intérpretes realizando excelentes trabalhos por este país afora. A melhor MPB continua existindo. Só que não é nos "fantásticos", nos "globos de ouro", nas páginas das revistinhas modernas, nem nas paradas de sucesso, que dela iremos tomar conhecimento.



Juarez Fonseca

"Os velhos continuam sendo os novos, e o resto são os embalos de sábado à noite."

POP/ROCK—E DAÍ?

As contestações sobre a importância estética e histórica da música chamada genericamente de "pop", podem ser vistas hoje como ultrapassadas e/ou redundantes. Considerando-se que o rock and roll original dos anos 50 tenha sido a primeira manifestação definida de um novo tipo de forma e conteúdo musicais, temos já um período com mais de vinte anos, dentro do qual o "pop" tem vivido manifestações das mais simples e "juvenis" às mais sofisticadas e "adultas".

É possível observar, sem muita dificuldade, que os críticos do "pop" têm a tendência de confundir a garrafa com a bebida. Nesse sentido, quando se fala em "pop" eles pensam em capitalismo. Sei que estou fazendo uma comparação grosseira, mas ela reflete mesmo uma realidade. E a partir desse tipo de raciocínio não há discussão possível, como não há discussão possível com um sujeito que diz que Bach não vale nada porque compunha a soldo de duques e príncipes ou que Mozart é uma boa droga porque fazia "divertimentos" para a aristocracia.

Claro que hoje os tempos são bem outros, é óbvio que a forma tentacular como se desenvolveu a música "pop" é obra do sistema capitalista na tentativa de ampliar as faixas de consumo. A indústria da juventude passou a contar com investimentos ciclôpicos a partir dos anos 50 — e a indústria da música, hoje, supera qualquer outra no ramo das diversões. Mas ainda assim há que haver níveis de discussão e análise. Não podemos confundir Jimi Hendrix com Patrick Juvet, nem podemos confundir Bob Dylan, John McLaughlin, Beatles, Eric Clapton e etcétera, com Bee Gees, Peter Frampton, Village People, David Castle e etcétera. E tampouco podemos confundir Chuck Berry com Chubby Checker. Mesmo que os negociantes americanos e ingleses vejam todos como simples produtores a ser vendidos.

Um grande número de compositores e grupos "pop" têm importância fundamental no processo de evolução da música do Ocidente. Uma importância inclusive que ultrapassa os limites meramente musicais, para atingir aspectos de transformação social. E o fato de as gravadoras ganharem dinheiro com seu trabalho não diminuiu sua significação. Notem que estou falando do "pop" em termos históricos — vinte anos representam um período historicamente bastante curto, mas no caso do "pop", com sua automação, oferecem farto material de análise. Hoje, por exemplo, vivemos uma época semelhante àquela do início dos anos 60, quando os elementos originais do rock foram sendo diluídos na direção do modismo. E é muito interessante notar que esse modismo se fez sob formas dançantes (twist, hully-gully, etc.). Mas no fim da década a força de rovidez foi recuperada, sobre a fogueira ateadada por Hendrix, Dylan, Stones, Beatles e os outros.

Hoje, os gêneros dançantes voltam, nitidamente pré-fabricados — aliás, a indústria do disco não tem sequer o pudor de disfarçar esse fato. As toneladas de gravações que chegam ao mercado perdem a novidade poucos dias após o lançamento e são imediatamente substituídas por outras. Não há nada de novo naquilo que se convencionou chamar de música "pop". Nos novos grupos, o conteúdo foi diluído e há apenas remenos formais, com raríssimas exceções. Deesa forma podemos dizer, sim, que a indústria da diversão destruiu ideologicamente as novas manifestações musicais, assim como havia feito no início dos 60. Mas a partir da reviravolta havida depois, podemos pensar também que essa ideologia renascerá das cinzas. Mas as formas de moda, o diluído, não representam a música "pop". De essencialmente novo não há nada; no entanto, os velhos criadores da última passagem da década permanecem em plena atividade. Continuam muito bons e são o que há de novo em termos de qualidade. Tanto, que mesmo alguns críticos fazendo força, eles nem mesmo podem mais ser rotulados. Há uma mistura fértil a que devemos chamar essencialmente *musik*, como quer Miles Davis. Eles fizeram sua revolução estética, eles transformaram a música do século 20 e agora estão fazendo *music*, tanto faz seja rock and roll, progressive rock, jazz rock, latin rock, country rock, ou o rock que se quiser. Os velhos continuam sendo os novos, o resto são embalos de sábado à noite. O capitalismo tem a ver com isso. Mas a Música certamente não tem.



Aqui, algumas dicas para tirar o pó do aparelho de som. Nove lançamentos do mercado fonográfico, com jazz, música progressiva internacional, música popular brasileira e música "prá pular" brasileira.

Júlio Barroso

★ O poeta Bob Dylan nos apresenta um lp bastante incendiário. É claro que alguns críticos picharam absurdamente o disco, "Street Legal", talvez assustados com o uso de metais e back vocal de uma maneira bem comum ao soul. Mas se Dylan vem mexendo com partículas de música negra há quinze anos, por que se privaria de incrementar com sonoridades black contemporâneas a sua mais recente obra prima? Aliás, disse o poeta: "Eu não me preocupo com o sucesso, um homem que levanta pela manhã e deita-se à noite, e nesse meio tempo faz tudo o que quer, terá sempre sucesso".

★ E de poeta em poeta, chegamos a Walter Franco, experimentador convicto, que acaba de lançar seu terceiro lp, batizado "Respire Fundo". Neste disco o formato standard do material não implica em falta de inventividade, canções assimiláveis para um público maior, em uma produção preciosa de Carlos Sion, e um dos mais quentes trabalhos de programação visual realizado por Oscar Ramos e Luciano Figueiredo. Para quem não teve oportunidade de conhecer os trabalhos anteriores de Walter, uma excelente oportunidade para cair de boca.



Bob Dylan

★ Dois lançamentos que você não deve perder de maneira nenhuma, os Lps dos grupos Blondie e Weather Report. O primeiro é de Nova York, foi confundido com as bandas punk anarquistas, mas passados três anos de intenso contatos com platéias do mundo ficou claro o lado real da banda da loirita Deborah Harry, já chamada a Marilyn dos anos setenta. Rock com sabores do universo pop. Plastic letters, é o segundo álbum do grupo, que acaba de gravar mais um lp, e sem dúvida é de fazer múmia assobiar. Já o Weather Report, que esteve no Brasil em 1972, é um dos supremos grupos do jazz fusion. Mixando o suingue fundamental a uma vertiginosa arquitetura musical, com o feeling guiando o aparato tec-

nologico. O penúltimo disco do grupo, Heavy Weather, foi lançado agora, e traz uma sonoridade mais progressiva, com Joe Zawinul (teclados) e Wayne Shorter (palhetas) impulsionados pela valorização harmônica acionada pelo novo baixista Jaco Pastorius e a esteira de ritmos de Manolo Badrena e Acuna, mestres chilenos da arte dos couros.



Deborah Harry of Blondie

★ Já começa a rolar falação sobre o grupo Arembepe, realmente uma das bandas que merecem atenção na cena atual. Fazendo uma música original, que se alimenta de ritmos afro-internacionais, envolvidos por uma dolente vibração praieira e baianidades universais. A banda é formada por baixo, ovation, percussão e congas, bateria e teclados, e tem feito as platéias que assistem seus shows vibrarem com o balanço refrescante de suas canções. Quem está agitando a produção do grupo é Sérgio Magrão, baixista do Terço.



Bo Marley



Luís Melodia

★ Depois de ter conquistado as adesões da crítica especializada e de grande número de músicos, entre eles Gil, Rita Lee, Moraes Moreira e Luis Melodia, a música de Bob Marley, principal figura do reggae, começa a ser conhecida pelo público brasileiro. Seu lp Kaya, foi lançado recentemente, e desponta nas paradas de execução das principais rádios do Rio e São Paulo, sobretudo a canção "Is this Love", um suave hino que rasta ao amor.

★ Desde que se desligou do grupo de apoio da divina dama do rock Rita Lee, que o guitarrista-super, Luis Sérgio Carlini, vem preparando o lançamento de sua própria banda, o Tutti Frutti. Produzindo um rock simples, vigoroso, com letras altamente cotidianas, Carlini retorna com seu estilo de guitarra pessoal, pronto para fazer a juventude balançar em devaneio com a salada de ritmos produzidos por uma banda made in Pompéia.



Arembepe



★ E finalmente aconteceu o lance musical mais esperado do ano de 1978, o disco do poeta do Estácio, Luis Melodia, que passou um longo período afastado, e que retorna para provar que é como somente Ismael Silva, Geraldo Pereira, Assis Valente, Wilson Batista, entre outros mestres o foram. Um dos valores absolutos da cena pós-tropicalista, Melodia nem sempre foi avaliado pela crítica em sua verdadeira importância. Dedica seu novo disco "Mico de Circo" a todos os personagens da marginalia cotidiana, aos reis da malandragem, e ao povo das colinas do Rio, as favelas de pobreza cruel e colorida. Acompanhado pela nata da nova geração de músicos como Vinícius Cantuária, Arnaldo Brandão, Pedrinho Santana, Bolão e membros da banda Black Rio, e com a presença lendária de João Donato, Luis regravou Zé Keti, lança um novo compositor, Tureko, e apresenta uma fileira de novas composições brilhantes. Ao lado de "Gil, live at Montreaux", "Muito", "Babilônia" e "Banda do Zé Pretinho", uma das obras primas do cancionista popular, acima dos revisionismos e reumatismos que assolam fantasmagoricamente a chamada Música Popular Brasileira.

E a música prá pular, brasileira? Basta ouvir o lp de Tim Maia o mestre do suingue nativo, ou a segunda dose afrodisíaca das Frenéticas para podermos reafirmar com segurança e sabedoria de Little Richard: "Sorry baby, mas suor é água sagrada".

E não tem mais nada negro amor.

Cabeças Cortadas**NO HAY FORTUNA
SIN SANGRE**

"Cabeças Cortadas", Francisco Rabal e Pierre Clementi

O lançamento de "Cabeças Cortadas" de Glauber Rocha (previsto para dezembro) é um evento capaz de ultrapassar os limites atualmente impostos à discussão de nosso cinema. A perspectiva mercantil adotada pela ideologia oficial do Cinema Brasileiro restringiu esta discussão a um canal estreito, insuficiente para conter cheias, deságuas e pororocas que a questão, por sua amplitude psicossocial, produz. A palavra de ordem dos tecnoburocratas para que nossa indústria de cinema ocupe fisicamente o mercado (riqueza econômica) é a perseguição a um modelo estratificado de expressão cinematográfica, a um produto que o público comprará de olhos fechados porque já conhece e pensa que não faz mal (miséria cultural). Não é uma contradição dialética. É uma tolice — que será trágica na medida em que possa influir decisivamente no futuro de nosso cinema. Trata-se, pois, de se tentar ampliar as margens

deste canal estreito, cada vez mais poluído (era de se esperar) pelas denúncias de corrupção, pela pressão de distribuidores e exibidores, pelo choque de interesses de grupos financeiros, pela defasagem entre o momento político que vivemos (criador, convulsivo) e o modelo cinematográfico adotado (repetidor, estagnante). "Cabeças Cortadas" por certo causará alguma erosão, não só porque traz à tona a insubmissão do Artista a estes postulados do *marketing* (uma linguagem de reinvenção jogralesca, cordeleira, montagem em diagonal de planos-sequências delirantes), mas também porque é dotado de alta voltagem política. Ou seja, aparece como um dado inesperado na polêmica deflagrada pelo seu autor ao retornar ao Brasil em 1976 ("Golbery é o gênio da raça").

A vida só vale a pena ser vivida revolucionariamente, parece ser o lema de Glauber Rocha, cineasta do Sol Atlântico

(manifesto esotérico de fidelidade às raízes, Bahia, anos 50), da Estética da Fome (manifesto político, anos 60), do filme autoral ("uma câmara na mão, uma idéia na cabeça"), da recusa à proposta capitalista de cinema ("a técnica esconde o lixo") e por aí vai, envolvido no decorrer dos últimos 20 anos por Juracy Magalhães, Luis Carlos Prestes, Magalhães Pinto, João Goulart, Rosselini, Godard, Buñuel, Fidel Castro, Reis Velloso, pelas esquerdas européias e latinoamericanas — sem que isto o impedisse de contestar estas pessoas e entidades —, preso por subversão (Hotel Glória, 1967) e exilado durante 6 anos, de extração protestante rural, cristão anticlerical, anarco-sindicalista na primeira juventude e "socialista à esquerda de todas as esquerdas" nesta segunda juventude (38 anos), talvez tão impulsiva como a primeira. O *viver revolucionário* no sentido da mutação contínua, no sentido da dialética

CULTURA

trotskyista que “reproduz o processo de evolução, que vive e se movimenta através de contradições”. Durante os últimos 2 anos vem denunciando as Multinacionais da cultura e investindo contra o Liberalismo e a “esquerda burguesa” brasileira, dando apoio ao programa Geisel-Figueiredo, argumentando que as Forças Armadas são a única instituição nacional capaz de deter a cada vez mais restrita e poderosa Burguesia e encaminhar a solução socialista. A Oposição, em seus vários matizes, repudiou o incomodo repatriado e pediu seu internamento em uma clínica psiquiátrica.

Esta partida de sinuca ideológica entre a esquerda-direita-volver e o cineasta-jornalista-escritor de Vitória da Conquista será retomada, após alguns meses de interrupção, quando do lançamento do filme, liberado pelo Planalto depois de 6 anos de proibição. Tem bola 7 na mesa — este “Cabeças Cortadas” rodado na Espanha em 1970, obra de exílio, imediatamente após “Der Leone Have Sept Cabeças”, épico panfletário sobre as guerrilhas de libertação da África. “Cabeças Cortadas” é um poema audiovisual, alegórico e denso, revelador do arcabouço dos mitos históricos da América Latina. Mais diretamente: da Loucura que gera, sustenta e conduz o Poder em Eldorado (este nosso Eldorado), um dos estigmas da cultura iberoamericana. A partir da matriz espanhola (épica/trágica) e não da portuguesa (lírica). Nos tempos de Espanha Diaz II, Rei deposto de Eldorado, aproxima-se da morte e refaz seu caminho, lavando os pés em sangue e depositando milhões de dólares pagos pelo colonialismo euro-norte-americano (as cabeças do Leão) em contas secretas na Suíça. Intemporal, relógio sem ponteiro cobrindo o rosto do Ditador, “Cabeças Cortadas” diseca o corpo vivo da América, de onde jorra o sangue (matéria-prima da fortuna) que só será estancado quando surge (surgir) o Pastor milagreiro, força telúrica implacável, povo filho bastardo desta Loucura, Cristo crucificado na foice (cruz e arma), que mata o Rei, seus descendentes e seus esbirros, toma a coroa e deposita-a sobre a cabeça da Camponesa, povo filho do povo, puro e santo. Uma exposição clara, uma declaração de princípios, uma posição radical: todo poder aos camponeses. Tacos na mão, esta é a bola 7, encaçapem.

PS — Em fase final o último filme de Glauber Rocha, “A Idade da Terra”, 6 horas de duração, que o cineasta pretende lançar em março, no dia da posse do novo Presidente e de seu aniversário. Pelo que se sabe, nada mais que a história de Cristo, o Brasileiro, que é negro (Antonio Pitanga), índio (Jece Valadão), militar (Tarcisio Meira) e guerrilheiro (Geraldo del Rey). E que transa com o povo em Belém, Egito, Índia, Jerusalém (Bahia), com o poder em Babilônia (Brasília) e com o imperialismo em Roma (Rio de Janeiro).

FICÇÃO CIENTÍFICA

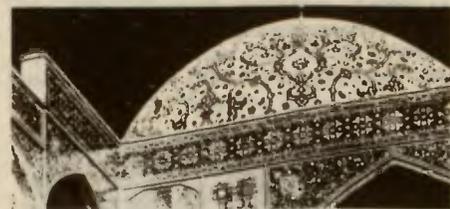
RAUL FIKER

No Brasil, cujo solo é fértil, para a proliferação de equívocos, a chamada “ficção-científica” é esporadicamente assolada por artigos, introduções de antologias, etc., a bater constantemente nas mesmas poucas e velhas teclas. Em primeiro lugar, o indefectível enchedor de linguíça, com seu ar incompreensível de superioridade, como que se desculpa por estar tratando de algo trivial e caracteriza a vítima como um gênero menor, salientando seus aspectos pitorescos e lambuzando-se com toda sorte de estereótipos. Em seguida, condescendentemente, o hominho procura enobrecer um pouco o gênero, a partir de seus aspectos mais contingentes: “grandes escritores” escreveram uma ou outra coisa que “pode ser tomada como “ficção-científica. Shakespeare, Voltaire, Rostabd, Borges, Kafka e — inevitavelmente Huxley e Orwell. E há os pais da coisa: Julio Verne, H. G. Wells, e, para os mais sofisticadinhos, J.H. Rosny-ainé. E lá vai pedrada. O gênero em si é menor, mas alguns homens notáveis em gêneros maiores a ele dedicaram suas nobres penas uma ou outra vez. Finalmente, vem o rol dos “grandes” autores da ficção-científica propriamente dita: Clarke, Asimov, Heinlein e, é claro, Ray Bradbury. Aqui a coisa fica realmente preta, pois se os dois primeiros, com todos seus altos e baixos (baixíssimos, no caso de Asimov), têm realmente algumas coisas densas e antológicas, já Heinlein — que se notabilizou sobretudo pela sua vasta produção de chatices intragáveis e por ter supostamente inspirado a família Manson com umas bobagens — é uma perfeita nulidade. Quanto a Bradbury, com toda sua mediocridade e pieguice insuportável, o gênero costuma ser imediatamente associado ao seu nome, sem que para isto haja um só mísero motivo plausível.

Existem, no entanto, autores extremamente consideráveis que no Brasil permanecem praticamente desconhecidos, tais como Frederic Brown, Henry Kutner, Daniel Drode, Frank Herbert e Robert Sheckley (este um extraordinário mestre da paródia e um dos mais importantes escritores contemporâneos). Brown e Drode tiveram alguns livros publicados em português pela coleção Argonauta, de Lisboa, Sheckley teve um livro publicado (in-

completo) há alguns anos atrás pela Brasiliense e, como Kutner, apareceu em algumas antologias. Esperemos que algum dia, com a publicação de mais obras destes autores, a chamada “ficção-científica” possa ser abordada no Brasil isenta dos ruidosos golpes de picareta habituais.

Brasil século XXI



Jorge Mautner

Com *Brasil século XXI*, estamos abrindo uma seção permanente de indagação, debate e crítica, na qual personalidades dos mais diversos setores (artistas, intelectuais, cientistas, políticos) se pronunciarão, apresentando seus pontos de vista, antevisões, estimativas e profecias, sobre como será nosso país no próximo século (ou milênio). Iniciamos a série com um texto de Jorge Mautner, músico e escritor dos mais prolíficos (Kaos, Deus da Chuva e da Morte, Vigarista Jorge, Fragmentos de Sabonete).

No século XXI o Brasil será: um país continental expressando-se continentalmente como um dos principais focos irradiadores da nova cultura de um planeta mergulhado numa rede de multinacionais, intersindicais, coberto por milhares de satélites, um mundo que caminharia para a união de todas as nações ao mesmo tempo que aprofundando-se em cada cultura nacional particular-específica.

Brasil coberto de hidrelétricas, servido por vasta rede de rios navegáveis, substituindo assim, pela energia solar e aquática, todos os sangrados petrodólares de nossa passagem de século. Rios navegáveis e campos super-plantados de soja (de Goiás a Mato-Grosso, aos novos Estados a serem criados) e alimentando o mundo esfomeado e nossa população que obterá basicamente seu principal fator de desenvolvimento, super-alimentação, enfim, a saída do subdesenvolvimento através desta imensa revolução tecnológico-agrária-hidrelétrica-fluvial-navegável e a pesca racionalizada em termos de harmonia entre necessidade de produção real & breques ecológicos, ecologicamente operando em operações de conjunto, para o bem-estar comum. Uma sociedade social-democrática-ecológico-planetária-nacionalista-internacional-existencialista-cujo-Estado terá ideologia antropofágico-eletrônica.

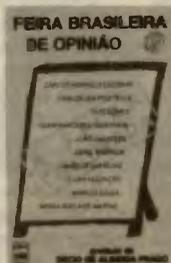
Ainda mais: do Brasil irradiar-se-à a

matriz principal, digamos, o molho especial da grande comida mundial, que a cultura planetária estará por estas alturas internacionalizando. Se a Espanha, com sua rica cultura, segundo Carrillo, chefe do PC espanhol, fará importante contribuição à cultura mundial, e já o está fazendo, imagine-se então os KWs força-energia que representam por si só a nossa atual contribuição para a cultura mundial já em elaboração permanente! Só aquilo que os batuques, os cantos de Iansã representam para uma futura psicanálise-encenadaria-ritual-candombleizada! Qual o exato valor das radiações e fabricação de ondas super-vitais bio-geneticamente como nós o fazemos num som de tamborim, bater de capoeira? (capoeira: saúde, luta e ginástica = em valor ao kung-fu e Tai-chi) e de todos os nossos super-valores de energia vital-amazônica, sensual sendo fabricada pelos nossos gênios crioulos, negros, cafuzos, mamelucos, mulatos, índios, e brancos anegralhados como eu? Isto sim é a verdadeira cultura popular das massas do planeta terra! O samba e o maracatu e o rock de nossas américas negro-índio-brancas (esperança de união ecumênica) realizada!) são injeções de super-B12 para cansados vampiros dos mundos de plástico. E esta sim, a MPB é a cultura de massas, da onde aprendo eu, aonde exatamente se localizam meus mestres, Luís Melodia e Jackson do Pandeiro, a originalidade e especificidade de nossa cultura da morenitude. Esta massa formidável do 3.º e do 4.º mundo é quem fabrica as essências e o material mais oxigenado da nossa esfera, chamada geóide. É por isso que interliguei-me com os intestinos da música popular brasileira para o sempre! Pois esta aparente alma "analfabeta" é herdeira e pioneira e transmissora e porta-estandarte de culturas profundíssimas negras e indígenas a reatualizarem seus cantos pela eterna criação da liberdade; séculos afora!

Em outros países tais culturas foram extripadas a gás venenoso e racismos ontológicos. Em outras áreas do globo são populações fechadas em si: índios na Bolívia ou Peru, tribos africanas. Mas no caso do Brasil trata-se da grande mistura, inédita, originalíssima de várias raças, a mestiçagem, o produto democrático permissivo do 3.º e 4.º mundo de ex-escravos, os mais dançarinos, os mais saudáveis, os mais cultos, (embora aparentemente analfabetos na nomenclatura da ideologia europeizante dos colonialistas, naturalmente dos mais grossos, pois os mais sensíveis já computaram em seus sensibíllimos computadores que estes cantos de achés, Odaras e berilós são importantíssimos segundo os valores da própria ciência que é a estrutura de todo Ocidente-Oriente, e que é a visão de Albert Einstein).

Brasil no século XXI é isso, a realização da mais linda visão das Américas: onde o 1.º, o 2.º, o 3.º e 4.º mundo estão conglomerados e fabricaram um carnaval-

ecumênico de minorias abraâmicas unidas em toque de batuque, numa cultura que antes de Zaratustra já dizia sim à própria tristeza, para superá-la na volta por cima, na afirmação da própria sensação de cegueira de prazer que é o desafio permanente da vida!



FEIRA BRASILEIRA DE OPINIÃO (Teatro). Carlos Henrique Escobar e outros. Global Editora, 232 págs. Cr\$ 120,00.

A idéia de dirigir uma coleção de teatro com a liberdade de critério que me foi oferecida pela "Global editora" me entusiasmou — me entusiasmou pela possibilidade de trazer para a prova escrita, a ação tolhida, arrebatada, estilhaçada pelos mercenários a serviço do sistema. Esta coleção se chama "teatro urgente", porque ela propõe um teatro de ação, um teatro de mudança, um teatro "revolucionário" e quando digo revolucionário quero dizer de teatro que ajude a conscientizar o homem para construir uma sociedade que se unifique sobre uma base real de interesses comuns; vivemos uma era política e vamos continuar nela por muito tempo, porque os problemas sociais estão crescendo e hoje o Brasil é a prova que são as massas, que é o povo e não a tecnologia que estão virando tudo de cabeça para baixo.

A Feira Brasileira de Opinião se coloca na trincheira que batalha os novos tempos — o homem novo, o homem integral que será o produto da superação de todas essas divisões herdadas: divisão de classes, divisão de trabalho intelectual e manual, divisão entre o culto da arte e arte popular.

E quando reunimos os autores em torno da proposta de uma Feira Brasileira não pensamos em termos de arte. Mas sobretudo em termos de retratar o homem brasileiro "aqui e agora", sobretudo com a preocupação de apontar o perfil dos subúrbios do Brasil, onde este governo revela seu verdadeiro rosto.

A Feira Brasileira de Opinião cumpre um papel importante no teatro no Brasil de hoje, acendendo a questão "Quem somos, a que vivemos, quem é nosso povo?"

A Feira Brasileira de Opinião ilumina aspectos específicos dos problemas sociais do Brasil Hoje e Agora e, por isso, acredito que ela carregue um cheiro de povo capaz de remexer todo o estrume da pirâmide de estrelas.

A Feira Brasileira de Opinião é teatro urgente.

RUTH ESCOBAR



O Dia em que Ernest Hemingway Morreu Crucificado, romance, Roberto Drummond, 176 páginas, Editora Atica, Cr\$ 110,00.

Não se trata de uma nova versão do samba do crioulo doido e muito menos de uma brincadeira. Mas é assim, absurda e descabeladamente, que o jornalista Roberto Drummond, um homem maduro, resume sua mais recente irresponsabilidade juvenil: o romance O Dia em que Ernest Hemingway Morreu Crucificado, lançado quatro anos após a estréia do autor, que pretendia estabelecer no país a chamada literatura pop.

Ex-pop antes mesmo do improvável sucesso de seu malogrado movimento, Drummond considera a si próprio um autor revolucionário e anuncia estar inaugurando um novo ciclo da literatura brasileira: o ciclo da coca-cola, sucedendo aos ciclos da cana e do cacau. Foi em vão tamanho esforço. Parece que ele injetou nas veias uma overdose do indigitado refrigerante, e, tomado de descomunal delírio, passou para o papel o fruto de uma espantosa confusão.

Aos jornais, ele declarou que só conseguiu escrever este romance porque o país é bafejado, hoje, por um saudável clima de abertura política. Ou seja: O sinal estaria aberto para toda espécie de diatribe. Declaração ingênua, do ponto de vista político e surpreendente, quando sabemos que partiu de um homem que conheceu a ditadura Vargas, a "descompressão" pseudo-democrática, pós-45 e a ditadura militar pós-64, ainda viva e onipresente nas batidas desconcertadas de nossos cansados corações. A considerá-la pertinente, pode-se concluir que o romance foi escrito porque o general Geisel autorizou.

Para o crítico, este romance é motivo do mais absoluto desconsolo: vazio até mesmo de sentido, torna-se inviável qualquer tentativa séria de aproximação teórica, do ponto de vista técnico ou ideológico. Devemos reconhecer que o livro não pode ser rotulado mediante padrões ortodoxos, mas, de qualquer modo, fica claro, após a leitura do cartapácio, que ou o autor é um gênio e nós, pobres mortais, não passamos de idiotas, incapazes de entendê-lo, ou incapaz é o autor, que se perde, capítulo após capítulo, na mais oca, vazia e inútil obra de arte jamais concebida pela mente humana.

Logo na abertura dessa obra-prima do absurdo e do non sense, de mau gosto indiscutível, o autor avisa que não obedecerá às leis da literatura, mas aos princípios do pesado. Artíficio inútil, pois, queira ou não queira, ele escreveu um livro. Ora, um livro é um livro, e não um queijo ou um elefante — portanto, tudo o mais que se disser em contrário não passará de

CULTURA

frase feita, empulhação de adolescente ávido de escandalizar seu professor.

Drummond sabe usar, com alguma argúcia, os fluxos de consciência comuns no malfadado Ulisses, que tanto mal causou a sucessivas gerações, assim como foi buscar no Cortázar de Rayuela (Jogo de Amarelinha) os modelos de armar que, em mãos inexperientes, como as suas, acabaram formando um quebra-cabeça impossível de ser montado, um teorema sem chave, de trôpego enunciado, um pseudo-labirinto, um pesadelo, no sentido estrito da palavra, capaz de desconcertar — e adormecer, pelo tédio — o próprio Freud. É um livro cheio de truque. À primeira vista, tem-se a impressão que o autor quer desencadear uma revolução política, moral e artística. Pouco a pouco, descobre-se que ele nos engana a cada linha: tudo aqui são promessas e dissimulações. O autor orna seu pirotécnico discurso com patês e lan-tejoulas, diluindo num foguetório carnavalesco um "engajamento" artificial, porque forçado e insincero.

A sigla CIA é abjurada em quase todas as páginas, mas, paradoxalmente, rescende aqui e ali um fervor quase místico pela família Kennedy, pelo caudilho Vargas, pelo sorridente Kubitschek, pelos mais nefastos líderes de nossa história. Marilyn Monroe, a atriz, é elevada à categoria de santa, e um inefável anjo da guarda é identificado como espího norte-americano, enquanto bispos brasileiros da igreja progressista aparecem meteoricamente, em situações inexplicáveis: personagens tão ricos mereciam tratamento mais digno.

No final do livro, a explicação ingénua, para socorrer o leitor atônito: tudo não teria passado de um pesadelo do senador Edward Kennedy e de seu cão Red Phanter, pesadelo este que a CIA gravou. Roberto Drummond, é bom que se diga, tem o direito de passar para o papel o produto de sua desmesurada perplexidade. Leia quem quiser. O leitor incauto poderá encontrar o consolo de uns trechos com lirismo e emoção. Esses trechos, infelizmente, são raros, e, para desgraça do autor, obedecem às leis da lógica e até da literatura. Daí a possível conclusão de que este projeto de romance torna-se vagamente legível quando o autor deixa de ser um vanguardeiro para transfigurar-se em aprendiz de escritor.

Luiz Fernando Emediato



Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas Os Enigmas da Cultura.

Marin Harris. Trad. de Irma Fioravanti. Ed. Civilização Brasileira, 205 pgs. Cr\$ 100,00.

Por que judeus e muçulmanos não comem carne de porco? Por que a vaca é um animal sagrado na Índia?

Frente a estas perguntas, e outras do mesmo tipo, há várias atitudes possíveis. Uma consiste em rotular os fatos como *tabus* e restringir-se à descrição dos mesmos, com maior ou menor riqueza de detalhes. Outra: explicar estes *tabus* a

nível dos processos mentais, como fez Freud em *Totem e Tabu*, trabalhando sobre observações de antropólogos e comparando-as com sua experiência clínica. Um terceiro caminho nos abre Marvin Harris.

De início, é bom dizer que estes caminhos não se equivalem necessariamente em importância. Harris é professor da Universidade de Columbia, autor de seis livros, e detentor de considerável experiência no trabalho de campo. Sua obra, contudo, é recente; falta-lhe passar pelo crivo do tempo. Mesmo assim, sente-se que seu trabalho é sério. Posso falar de cadeia, pelo *bias* que tinha contra ele: tomei conhecimento de suas teorias por acaso, através da medíocre e colorida *Psychology Today*, o que me deixou de sobreaviso em relação ao livro. Uma prevenção que foi se desfazendo com a leitura de um trabalho que, entre outras qualidades, tem a de estar redigido numa linguagem agradável e acessível.

Mas, voltando ao ponto: por que os judeus não comem carne de porco? A primeira explicação, diz Harris, é a óbvia: porque está escrito na Bíblia que o porco é um animal impuro. Aliás, impuro também para os muçulmanos, já que Maomé endossou esta proibição de seus primos semitas.

Por que? Porque o porco é um animal sujo. Outros animais, vacas por exemplo, também o são, dependendo das condições em que são criadas. Depois, o porco é sujo por fora. Por dentro, é igual a qualquer outro animal. É mesmo? A descoberta de que a carne de porco mal cozida transmite triquinose forneceu outra versão: a proibição bíblica seria na realidade uma prescrição higiênica disfarçada. Mas a carne de outros animais também transmite doenças. E a Bíblia podia recomendar que o porco fosse bem cozido, ao invés de simplesmente proibi-lo.

Não, diz Harris, a explicação deve ser outra, mais racional. Penso, diz ele, "que a Bíblia e o Corão condenam o porco porque a criação deste animal interfiria com os ecossistemas naturais e culturais do Oriente Médio". Voltando atrás alguns milênios, Harris lembra que os judeus eram um povo nômade, vivendo numa zona quente e seca. Criar porcos nessas circunstâncias seria muito difícil, inclusive porque este animal tolera mal a falta de umidade (daí porque os porcos vivem mergulhados na lama, ou, na falta desta, em suas próprias fezes e urina). Além disto, os animais criados pelos nômades (gado, cabras, ovelhas) proporcionam, além da carne, leite, lã, couro e tração. O porco, não: o porco é só carne, e portanto, um luxo. Uma tentação, que o legislador hebreu combateu da forma mais simples: Deus não quer, e pronto.

As explicações de Harris não se restringem a estes aspectos e nem só ao *affaire* porco, mas para exemplo da metodologia que ele usa, basta. Mais importante que o caso em si é o recado: o de que não se pode renunciar às explicações científicas dos fenômenos, baseadas nos aspectos materiais da vida, inclusive nas relações de produção. Harris termina seu livro mandando uma lenha no novo misticismo de nossos tempos e que pode ser sumarizado nas manifestações da contra-cultura (Roszak, Castañeda e outros), que, a *pretexto de combater os males da tecnologia, aumentam o nível de confusão popular quanto ao fato de que a tecnologia tem por finalidade reduzir e não intensificar as desigualdades e exploração*, desta forma contribuindo para que *nada, do que é fundamental na estrutura do capitalismo ou do imperialismo, mude*.

A mim, o exemplo do tabu quanto ao porco impressiona por outras implicações. A cultura

judaica é uma soma de tradições e de tudo quanto delas derivou: filosofia, literatura, arte em geral. Dentro da cultura judaica é preciso, portanto, separar o que está superado e o que é atual; o que é pura superstição e o que é racional; o que é reacionário e o que é progressista; o que é tiral e o que é terreno fértil para a emergência de novas idéias. Em Israel, por exemplo, o judaísmo gerou o *kibutz* e as colônias do Gush Emunim — uma experiência socialista de um lado, uma manifestação fanática de outro. Fanatismo que, naturalmente, não é gratuito: corresponde a determinados interesses que é preciso expor. A condenação em bloco do judaísmo como uma mística ultrapassada é, em si mesma, uma atitude mística. É um tabu de raízes tão arcaicas quanto as que impediram os primitivos judeus de comer um bom lombinho de porco.

Moacyr Scliar



ARTAUD

— Martin Esslin — Editora Cultrix (co-edição com a USP) — Tradução de James Amado.

É muito difícil, ao que parece, escrever fácil. Pelo menos, é o que se depreende da leitura destes e aqueles. Onde o tema tem suas complicações, e se pede, portanto, que o estudioso busque descomplicá-lo, para goáudio de todos, aí é que eruditos e intérpretes deitam e rolam. Não é o que faz, felizmente, o autor deste pequeno e claríssimo livro. Partindo do princípio de que a vida de Antonin Artaud (poeta, ator, diretor de teatro, homem de cinema, artista plástico, Artista) explica a sua obra e a sua teoria, Martin Esslin não se envergonha de fazer realmente a biografia do gênio de Rodez. Sem nenhum preconceito, conta a vida e a história do sofrimento de Artaud, relacionando-a permanentemente com a vida e a história do sofrimento de seus pensamentos. A dor é uma constante em Artaud, e explica o seu desejo de uma criação artística que lancetasse, que abrisse o tumor, que fizesse correr o sangue e assim *aliviasse*, talvez abrisse o caminho de outras percepções e outras vidas. Inimigo do simples texto "tout court", racional e francês, do espírito apolíneo e regado, ainda que belo, instintivo partidário da desordem vital, do corpo tal qual é, (inclusive com seus sofrimentos e misérias, que depois nega — mas ele é, também, o homem das contradições), Artaud é o pai de todos os que querem fazer o teatro do corpo, da imagem, da figura, da poesia fora da palavra, do acontecimento, do evento, do "living" etc., etc., etc. Artaud está por trás de quase tudo que se faz no teatro atual. E embora suas idéias sofram a maldição de uma impossibilidade constante, que ele mesmo detectou e delatou, de uma contradição interna e, por fim, de uma *natureza não-comunicável*, a verdade é que, nos seus fragmentos de pensamento, ele conseguiu fazer passar vestígios de uma visão que é absolutamente nova e fundamental.

Martin Esslin, pondo-se a serviço do seu tema, consegue, com pequeno espaço e sem alardes eruditos, deixar claro o seu entendimento do assunto e do autor, escolhido e tratado com respeito, afeição e equilíbrio. Um verdadeiro crítico.

Renata Pallottini

ARTE & cidade

Jacob Klintowitz

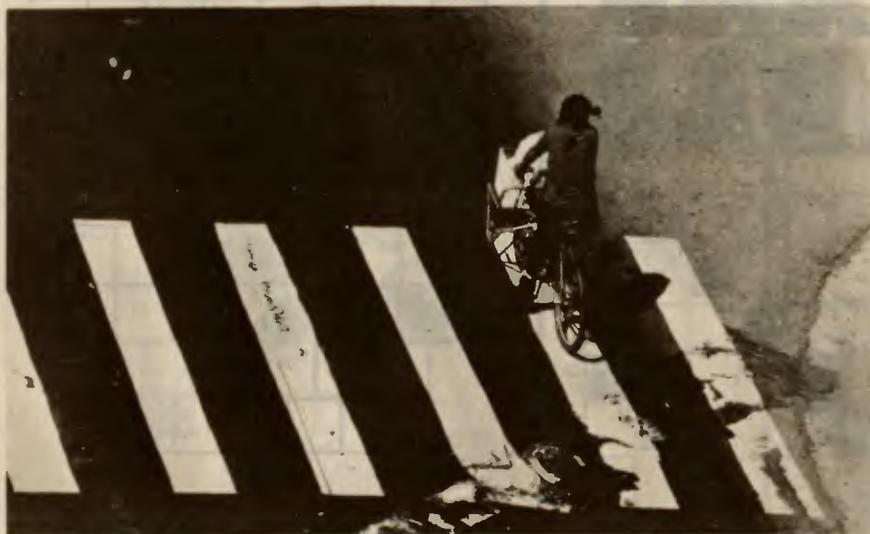


Foto: Adriana Mattoso

A nossa é uma civilização de cidades. É na cidade que é feita a ciência, a arte, a política e a tecnologia. E é a cidade que se oferece como o maior laboratório vivo que o homem já conheceu, capaz de lhe proporcionar os subsídios para uma nova cultura e comportamento. Mas é na cidade, também, onde ocorre um curioso fenômeno: as manifestações urbanas não são consideradas "criatividade", ficando o conceito criatividade ligado ao de uma arte tradicional e restrito unicamente àquelas formas capazes de serem mostradas em algumas galerias de arte e museus, ambos de público e espaço limitados. A maior exposição de arte é a própria rua e a maior criatividade possível é a que a comunidade humana produz no seu cotidiano de vida e atividade. O que não elimina, de maneira alguma, a ação individual. Somente a coloca em outro contexto.

Por muitos séculos a arte e os artistas se habituaram a ser comensais dos nobres cultos. Vida artística e vida cortesã eram sinônimos, ainda que os artistas fizessem, eventualmente, uma grande arte de denúncia. Da mesa nobre para o cenáculo burguês foi um passo natural. E deste para o salão e a boemia de bar, onde se dedicavam a "épate la bourgeoisie", a continuação desta naturalidade. Sempre em pequenos espaços, sempre com pequeno público. Acresce que, em torno da arte, havia um ritual. Primeiro, o ritual religioso, a obra sacra feita para a adoração, a obra única e tabu, a obra in-

substituível porque impregnada de totemismo. Com a formação do capitalismo este ritual se deslocou para o culto da beleza, o novo valor com que o burguês se premiava como classe em ascensão. O nosso tempo rompeu com este ritual, ainda que estejamos cercados de arcaísmos. A obra de arte assumiu o seu destino inicial.

A arte é a interpretação e representação dos símbolos da humanidade, penetra na herança arquetípica, descobre e formula os novos arquétipos, permanentemente se propõe o novo e a pesquisa e, por ser nova, estende uma ponte entre o passado e o futuro. O novo e o revolucionário na arte não é senão conseguir ligar a herança ancestral às novas forças em ascensão. Isto é, a arte liga-se ao futuro e à vida, estabelece a sua ponte com a aspiração social. Mesmo quando a comunidade ainda não está consciente de seu caminho. Este é o destino da arte que o nosso século, a partir das revoluções estéticas de suas duas primeiras décadas, assumiu. De que maneira isto se liga ao problema da cidade?

A primeira e mais óbvia ligação é que só na cidade foi possível esta arte que se traduziu, em seus vários compartimentos, em nomes de acaso, como cubismo, suprematismo, construtivismo, futurismo, surrealismo, dadaísmo. Arte da cidade, pensamento nas transformações de idéias — teoria da relatividade, inconsciente, luta de classes, evolucionismo, etc.

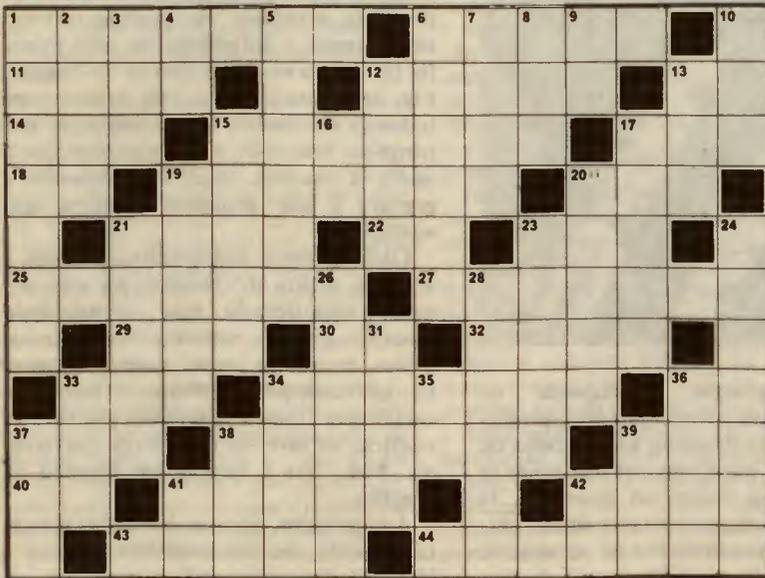
— e na atmosfera que a proximidade humana traz, com os encontros políticos, eróticos, sociais, científicos.

A segunda ligação é que a arte passou a aspirar o espaço. A cidade construiu novos espaços, largas ruas, paredes, trens, aviões, jornais, revistas, televisão, rádio, produtos industriais, vitrines, tecidos. Novos espaços e suportes para a arte. De uma maneira sutil a arte está sempre presente. Ela informa ao primeiro círculo de decisão, ela forma as consciências, ela influencia o homem na organização de seu acervo de signos e símbolos e, portanto, ela se transfere, automaticamente, para a atividade cotidiana. Mas a arte passou a aspirar mais do que isso. Ela própria quer estar presente nos novos espaços. Mas isso só tem sido permitido em medida restrita. Interessante, a influência da arte nunca foi tão ampla no nosso tipo de civilização. Ela, de forma indireta, está presente em todas as atividades, mas a sua ação restringe-se, vítima de um preconceito que a limita à pintura, escultura, desenho e gravura e aos pequenos espaços museológicos.

Libertos deste preconceito, teremos a ação do artista diretamente na vida urbana, modificando ruas, construindo cenários, grandes cartazes, ônibus, trens, aviões, bancas de jornal, espaço em pontes, edifícios, praças, muros. O futuro da cidade será colorido e elevado por formas estéticas ao nível de uma nova convivência. Mas, este é apenas um aspecto da questão.

A população, pelo seu lado, cria espontaneamente, no seu cotidiano, formas e idéias. A discussão e o livre curso dos encontros urbanos pode levar estas populações à consciência de si mesmas e de sua força. Basta, fundamentalmente, que as populações urbanas saibam duas coisas. A primeira é de que o seu potencial e o seu fazer valem criativamente tanto quanto qualquer outro. Não é necessária a inibição do fazer, preocupados que outros "fazem" mais nobre e artístico e são, portanto, proprietários da linguagem. A segunda coisa a saber é que a cidade pertence aos seus habitantes. Cabe à população urbana, certamente, o direito de modificar o seu cenário e o seu status. Desta maneira, as paredes internas e externas, a rua, as praças, os cartazes, pertencem ao próprio homem que pode estender nestes espaços a sua maneira de pensar e ser, as suas aspirações. Esta é uma das lutas que se travam cada vez com mais consciência: o direito do homem influir e decidir sobre o seu ambiente construído, a cidade. E a modificação da idéia de criatividade, o que implica diretamente na idéia de domínio expressivo da linguagem. Trata-se de chegar a um conceito fundamental: a maior criação que se conhece é a língua. E a língua é uma criação coletiva.

PALAVRAS CRUZADAS

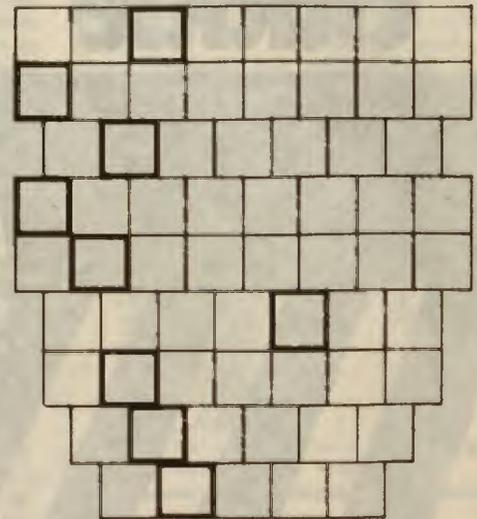


horizontais:

1 — O que muito político não tem 6 — É seco no norte da África 11 — Gostaria de estabelecer o "dadaísmo" na Uganda 12 — Automóvel 13 — Solitário 14 — Prefixo... novo 15 — Nome do diretor do filme "Milagre em Milão" 17 — Não há cantor que não tenha 18 — Entre o zero e o dois 19 — Só serve prá ser malhada 20 — Queima com água 21 — Já tem caminho trilhado 22 — Uma boa sem b... 23 — Uma aria inacabada 25 — Orlas, margens 27 — Enlatado na TV. 29 — Descobriu o uso da folha 30 — No meio do "caos" 32 — ... e outras 33 — Antes do O 34 — Vencer 36 — Poeira 37 — No telefone 38 — Alimentam o Asterix 39 — Um Jorge da música 40 — No começo e no fim da "vida" 41 — Recuperar a saúde 42 — O Natal do MDB 43 — Prontas para serem cozidas 44 — Adornam as peçoços

verticais:

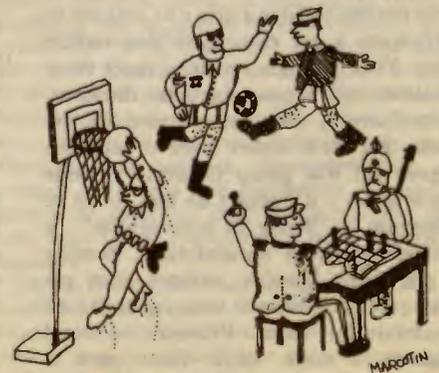
1 — A guerra do Conselheiro 2 — Assim seja! 3 — Corre para o mar 4 — Dois terços do "ano" 5 — O hobby da esfinge 6 — Para se coçar (pl.) 7 — Cantiga 8 — Argola 9 — O R grego 10 — Alimenta o esquilo 12 — Coral 13 — Dizem que brilha para todos 15 — Rua estreita 16 — Tomal! 17 — Ofendem um artista 19 — De curta duração 20 — Um verbo genial 21 — O carro dos esquimós 23 — Brancas ou de fogo 24 — A nacionalidade do papa 26 — Formigas destruidoras 28 — Um presbítero na literatura brasileira 31 — Inchar 33 — A mulher em terceira pessoa 34 — Mulher bíblica 35 — Artigo espanhol 36 — A superfície do corpo 37 — Animal emplumado 38 — Cidade do interior paulista 39 — O lugar dos aperitivos 41 — Senhor 42 — Meio "gagá"



Quem Escreveu?

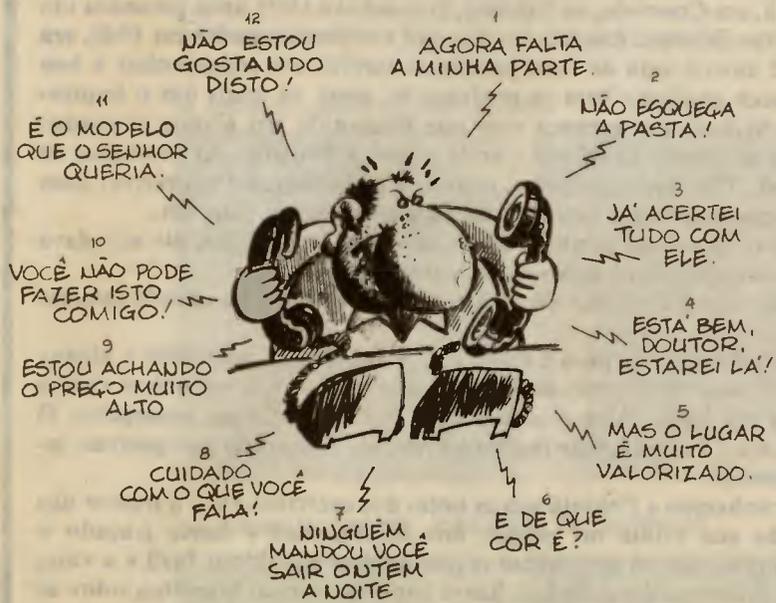
Preencha o esquema com o nome dos autores dos livros abaixo relacionados. Nos quadrinhos em negrito aparecerá o nome de um romance de Osman Lins.

A pedra do reino — Cândido
— Lolita — Mulheres apaixonadas — O jogo da amarelinha — O conformista
— Bar Don Juan — Em busca do tempo perdido — O estrangeiro.

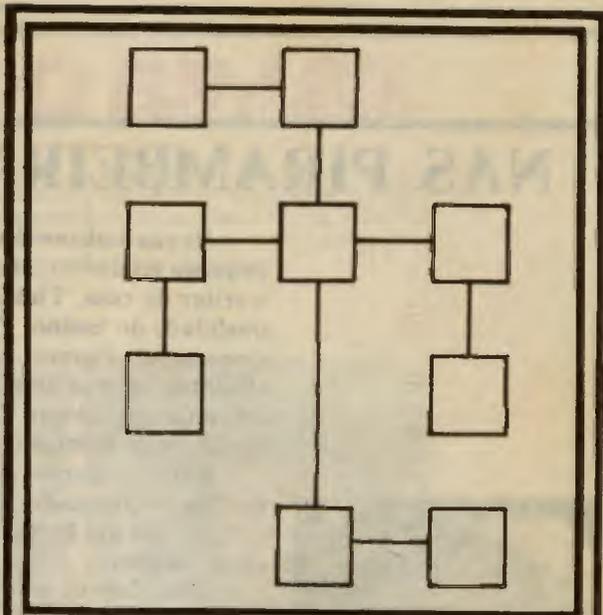


A resposta dos Jogos na página 31.

* Telefonia *



Nosso amigo está todo atrapalhado e está perdendo o controle. Ajude-o para que ele possa saber quem está falando com quem.



ENGAIJE

Coloque nos nove quadradinhos (um em cada quadradinho) os números de 1 a 9, de maneira que a soma ao longo das várias linhas seja sempre 10

★ CONSEQUÊNCIA ★

CAVALO	Baile	Bico	Valsa	Eco	Selva	Moldado
Safar	Cego	África	Rito	Braile	Farda	Berro
Selva	Safari	Grito	Angola	Salva	Seco	Farsa
Galinha	Bico	Ego	Rico	Molhado	Dança	BURRO

Faça com que o CAVALO vire BURRO passando por todas as palavras e numerando-as, elimine uma a uma de acordo com as regras abaixo:

- a) a palavra pode ser anagrama, um sinônimo ou antônimo da anterior.
- b) Pode ser obtida adicionando, tirando ou substituindo uma letra da precedente.
- c) Pode unir-se à precedente por associação de idéias. Ex. casa, cara, rosto, roto, broto...



Lourenço Diaféria

NAS PIRAMBEIRAS, O AMIGO DO PAPA.

Na rua Lobzowska, 10, em Cracóvia, na Polónia, funcionava vinte anos passados um pequeno seminário. Stanislaw Zelazek, nascido em Poznan e ordenado padre em 1940, era o reitor da casa. Tinha 42 anos e uma de suas principais tarefas era acompanhar a boa qualidade do ensino. Zelazek conhecia bem os professores, entre os quais um o impressionava pela clareza, objetividade e segurança com que transmitia aos alunos os conhecimentos de uma área quase sempre nebulosa e árida como a Filosofia. O professor de Filosofia era o padre Karol. Tipo encorpado, metido a andarilho, introspectivo, bom escalador de montanhas e que prestava muita atenção ao que as pessoas falavam.

Karol preparava bem as aulas mas também sabia cobrar as lições. Sim, ele não dava moleza — diz o padre Zelazek fitando os olhos num ponto da memória.

— Era um homem que sempre me deu a impressão de ter um grande mundo interior amadurecendo.

Anos depois, Stanislaw Zelazek foi para a Itália e se instalou num santuário a alguns quilômetros de Roma, e foi nas montanhas desse lugar que tornou a se encontrar com o padre Karol, que então já era bispo. Mas a estada de Karol na Itália era passageira. O verdadeiro lugar de Karol era a Polónia, esse inacreditável país dilacerado por guerras, invasores e fronteiras divisórias.

O bispo Karol havia conhecido a Polónia sob as botas dos exércitos e sob o tremor dos canhões. Tinha empapado sua estola no sangue dos moribundos e havia traçado o derradeiro sinal de paz na testa não só dos soldados que haviam perdido o fuzil e a vida, mas também de crianças e mulheres desarmadas. Karol conversava com Stanislaw sobre as cicatrizes da guerra. E voltou para a Polónia.

O rebanho precisava do pastor para manter acesa a chama da fé, num mundo que pensa ter descoberto todos os segredos e justamente por isso acha-se dispensado de descobrir o mistério de Deus.

Numa época em que não se acredita em milagres, a Polónia é um milagre.

Dessa terra onde os operários acham tempo para construir uma igreja com suas próprias mãos depois do apito das fábricas, e sabem saudar o dom da liberdade interior com uma dose de vodka e uma prece, saiu o novo Papa: Karol Wojtyla, o professor da rua Lobzowska, 10.

E enquanto o mundo se espanta — se espanta precisamente por desinformação de como foi escolhido o primeiro Papa, de resto um judeu chamado Pedro, que recolhia peixes do mar e azeite das olivas — mais espantado ficaria João Paulo II se lhe informassem que o antigo reitor do seminário onde dava aulas, o padre Stanislaw Zelazek, está aqui à minha frente, de pijama e chinelos, numa noite quente de fim de outubro, numa pobre paróquia das rebarbas da cidade de São Paulo, bem ao lado do Bar do Ubiray, num destes bairros onde as pessoas chegam de muito longe com a barriga roncando de fome, as crianças com bichas, as mulheres pálidas como se tivessem passado pó-de-arroz amarelo.

Stanislaw Zelazek lida hoje com os pobres de um país tropical. Sabe que seus parquianos duram três, quatro meses, depois migram para regiões da cidade que acham mais perto do trabalho e da sorte. Dou uma espiada nessa igreja atijolada e nua: uma cruz grande de madeira, uma faixa de pano branco como um sudário. O despojamento do não ter mais do que o necessário; nas paredes do templo, alegres samambaias em xaxins; e à direita da nave, um harmonium que parece mais antigo que a fé de todos os poloneses juntos.

Ao longe, percebem-se as luzes do Carrãozinho, do Jardim Ester, do Parque São Rafael. Tento descobrir o que deve estar sentindo de emoção esse pequeno auxiliar de paróquia das periferias da vida ao imaginar o peso que acaba de tombar sobre os ombros de seu antigo companheiro de caminhadas.

Mas padre Stanislaw apenas sorri, os olhos já estreitos de sono (deita-se às 22 e levanta-se às 5), e me parece ouvi-lo deixar escapar uma frase estranha:

— O Papa é o homem escolhido para superar as próprias falhas e carregar os pecados do mundo. Tudo bem.

Se um dia João Paulo II vier a São Paulo, eu posso ensinar o caminho da paróquia do Stanislaw. É lugar de missionário, longe pacas, mas para quem gosta de saber das coisas vale a pena ver para crer e entender.



A RESPOSTA DO BRASIL

É geral a consciência de que a música brasileira está, há muito tempo, num beco sem saída. São comuns, também, os protestos contra a má qualidade da maioria dos lançamentos e contra a imposição da música estrangeira. A "Copacabana" apresenta uma opção inédita com um projeto comemorativo do seu 30º aniversário, concebido e dirigido por Marcus Pereira, envolvendo três séries de discos, com lançamentos mensais. Estes discos registram, em formas inéditas de gravação, a mais bela música do Brasil. Você tem agora uma forma conseqüente de protestar, pois depende de Você o sucesso deste projeto.

A GRANDE MÚSICA DO BRASIL



GRANDES AUTORES, GRANDES INTÉRPRETES



TRÊS SÉCULOS DE MÚSICA BRASILEIRA



marcus pereira publicidade



copacabana
30 anos a grande música do Brasil
VOCÊ É BRASILEIRO? NÓS TAMBÉM!





Todo escocês é pão-duro,
menos na hora de beber Ye Monks!



Ye Monks'
Meridional Distillery

Andradas, 1234 - 6º andar

Fones: 24-2760 e 24-2761 - Porto Alegre - 90.000

